

DOM BOSCO E OS JOGOS

A FASCINANTE PEDAGOGIA DO SANTO DOS JOVENS

PE. JOÃO CARLOS PERINI – SDB

DOM BOSCO E OS JOGOS

A FASCINANTE PEDAGOGIA DO SANTO DOS JOVENS



PERINI, João Carlos.

Dom Bosco e os jogos: a fascinante pedagogia do santo dos jovens / Pe. João Carlos Perini, SDB; tradutor: Pe. Humberto V. de Barros. – Brasília: RSB, 2012.

140 p.

Título original: *Don Bosco e il gioco*

ISBN nº 978-85-7741-182-5

1. Jogos : Pedagogia. 2. Sistema preventivo de Dom Bosco. I. João Bosco, Santo, 1815-1888. II. Título

CDU: 796:37

Todos os direitos reservados à RSB

Endereço: SHCS CR – Quadra 506 – Bloco B – Lojas 65 / 66 – Asa Sul • Brasília – DF – CEP 70350-525
Telefone: (0XX61) 3214-2300 • Fax: (0XX61) 3242-4797 • E-mail: secretaria@rse.org.br

Copyright © 2012: Pe. Orestes Carlinhos Fistarol

Editor: Prof. Gleuso Damasceno Duarte

Coordenador de Arte: Marcos Lourenço

Gerente de Produção: Hermínio José Casa

Coordenador de Produção: Marcelo Martins

Assessora Editorial: Ester Tertuliano Rizzo

Capa e Projeto Gráfico: Lápis Lazúli

Revisão: Seculus Editora

Diagramação: Sandra Fujii

Fotografias: RSE – Multimídia; Arquivos da Congregação Salesiana.

Impressão: Ediouro Gráfica e Editora LTDA

Nos casos em que não foi possível contatar os detentores de direitos autorais sobre materiais utilizados como subsídio na produção deste livro, a Editora coloca-se à disposição para eventuais acertos, nos termos da lei 9.610 de 19-2-1998 e demais dispositivos legais pertinentes.

Os pedidos desta obra devem ser encaminhados ao endereço da RSB.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

APRESENTAÇÃO

Embora reconhecido como um dos principais educadores da Era Moderna, Dom Bosco não figura entre os grandes pedagogos cujas obras são leitura obrigatória nos cursos de formação de educadores. Pela simples razão de que ele, em vez de se preocupar com a elaboração teórica de um sistema pedagógico, preferiu trilhar o caminho da experiência, vivenciada ao longo de uma vida inteiramente dedicada à missão de educador, no mais amplo sentido do termo.

Como escreveu um grande pedagogo europeu do século XX, o Professor José Flores d'Arcais, "negue-se a ele o conceito de sistematicidade, visto que não elaborou nenhum tratado técnico da ciência ou da arte de educar (...). Não se pode, contudo, negar que ele tenha realizado uma meditação profunda e acurada acerca do fator educação."^{1*}

Aquela "meditação profunda e acurada", unida ao seu espírito prático, gerou um método educativo capaz de atender às exigências de seu tempo e antecipar demandas formativas do futuro. Com tal força que hoje, na Pós-modernidade do mundo globalizado, parece mais atual que nunca e especialmente talhado para a educação dos cidadãos do século XXI, em que se preconiza uma formação alicerçada em valores perenes e construída colaborativamente por educando e educador, aquele como protagonista, este como guia amigo que acompanha, orienta, ajuda, compartilha.

Eterno apaixonado pelos jovens, sobretudo os mais necessitados, Dom Bosco criou instituições educacionais que, há mais de século e meio, têm sua validade comprovada na formação de milhões de jovens, em centenas de países. A chave desse sucesso é a combinação de três dimensões vivenciais da prática educativa – Razão, Religião e Afeto (*amorevollezza*) – alicerces sobre o qual Dom Bosco desenvolveu seu modo de educar, por ele denominado Sistema Preventivo. Dimensões essas que, em três áreas complementares e integradas – o estudo, a celebração da vida e a recreação – manifestam a vitalidade de crianças, adolescentes e jovens em sua trajetória rumo à maturidade.

No mundo contemporâneo, conturbado pela aceleração das mudanças tecnológicas, em que a interação "jovem-computador" estimula o individualismo isolacionista e os atrativos da televisão e da Web exercem um poder quase mágico, capaz de prender a juventude, por horas incontáveis, às "telonas e telinhas", torna-se cada vez mais urgente estimular as atividades lúdicas socializadoras, tão importantes para a formação física, intelectual, psíquica, social e religiosa das novas gerações.

Exatamente por isso, a Rede Salesiana de Escolas, no contexto das comemorações do bicentenário do nascimento de seu fundador (1815-2015), apresenta aos educadores salesianos este excelente estudo sobre a importância da recreação na educação salesiana. Trata-se da tese de láurea, apresentada à Universidade de Verona, na Itália, pelo Padre João Carlos Perini, salesiano brasileiro, da Inspeção do Nordeste.

Também para os educadores salesianos de hoje, como alerta o autor, é importante ter em mente que, segundo a visão de Dom Bosco, "o educador" que pretende se valer da Razão, da Religião e da "Amorevollezza" e adotar como método educativo o Sistema preventivo, deve participar ativamente da "vida do pátio", ou seja, usar a convivência amigável e participativa com os jovens para conquistar sua confiança e orientá-los para aquele mundo de valores que lhes permitirão integrar-se nesta sociedade mutante e nela serem capazes de viver como "bons cristãos e honestos cidadãos".

Brasília, 31 de janeiro de 2012

Pe. Nivaldo Pessinatti
Ir. Ivanette Duncan de Miranda
Diretores da Rede Salesiana de Escolas

^{1*} FLORES D'ARCAIS, Giuseppe. *San Giovanni Bosco: il metodo educativo*. Padova: CEDAM. 1941. (Col. Scholae et vitae)

ÍNDICE

Prefácio à edição italiana.....	9
Introdução	10
PRIMEIRA PARTE	
A PRÁXIS – Os jogos como meio educativo	
Capítulo I – Na primeira fase da juventude.....	14
Capítulo II – Estudante em Chieri.....	20
Capítulo III – Fantasia de saltimbanco ou batina de padre?	25
Capítulo IV – Do sonho à realidade: nasce o oratório	29
Capítulo V – Problemas à vista!.....	33
Capítulo VI – Um lugar estável para o oratório.....	39
Capítulo VII – O método da “vida do pátio” chega a outros oratórios	47
Capítulo VIII – A “vida do pátio” no internato de Valdocco	48
Capítulo IX – O ponto culminante de um método educativo.....	56
Capítulo X – Fiel até o fim à educação com o jogo e durante o jogo	61
SEGUNDA PARTE	
ESCRITOS DE DOM BOSCO – Como fazer do jogo um meio educativo	
Capítulo XI – Dom Bosco escritor	64
Capítulo XII – “O jovem instruído”.....	65
Capítulo XIII – Os regulamentos.....	68
Capítulo XIV – As biografias de Sávio, Magone e Besucco	74
Capítulo XV – As cartas de Dom Bosco.....	85
TERCEIRA PARTE	
A PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR NA “VIDA DO PÁTIO” – (Reflexão sistemática)	
Capítulo XVI – O Sistema preventivo e a “vida do pátio”.....	92
Capítulo XVII – “Amorevolezza” e “vida do pátio”	96
Capítulo XVIII – Razão e “vida do pátio”.....	100
Capítulo XIX – Religião e “vida de pátio”	105
Capítulo XX – Deveres e “vida do pátio”	112
Capítulo XXI – O educador joga para educar	117
Capítulo XXII – A colaboração de jovens como educadores dos colegas	121
Conclusão.....	124
Notas.....	126
Bibliografia.....	137



PREFÁCIO À EDIÇÃO ITALIANA

O jogo é expressão de liberdade, um convite à amizade, valorização da pessoa. Por meio do jogo nós aprendemos, conhecemos nosso corpo e dialogamos com ele. Pomos em evidência nossa criatividade e nossa fantasia. Comunicamo-nos com os outros, na alegria. No jogo, vê-se a pessoa como ela é, seu caráter, suas tendências. Por meio dele, podemos nos corrigir e nos superar. No jogo podemos chegar por último ou ser os primeiros. Não há vencidos nem vencedores. Não faz sentido trapacear. Os incautos dizem que jogar não é importante. No entanto, jogar é um investimento para o homem e no homem. Veja o que diz Pablo Neruda: *O menino que não joga não é um menino; o adulto que não joga perdeu para sempre o menino que mora dentro dele.*

Dom Bosco compreendeu perfeitamente a importância dos jogos e a necessidade de incentivá-los.

A primeira demonstração de amor para com os meninos é fazer com que se interessem pelos jogos, é ajudá-los a sentirem-se felizes dentro do campo, é despertar neles o desejo de voltar para lá. Só consegue tais resultados quem está preparado e procura manter-se atualizado com o momento e a cultura em que vivem os meninos. São um perigo aquelas pessoas que estão à frente dos jogos como animadoras, mas não têm competência para fazê-lo. Oxalá sejam elas cada vez menos numerosas.

Escreve René Kaes: *Dar a vida não é conservá-la. O animador não dá a vida; ele faz com que ela seja transmitida. Ele não é dono daquilo que anima. Sua tarefa é despertar, suscitar, apresentar soluções possíveis, mas, a ele compete também ensinar a fazer melhor do que ele faz. O animador é aquele que promove a democracia onde ela ainda não é praticada e onde ela deve ser restaurada.*

Nosso corpo é um instrumento extraordinário de comunicação. Demonstramos apreço para com ele educando-o constantemente. Ele é um dom maravilhoso, uma riqueza inestimável de amor, criatividade, responsabilidade e espiritualidade. É dever nosso mantê-lo em boas condições de saúde e levar em conta todas as suas potencialidades.

Respeitar a nós mesmos em nosso corpo é respeitar o homem por inteiro. Respeitar aquilo que nos cerca é respeitar a nós mesmos. É dever nosso respeitar os outros e nos respeitar a nós mesmos para crescermos juntos.

É muito oportuna a publicação deste trabalho, elaborado com esmero pelo padre João Carlos Perini.

Corpo e esporte, devidamente orientados, podem contribuir decisivamente para a formação da pessoa e a renovação da sociedade. Disso deu provas Dom Bosco e também nisso foi muito bem sucedido.

Graziano Rugiadi
Secretário de Esporte da Cidade de Verona, Itália

INTRODUÇÃO

Uma invenção genial

Hoje fala-se muito de esporte, de atividade lúdico-motora, de técnica da animação. Tudo isso é atual e sobre tais assuntos escrevem-se muitos livros.

A automação de muitas atividades criou, também para as novas gerações, um acréscimo de tempo livre a ser ocupado. Para preenchê-lo, o Poder Público libera grandes somas de recursos. Criam-se cursos para operadores específicos. Acontece, porém, frequentemente, que o menino e o adolescente se veem, muitas vezes, “engaiolados” num horário de atividades recreativo-esportivas tão rígido e com tantos compromissos que até a denominação de tempo livre torna-se imprópria. O tempo que deveria ser livre acaba sendo inteiramente ocupado.

Nosso mundo foi invadido pelos computadores, que favorecem o isolamento e o individualismo. A televisão enfeitiça e prende os jovens usuários que ficam horas e horas “grudados” na telinha.

Será que ainda faz sentido falar de jogos livres e espontâneos, realizados ao ar livre? Oferecer jogos que não exigem equipamento dispendioso, jogos que requerem participação ativa, e nos quais se experimenta a alegria da livre expressão, da criatividade fantasiosa e do estar juntos?

Rer os escritos de Dom Bosco, hoje, mais de cem anos depois de sua morte, desperta particular interesse, inclusive por recolocar sob a devida luz a problemática do jogo e examinar como Dom Bosco fazia dele um instrumento de educação.

Alberto Caviglia foi o primeiro a denominar de “vida do pátio” a utilização educativa que Dom Bosco fazia do jogo. Elemento qualificador nessa “vida do pátio”, na qual se destaca uma recreação “alegre, aberta, cheia de vida e até mesmo barulhenta”^{*} é a participação do próprio educador no jogo. Se se pretende educar com o sistema preventivo de Dom Bosco é preciso saber jogar, tomar parte ativa no jogo, apaixonar-se por ele e misturar-se com os alunos como amigo e irmão. Isso deve acontecer sem que se quebrem o encanto, a vivacidade e a espontaneidade próprias do jogo, e sem ofender a dignidade e o prestígio do educador.

Dom Bosco demonstra o contrário do que se pensa comumente. O educador que se mistura no jogo com os educandos não os bloqueia nem renuncia à sua dignidade e ao seu prestígio. Entre o educador que participa do jogo e os educandos cria-se uma espécie de “corrente elétrica”¹ através da qual, ao respeito para com o educador, acrescentam-se a estima e o afeto por ele, e disso nasce uma relação educativa.

Dom Bosco é, sem nenhum favor, um dos maiores educadores dos tempos modernos, um pedagogo que merece todo apreço, mesmo que não se tenha preocupado com a elaboração de um tratado sistemático de pedagogia. “Ele era, na verdade, um espírito eminentemente prático”² e a sua é “uma pedagogia dinâmica, em ação”³.

José Flores d’Arcais escreve: “Negue-se a ele o conceito de sistematicidade, visto que ele não elaborou nenhum tratado técnico da ciência ou da arte de educar (...). Não se pode, contudo, negar que ele tenha realizado uma meditação profunda e acurada acerca do fator educação.”⁴

Para Dom Bosco, a participação ativa do educador na “vida do pátio” é elemento indispensável e essencial do seu método educativo, ou seja, do sistema preventivo. Caviglia, um dos primeiros estudiosos de Dom Bosco, e testemunha ocular de vários fatos de sua vida, escreve: “O Dom Bosco, por antonomásia, o Dom Bosco da imaginação e do amor popular, o Dom Bosco pai da juventude é sempre este: Dom Bosco cercado de meninos, fora da escola e fora da igreja, para levá-los para a escola e para a igreja.”⁵

“Tirai da vida de Dom Bosco a “vida do pátio”: resta apenas uma figura descaracterizada. Na casa cria-se um vazio que se não pode preencher, com prejuízo, em grande parte, da construção educativa.”⁶

A “vida do pátio” foi, portanto, uma “especialidade” de Dom Bosco. É isto que veremos neste trabalho, elaborado em três partes: **A práxis, Os escritos** e uma **Síntese final**.

^{*} OSIV, p. 108. Para o significado de siglas e abreviações, veja o final desta Introdução. As demais notas estão agrupadas no fim do livro.

As fontes consultadas

“A reprodução mais fiel do método educativo deveria ser uma biografia de Dom Bosco educador, baseada não apenas nos episódios e nos fatos fragmentados, mas também nas maneiras típicas do seu comportamento e nas motivações de fundo, passando-se das ideias para os fatos, da intenção para a ação.”⁷ Assim se expressa Pedro Braidó, considerado o melhor conhecedor da pedagogia de Dom Bosco.

Na primeira parte deste estudo, procuraremos mostrar sua arte educativa em ato. As fontes principais de que nos serviremos serão três:

Memórias do Oratório de São Francisco de Sales

(de 1815 a 1855)⁸

O manuscrito de Dom Bosco está guardado nos Arquivos Centrais Salesianos, em Roma: três volumosos cadernos, num total de 180 páginas, densamente escritas, com numerosas correções e acréscimos autógrafos.

“Escrevo para os meus queridos filhos salesianos, com a expressa proibição de que se dê publicidade a essas coisas, tanto antes como depois de minha morte.”⁹ Em 1946, porém, o historiador salesiano Eugênio Ceria as publicou. Francis Desramaut, num estudo crítico sobre essa obra, escreve: “Não se trata de contatos para vigilância, mas das confidências paternas de Dom Bosco aos filhos que ele queria, através de sua autobiografia, formar e, ao mesmo tempo, divertir.”¹⁰

Para Dom Bosco, educar e divertir são um binômio inseparável. As *Memórias do Oratório* não são uma verdadeira autobiografia nem tampouco uma história. Elas nos dão a impressão de serem a comunicação de um especialista em educação, que nos transmite os frutos de sua experiência.

História do Oratório de São Francisco de Sales¹¹

(conforme publicada em partes, no *Boletim Salesiano*, de 1878 a 1886)

Embora sem assinatura, sabe-se que seu redator foi João Bonetti. Ele a redigiu colhendo testemunhos dos meninos dos primeiros tempos, reportando-se frequentemente aos cadernos das *Memórias do Oratório*, sendo orientado nisso pelo próprio Dom Bosco.

Em 1892, após a morte do autor, os artigos foram coligidos em um volume intitulado: *Cinco lustros do Oratório Salesiano fundado pelo Padre João Bosco*, e publicado na tipografia do Oratório de São Francisco de Sales.

Memórias biográficas

(19 volumes, publicados entre 1898 e 1939, em edição não comercial, acrescidos de um volume com o índice analítico da coleção¹²)

A coleção foi escrita por João Batista Lemoyne, Eugênio Ceria e Ângelo Amadei, e seu índice analítico, elaborado por G. Foglio.

Na base dessa obra, existe um extraordinário trabalho de Lemoyne: os documentos para se escrever a história de São João Bosco, do Oratório de São Francisco de Sales e da Congregação Salesiana. São 45 registros de provas tipográficas, sem data, destinadas apenas aos historiadores e pesquisadores, guardados nos Arquivos Centrais Salesianos, em Roma.

Todos esses volumes são as fontes principais, quer para o citado trabalho de Lemoyne, quer para os volumes das *Memórias biográficas* compiladas por Ceria e Amadei. Na falta de textos críticos, as *Memórias biográficas* continuam sendo uma fonte insubstituível.¹³ São um total de 16.121 páginas e, ainda hoje, constituem a fonte principal para o conhecimento da figura de Dom Bosco e de sua pedagogia.

Giacomo Martina, um dos maiores historiadores da Itália, afirma que constituem um “documento histórico de primeira ordem (...) Embora tratem de fatos que dizem respeito ao desenvolvimento dos salesianos, as *Memórias* contêm observações importantes sobre muitos acontecimentos contemporâneos.”¹⁴

Nós nos valemos dessas fontes com base no critério da força de sua credibilidade: Primeiro, as *Memórias do Oratório*; em seguida, a *História do Oratório de São Francisco de Sales* e, por fim, completamos com citações extraídas das *Memórias biográficas*, utilizando, sobretudo, os nove primeiros volumes, ou seja, aqueles que foram escritos diretamente por Lemoyne. Esse critério, no entanto, não aparecerá tão evidente à primeira vista, porque, frequentemente, serão citadas as *Memórias biográficas*, exatamente por serem a fonte primeira e a mais completa.

Para uma reconstrução crítica, utilizaremos os três volumes de Pedro Stella (*Dom Bosco na história da religiosidade católica*: vol. I: Vida e Obras; vol. II: Mentalidade religiosa e espiritualidade; vol. III: Dom Bosco na história econômica e social)¹⁵ os quais, na abalizada opinião de Braido, “representam o patamar mais elevado até hoje alcançado pelos estudos sobre Dom Bosco”.¹⁶

Além das fontes anteriores, mencionaremos também a revista: *Pesquisas históricas salesianas*, editada pelo Instituto Histórico Salesiano de Roma.

Siglas e abreviações

BS: *Bibliofilo Cattolico* ou *Bollettino Salesiano mensuale* (iniciado em Turim, em setembro de 1877) e *Bolettino Salesiano* (a partir de janeiro de 1878, ano II, nº 1).

FRANCESIA, G. B. I: FRANCESIA, Giovanni Battista. *Don Bosco e le sue ultime passeggiate autunnali*. Torino: Libreria Salesiana San Giovanni Evangelista, 1897.

FRANCESIA, G. B. II: FRANCESIA, Giovanni Battista. *Don Bosco e le sue ultime passeggiate autunnali*. Torino: Libreria Salesiana San Giovanni Evangelista, 1897.

MB: LEMOYNE, Giovanni Battista. *Memorie biografiche di Don Giovanni Bosco*. San Benigno Canavese: volumes I (1898), II (1901), III (1903), IV (1904), V (1905); *Memorie biografiche del Venerabile Don Giovanni Bosco*. San Benigno Canavese: volume VI (1907); Torino: volumes VII (1909), VIII (1912), IX (1917). AMADEI Angelo. *Memorie biografiche di San Giovanni Bosco*. Torino: volume X (1939) CERIA, Eugenio. *Memorie biografiche del Beato Don Giovanni Bosco*. Torino: volumes XI (1930), XII (1931), XIII (1932), XIV (1933), XV (1934); *Memorie biografiche di San Giovanni Bosco*. Torino: volumes XVI (1935), XVII (1936), XVIII (1837), XIX (1939). FOGLIO G. *Índice analítico*. Torino: volume XX (1948).

MO: BOSCO Giovanni. *Memorie dell’Oratorio di San Francesco di Sales. Dal 1815 al 1855*. Torino: SEI, 1946.

OE: CENTRO STUDI DON BOSCO (a cura di). *San Giovanni Bosco: opere, prima serie: libri e opuscoli*. Reimpressão anastática dos 37 volumes. Roma: PAS, 1976-1977.

OS: CAVIGLIA, A. (Org.). *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*. (Novamente publicados e revistos conforme as edições originais e manuscritos supérstites; organizado pela Pia Sociedade Salesiana, 6 volumes, em 7 tomos). Torino: SEI, 1929-1965.

SP: AA.VV. Giovanni Bosco: *Scritti pedagogici e spirituali*. Roma: LAS, 1987.

PRIMEIRA PARTE

A PRÁTICA

OS JOGOS COMO MEIO EDUCATIVO



O santo dos jovens

CAPÍTULO I NA PRIMEIRA FASE DA JUVENTUDE

Mamãe Margarida toma parte nos jogos para educar

João Bosco, filho de Francisco Bosco e Margarida Occhiena, nasceu em 16 de agosto de 1815, em Castelnuovo d'Asti. Essa pequena localidade, situada no Piemonte, norte da Itália, passou a chamar-se Castelnuovo Dom Bosco, a partir de 1930.

Além da sede, o município tem quatro aldeias: Nevissano, Bardella, Ramello e Murialdo. Dom Bosco nasceu em Murialdo, precisamente no povoado de Becchi, hoje denominado Colle Dom Bosco.

Seu pai morreu de pneumonia fulminante, quando João tinha quase dois anos, deixando a mãe viúva aos vinte e nove anos de idade, com família para cuidar.

O professor Eugênio Valentini, em seu livro *O Sistema Preventivo na vida de Mamãe Margarida*¹ mostra quanto o grande educador deve à própria mãe, no que diz respeito ao seu método educativo.

A primeira preocupação dessa mãe educadora foi conquistar o coração dos filhos. Para isso, embora analfabeta, Margarida dispunha de “seus artifícios particulares”.² Um deles era a arte de contar alguma fábula ou história interessante.³

“Assim, Margarida influenciava de tal modo a vontade de seus filhos que bastava uma palavra para que eles lhe obedecessem prontamente e sem constrangimento.”⁴ O método mais eficaz que ela usava para se fazer simpática e conquistar o afeto dos filhos consistia, sobretudo, em tomar parte em seus jogos. Animava suas brincadeiras e inventava outras, sem se aborrecer com a algazarra nem com as perguntas, muitas vezes sem pé nem cabeça. Ela podia, dessa maneira, vigiá-los, sem se tornar importuna ou opressiva. Durante os jogos, dava-lhes oportunidade de falar à vontade. Assim, conseguia conhecer-lhes bem o caráter e chegava até mesmo a intuir-lhes os pensamentos.⁵ Através do jogo, ela procurava induzir os filhos ao cumprimento do dever, conseguindo levá-los a fazer o que ela queria, ou seja, o dever de cada um.

Mamãe Margarida não se deixava dominar pelo excesso de preocupação com a segurança; pelo contrário, sabia correr riscos. Imagine-se que ela permitia a um garoto de dez anos caminhar sobre uma corda esticada entre duas árvores. Não tolerava jamais, que o jogo viesse a se tornar anti-educativo. Se existisse, ainda que de leve, qualquer tipo de perigo, apenas constatasse isso, ela dizia: “Não serve para vocês”. Nesse caso, ela mesma os ajudava a organizar outro jogo ou, para surpresa deles, contava-lhes uma daquelas histórias interessantes, com que eles ficavam felizes.⁶



Desde criança, João Bosco conquistava a atenção por meio de jogos e brincadeiras.

Imitando o estilo educativo de sua mãe, Dom Bosco jogava para educar e educava jogando. A esse respeito, escreveu Lemoyne:

*Vemos repetir-se em Dom Bosco aquela contínua vigilância, aquele desejo de estar, tanto quanto possível, no meio dos seus juvenzinhos; aquela paciência que o fazia escutar todas as palavras que lhe eram dirigidas e, finalmente, aquele cuidado atencioso em interrogar, que era um convite a seus amigos a prestar contas da própria conduta. Disso lhe foi mestra sua querida mãe.*⁷

Leia-se: Occhiena.

Leia-se: Béqui.

Leia-se: Lemoyne.

Os jogos prediletos de Joãozinho

Margarida procurava ocupar seus filhos, desde pequenos, com trabalhos compatíveis com sua idade. Ela estava convencida de que “o ócio é o pai de todos os vícios” e que “primeiramente vem o dever e, depois, o prazer”.⁸

Num ambiente próprio do campo é que se praticam os jogos de Joãozinho Bosco, um garoto tranquilo e cheio de vida. A maioria dos seus jogos são brincadeiras tradicionais, que exigem movimento, praticadas ao ar livre e para cuja prática não se faz necessário muito gasto. Às vezes, bastava traçar um risco na terra e dar alguns saltos; outras, era suficiente preparar um pedaço de madeira, dispor de uma simples bola ou mesmo de uma bolinha de terracota.

Por meio dessas atividades lúdicas, Joãozinho Bosco se divertia em companhia de seus colegas, durante horas, no quintal da casa ou correndo pelos terrenos não cultivados, cobertos de mato. Sabemos que o jogo de sua predileção era o “jogo da pelota”, em que um jogador atirava a bola com um pedaço de tábua, enquanto o adversário procurava rebatê-la com um bastão.

Margarida ficava feliz quando seus filhos inventavam novos jogos, e queria que eles se divertissem a valer. Não suportava vê-los na ociosidade.⁹

Joãozinho amava a natureza e, como outras crianças de seu meio, gostava de criar passari-

nhos. As fontes biográficas relatam que o seu maior amigo era um melro, que ele tratava com muito cuidado e carinho. Por horas e horas, durante dias e meses, havia assobiado para ele algumas notas musicais até que o pássaro conseguisse repeti-las. Naqueles dias, durante o tempo de estudo, no recreio e até mesmo na escola, Joãozinho não pensava noutra coisa a não ser em seu melro. Mas, voltando um dia para casa, após as aulas, encontrou a gaiola toda manchada de sangue, o melro no chão, ferido e morto. O menino ficou em prantos. Chorou por dias seguidos. Raciocinando, depois, chegou à conclusão de que não valia a pena dar a isso tamanha importância. Assumiu, então, o sério compromisso de não mais deixar o seu coração se apegar a coisas terrenas.¹⁰

Lemoynne faz uma breve descrição do jogo da pelota: Consiste este jogo, em se lançar uma bolinha com um bastão (“lippa”) enquanto o outro jogador a rebate com outro bastão (MB I, p. 48). Uma espécie de beisebol primitivo e muito próximo do jogo que hoje perdura em certos lugares, na vizinhança do lago de Garda. (MB I, p. 48)

O jogo, instrumento na educação dos colegas

Joãozinho Bosco podia ser considerado, desde os primórdios da infância, um “menino prodígio” no campo da educação. De fato, manifestava-se nele uma acentuada tendência para ir em busca de outros meninos, com a finalidade de diverti-los e, ao mesmo tempo, ajudá-los a se comportarem corretamente, ou seja, educá-los. Por meio dos jogos, ele queria que os colegas se tornassem bons, contava-lhes as belas histórias narradas por sua mãe e, assim, os mantinha afastados do mal.

Na sua infância, um episódio muito significativo confirma o que dissemos. Quando brincava de pelota¹¹, frequentemente voltava para casa com algum ferimento no corpo.

A boa mamãe Margarida, vendo-o nesse estado, dizia:

– Não é possível! Toda vez te acontece alguma coisa. Por que andas na companhia desses meninos? Não vês que eles são maus?

– É exatamente por isso que os procuro. Quando estão comigo ficam mais calmos, não se mostram tão maus assim e não dizem palavrões.

– No entanto, voltas para casa com a cabeça rachada!

– Isso acontece...
 – Tudo bem. Não debes voltar outra vez pra junto deles.
 – Mamãe!
 – Entendeste bem?
 – Se é pra fazer a sua vontade, obedeço. No entanto, quando estou com eles fazem o que eu quero e não brigam.¹²

João Bosco, portanto, participava dos jogos, encontrando neles prazer e oportunidade para educar: – *É exatamente por isso que eu vou. Comportam-se melhor, não dizem certas palavras e não brigam. Eles fazem como eu quero.* “Era essa a única coisa que precisava ser feita.”¹³ Assim pensava ele aos cinco anos de idade!

Na adolescência, essa tendência inata desabrochava “de uma maneira tão decidida e evidente que, desde então, já se podia prever qual seria sua missão.”¹⁴

Em Joãozinho Bosco amadurecia pouco a pouco o desejo de se tornar capaz de agradar aos colegas, e isso ele fazia com a intenção de torná-los melhores. Lamentavelmente, não dispunha de meios para atrair as pessoas, como dinheiro, estudo, posição social. Ainda criança, chegou à conclusão de que, por meio dos jogos e divertimentos, poderia tornar-se uma pessoa importante em seu meio. Para isso, precisava ganhar a estima dos colegas e sua confiança. Com esse objetivo, começou a percorrer os mercados e feiras da redondeza para observar “os jogos de prestidigitação e de habilidade”, descobrir os truques e, em seguida, tornar-se capaz de fazer a mesma coisa. Apenas informado de que na vila haviam chegado saltimbancos e palhaços, corria para vê-los. E ainda pagava um pouco mais caro para ter o direito de ficar bem na frente, a fim de melhor observá-los. Em casa, esforçava-se por adquirir o material necessário e, em seguida, começava a praticar.¹⁵

Ao mesmo tempo em que jogava com os colegas, João Bosco fazia-se amigo de todos e se tornava o líder e o “árbitro” entre os inevitáveis criadores de confusão. As historinhas que sabia contar divertiam e encantavam os colegas e conquistavam sua confiança. Assim como fazia Margarida, também João Bosco sabia tirar lições de moral dos fatos e fábulas que contava. Na estação invernososa, todos queriam a sua presença

nos estábulos, para fazer alguma leitura ou contar histórias. No verão, a cada domingo, ele dava um verdadeiro espetáculo. Tempos mais tarde ele relatou:

Aos dez anos eu fazia aquilo que era compatível com a minha idade, que era uma espécie de oratório festivo. Imaginem que, ainda muito criança, eu procurava estudar o caráter dos meus companheiros (...). Eles, por sua vez, gostavam muito de mim.

E acrescentou:

Aos onze anos eu executava números de prestidigitação, dava saltos mortais, fazia o jogo da andorinha, caminhava de pernas para o ar, andava, saltava e dançava na corda, como um saltimbanco profissional.¹⁶

Isso, no seu povoado, onde não se dispunha de meios. Joãozinho organizava o catecismo, dando-lhe um cunho festivo, com um *show* de acrobacias e prestidigitação.

Nessa idade, ele desafiou um saltimbanco, conhecido por seus divertimentos e que, durante as funções religiosas, conseguia manter meninos e adultos fora da igreja. João Bosco o venceu e o charlatão teve de cumprir a palavra dada, saindo dali. Então, Joãozinho disse a todos: “E agora, vamos para a igreja.”¹⁷

Mais tarde, já como sacerdote, Dom Bosco se serviria do jogo e de sua capacidade de atrair os meninos para levá-los às práticas de piedade, o que sabia fazer de maneira discreta e eficaz.

Em outra ocasião, Joãozinho percebeu alguns homens, rapazes e meninos muito atentos, conversando com um forasteiro. Aproximou-se do grupo e viu que se tratava de gracejos indecentes, misturados com blasfêmias. Como fazer para acabar com aquelas risadas? Vendo duas árvores, ele rapidamente conseguiu amarrar nelas uma corda. “A multidão, percebendo a intenção daquela manobra, deixou de lado o palhaço e dirigiu-se para lá. Com um salto rápido, João agarrou-se na corda e sentou-se nela. Em seguida, de cabeça para baixo, ficou pendurado somente com os pés; depois, levantando-se, pôs-se a caminhar pra lá e pra cá, como se a corda fosse um caminho seguro. A brincadeira durou bastante tempo, até que, com a chegada da noite, todos se dispuseram a retornar para suas casas.”¹⁸

Como se vê, para Dom Bosco, o jogo tinha também a finalidade de afastar as pessoas do perigo moral. Nos pátios de seus colégios, ele não queria

bancos nem admitia que se formassem rodinhas de pessoas entretidas em fazer mexericos. Queria, sim, muito movimento, alegria constante e barulhenta.

Também na adolescência, João Bosco educava pelo jogo



Estudar para ser padre: o grande ideal do adolescente João Bosco.

Por algum tempo, encontramos o pequeno Bosco afastado dos jogos e dedicando-se aos estudos, com livros que ele tomara emprestados. A seus colegas dizia: “Vocês podem até me bater, mas, não vou mais jogar. Quero estudar para me tornar padre.”¹⁹ Assim, deixou de praticar jogos, para recuperar o tempo perdido e dedicar-se de corpo e alma aos estudos. Não descartou, no entanto, aqueles jogos que serviam para alegrar e educar seus companheiros. Mesmo quando ele foi morar no sítio da família Moglia, em Moncucco Turinês, terminadas as suas ocupações, repetia aquilo que fizera nos Becchi: reunia a menina para diverti-la. Em pouco tempo, tornou-se conhecido no lugar. O pároco, Pe. Cotino, percebeu imediatamente que João Bosco podia fazer um grande bem aos jovens “por meio de recreações e instruções”. Por isso, fez de tudo para conseguir uma sala, cedida pelo município, na qual, após a missa, ele iniciou um trabalho precursor, uma espécie de embrião de seu primeiro “oratório”.²⁰

Depois de permanecer por dois anos no sítio da família Moglia, com a intervenção do tio Miguel, João Bosco voltou a ser acolhido, outra vez, na casa paterna.

Nessa época, escreveu Dom Bosco, “não mais interrompi as costumeiras diversões festivas no prado ou, durante o inverno, nos estábulos”.²¹

Ele continuou a andar pelas feiras e mercados e a frequentar festas de santos padroeiros. Foi exatamente durante uma delas, no lugarejo chamado Murialdo, que teve um importante encontro. Havia muito movimento de jogos e diversão. Sozinho, alheio ao espetáculo, viu um seminarista, “de aspecto afável, rosto angelical”, encostado na porta da igreja, aguardando que ela fosse aberta. Conta Dom Bosco:

Embora eu tivesse somente 12 anos, movido pelo desejo de lhe falar, me aproximei e lhe disse:

– Senhor padre, o senhor gostaria de participar de algum espetáculo da nossa festa? Posso levá-lo aonde desejar.

O seminarista se aproximou de mim e me fez algumas perguntas. Fiquei encantado. Respondi tudo o que me perguntou. Em seguida, para agradecer-lhe por sua afabilidade, insisti em levá-lo a conhecer algum espetáculo.

– Meu caro amigo, replicou o bom seminarista, os espetáculos dos padres são as funções da igreja; e novidades, para nós, são as práticas de piedade que são sempre novas.

Então me animei a prosseguir a conversa e acrescentei:

– O que me diz é verdade, mas, há tempo para tudo. Tempo de ir para a igreja e tempo para o divertimento.”²²

O jovem Bosco demonstrava, assim, desde cedo, que tinha ideias claras sobre o que diz respeito à piedade e ao jogo. “Há tempo para tudo: tempo de ir para a igreja e tempo para o divertimento”. Dom Bosco procuraria demonstrar, por toda a vida, que entre as duas realidades, igreja e jogo, não há dicotomia. Numa carta escrita em Roma, em 10 de maio de 1884, ele afirmou que a qualidade da oração depende do modo como se vive o tempo da recreação.

Jogos: um bom recurso para conquistar amigos

Por volta dos quinze anos, o adolescente João Bosco passava por muitas dificuldades. Procurou frequentar a escola pública de sua região, em Castelnuovo d’Asti, pois sentia falta de uma base cultural. Na escola, porém, encontrou companheiros que o faziam distrair-se, e até lhe sugeriam abandonar a escola para jogar. Outros, ainda o levavam na brincadeira. Ele, por sua vez, cativava os colegas com suas maneiras afáveis, dando-lhes frutas do seu pomar e divertindo-os com brincadeiras, como costumava fazer em Becchi e Moncucco. Nessa época, ele já se mostrava contrário a certos divertimentos, como jogos a dinheiro²³ e o chamado “jogo da cavallina” que consistia em agarrarem uns aos outros de maneira inconveniente.²⁴

Nesse período, ele conseguiu hospedar-se e trabalhar na casa do alfaiate João Roberto. Ali, teve a possibilidade de frequentar um bom curso de música vocal e de aprender a tocar violino e órgão. Nesses anos, foi também campeão absoluto de subir em paus-de-sebo. O dinheirinho que adquiria nessas disputas era-lhe muito útil para custear as despesas com os estudos.

Durante as férias, continuava a dar espetáculos aos domingos, introduzindo uma novidade: um cão de caça amestrado por ele e que era capaz de fazer coisas incríveis.²⁵



João Bosco trabalhava de muitas formas para sustentar-se e custear os estudos.

Também na adolescência, o jogo foi para ele um meio de educação dos companheiros. Algo, porém, o fazia sofrer: a constatação de que entre os jovens e os sacerdotes existia um distanciamento, quase um muro de separação. É certo que os padres demonstravam um comportamento “respeitoso e cortês”, mas ficavam à distância, sem demonstrar nenhum interesse pelos jovens. João Bosco sonhava tornar-se padre para se aproximar dos meninos, tratá-los com familiaridade por meio dos jogos para, em seguida, dirigir-lhes palavras oportunas, aconselhá-los e dialogar com eles.²⁶

Como Margarida via o procedimento do filho

Mamãe Margarida foi para João Bosco um modelo acabado de como se pode educar através do jogo.

Vocês me perguntarão – escreveu Dom Bosco – se minha mãe estava de acordo com que eu levasse uma vida dissipada, dando uma de charlatão. Dir-lhes-ei que minha mãe me queria muito bem e eu, de minha parte, tinha nela confiança ilimitada. Sem o seu consentimento eu não movia uma palha. Ela sabia de tudo, observava tudo e me dava liberdade para agir. E, em qualquer necessidade, ela vinha em meu socorro.²⁷

Donde se conclui que ela não saía na frente, tomando a iniciativa; sabia tudo, observava e acompanhava tudo, mas deixava o filho agir. Sugeriria, sem aparecer.

Falando do jovem João Bosco, o biógrafo Lemoyne observa: “Ele se valia frequentemente desse santo expediente para manter os jovens afastados das más companhias. E fazia isso aconselhado por sua mãe!”²⁸ Margarida, portanto, não deixava o filho sozinho, mas acompanhava seus passos. Se algo lhe acontecia, logo o procurava, para ajudá-lo a superar a dificuldade. Esse foi o método que, mais tarde, Dom Bosco adotou para lançar seus jovens mais capacitados no apostolado e na educação dos próprios companheiros: a promoção de atividades esportivas.

Um método pedagógico no sonho dos nove anos

Um sonho que Joãozinho Bosco teve aos nove anos “condicionou todo o modo de ver e pensar de Dom Bosco.”²⁹ Pio IX intuiu a importância desse sonho de tal modo que mandou

o santo escrevê-lo, em seu sentido literal. Aqui nos referimos a ele como um documento pedagógico, sem entrar no mérito de seu valor sobrenatural.



No sonho dos 9 anos, Joãozinho Bosco anteviu a missão de educar a juventude.

Durante o sono pareceu-me estar perto de casa, num terreno espaçoso, onde se encontrava uma grande quantidade de meninos que se divertiam. Alguns riam, outros jogavam, não poucos blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, me joguei no meio deles, dando socos e pedindo que se calassem. Naquele instante, apareceu um homem de aspecto venerável (...). Chamou-me pelo nome e ordenou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando essas palavras:

– Não é com pancadas, mas com mansidão e com bondade que deverás ganhar esses teus amigos. Procura logo instruí-los sobre a feiura do pecado e a beleza da virtude(...). Eu te darei a mestra (...).

Vi, então, ao lado dele, uma senhora de aspecto majestoso.

– Eis o teu campo. Aqui é que deves trabalhar, disse ela.”³⁰

Algumas observações:

Neste sonho:

- 1) São indicados a Dom Bosco o estilo e o método: “Não com pancadas, mas, com mansidão e com bondade (*“amorevolezza”*). Procura logo instruí-los (razão) sobre a fealdade do pecado e sobre a beleza da virtude (religião)”.
- 2) É-lhe indicado o caráter cristão e quase sagrado de sua ação educativa. “Eu te darei a Mestra”.
- 3) São-lhe indicados também o campo da ação educativa – o pátio – e os destinatários: “uma multidão de meninos que jogavam em meio a uma algazarra e muita briga, não poucos blasfemando”.

O seu modo de educar e o lugar privilegiado para sua ação educativa serão, portanto, a recreação e o pátio.

CAPÍTULO II ESTUDANTE EM CHIERI

João Bosco morou em Chieri de novembro de 1831 a maio de 1841. Foram dez anos, ao longo dos quais sua personalidade foi-se consolidando, seguindo um itinerário com duas grandes etapas: as escolas públicas e o seminário.

O sistema escolar da época exigia, antes do

biênio de estudos filosóficos, sete “aulas”, assim enumeradas em ordem decrescente: sétima, sexta, quinta, quarta, terceira, retórica, gramática e humanidades.¹ Ao longo deste período, o jovem Bosco demonstrou, na prática, que todo divertimento honesto pode servir para educar.

Ano escolar 1831 – 1832

Neste primeiro ano escolar, João Bosco cursou, sucessivamente, os “anos” sexto, quinto e quarto. Deparou-se com maus colegas, que tentavam levá-lo a espetáculos inconvenientes, a jogar a dinheiro, a nadar nos canais e a roubar. Entretanto, falando aos colegas sobre as dificuldades deles com a escola, João atraía a simpatia, o afeto e a estima de todos. Esse método foi colocado em prática também com o filho de sua patroa, Lúcia Matta, um jovem que frequentava uma classe superior à de João Bosco. De índole vivaz, ele gostava de jogar e de se divertir, porém, de estudar, nem um pouco. Sua mãe, confiou-o aos cuidados do colega João Bosco, para que lhe ministrasse aulas particulares. Este tratou de conquistá-lo com bons modos, alguns presentes e, sobretudo, com os jogos interessantes que sabia fazer. Em pouco tempo, havia conquistado sua confiança e feito dele uma pessoa dócil e obediente, conseguindo até levá-lo a frequentar a igreja. O rapaz tornou-se de tal modo diligente e estudioso que, em pouco tempo, era um dos primeiros da classe². Dom Bosco serviu-se do jogo a fim de “conquistar o coração” dele e, em seguida, levá-lo a gostar dos estudos e cumprir os deveres mais importantes e que exigiam maior sacrifício.



Entre os colegas, João Bosco buscava incentivar os bons divertimentos e evitar a tristeza.

Naquele ano, João Bosco organizou um grupo que tinha, entre outras finalidades, o objetivo de educar os colegas através do jogo. Mais tarde, ele escreveu a respeito:

Para dar um nome àquelas reuniões, costumávamos chamá-las “Sociedade da Alegria”. Nome que vinha a calhar muito bem, pois, cada um era obrigado a procurar aqueles livros, manter aquelas conversas e fazer aquelas brincadeiras que pudessem contribuir para incentivar a alegria do grupo. Por outro lado, era proibido tudo o que ocasionasse tristeza, especialmente aquilo que não estivesse de acordo com a lei de Deus. Quem, portanto, tivesse blasfemado ou invocado o nome de Deus em vão, ou mantido más conversas, era imediatamente afastado da sociedade.³

Durante a semana, a Sociedade da Alegria se reunia em casa de algum sócio para participar de “piedosas conferências” e, em seguida, dava-se lugar a alguma recreação amena.

Aos domingos, após cumprir os deveres do bom cristão, para tirar os meninos da ociosidade e afastá-los das más companhias, João Bosco “organizava brincadeiras com jogos de prestidigitação, com o que eles muito se divertiam.”⁴ O mesmo acontecia também durante as férias, especialmente nas quintas-feiras. Muitas vezes organizavam-se belos passeios para fora da cidade. Dessas reuniões com jogos e passeios participava quem quisesse. Contudo, estimulava-se a participação dos que não eram sócios, para atraí-los com esses meios e levá-los à Igreja, à prática dos sacramentos e ao cumprimento dos próprios deveres.⁵



Ano escolar 1832 – 1833

Neste ano, João Bosco frequentou as aulas de gramática. Deu prosseguimento aos jogos e “entretenimentos”. Agora, recebia convites para

realizar jogos, indo de casa em casa. A Sociedade da Alegria continuou suas atividades e se expandiu.⁶

Ano escolar 1833 – 1834

João Bosco frequentou neste ano letivo as aulas de Humanidades. “Cada coisa a seu tempo” era a máxima que o norteava. Havia tempo para as reuniões da Sociedade da Alegria, tempo para as aulas particulares, tempo para o trabalho no Café Pianta e em outros lugares, tempo para a oração. Ninguém, jamais, via João Bosco ocioso,

nem mesmo jogando por pura distração com os rapazes da vizinhança. Ocupava o seu tempo com o estudo e o trabalho. Tinha apenas uma hora de descanso pela tarde e passava esse tempo fazendo jogos que serviam para conquistar o coração de seus pequenos amigos e fazer-lhes o bem.⁷

Buscava os meninos onde se reuniam para jogar

Nos dias festivos, João Bosco e seus colegas da “Sociedade da Alegria” andavam pelas praças e ruas, procurando meninos. Davam a eles oportunidade para se divertirem e, em seguida, com “santas artimanhas”, procuravam convidá-los para o catecismo.

Às vezes comparecia nos lugares onde os mais briguentos costumavam ir para jogar. Tomando parte na disputa, saía vencedor e prometia restituir-lhes o que ganhara, desde que fossem com ele para a igreja. Nas noites de verão, os companheiros, em número de vinte ou mais, iam reunir-se junto a uma pequena ponte, fora da cidade de Chieri, e lá o aguardavam.⁸

Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco recordaria mais tarde:

Baralhos, bolinhas, chapinhas, perna-de-pau, saltos, corridas, tudo isso era divertimento que eu muito apreciava e em que me saía muito bem. E, se nos prados de Murialdo eu era apenas um aprendiz, naquele ano eu me considerava um mestre razoável. Isso despertava muita curiosidade, porque esses jogos, sendo pouco conhecidos naquela época, pareciam coisas do outro mundo.⁹

Ficaram famosos alguns espetáculos realizados por João Bosco, mas, especialmente dois, nos quais ele desempenhou papel importante: Uma manifestação em homenagem ao prefeito e outra em homenagem à cidade de Chieri. “Naqueles entretenimentos às vezes ele cantava, às vezes tocava ou compunha versos, que eram considerados de ótima qualidade, mas que, na realidade, não eram senão trechos de autores adaptados aos assuntos que eram propostos.”¹⁰

Usava o jogo para levar a frequentar a igreja ...

Num domingo, apareceu um saltimbanco exatamente na hora das funções religiosas. A igreja ficou vazia. João Bosco, incentivado pelos colegas da Sociedade da Alegria, desafiou o saltimbanco, que se considerava um grande campeão. Venceu-o nas provas de corrida, no salto à distância, pulando um largo fosso, ma-

nejando com destreza uma varinha mágica, e subindo numa árvore muito alta.¹¹ João Bosco ali se revelou um verdadeiro atleta. O jogo e sua capacidade de atrair, serviram para levar a persuadir seus amigos a frequentarem as práticas de piedade e a encaminhá-los para um mundo de valores.



... e para coibir o mal

João Bosco continuou usando suas habilidades de prestidigitação para se introduzir entre as pessoas, sobretudo quando temia que elas estivessem falando coisas inconvenientes. Nesse caso, para impedir o mal, começava por distrair as presentes com palavras corteses e, em seguida, apresentava números de prestidigitação e jogos que aguçavam a curiosidade de todos.

“João desafiava todos a tirar do chão uma moeda com o dedo mínimo e com o indicador da mesma mão, ou a fazer um arco, dobrando-se para trás até tocar o solo com a cabeça, estando de pé; ou, a juntar bem os pés e dobrar-se para a frente até beijar o chão, sem tocá-lo com as mãos. Enquanto os meninos desafiados procuravam fazer tais provas caíam por terra, todos riam e, assim ocupados, já não pensavam nas conversas de antes. Não iam embora sem ter escutado um bom pensamento” (MB I, p. 315-316).

Um ano realmente muito difícil

O ano de Humanidades foi o mais trabalhoso para o estudante João Bosco, devido às incertezas e à falta de recursos. Chegou a passar fome.¹² Além do mais, enfrentou um problema que o fez sofrer interiormente. Em anos anteriores, desejava muito tornar-se padre, e padre dos jovens. Agora, era assaltado pela dúvida de não poder ser um digno ministro do altar. Desejou, portanto, retirar-se para um convento franciscano, a fim de se entregar à meditação e poder refrear seu caráter impulsivo. Faltava-lhe um guia espiritual, alguém que o orientasse. Sentia-se sozinho, porém, não triste. Apesar de tudo, continuava sendo “a alma de todos os divertimentos”.¹³



Os primeiros anos escolares foram muito difíceis.

Ano escolar 1834 – 1835

Neste ano escolar, João Bosco cursou retórica. Travou conhecimento com Luís Comollo, aluno exemplar e de índole pacata. Ele o conheceu numa ocasião em que os estudantes brincavam e praticavam jogos e saltos perigosos, querendo obrigar Comollo a fazer o mesmo.

“Eu não consigo fazer isso. Não sou capaz. Nunca pratiquei esse tipo de jogo. Eu faria um papel ridículo”. Os colegas continuavam insistindo, dando-lhe socos e ponta-pés. “Vocês podem me bater, mas, eu não sei, não posso, não quero”. João interveio e tomou a sua defesa. A partir de então, tornaram-se amigos e confidentes.¹⁴

Em todos os lugares, João Bosco era portador de uma alegria contagiante. Seus modos gentis e cordiais cativavam a todos. Nas casas de família

e nas reuniões de jovens, todos disputavam sua presença, inclusive pelos jogos e espetáculos que sabia fazer.

Os seus jogos de ilusionismo eram tão estranhos que houve quem pensasse que se tratava de magia negra ou arte diabólica. A tal ponto que o jovem Bosco chegou a ser interrogado sobre isso, mas foi absolvido porque explicou que fazia tudo aquilo “por causa de sua habilidade e destreza de movimentos”.¹⁵ Assim, foi-lhe permitido continuar praticando seus jogos de prestidigitação. Até mesmo párcos e cônegos iam vê-lo. E até chegaram a convidá-lo a se apresentar nas paróquias da vizinhança. Sua especialidade consistia em fazer desaparecer objetos e trazê-los de volta.



Matar um pássaro, esmagá-lo e pô-lo a voar vivo e sadio era uma das brincadeiras que sabia fazer com frequência. Da mesma garrafa, tirava vinho branco e tinto, a pedido dos presentes. Um dia enfrentou o desafio de fazer desaparecer um grande prato de ravióli, preparado na cozinha e fazê-lo aparecer numa outra casa da vila. Uns faziam, às escondidas, sinais no prato; todos, curiosos, ficavam alerta. Depois de gestos, palavras incompreensíveis e longas perguntas, João anunciava que a mágica estava feita e convidava a todos a ir para a casa indicada. Todos corriam para o lugar e encontravam de fato o que se esperava. Era habilíssimo em manejar copos. Ao ver saírem de um pequeno copo tantas bolas maiores que ele, de uma pequena bolsa extrair mil ovos, as pessoas ficavam fora de si. Quando, porém, o viram colher bolinhas da ponta do nariz dos presentes, adivinhar que moedas havia no bolso alheio; quando, ao simples toque dos dedos se pulverizavam moedas de qualquer metal, ou se fazia aparecer as pessoas com aspecto horrível e até sem cabeças, então se começou a pensar que João era mais do que um simples mágico, e que não podia fazer tais coisas sem a intervenção do diabo.

Acrescia a isso o fato de ser o seu patrão, Tomaz Cumino, um fervoroso cristão, que gostava muito de brincadeiras e João sabia aproveitar do seu bom caráter, ou melhor, da sua ingenuidade, para fazer traquinagens. Um dia, tendo preparado, com muito cuidado, uma boa gelatina com um frango para dar a seus pensionistas no seu dia onomástico, ao levar à mesa a bandeja, para espanto de todos, dela pulou um galo, que, esvoaçando, se pôs a cacarejar de todos os modos. Outra vez, querendo preparar uma panela de macarrão, após tê-lo cozinhado por longo tempo, no ato de derramar no prato viu que a massa estava completamente crua.

Muitas vezes, após ter enchido a garrafa de vinho, ao derramar no copo deu-se conta de que era pura água; e quando queria beber água, deparou-se com o copo cheio de vinho (...). Outras vezes, fazia desaparecer os óculos, que depois eram encontrados em sacolas que haviam esquadriado de todo jeito. Um objeto cuidadosamente colocado, como seria numa bolsa, lhe aparecia adiante, e um outro, sob os olhares, de repente tornava-se impossível de encontrar, a um aceno do seu pensionista. Muitas vezes eram-lhes apresentadas cartas de baralho, para que se escolhesse uma delas, e depois adivinhava qual havia tirado. Outras vezes, alguém pensava um número, somava, multiplicava e diminuía, até que ele descobrisse o número que fora pensado. O patrão ficava aturdido. Aconteceu que, feito um desafio de fazer aparecer uma chave, que se sabia certamente estar em outro lugar, ela foi encontrada no fundo da tigela, logo após ser servida a sopa.

O bom Tomás, a essas brincadeiras, que, se pode dizer, aconteciam todo dia, não sabia mais o que dizer a não ser: "Os homens não podem fazer essas coisas: Deus não perde tempo com coisas inúteis; logo, é o demônio que faz tudo isso." (MB I, p. 343-344).

Uso dos jogos na escola superior

Durante o período em que morou em Chieri, João Bosco reduziu quase por completo "suas" recreações e "seus" jogos. Testemunhas afirmaram que nunca o viram praticando jogos de prestidigitação para os meninos no pátio. Isso se explica, antes de tudo, pela dura necessidade de precisar ganhar dinheiro para custear os estudos. Ocupava parte do tempo trabalhando no estábulo, no campo, como carpinteiro, sapateiro ou empregado em bares e pastelarias. A isso era levado também por sua paixão de querer saber as coisas e pelo desejo de descobrir os segredos dos artesãos. Dava aulas particulares, muitas das quais sem remuneração, visando apenas "conquistar o coração" e fazer novas amizades.

Precisava ocupar o tempo com o estudo, a fim de recuperar os anos perdidos. Este aluno-

operário "deixava de lado, portanto, tudo aquilo que fosse alheio aos estudos".¹⁶ Não obstante os compromissos de trabalho, a falta de recursos e, até mesmo a fome, e a crise pessoal da descoberta de sua vocação, o jovem Bosco nunca renunciou a ser a "alma de todos os divertimentos".¹⁷

Em Chieri, ele usou os jogos para induzir os negligentes a se interessarem pelos estudos, O jogo ajudou-o a impedir que as funções da igreja fossem deixadas de lado, criando um contato de simpatia e amizade com grupos de meninos desocupados para, em seguida, convidá-los para a igreja. Por meio do jogo ele conseguiu, além do mais, dissolver incipientes reuniões perigosas, afastando as pessoas do perigo de algum mal.

Esse "seu método" foi adotado pelos sócios da Sociedade da Alegria, que organizavam diver-

timentos e deles participavam com o intuito de afastar do mal os próprios companheiros.

João Bosco, por essa época, já desfrutava de certa fama. Tornou-se um verdadeiro “mestre” nos jogos de prestidigitação e como participante de desafios e competições atléticas. Sua presença era solicitada. Seus jogos e suas aulas particulares abriam-lhe as portas das casas de família. As paróquias, superada aquela fase de suspeita de magia, convidavam-no para dar espetáculos. Ele também organizava apresentações musicais ou, como se diria hoje, *shows* de variedades para as pessoas da cidade. Nesses *shows* ele se apresentava como autor de poesias, de textos a serem recitados e, em seguida, fazia o papel de ator, tocando, cantando e, ao mesmo tempo, regendo. Essas “academias”, como então eram chamadas, granjearam-lhe muita fama e enorme sucesso.

Para o jovem Bosco, esses anos foram o ponto alto da utilização da diversão como meio poderoso de educação. Para fazer o bem e conquistar os corações, esse jovem educador valia-se de tudo o que era lícito para criar espetáculos e jogos que proporcionassem alegria.

Os anos de seminário seriam assinalados, ao invés, por uma “crise de crescimento”. Foi quando ele viu ser colocado em discussão o fato de usar qualquer meio recreativo como meio para educar. Depois dessa pausa para reflexão, viu-se amadurecer em João Bosco uma nova convicção: “a vida do pátio” (uma situação em que o animador participa também, ativamente, dos jogos e se deixa contagiar por uma alegria barulhenta. que ele mesmo provoca) não é um método que pode ser usado somente por meninos para educar outros meninos. Pode usá-lo, também, qualquer educador adulto, inclusive os sacerdotes.

Desde os primeiros anos de sacerdócio, e daí por diante, sua utilização dos jogos seguiria num crescendo até atingir novos vértices, especialmente nas festas dos tempos áureos e nos grandes passeios do outono. Assim, o jogo se tornou, aos poucos e devagarzinho, um elemento necessário e indispensável para o educador que seguia aquele novo método educativo que Dom Bosco denominava **Sistema preventivo**.

CAPÍTULO III FANTASIA DE SALTIMBANCO OU BATINA DE PADRE?

Uma decisão definitiva

Ao entrar para o seminário, conforme o costume da época, João Bosco passou a usar batina, veste distintiva do clero, inclusive dos seminaristas. Como preparação para esse passo, ele fez um retiro espiritual, ocasião em que decidiu não mais participar de certos divertimentos:

No passado, eu não havia sido, na verdade, uma má pessoa, se bem que me tenha deixado levar por algum tipo de dissipação e vanglória, ocupando-me com disputas e jogos, entretenimentos e coisas parecidas que nos proporcionavam alguma alegria momentânea, mas que não preenchiam o vazio do coração. Com o intuito de disciplinar minhas atividades, decidi, daqui por diante, pôr em prática as seguintes resoluções, que escrevi para nunca esquecê-las:

- 1º - No futuro não tomarei mais parte em espetáculos públicos, exibidos em feiras e mercados; nem assistirei a bailes e teatros. Sempre que possível, não tomarei parte em almoços que se oferecem nessas ocasiões.*
- 2º - Não me apresentarei mais como saltimbanco nem participarei de jogos com dados, de prestidigitação e de destreza. Não mais tocarei violino nem irei caçar. Todas essas atividades não condizem com o espírito eclesiástico.*
- 3º - Todos os dias contarei algum exemplo edificante ou citarei algum pensamento que faça bem às pessoas. Farei isso com meus colegas, com meus parentes e, quando não for possível fazer com outras pessoas, fá-lo-ei com minha mãe.¹*



O ingresso no seminário marcou profundamente o jovem Bosco.

João Bosco permaneceu seis anos no seminário. Anos decisivos para a sua formação cultural e a de sua personalidade. Durante esse período, concentrou seus esforços no aprimoramento cultural. Aproveitava todo o tempo de que dispunha para ler a Bíblia, obras históricas, livros de teologia e ascética. Desde o ingresso no seminário, ele se propôs seguir um estilo de vida ameno e prazeroso: “Vivamos na alegria e o tempo passará depressa”.²

Educadores distantes nas horas de recreio

Eu amava muito os meus superiores e eles usavam de muita bondade para comigo. No entanto, não me sentia satisfeito, pois eles, dificilmente, eram acessíveis aos seminaristas. O reitor e os demais superiores costumavam visitar-nos quando voltávamos das férias e quando elas se iniciavam. Nem um deles nos procurava para conversar, a não ser quando se tratava de nos fazer alguma repreensão. Acontecia até mesmo que, ao passar algum superior por entre os seminaristas, estes quase que fugiam dele, como se fuge de algum animal perigoso.³

Essa situação contribuiu para acender ainda mais no ânimo de João Bosco o desejo de se tornar um padre-educador sociável, simpático, afetuoso. Um padre que se sente bem no meio dos meninos, os assiste, e procura, dessa maneira, conhecê-los melhor; que os vigia, a ponto de colocá-los na impossibilidade de praticar o mal; e que os contenta em tudo que for possível, principalmente nos jogos. O estilo desses educadores que evitam a familiaridade e sua participação nos jogos dos educandos foi definido por Dom Bosco com o nome de “**Método repressivo**”.

Passeios: uma recreação com jogos de pouco movimento

Escreve Dom Bosco:

A recreação, durante o ano escolar, tinha pouca duração. Naqueles momentos, aproveitava-se para aprender, divertindo-se com quebra-cabeças de natureza didática ou esclarecendo pontos obscuros do programa. Isso muito me agradava e me era de vantagem para o estudo, para a piedade e para a saúde.⁴

Seus biógrafos confirmam: “Dom Bosco, em tempo de recreação, ou lia, ou estudava, ou caminhava, conversando com seus companheiros, sempre narrando fatos edificantes. Nunca falhou no seu propósito de contar, todos os dias, algum exemplo.⁵

Ele ficava desocupado somente à noite, após o jantar e, nessas horas de folga, procurava divertir os companheiros com bonitas histórias⁶. Continuou dando aulas particulares e, na quinta-feira, dia da semana em que não havia aulas, a portaria do seminário se enchia de alunos de outras escolas da cidade. Vinham trazer-lhe seus cadernos para serem examinados. Em seguida, ele se entretinha com esses alunos em amena recreação e se tornava o animador dos seus jogos⁷.

Outro costume encontrado mais tarde, em Valdocco, consistia em deixar momentaneamente os jogos e dirigir-se à capela para fazer uma “visita” ao Santíssimo Sacramento⁸.

O jogo mais comum no seminário era a “barra bandeira”. “No início, tomei parte nesse jogo com muito interesse, mas, visto que se tratava de algo muito parecido com o estilo dos charlatães, a que eu havia renunciado, também o deixei de lado.

Durante o recreio era permitido, também, o jogo de cartas. João Bosco tinha tanta sorte que, no final das partidas, saía sempre ganhando um bom dinheiro. Ele próprio escreveu sobre o jogo de cartas:

Ao ver mergulhados na tristeza os meus companheiros que haviam perdido, eu me sentia ainda mais aflito do que eles. Acrescente-se que, durante o jogo, eu me concentrava tanto, que, em seguida, por algum tempo, não me sentia capaz de rezar nem de estudar. Tomei, por isso, a decisão de não mais tomar parte nesse jogo.⁹

Apesar das duras provas por que passou, João Bosco sempre foi uma pessoa alegre e muito tranquila. No seminário, especialmente após a ceia, entretinha os colegas com todo tipo de brincadeira, quebra-cabeças e adivinhações interessantes, sem nenhuma malícia, e nunca repetidas. “De vez em quando, atendendo à solicitação dos colegas, ele realizava alguns jogos de prestidigitação. Aliás, com relação a isso, o Padre Cafasso não aprovava o seu firme propósito, realizado no dia de sua vestidura clerical”¹⁰.

O jogo da “barra bandeira” é assim descrito por Ceria: “Nesse jogo simula-se um assalto entre os dois grupos competidores. Perdem aqueles que, na corrida, são apanhados antes de chegarem à sua base, ou seja, ao lugar destinado para sua proteção”. (MO, p. 93)

Banquetes, violino e caça: diversões “perigosas”

Durante as férias, costumava João Bosco ir almoçar com parentes, ocasião em que se criavam situações tão embaraçosas que ele decidiu não mais participar de tais festas.¹¹ Nesse tipo de divertimento, ele vislumbrou algum perigo de “contaminação” em conversas inconvenientes, torpes.

Em outra ocasião, durante o almoço, arranjaram-lhe um violino e ele começou a tocar. Pela janela, percebeu um reboliço estranho. Olhou e viu

que estavam dançando. Sentiu-se mal com isso, pois considerava os bailes públicos perigosos e ocasião de escândalos. Restituiu o violino e, chegando em casa, destruiu o seu. O divertimento deve ser sempre honesto. Não é verdadeiro aquele divertimento que deixa remorso na consciência.¹² Durante o verão, alguma vez sucedeu-lhe ir à caça, levando uma espingarda. Um dia, perseguiu uma lebre que fugia de uma vinha para a outra e disparou contra ela.



O pobre animalzinho caiu, deixando-me triste por vê-lo morto. Com o barulho do tiro acorreram os meus companheiros. Enquanto eles comemoravam a minha façanha, olhando para mim mesmo, percebi que me encontrava em mangas de camisa, sem batina, e com chapéu de palha. Fiquei envergonhadíssimo, e pedi desculpas pelo escândalo. Apressei-me em voltar para casa e, mais uma vez, renunciei definitivamente a qualquer tipo de caça.¹³

Interpretação sobre o uso de jogos nos anos de seminário

João Bosco abandonou vários tipos de divertimento. Alguns deles, é fácil reconhecer, são claramente anti-educativos. A caça é um deles, pois é violenta e contrária ao amor que devemos ter para com os animais.

Naturalmente, não é educativo o jogo de cartas, quando se joga a dinheiro. Humilha e empobrece aquele que perde, e cria no jogador uma certa dependência, que termina por ocupar-lhe todo o pensamento, de tal modo que lhe torna difícil concentrar-se nos estudos e na oração.

Causa-nos espanto, certamente, a decisão de João Bosco de destruir o violino e, em seguida, a recusa de não mais querer tocar esse instrumento.

“Um fato é certo, escreve Desramaut: o baile, sem o qual, naquela época, não se concebia o sucesso de uma festa, não constava da programação dos divertimentos festivos de Valdocco”.¹⁴

Parece-nos, no entanto, inexplicável a renúncia de João Bosco àqueles jogos que se consideram indispensáveis ao seu modo de educar através do jogo. Fazer o papel de charlatão e saltimbanco, realizando jogos com dados e corda e usando de habilidade, desde os 10 anos, era sua maneira de atrair grupos de meninos e até adultos, com a finalidade de lhes fazer o bem, mesclando jogos com pensamentos edificantes e também com orações.

Gostaríamos de saber quais os motivos que levaram o seminarista Bosco a excluir os jogos de prestidigitação e aqueles jogos barulhentos como a “barra bandeira”. Para isso, sem dúvida alguma, muito influenciou o ambiente cultural da época. O padre era tido como um homem de Deus, alheio àquelas atividades populares. José Cafasso, jovem seminarista, havia respondido ao adolescente Bosco: “Os espetáculos do padre são as funções da igreja”.¹⁵ A quem vestia a batina preta repetia-se com frequência que era necessário “despojar-se do homem velho”. João Bosco, portanto, tinha decidido deixar fora dos portões do seminário os “hábitos mundanos”. Ele mesmo explica que motivos o levaram a renunciar aos jogos de presti-

digitação: “Essas coisas eu as considero contrárias à dignidade e ao espírito eclesiástico”.

Certamente ele não mudou de idéia quanto à máxima que diz: “Há tempo para tudo: tempo de ir para a igreja e tempo de recreação”. Não é que tais jogos fossem considerados não educativos em si. Eles apenas não eram considerados adequados para um seminarista. A partir de então, João Bosco precisava encontrar uma maneira de combinar o traje de prestidigitador, que ele muito apreciava, com a veste eclesiástica.

A tudo isso deve-se ainda acrescentar uma natural “crise de crescimento”. Todo jovem chega a um ponto, na sua vida, em que deve escolher, pessoalmente e com seriedade, os valores fundamentais que nortearão sua vida, descartando tudo aquilo que não lhe parecer útil. Alguns psicólogos classificam isso como “operação mochila”.

Essa crise aflorava já nos últimos anos do curso superior e se manifestava na dúvida de não ser capaz de assumir uma paróquia. Seu caráter o levava a exercer certo domínio sobre os outros, a usar maneiras violentas, a alimentar sentimentos de vaidade e dissipação. Pensou tornar-se frade para se livrar desses problemas. Agora, a dúvida era fruto da convicção de que, para ser padre, era necessário ser um grande santo. “E tudo, em clima de tensão, de contínuo controle e inibição.”¹⁶ Certa influência, nesse sentido, partiu de seu melhor amigo, Luís Comollo. O padre Cafasso, porém, começou a perceber a eficácia do uso educativo do jogo. Ele não aprovava o “propósito absoluto” de João, de abster-se totalmente da prática de jogos de prestidigitação. E o convenceria a fazer de novo uso desses jogos, sempre que solicitado, pois sabia que ele os praticava com o intuito de fazer o bem. Obediente a seu mentor, ei-lo, então, vez por outra, animando as noites, após o jantar, improvisando jogos de prestidigitação, atendendo a solicitações que lhe eram feitas.

Nem no seminário, nem jamais em sua vida, João Bosco abriria mão da ideia de que o jogo é um meio educativo muito eficaz. Naqueles anos,



ele desenvolveu ao máximo um tipo de recreação que se faz conversando em torno de um animador. Recreação que, anos mais tarde, no método da “vida do pátio”, em Valdocco, tornar-se-ia um complemento da recreação que se fazia jogando animadamente, com saltos e corridas. É a recreação aqui designada como de segundo tipo e que consiste em conversar sobre assuntos de aula e esclarecer pontos obscuros do programa escolar. Uma conversa intercalada com brincadeiras, adivinhações e jogos amenos. Nunca faltava alguma história edificante e, às vezes, dava-se uma paradinha para uma oração na capela.

Nos primeiros anos de sacerdócio, Dom Bosco voltaria às “recreações barulhentas”. Para vários eclesiásticos da época, esse “padrezinho” era considerado louco e até mesmo defensor de uma pedagogia herética, exatamente porque ousava rebaixar-se a jogar – e de batina!!! – com grupos de meninos que se divertiam em meio a

tanta algazarra irreverente, que comprometia sua “dignidade sacerdotal”.

Em 1868, um monsenhor escrevia de Roma: “Ocorreu-me, várias vezes, visitar o Instituto nas horas de recreação, e confesso que fiquei mal impressionado em ver aqueles clérigos, misturados com outros jovens, aprendizes da profissão de alfaiate, marceneiro, sapateiro, etc., correndo, saltando e jogando pega-pega¹⁷, com pouco decoro da parte de uns, e nenhum respeito da parte de outros.”¹⁸

Dom Bosco sempre sustentou que esse seu método de tomar parte nos jogos dos meninos era necessário e indispensável. Quanto a isso, ele foi intransigente. Aos poucos amadureceria nele a convicção de que não há outro método possível de educar os jovens, aplicando o sistema preventivo, que não seja a partir da “vida do pátio”. Daí em diante, para educar, ele se serviria mesmo era da recreação, embora isso fugisse inteiramente aos padrões tradicionais.

CAPÍTULO IV DO SONHO À REALIDADE: NASCE O ORATÓRIO

Ordenado sacerdote, Dom Bosco permaneceu em Turim, a fim de estudar no “Convitto Eclesiástico São Francisco de Assis”. Era um curso de especialização sacerdotal, que durava dois anos. Dom Bosco chegou ao “Convitto” no dia 3 de novembro de 1841 e ali permaneceu por três anos.

O sonho de João Bosco começou a se tornar realidade com sua ordenação sacerdotal.



Um ponto de partida: a realidade dos jovens

Logo no início desse período, Dom Bosco fez uma pesquisa sobre a situação da juventude de Turim, estudando as condições em que viviam aqueles jovens. Para isso, usou quatro meios: os passeios de “exploração”, as visitas às prisões, às pensões e ao hospital do Cotelengo.

Nos passeios de “exploração”, ele visitava oficinas, fábricas, obras em construção, estradas e periferias onde se encontravam bandos de rapagões desempregados, zombadores e provocadores, cuja única perspectiva para o futuro era a marginalidade social, seguida de prisão.

Todas as noites, via uma multidão de pequenos operários e aprendizes¹ retornarem para casa, alojarem-se em pensões desconfortáveis e insalubres, onde se apertavam até não mais poder. O ar era asfíxiante e o ambiente favorecia toda sorte de vícios. Isso porque muitos não tinham em casa seus pais que os esperassem: eram imigrantes temporários.

Nas festas, ele podia observar uma multidão de meninos e jovens pelas ruas e praças. Muitos procuravam abrigo em tabernas, sob a luz de lanternas enegrecidas pela fumaça, e ali passavam o tempo livre de maneira nada recomendável, jogando a dinheiro, bebendo e farreando. Tal situação despertava no jovem sacerdote o desejo de encontrar um lugar onde pudesse recolhê-los, no maior número possível, a fim de subtraí-los aos perigos e levá-los à observância do preceito dominical e aos sacramentos.²

O terceiro meio de que lançou mão foram as visitas às prisões. Nas *Memórias*, Dom Bosco recorda assim aquela situação:

*Ver turbas de juvenzinhos, na idade de 12 a 18 anos, todos com saúde, robustos, de índole vivaz, mas, vê-los lá, na ociosidade, picados por insetos, sem pão espiritual nem material, foi algo que me deixou horrorizado. Cheguei à conclusão de que muitos deles saíam daquele ambiente, sonhando com uma vida melhor; no entanto, para lá retornavam porque eram abandonados a si mesmos. Quem sabe, pensava eu, se esses jovens encontrassem um amigo que se interessasse por eles, que os assistisse e os instrísse na religião nos dias festivos, quem sabe se não se afastariam do perigo ou, ao menos, se reduziria o número dos que acabavam voltando para as prisões?*³

Dom Bosco estava cada vez mais convencido da necessidade de fortalecer os jovens, a fim de que pudessem superar as dificuldades que encontravam no seu ambiente. Entretanto, como e onde reuni-los?

Por fim, começou a visitar também o hospital Cotelengo, onde se recolhiam os doentes que eram rejeitados por todos. Também aqui, Dom Bosco encontrou meninos, na flor da juventude, já viciados, e com vícios graves.

Persistente como era, entregou-se logo ao trabalho: era necessário fundar um oratório, conseguir um local adequado, feito sob medida para esses tipos de meninos, onde eles pudessem se encontrar como se fosse na própria casa e pudessem jogar com toda liberdade e em meio a muito barulho. Resolveu construir esse lugar e deu-lhe o nome de **Oratório São Francisco de Sales**.

O primeiro “oratório”: a alegria para conquistar o educando

Era o dia 8 de dezembro de 1841, festa da Imaculada Conceição. Na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, o padre João Bosco, já pronto para iniciar a missa, aguardava um coroinha. Um adolescente de seus dezesseis anos, vestido pobremente, havia entrado na sacristia e observava tudo com curiosidade.

– Que fazes aqui? – perguntou o sacristão.
– Vamos, pega o missal e vem ajudar a missa do padre.

– Mas, eu não sei ajudar a missa, respondeu ele.

Impaciente, o sacristão avançou sobre o rapaz batendo nele com o cabo de um espanador.

– Que está fazendo? Perguntou-lhe Dom Bosco.

– Isso não lhe interessa.

– Sim, que me interessa. Ele é meu amigo. Vá chamá-lo imediatamente! Preciso falar com ele.

“Terminada a missa, após a ação de graças, levei o meu protegido a um canto da igreja. Com um sorriso no rosto e garantindo-lhe que já não precisava ter medo de ser espancado, comecei a interrogá-lo.⁴ Era de Asti, órfão de pai e mãe, não sabia ler nem escrever”.

Segundo o Padre Ceria, depois dessa narrativa, o biógrafo padre Lemoyne acrescenta outras duas perguntas que não constam no original nem da transcrição. Se ele não tivesse tido conhecimento delas através do próprio Dom Bosco, não as teria registrado. Vislumbra-se aqui um lampejo de intuição psicológica e pedagógica. O santo educador teria prosseguido o diálogo, perguntando:

“– Sabes cantar?”

“– Não.”

“– Sabes assobiar?”

Então, o rapazinho sorriu. Era isso que Dom Bosco queria “como prova da confiança conquistada”.⁵ Ele havia encontrado o ponto sensível do seu coração: a brincadeira, o jogo, a diversão.

Comentando esse episódio, Walter Nigg escreve:

Dom Bosco, com aquelas palavras que vieram espontâneas a seus lábios, tinha dado o tom da melodia de sua vida. A nova tonalidade que ele teria dado à educação e que se chamava amizade, Ele queria conquistar a juventude pela amizade.⁶

Bartolomeu Garelli era o nome daquele jovem. Em pouco tempo, muitos outros juntar-se-iam a ele. Terminado o catecismo, o grupo de rapazes, que crescia a cada domingo, punha-se a jogar animadamente na pequena praça, em frente à igreja de São Francisco de Assis. Não havia, portanto, somente catecismo, havia também jogos e brincadeiras. Além dos jogos, logo teve início a música; em seguida, criou-se uma pequena biblioteca e, sempre que possível, distribuía-se algum presentinho. Foi assim que nasceu o primeiro oratório, formado inicialmente por um educador empenhado em conquistar o coração dos educandos, usando a motivação do jogo.



Bartolomeu Garelli, o adolescente indesejado na sacristia, tornou-se a pedra fundamental do Oratório.

Em busca dos meninos nos locais de trabalho

Disponer de algumas horas para ir em busca de seus meninos no local de trabalho tornou-se um imperativo cotidiano para Dom Bosco.⁷ Nas festas, os jovens corriam o risco de gastar mal, em jogos perigosos e guloseimas, o dinhei-

rinho que ganharam durante a semana. “Isso abria caminho para muitos vícios”. Até mesmo meninos bons passavam a viver em situação de perigo e, depois, tornavam-se vítimas dessa situação.⁸

Jovens educando seus companheiros

A estratégia de Dom Bosco foi sempre esta: recolher os meninos em situação de risco, ou, como ele dizia, os “periclitantes”, especialmente os egressos das prisões e os completamente analfabetos.⁹ Desde os primeiros meses de trabalho, convidou para o oratório alguns rapazes de boa condição social, dotados de boa conduta e com alguma instrução. Dom Bosco ajudava esses estudantes com aulas de reforço, explicando-lhes as passagens mais difíceis das traduções e corrigindo-lhes as tarefas escolares. A estes pedia que o ajudassem no oratório.¹⁰



Dom Bosco ajudava os oratorianos com dificuldades nos estudos.

Os passeios e as festas

O número de frequentadores do oratório crescia sempre e, cada vez mais, o espaço tornava-se insuficiente para as atividades. Logo ficou impossível fazer a recreação no espaço em frente à igreja de São Francisco de Assis. Contudo, o jogo era indispensável para atrair aquela “fogosa juventude”. Assim sendo, Dom Bosco começou a organizar vá-

rios passeios fora da cidade. Levava seus meninos a lugares onde eles pudessem correr, saltar e gritar à vontade.¹¹ Aos poucos, como partes essenciais da vida do oratório, foram acontecendo também as festas, com jogos apropriados para cada ocasião. A primeira grande festa no oratório de que se tem notícia foi a festa de Sant’Ana.¹²

Como funcionava o oratório dominical

Pela manhã, “tinha-se oportunidade de participar dos sacramentos da confissão e da comunhão”. Em seguida, havia uma breve pregação. À tarde, catecismo e narração de um fato edificante e atraente. Nos intervalos, ao longo do dia, havia jogos para todos.

Todos os domingos havia também uma aula de canto. O dia, no oratório, terminava, quase sempre, com um agrado distribuído a todos. Às vezes, “tiravam a sorte para se saber quais meninos seriam contemplados com o tal presentinho!”¹³

O método “oratoriano” estava dando certo. Os resultados eram satisfatórios.

Em breve – escreveu Dom Bosco – me vi cercado por juvenzinhos, todos obedientes às minhas ordens, todos encaminhados para o trabalho. Seu comportamento, tanto nos dias úteis como nos dias festivos, não deixava a desejar.¹⁴

Ousadia de Dom Bosco: educar também nas prisões

Quando Dom Bosco visitava os cárceres, mantinha com os detentos um diálogo pautado em afetuoso respeito. Mas, sobretudo, procurava entretê-los com alguma anedota ou com algo que fosse interessante para eles. Suas conversas e histórias eram sempre divertidas e muito alegres. Em seguida, distribuía entre eles alguma coisinha que lhes fosse útil.¹⁵ “E por vezes se entretinha com eles de maneira amigável, como fazia com os jovens do oratório.”¹⁶ Dom Bosco detinha-se

a jogar, fazendo uma verdadeira recreação com os detentos. Ficou famoso um passeio com 300 presos da cadeia chamada “General”, passeio oferecido aos jovens detentos como prêmio, e realizado sem a intervenção de guardas, com toda a liberdade. Todos voltaram. Falou-se disso como tendo sido “um milagre educativo.”¹⁷ Também entre os detentos, Dom Bosco contava com alguns que o ajudavam na educação dos próprios companheiros.¹⁸



Nesse período da vida de Dom Bosco vieram à tona os dois componentes da recreação característica da “vida do pátio”:

- um modo especial de jogar, com toda espontaneidade, com vivacidade e alarido;
- um novo tipo de educador, que se mistura com os jovens e com eles participa dos jogos, animando a recreação.

O modo barulhento de seus jovens na recreação criou para Dom Bosco inúmeros problemas, até que ele conseguiu um lugar todo seu. Várias vezes precisou defendê-los, dizendo que eles

não faziam nada de mal e apenas jogavam com entusiasmo e vivacidade.

O fato, porém, que o colocava em contraste com a mentalidade vigente era que ele, padre e educador, participava, e com animação, dos jogos barulhentos dos meninos, “sem respeito pela sua dignidade”, como acusavam alguns. Isso criou problemas entre Dom Bosco e o clero local e também com as autoridades do governo. Mas ele não abriu mão de sua participação nos jogos, pois a considerava um meio indispensável no processo educativo.

O oratório junto ao “Refúgio” da marquesa Barolo

Dom Bosco bem que gostaria de continuar vivendo no “Convitto”, talvez como professor, porque, de algum modo, teria podido continuar suas atividades de oratório. No entanto, seus superiores arranjaram-lhe uma colocação no “Refúgio” da marquesa Barolo.

Na sua primeira conversa com ela, Dom Bosco quis deixar bem claros alguns pontos. Para induzi-lo a aceitar, a marquesa “consentiu que ele reunisse o seu oratório festivo perto do novo edifício, ainda inacabado, do seu Instituto de Santa Filomena.”¹

Chegou o domingo fatídico. Os meninos compareceram em grande número. Procuravam o oratório. Foi-lhes dito que o verdadeiro oratório ainda não estava pronto e que procurassem falar com Dom Bosco. No domingo seguinte, apareceram muitos novatos vindos das redondezas. Não se sabia onde acomodá-los. Com exceção do corredor e da escadaria, todos os ambientes foram ocupados pelos meninos.² Para a missa, eles iam à cidade.³

Finalmente, após seis semanas de atropelos, a marquesa pôs à disposição, provisoriamente, conforme havia prometido, duas salas do edifício destinado a ser hospital. No dia 8 de dezembro, os meninos podiam ter, finalmente, uma igreja e um espaço onde realizar suas alegres recreações. “Procuramos nos acomodar da melhor maneira possível, na sala, na cozinha, no corredor e no espaço em frente; em todo cantinho havia aula de catecismo: tudo era oratório.”⁴

A marquesa chamava-se Juliete Colbert, e era viúva do marquês Tancredi Foletti de Barolo. A ela acorriam moças pobres e infelizes, necessitadas de amparo e reabilitação. Em Valdocco ela construiu vastos edifícios, colocados sob a proteção de *Maria Refugium Peccatorum*, de onde deriva o nome de “Refúgio” (LEMOYNE, Giovanni Batista. *Vita di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1977, v. 1, p. 257).

Antes e depois das funções da igreja havia sempre “lugar para honestos divertimentos e brincadeiras”.

Dom Bosco procurava todas as maneiras de atraí-los para o oratório. Providenciou brinquedos como bolas, bochas, malhas, pernas de pau, etc. Prometeu até que iria providenciar, quanto antes, balanços, passo-gigante, aulas de ginástica e de canto, concerto de música instrumental e outros divertimentos⁵.

O lugar que então os meninos usavam para os jogos ao ar livre era uma rua sem saída. Durante a semana, quando estava mais livre, Dom Bosco reunia os mais crescidos. “Transmitia-lhes as normas necessárias e os incentivava a estudar.”⁶ Dessa maneira, pensava preparar colaboradores, a fim de mandá-los para o meio dos jovens como educadores.



O oratório de São Pedro *in vinculis*

A marquesa Barolo,

mais de uma vez, mostrou-se aborrecida por ter sua casa invadida por meninos barulhentos que causavam incômodo às pessoas de seu Instituto. Até mesmo uma flor que algum menino, irrefletidamente, arrancasse de uma planta do jardim que enfeitava a entrada, era motivo de comentários e a marquesa se queixava com Dom Bosco.⁷

Por isso, o oratório teve de deslocar-se novamente, desta vez para o pátio da igreja de São Pedro “*in vinculis*”. O alpendre comprido, o pátio espaçoso e a igreja apropriada despertaram nos jovens o mais vivo entusiasmo e grande alegria.⁸

No entanto, logo surgiu alguém que não gostou da mudança: a velha empregada do capelão. Apenas começou a escutar os cantos e, sobretudo, a gritaria dos meninos, saiu da casa, furiosa, com o xale ao redor do pescoço, mãos nos quadris, e começou a gritar desesperadamente, usando

expressões nada elogiosas. Sua raiva aumentou ainda mais quando os meninos iniciaram o jogo da péla. Uma galinha, espantada, quebrou um ovo. Dom Bosco aproximou-se delicadamente e procurou acalmá-la, dizendo que os meninos não agiram com má intenção. Apenas estavam brincando. Ela nem quis ouvi-lo. Resultado: Uma queixa foi levada à prefeitura e um edital foi publicado, no qual se dizia que Dom Bosco seria preso imediatamente, caso retornasse àquele local.⁹



Muitos vizinhos não queriam saber do Oratório.

O oratório nos moinhos Molassi

A situação do oratório estava difícil. No dia 10 de agosto, o pequeno hospital devia ser inaugurado. Por isso, era preciso desocupar o local. Procurou-se dissuadir a marquesa. Nada feito. O Município, porém, ofereceu a Dom Bosco a igreja de São Martinho dos “Molassi”. “A Secretaria de Administração Cívica da cidade outorga a faculdade de se usar a capela dos Moinhos Molassi com a finalidade de se dar catequese aos meninos, obedecendo-se ao horário do meio-dia até às três horas.¹⁰ Para a Secretaria, o oratório era apenas simples aula de catecismo. Portanto, três horas no período da tarde eram mais do que suficientes. Dom Bosco, ao invés, considerava que o oratório consistia de tudo: catecismo, missa, comunhão e uma recreação alegre e ruidosa.

A mudança de todos os apetrechos assumiu o aspecto de um grande “jogo”.¹¹ Naquele dia se preparou uma pequena encenação, na qual se descreveram os passos dados pelo oratório, num diálogo entre três personagens: Gianduaia, que falava em dialeto piemontês, um alemão, que falava italiano com sotaque alemão, e um gago.

Tudo preparado por Dom Bosco e executado sob sua orientação.

O local, no entanto, não agradou. Era muito incômodo. Não servia para as práticas de piedade; a igreja ficava superlotada; não se podia fazer a comunhão, “elemento fundamental do oratório”. O local da recreação também deixava a desejar.

Muitos meninos deviam jogar na via pública e na praça, diante da igreja, por onde passavam continuamente pessoas, carruagens, veículos, cavalos. Com isso, o jogo era frequentemente interrompido. Não dispendo de lugar melhor, procuraram acomodar-se, sem, contudo, perder a esperança de conseguir um local mais apropriado.¹²

Não haviam passado dois meses quando surgiu nova onda de oposição. “Foi, então, que se começou a dizer que aqueles ajuntamentos de jovens ofereciam perigo, e que, a qualquer momento, podiam transformar-se em motim ou numa revolta”. Dizia-se isso com base na pronta obediência com que eles atendiam a qualquer aceno de seu superior. E dizia-se também, sem



nenhum fundamento, que os meninos causavam muitos estragos.¹³

Foi encaminhada à prefeitura uma nova carta na qual se dizia ser “impossível para as pessoas que trabalhavam naqueles escritórios atender às suas obrigações e viver em paz”. Na carta acenava-se, também, ao perigo de que naquelas famigeradas recreações alguém pudesse cair no largo e profundo canal, onde corriam as

águas que movimentavam as rodas dos moinhos. Chegou-se até a assegurar que aquele bando de jovens era uma sementeira de imoralidade.¹⁴ Dom Bosco, intimado a se explicar, respondeu a tudo com calma e serenidade.

O trabalho de Dom Bosco destinado a melhorar a situação dos jovens não era compreendido e, por causa de um pouco de barulho e confusão, era rechaçado.¹⁵

Dom Bosco na rua da amargura

A verdade é que não aceitavam Dom Bosco com os seus meninos, devido àquele modo livre e barulhento de jogar. Ele, então, “passou a levar o seu exército para além da ponte Mosca, nas proximidades das margens do Dória. Conduzia-os para um dos campos não cultivados que se estendiam próximos à entrada de Turim. Ali, dava a cada menino um pão bastante grande e uma boa quantidade de fruta ou de salame. Em seguida, distribuídos os vários jogos, bochas, malhas, pernas de pau e cordas para saltos, iniciava-se a recreação, que durava até de tardezinha. Dom Bosco assistia a tudo, sentado numa pequena elevação de terreno, enquanto, às vezes, rezava o ofício divino.¹⁶

Foi assim que o oratório se tornou “ambulante”. O Pe. Lemoyne assim descreve um típico oratório dominical dessa época: “A um dado momento, o bom capitão os dispunha em ordem

(...). Ao sinal de pôr-se em marcha, ele colocava-se na frente e conduzia o alegre batalhão para fora de Turim. Chegados à meta desejada, todos entravam na igreja e celebrava-se a missa. À tarde, reunidos outra vez na igreja ou em algum pátio vizinho, depois do catecismo entoava-se um canto e contava-se uma historieta em forma de prédica. Em seguida, Dom Bosco os conduzia em passeio pelas colinas da vizinhança, ao longo de alguma estrada pouco movimentada, até ao local onde pudessem divertir-se, sem prejuízo para eles nem para os outros”.

“Quando o sol começava a esconder-se por trás dos Alpes, dava-se o sinal e se retornava para a cidade. Então, cada um seguia para a própria casa, onde contava o que havia feito e conversado com o bom diretor.¹⁷ Todos os domingos, Dom Bosco comunicava onde seria o próximo encontro e em que lugar devia acontecer o próximo passeio.

O oratório na casa Moretta

O inverno chegou, e não mais foi possível realizar os passeios. Era necessário, a todo custo, encontrar na cidade um lugar onde reunir os jovens e onde eles pudessem jogar.¹⁸ Um sacerdote, Pe. Moretta, alugou três salas a Dom Bosco. Ali, a maioria dos jogos podia realizar-se a contento, se bem que as circunstâncias não permitissem a realização daqueles que exigiam muito movimento.

“Dom Bosco procurava, também, para os seus jovens, divertimentos adaptados ao lugar, tais como o jogo da víspora, do ganso, da geografia, o jogo com dados, damas e outros mais. Às vezes, brincadeiras como a cabra-cega os ocupava alegremente. Outras vezes, Dom Bosco os ocupava com jogos de prestidigitação. Todo o material de ginástica que não mais servia foi trazido do Refúgio para cá e amontoado num canto.”¹⁹

Dom Bosco preocupava-se muito com seus filhos recolhidos na rua. Todas as semanas, visitava as escolas públicas da cidade, onde contava com a amizade dos professores. Entrava nas salas de aula e fazia uma oportuna catequese. De boa vontade, substituía o professor de religião, quando este se encontrava ausente ou faltava por motivo de doença. Entre os alunos, ele selecionava os seus colaboradores, catequistas e animadores do oratório festivo.²⁰ Aos poucos iam-se formando os líderes, escolhidos entre os jovens que mais se destacavam no grupo.

O novo estilo de Dom Bosco de fazer escola na casa Moretta não passou despercebido. Era a primeira vez em que se viam escolas naqueles moldes. “Por isso, escreve Dom Bosco, se fez muito alarde, tanto contra como a favor.²² Dizia-se, até,

que o oratório não passava de um estratagema para afastar os jovens das paróquias, para dar-lhes instrução baseada em princípios suspeitos e induzi-los à heresia.

Esta última acusação, a mais frequente, baseava-se na falsa crença de que Dom Bosco era partidário de uma pedagogia, cuja fama, mercedamente duvidosa, estava se difundindo. Observava-se que ele, embora não tolerasse nada de pecaminoso ou contrário aos bons costumes, permitia aos seus meninos todo tipo de recreação barulhenta. O sistema tradicional de educação nas escolas era disciplinado pelo aspecto severo do professor e a aplicação de castigos corporais. O modo inovador usado por Dom Bosco na educação favorecia excessivamente a liberdade.²²

Dois párocos vieram visitar o oratório. Falando com Dom Bosco, fizeram a seguinte observação: “Não seria possível levar os meninos para

suas respectivas paróquias para lá receberem, pelo menos, aulas de catecismo?” Ao que Dom Bosco respondeu:

Muitos desses meninos vêm de lugares diversos e não poucos são de má conduta. Vêm para o oratório atraídos pela recreação e pelos passeios que organizamos. Por isso, aceitam frequentar o catecismo e participar das práticas de piedade. Far-se-ia necessário, portanto, que cada paróquia providenciasse um determinado local para reuni-los e entretê-los em animada recreação.²³

Também na casa Moretta Dom Bosco não demorou muito tempo. Os moradores da vizinhança, atordoados com a gritaria e o barulho incessante, foram ter com o Pe. Moretta e lhe disseram que desistiriam do aluguel, caso aqueles meninos não fossem embora. O bom padre, portanto, avisou a Dom Bosco que procurasse outro local. Era a primavera de 1846.

O oratório no prado dos irmãos Felipe

Dom Bosco, então, alugou um terreno dos irmãos Felipe, a uma distância de 50 metros da Casa Moretta.

Encontrei-me ali, ao ar livre, em meio a um prado coberto de grama, com entrada franca para quem chegasse. Os meninos eram de trezentos a quatrocentos. Eles encontravam o seu paraíso naquele oratório, cuja abóbada e paredes se confundiam com a abóbada celeste.²⁴ No centro do prado, havia uma casa de taipa, que servia para guardar o material usado nos jogos. A alegria, os divertimentos e os cantos atraíram a atenção e a admiração de quem passava.²⁵



Dê-se aos jovens ampla liberdade para se divertirem era uma das normas do oratório.

Como funcionava o oratório no campo

Nos dias festivos, bem de manhãzinha, eu ia para o prado, onde muitos já me aguardavam. Eu me acomodava, sentado num barranco do terreno, escutando a confissão de alguns, enquanto outros se preparavam ou faziam o seu agradecimento, após o que, não poucos retomavam a recreação.²⁶

O padre Bonetti, que recolheu testemunhos daqueles primeiros tempos, declarou: “Os jovens que já haviam feito a sua confissão ficavam agrupados em círculo, cantando algum canto religioso ou escutando a leitura, feita por um deles, de uma história edificante; outros, por sua vez, participavam de uma moderada recreação, conversando entre si, jogando ma-



lha, bochas, bola, ou tentando equilibrar-se nas pernas de pau.”²⁷

Quando Dom Bosco se levantava, o toque de um velho tambor dava o sinal para os meninos se agruparem no centro do prado. O som de uma trompa, já muito surrada, convidava todos a fazer silêncio. Dom Bosco comunicava em qual igreja seria a missa e todos se encaminhavam para lá. Terminada a missa, iam almoçar nas próprias casas.²⁸

Pela tarde, depois de comerem às pressas, grupos de meninos acorriam ao famoso prado e logo começavam os jogos, com toda animação, assistidos por Dom Bosco, por seus auxiliares e pelos

colegas mais crescidos. Ao som da velha trompa, eles dividiam-se conforme a idade e a instrução. Dava-se início a meia hora de catecismo, com todos sentados na grama. Em seguida, cantavam-se as vésperas e, depois, o teólogo Borel ou o próprio Dom Bosco subia numa cadeira ou num banco e fazia uma prédica atraente, divertindo e encantando a todos. Mais um canto a Nossa Senhora, e todos se entregavam aos jogos até à noite.²⁹

“Após terem todos abandonado o prado, Dom Bosco retornava para o Refúgio. Às vezes, o pobre homem se encontrava de tal modo exausto, a ponto de não poder ficar de pé. Então, era necessário tomá-lo nos braços para levá-lo para casa.”³⁰

Admirado e criticado pelo seu modo de educar

Os resultados obtidos com o oratório e os passeios foram assim descritos pelo próprio Dom Bosco:

Impossível descrever o entusiasmo que os passeios despertavam nos jovens. Atraídos por essa mistura de devoção, brinquedos e passeios, eles ficavam de tal modo apegados a mim, a ponto de serem obedientíssimos às minhas ordens e manifestarem o desejo de que eu lhes confiasse alguma tarefa para executarem. Um dia, um guarda, observando que eu, apenas com um aceno de mão, consegui o silêncio de uns 400 jovens que pulavam e faziam algazarra no prado, falou assim: “Se esse padre fosse um general, bem que poderia combater contra o mais aguerrido exército do mundo”. Na realidade, a obediência e a afeição de meus meninos beiravam à loucura. Isso, por outro lado, deu lugar a que se pensasse que Dom Bosco, com os seus jovens, poderia a qualquer momento, provocar uma revolução.”³¹

Vendo como os jovens obedeciam a Dom Bosco e sabendo que alguns deles, antes de conhecê-lo, eram pessoas da pior qualidade, que desafiavam o perigo e até andavam armadas com faca, Dom Bosco era tido na conta de um homem perigoso. No entanto, não acontecia nenhuma desordem grave entre os jovens, mesmo não estando eles sujeitos a normas disciplinares rigorosas.³²

Escutando os comentários do povo, o prefeito de Turim, ou seja, o chefe da municipalidade,

marquês Miguel de Cavour,³³ mandou chamar várias vezes Dom Bosco. Certa vez, ao ser interpelado, ele respondeu:

Eu não peço dinheiro. Quero somente que me permitam reunir os jovens em algum local seguro, onde possam se abrigar contra as intempéries, e onde possam divertir-se honestamente, ao invés de andarem perambulando pelas ruas da cidade. Quero instruí-los na religião e nos bons costumes. Dessa maneira, espero diminuir o número de marginais e futuros moradores das cadeias. Os resultados obtidos até agora demonstram que o meu trabalho não tem sido em vão.”³⁴

O marquês, então, não conseguindo dissuadi-lo, nem mesmo com ameaças, ordenou que Dom Bosco passasse a ser vigiado por guardas. Nesse ínterim, os irmãos Felipe Ihe enviaram uma carta, dizendo: “Os seus meninos, de tanto pisarem a grama do prado, estragaram-na até as raízes. Apraz-nos dispensá-lo do pagamento do aluguel, já vencido, desde que, nos próximos quinze dias, deixe livre o nosso prado. Não podemos conceder-lhe prazo maior.”³⁵

Até mesmo alguns amigos seus, sacerdotes, o aconselharam a mudar de método. “Vês, diziam, tu comprometes a dignidade sacerdotal”. “Como?” perguntava Dom Bosco. “Com as tuas extravagâncias, rebaixando-te em tomar parte nos jogos com esses moleques, e permitindo que eles te acompanhem em meio a tanta algazarra e desordem. São coisas que

nunca se viram em Turim e que são contrárias aos velhos hábitos de um clero sério e reservado como é o nosso.”³⁶

Vendo que Dom Bosco não atendia a seus conselhos, vários sacerdotes o abandonaram. O seu amigo Borel, inclusive, sugeriu que ele

começasse tudo de novo, ficando apenas com um número reduzido de meninos, selecionados entre os menores e menos trabalhosos. Aconteceu, até, de alguns sacerdotes pretenderem internar Dom Bosco num hospício. Nisso, porém, não foram bem sucedidos.

Dificuldades extremas

Houve um momento em que Dom Bosco encontrou obstáculos por parte de todos e o seu método de educação, através do jogo e da recreação barulhenta, parecia pouco apropriado para um sacerdote. Ele já estava à beira de uma grave enfermidade. Quase todos os seus colaboradores o haviam abandonado.³⁷ Não sabia mais aonde levar seus meninos, pois ninguém os queria, devido à recreação muito livre e barulhenta. Chegou a pensar em alugar outro campo, mas, quem se arriscava a fazer negócio com um louco?

Numa tarde do domingo, os meninos brincavam sem nenhuma preocupação no prado dos irmãos Felipe, os quais se recusavam a prorrogar o tempo de aluguel. Eis que apareceu um homem e convidou Dom Bosco a conhecer uma casa que,

talvez, pudesse lhe servir, e que pertencia a um certo senhor Pinardi.

Dom Bosco o acompanhou. Mas, em vez de uma casa, foi-lhe mostrado um galpão, que se prolongava em um plano inclinado e, poder-se-ia dizer, em plano precipitado porque de um lado tinha a altura de pouco mais de um metro. O ambiente necessitava de adaptação. Dom Bosco propôs gastar uma quantia na melhoria da construção, mas, com duas condições: a doação de um pedaço de terreno ao lado para a recreação dos meninos; e os meninos já pudessem ocupar esse ambiente no domingo seguinte. Fêz-se o contrato. Voltando às pressas, Dom Bosco reuniu os meninos e, em alta voz, pôde dizer: “Temos agora um oratório estável. Temos igreja, sacristia, sala de aula, pátio para recreação!”³⁸



Dom Bosco recebe uma oferta para o Oratório: a Casa Pinardi, um terreno com uma casinha em ruínas.

CAPÍTULO VI UM LUGAR ESTÁVEL PARA O ORATÓRIO

Domingo, 12 de abril de 1846, festa da Páscoa. O novo oratório era composto de um comprido galpão, muito baixo, adaptado para capela, e um pátio para a recreação, dando um lado para o poente e o outro para o norte da casa.¹ Para jogar, os meninos de Dom Bosco dispunham agora, de um campo que era seu.

Na nova sede, o número de jovens crescia cada vez mais, atraídos pelo local, agora fixo, e também pelas festas, presentes, música e grande variedade de jogos e diversões que Dom Bosco sabia inventar.

Todos os brinquedos de que dispúnhamos como saltos, corridas, cordas, bastões, assim como o que eu havia aprendido com os saltimbancos, tudo era colocado em atividade sob a minha orientação. Dessa forma, era possível entreter aquela multidão de quem, de certa modo, se podia dizer: "sicut equus et mulus quibus non est intellectus". (Como cavalo e jumento, animais desprovidos de uso da razão).²

"Sob a minha orientação", quer dizer: "com a minha capacidade de animação". Para Dom Bosco, o educador não apenas deve permitir que os meninos joguem, incentivando-os à distância. O educador deve ser, ele próprio, a "alma do jogo". Disciplinar uma multidão tão grande e tão irrequieta que podia parecer um bando de animais era possível exatamente porque Dom Bosco tinha uma extraordinária capacidade de animar a "vida do pátio" e os recreios.

Eu me servia daquela recreação fora do comum para insinuar em meus alunos pensamentos de religião e de frequência aos sacramentos. A alguns, com uma palavrinha ao ouvido, eu recomendava a obediência, maior exatidão nos deveres do próprio estado; a outros, eu recomendava a frequência ao catecismo, a necessidade da confissão e coisas parecidas. De tal modo que, para mim, aquelas recreações eram uma ocasião oportuna para ter, à minha disposição, uma multidão de meninos que, na tarde do sábado ou na manhã do domingo, vinham, espontaneamente, fazer a sua confissão.³

Continuando, Dom Bosco descreve o "seu método" de ajudar os meninos problemáticos a irem confessar-se. Um dia ele teve uma conversa com a marquesa Barolo, durante a qual ela lhe pediu que abandonasse aqueles meninos e renunciasse àquele método de educar, demasiadamente liberal. Dom Bosco respondeu que não renunciava, e foi demitido. Por essa ocasião, o cansaço excessivo minou sua saúde até deixá-lo em ponto de morte. Por milagre, conseguiu recuperar-se. Para isso, buscou uns dias de repouso junto à família, nas colinas de Murialdo. Antes de partir, porém, providenciou para os seus meninos diversos outros tipos de jogos. Durante a convalescença, iniciou um oratório festivo para os meninos de Castelnuovo. Finalmente, tomando consigo sua mãe, Margarida Occhiena, carinhosamente chamada Mamãe Margarida, Dom Bosco resolveu voltar a pé para Turim.⁴

De novo na cidade grande, alugou algumas salas da casa Pinardi e, depois, toda ela, além do terreno adjacente. Reparou o muro. Limpou e aplainou o terreno para que pudesse ser usado para o recreio dos jovens.⁵ Finalmente, os seus meninos dispunham de um bom e espaçoso local, onde podiam divertir-se à vontade.



Reformada a Casa Pinardi, o Oratório de São Francisco de Sales tinha uma sede própria em Valdocco.

Um dia no oratório festivo

Período matutino

Dom Bosco abria bem cedo a igreja de Valdocco. Começavam as confissões. Em seguida, havia a missa. Por fim, iam pra casa tomar café. Quem ficava podia frequentar um tipo de escola, de acordo com sua capacidade.

Terminadas as aulas, tinha-se a possibilidade de participar de jogos de todos os tipos e gostos. E, jogando com eles, encontrava-se sempre Dom Bosco. Ao meio-dia, todos iam para casa almoçar.⁶

Período vespertino

Depois de almoçar às pressas, Dom Bosco reabria o Oratório à uma e meia. Recebia os meninos com amabilidade. “Com antecedência, preparava todo o material para os jogos: o cavalo-de-pau, os balanços, a barra para saltos e todos os outros aparelhos de ginástica. Para evitar brigas e discussões, determinava-se o local onde cada grupo podia divertir-se à vontade.”⁷

Enquanto isso, Dom Bosco mandava alguém ir pelos prados vizinhos à procura de meninos provenientes de outros lugares da cidade, rapazes que nada sabiam do Oratório e vinham a convite de alguém, na esperança de ganhar alguma coisa. O recreio pegava fogo!

E Dom Bosco?

Nunca abria mão dessa sua vigilância, nem mesmo quando passou a ter clérigos e sacerdotes fazendo esse trabalho. Ele era o primeiro a dar o exemplo, querendo, com isso, mostrar o quanto considerava importante não deixar os meninos desocupados.⁸

Às 14:30 tocava-se a campainha. Todos ficavam em silêncio, arrumavam os jogos e dirigiam-se para a capela. Na realidade, não todos! Sempre havia alguém que tentava fugir. Eram os novatos, que entravam no pátio somente para brincar, e os meninos mais trabalhosos, que respondiam sacudindo os ombros a quem os chamava, levando na brincadeira o que se dizia. Dom Bosco, algumas vezes, ia ao encalço deles para que não escapulisses. Alguns resistiam e era necessária uma boa dose de paciência para não perder o controle. Outros resignavam-se e, persuadidos, deixavam-se levar para a capela. Em seguida, eram divididos por classes para o catecismo de meia hora. Cinco minutos antes do final, um toque de campainha era recebido com um grito geral: “história!”⁹ Os catequistas deviam narrar um fato interessante, que fosse ao mesmo tempo divertido e instrutivo. Depois, todos reunidos para uma breve prédica, cantavam as ladainhas e recebiam a bênção. Terminada a função, começava o tempo livre, durante o qual cada um podia ocupar-se como queria. Alguns prosseguiram a aula de catecismo, outros iam para a aula de canto, de alfabetização e de leitura, mas, a maioria preferia correr, saltar e entreter-se em vários brinquedos.¹⁰

Estava sempre ali, no meio dos meninos. Andava de cá pra lá, aproximava-se ora de um, ora de outro, e, sem que o percebessem, fazia-lhes perguntas, a fim de conhecer o seu caráter e suas carências. Falava ao ouvido com esse, depois com aquele outro, dando sempre algum bom conselho ou convidando a frequentar os sacramentos. Parava diante daqueles que, por ventura, estivessem tristes e procurava um modo de dissipar-lhes a tristeza, usando, para isso, de algum expediente ameno. Ele, por sua vez, mostrava-se sempre alegre e sorridente. No entanto, estava sempre atento a tudo o que pudesse acontecer, ciente dos perigos que podiam ocorrer num aglomerado de jovens das mais diversas idades, de condutas e condições as mais diferentes.

A despedida do Oratório

Terminado o dia, no tempo determinado, tocava-se a campainha. Todos se reuniam em

volta de Dom Bosco. Na igreja ou, se fazia bom tempo, no pátio, rezavam-se as orações da noite



e, depois, todos juntos, levavam Dom Bosco em triunfo até o Rondó, uma encruzilhada, onde se separavam.¹¹

Este era um momento de particular intimidade. Dom Bosco anunciava a realização de passeios e recreações sempre mais interessantes, com jogos de prestidigitação, com distribuição de medalhas, de santinhos, de livretos, com algum sorteio, com almoços e merendas, com músicas e às vezes com distribuição de pequenos presentes ofertados pelos benfeitores. Era também nessa ocasião que ele fazia alguma oportuna advertência.

Aqueles trezentos ou mais jovens, grandes e pequenos, reuniam-se em volta de Dom Bosco para que lhes contasse uma história. Todos queriam aproximar-se dele para cumprimentá-lo mais uma vez. Às vezes, os mais crescidos, carregando-o nos braços e cantando com todo o vigor dos pulmões, o levavam para casa. Lá chegando, acontecia, algumas vezes, que depois de tomar umas colheres de sopa, Dom Bosco adormecia. E então os jovens que estavam fazendo-lhe companhia, dispunham-se a carregá-lo, vestido como estava, para sua cama.¹²

Como atrair mais meninos para o Oratório

A alegre algazarra era sempre um chamariz para novos meninos, mas Dom Bosco buscava-os onde quer que se encontrassem.

Aos domingos, circulava pelas ruas e campos vizinhos

O próprio Dom Bosco, quando tudo estava encaminhado, saía à procura daqueles meninos que, em lugar de ir para as funções da igreja, reuniam-se nos prados, ruas e, na periferia, nos alpendres das casas de campo para jogar a dinheiro. Certa vez, ele aproximou-se de um daqueles grupinhos, como quem não quer nada. Bem no centro havia um lenço com as apostas, enquanto eles jogavam animadamente, com certo tipo de baralho proibido por lei. Dom Bosco fez, também ele, a sua aposta. Depois de algum tempo, rápido como um relâmpago, ele apanhou o lenço e saiu correndo. “O dinheiro! Gritavam. “Restitua o nosso dinheiro”. “Eu não quero roubar vocês! Venham! Corram!” Mas, quem conseguia alcançá-lo? Dom Bosco era velocíssimo. Chegando à capela, apinhada de

jovens, entrou com o lenço na mão, fingindo-se passar por um comerciante ou forçado a vir para a igreja ou um menino, convidado pelo diretor ou por algum companheiro. O Pe. Borel estava fazendo a prédica e os meninos caíram na risada, felizes com aquela cena. E se levantavam para ver melhor. “Sai da igreja, moleque! Onde está o respeito pela casa de Deus?” Os dois se puseram a falar em dialeto piemontês. Cada um rebatendo o que o outro dizia e o diálogo acabou tornando-se uma encenação. Após as funções da igreja, Dom Bosco saiu para o pátio. Devolveu o dinheiro e ainda deu algo a mais. Depois, fez ver àqueles rapazes toda a movimentação que acontecia no pátio com os jogos animados e eles terminaram prometendo que retornariam no domingo seguinte.¹³

E durante a semana?

Dom Bosco ocupava várias horas de seu dia, visitando os jovens operários nos ambientes de trabalho e procurando novos rapazes para o oratório. Quando encontrava algum menino vadio ou desocupado, logo o abordava. Passando em frente às oficinas, durante a hora da folga ou do almoço, metia-se entre os grupos de meninos operários. Cumprimentava-os cordialmente, perguntava-lhes os nomes, de onde eram, se tinham pai e mãe e desde quando tinham começado a

trabalhar. Depois de ter granjeado a confiança deles, começava a fazer perguntas sobre o catecismo, se frequentavam os sacramentos e se rezavam. Em seguida, dizia-lhes que queria ser amigo deles para fazer o bem a suas almas. “Aguardo vocês no meu Oratório no próximo domingo. Se possível, levem com vocês outros colegas!”

Quando via grupos de garotos pelos campos, fazia o mesmo: indagava se ele podia participar do jogo, se eles eram felizes, se praticavam o

bem, como passavam o dia, onde moravam, se tinham algum trabalho e quais os jogos de que mais gostavam. Passava, então, a mencionar o que se praticava no Oratório e discorria sobre os passeios e mil outras coisas.¹⁴

O Oratório da quinta-feira, para os estudantes

Dom Bosco ia também a várias escolas da cidade para ensinar religião. Aproveitava para convidar todos os meninos para irem ao Oratório. Naquela época, na região de Turim, a quinta-feira era sempre um dia livre, sem atividades letivas, e os alunos acorriam ao Oratório “para se entreterem com Dom Bosco e usufruírem de uma alegre recreação, que durava a tarde inteira. Punham-se à sua disposição todos os jogos

Dom Bosco, demonstrando coragem, e sem se preocupar com o que pudessem falar, ia em busca dos meninos até nas tabernas e cafés e os convidava a vir para o Oratório.

e aparelhos de ginástica. Dom Bosco estava sempre no meio deles¹⁵ e aproveitava esse dia sem aula, para reunir os catequistas e outros jovens comprometidos com o Oratório para lhes fazer uma “palestra”. Lia para eles um artigo do regulamento e o comentava. Sendo eles mais instruídos que os outros, convidava-os a “contar aos demais alguns exemplos edificantes durante a recreação”.

As grandes festas dos primeiros tempos

As grandes festas do Oratório sempre tinham início com solenes funções na igreja. De tarde, porém, “Dom Bosco encontrava sempre novas maneiras de divertir seus jovens, pondo em prática aqueles jogos reservados para as grandes solenidades”. No pátio, era costume haver um pouco de música, tocada nos intervalos, às vezes por “amigos externos”.

“Começava a corrida de sacos com um lanche, que era dado ao primeiro ou aos primeiros que chegassem à meta, e ao primeiro a quebrar a panela, repleta de doces e outras guloseimas”. No topo do pau de sebo havia vários objetos, aguardando quem nele subisse. Havia também o assim chamado “jogo do precipício” que consistia num plano inclinado, untado com bastante sabão. Dava-se um prêmio a quem chegasse à parte superior. Tarefa não muito fácil e que despertava grande hilaridade, vendo-se o esforço que muitos faziam para subir, enquanto o peso do corpo os fazia deslizar. Não faltavam as iluminações das janelas e do pátio. Soltavam-se balões e fogos de artifício. Não raro acontecia que Dom Bosco vestia o avental de prestidigitador. Uma vez, depois de tê-los entretido bastante, os amedrontou, fazendo alguém aparecer sem cabeça.¹⁶

A seguir, ele explicou que era sem cabeça quem teimava em fazer seus caprichos. Frequentemente, Dom Bosco servia-se dos jogos para transmitir algum ensinamento de maneira alegre, aconselhando e incitando ao

bem. Utilizava, portanto, os jogos também de modo simbólico.

“Algumas vezes, em determinadas festas, ele preparava a roda da fortuna”. Tinha-se como norma que, em cada trimestre, se fizesse uma loteria. A extração dos números era feita de modo a premiar os candidatos com mais frequência e melhor conduta moral. Além dessas, quase todos os meses Dom Bosco providenciava outras loterias menos solenes, mas não menos atraentes. Sobre a pequena elevação diante de sua sala, ou então, em cima de uma cadeira, depois de anunciar as condições da loteria, sacudia a sacola e, devagar, procurando prolongar ao máximo o divertimento, extraía os números e os proclamava em voz alta. Os risos e as palmas estrondavam quando o locutor anunciava os prêmios correspondentes a determinados números: uma batata cozida, uma cenoura, uma cebola, um nabo ou uma castanha. E a pessoa contemplada não deixava de se apresentar para receber o tão “valioso” prêmio. Algumas vezes, o prêmio era coletivo, ou seja, certo número de jovens, com seus bilhetes, ganhavam um prêmio que devia ser repartido entre eles.¹⁷ O jogo, então, passava a assumir um caráter socializante, porque os grupos eram formados ao acaso, e acontecia de se encontrarem no mesmo grupo pessoas que se antipatizavam umas às outras e que, por amor ao jogo, deviam forçosamente ser aceitas no grupo.

Valdocco era uma periferia de Turim. O Oratório tinha, como vizinhos, pessoas pouco recomendáveis: bêbados, prostitutas, viciados em jogos de azar, bandos de jovens problemáticos. “A nossa recreação barulhenta, os cantos e a gritaria conseguiram um bom resultado: acabaram por fechar a casa de prostituição. Assim, sem que tivéssemos pensado

nisso, o Oratório de Valdocco conseguiu, logo no início, aquilo que se consegue através da água benta.”¹⁸

Dom Bosco deu sempre uma grande importância aos jogos dos meninos como fator de moralidade, serenidade e, até mesmo, como termômetro de vida espiritual, fator importante no combate contra o mal.

Vencendo batalhas com jogos

Clima de revolução e guerra

O ano de 1848 foi muito difícil. As colheitas tinham sido pouco abundantes. Fome e miséria nos campos; fechamento de fábricas; revoluções por quase toda a Europa. No Piemonte, no dia 8 de fevereiro, o rei Carlos Alberto foi constrangido a mudar o sistema de monarquia absoluta para monarquia constitucional, o que punha limites ao poder real. Estava em andamento a unificação da Itália. Aconteceram, então, numerosas e entusiasmadas manifestações populares.

Dom Bosco, por mais de uma vez, foi ameaçado de morte. Várias vezes tentaram matá-lo. Certa feita, enquanto dava aula de catecismo, dispararam contra ele um tiro de fuzil, porém, sem acertá-lo.¹⁹ Desapareceu quase por completo a frequência ao catecismo nas paróquias. Em Valdocco, a frequência ao Oratório também se reduziu consideravelmente. Mas, Dom Bosco não se deixou abater; pelo contrário, preparou-se para vencer aquela batalha. Aumentou os jogos, o teatro e a música. Inventou uma liturgia “espetacular” com muitas e bonitas procissões e atraiu os meninos com presentes. Introduziu aqueles jogos que mais agradavam aos meninos naquele momento.

“Acomodando-se às exigências dos tempos em tudo aquilo que não ia de encontro à religião e aos bons costumes, ele não hesitou em permitir aos jovens que fizessem manobras “militares” no pátio do Oratório e até encontrou um modo de conseguir, para tanto, boa quantidade de fuzis de treinamento, que não atiravam. Determinou, como condição, que não houvesse pancadarias, como era comum entre “piemonteses” e “austriacos” e que, ao toque da campanha para o catecismo, todos depusessem as armas e se dirigissem para a igreja. Deu início, ainda, a diversos outros jogos de ginástica menos perigosos. Fazia repetir muitas vezes a brincadeira do pau de

“Acomodando-se às exigências dos tempos em tudo aquilo que não ia de encontro à religião e aos bons costumes, ele não hesitou em permitir aos jovens que fizessem manobras “militares” no pátio do Oratório e até encontrou um modo de conseguir, para tanto, boa quantidade de fuzis de treinamento, que não atiravam. Determinou, como condição, que não houvesse pancadarias, como era comum entre “piemonteses” e “austriacos” e que, ao toque da campanha para o catecismo, todos depusessem as armas e se dirigissem para a igreja. Deu início, ainda, a diversos outros jogos de ginástica menos perigosos. Fazia repetir muitas vezes a brincadeira do pau de



Na metade do século XIX, a Itália estava dividida em numerosos estados independentes.

sebo e a corrida de sacos. Havia representações de comédias inofensivas e de farsas engraçadas. Enfim, ele nada poupou para que todos tivessem oportunidade de se divertir no Oratório, sempre com uma assistência amorosa. Incentivou também a música. Às lições de canto, Dom Bosco acrescentou aulas de piano, de órgão e, ainda, para muitos, a música instrumental, que suscitou grande entu-

siasmo. Enquanto se providenciava a organização da banda e o treinamento de alguns jovens que se iniciavam no piano, aperfeiçoava-se o canto.²⁰ Por toda parte falava-se da “música de Dom Bosco”. O sucesso obtido pelo coral e pela banda, os passeios pelo interior e também as merendas e os almoços preparados para os jovens faziam com que fosse esquecida “toda fantasia política”.²¹

Um fracasso: o Oratório ficou vazio

Com esses expedientes, Dom Bosco tinha tentado estancar a debandada dos meninos do Oratório. No livro das *Memórias*, sob o título “Um fato particular”, ele fala de um momento difícil para os oratórios, tanto o de Valdocco quanto o de Porta Nova, fundado por ele em 1847. Um colaborador seu, após uma palestra de cunho

totalmente patriótico, encorajou educadores e jovens “a juntarem-se a ele e, entoando em alta voz hinos patrióticos e fazendo tremular uma bandeira, dirigiram-se em desfile para o monte dos capuchinhos.²² Por alguns domingos, o Oratório de Valdocco ficou quase deserto: 30 ou 40 meninos, na maioria, pequenos.²³

O “Bersagliere” vence a “guerra”. Com o jogo

Exatamente naquele ano retornava da guerra José Brósio, o “Bersagliere”.²⁴ O soldado frequentava o Oratório com sua farda, chapéu emplumado e uma trombeta. Dom Bosco o incumbiu da formação de um pequeno regimento com os meninos mais espertos. Solicitou do governo a doação de 200 fuzis de treinamento, que não atiravam, e “barras de exercício”. O governo atendeu ao pedido e a notícia se espalhou.

Os jovens ficaram fascinados. Alguns deram o nome para serem inscritos, outros se deliciavam diante das manobras dos “exercícios militares” e das “batalhas”. Em todas as grandes solenidades, a milícia oratoriana prestava serviço para manter a ordem nas funções da igreja e dentro dos pátios e, às vezes, executava evoluções tão perfeitas, que eram um verdadeiro espetáculo, arrancando muitos aplausos. Aos poucos,

esses exercícios e os de ginástica, praticados com método adotado no exército, serviram para fazer retornar ao Oratório vários daqueles jovens que, levados pela novidade, tinham-se afastado. Serviam também para manter no Oratório aqueles que, apreciando os divertimentos em moda naquele tempo, haviam pensado em abandonar Dom Bosco e deixariam, assim, de comparecer às funções sagradas.

Foi precisamente este pequeno exército que, num dia de grande festa, estragou a horta de mamãe Margarida. “Tudo foi pisoteado e estragado”, ela se queixou ao filho, com palavras de justo ressentimento; ao que Dom Bosco, com um sorriso no rosto, respondeu: “Mamãe, o que se pode fazer? São jovens”. Em seguida, passou a distribuir bombons para vencidos e vencedores.²⁵

Nem oito, nem oitenta

Pedro Stella, um dos biógrafos de Dom Bosco, escreve: “Um momento de grande importância para o amadurecimento das instituições de Dom Bosco foi o vendaval patriótico de 1848-1849”. Anos decisivos, também, para a causa da unidade nacional italiana; anos de insucesso que traziam, em germe, o bom êxito

definitivo; anos de sonhos, de entusiasmo e de choques inevitáveis e debandadas. Naquela ocasião, padres patriotas sentiram que era imprescindível para a religião acompanhar o povo nas suas aspirações de unidade. Também Dom Bosco, pelo ano de 1848, deve ter-se deixado levar pelas aspirações de toda a Itália, que



era sua libertação e sua unificação. Mas, essa simpatia não teve longa duração. Bem cedo, ele entrou em choque com alguns sacerdotes patriotas que queriam a libertação por meio das armas. Cavou-se um fosso entre ele e os padres Cocchi, Trivero e Ponte.²⁶ Enquanto o Padre Cocchi, “inflamado de amor patriótico”, achou por bem treinar seus rapazes para manejar o fuzil e a espada, como aconteceu de fato, contra os austríacos, tentando tomar parte na Batalha de Novara, Dom Bosco, o capitão dos “moleques” de Valdocco, vencida suas batalhas pedagógicas no pátio e nos campos por ali mesmo, com seus fuzis de mentirinha. Ele, portanto, adaptou-se às exigências dos tempos “em tudo aquilo que não era inconveniente”.

Exatamente com as batalhas dissimuladas, comandadas por Brósio, Dom Bosco tinha obtido vários resultados: primeiro: atrair os jovens para o Oratório, não os deixando ir para a cidade, a fim de participar das manifestações; segundo: dispersar, ao menos em parte, os bandos e transformar a violenta e absurda brincadeira com pedradas numa sã competição; terceiro: tornar educativo até um jogo de guerra, obrigando a fazer as pazes com os adversários

e impedindo que houvesse pancadaria, como era comum entre piemonteses e austríacos; quarto: levar esses meninos, entusiasmados com suas batalhas, a se dedicar, com amor e entusiasmo, ao catecismo e às aulas, coisa que pouco os atraía. Aquele exército de Dom Bosco simplesmente se preparava para enfrentar as batalhas da vida como “bons cristãos e honestos cidadãos”.

Nessa experiência nós encontramos, outra vez, aquele Joãozinho que praticava o “jogo da pelota”, mesmo com risco de se ferir, e que respondia à mamãe Margarida que lhe chamava a atenção por jogar daquela maneira, na companhia de maus colegas: “Quando me encontro no meio deles fazem o que eu mando.”²⁷

O psiquiatra D’Acquino observa: incentivar jogos de guerra é uma forma de certo modo sublimada para descarregar a agressividade daqueles jovens exaltados” (G. D’ACQUINO, *Psicologia di Don Bosco*. Torino: SEI, 1988, p. 205).

Na medida certa

Numa carta que escreveu quando estava em Roma, Dom Bosco afirmou: “Quem descuida o menos perde o mais, que são suas fadigas. Os “padres tradicionais” descuidaram o menos, isto é, não acompanharam os jovens no seu impulso de participar de jogos de guerra e brinquedos consentâneos com os tempos e, como resultado disso, tiveram suas igrejas esvaziadas. Ao contrário, os “padres patriotas” foram educadores que se deixaram levar a reboque e, às vezes, preferiram o “menos”. O padre Cocchi partiu para a batalha com jovens na flor da idade porque não suportava a idéia de abandoná-los à mercê da sorte. Esses educadores se apegaram superficialmente ao “menos” para contentar os educandos, não demonstrando capacidade de educá-los para o “mais”. Essa mentalidade se nota, também, em tempos menos críticos. No Oratório do Pe. Cocchi, de fato, era famoso o “jogo do salto”, e os meninos, para indicar que iam àquele oratório, ou recreatório, como se queira chamar, costumavam dizer: “Vamos para os saltos do Pe. Cocchi.”²⁸ A

recreação, os saltos ocupavam lugar de tanta importância a ponto de o nome “oratório” (lugar de oração) ser substituído por “salto”, (exercício de ginástica).

Dom Bosco, ao invés, tinha descoberto que o jogo, por si só, não podia servir apenas para atrair os meninos, proporcionando-lhes momentos de lazer, mas, podia-se ir além: podia-se educá-los com o jogo e durante o jogo, levando-os à descoberta de valores.

Passada a tempestade de 1848, pôde-se constatar a superioridade dos oratórios de Dom Bosco, também porque o seu método tinha demonstrado ser eficaz, dando bons resultados, inclusive em tempos difíceis. Fica cada vez mais comprovado que o Oratório de Dom Bosco “não é uma mera associação devota para ensino de catequese e instrução religiosa, com algum complemento recreativo; não é, tampouco, um mero recreatório ou estádio de esportes no qual se reserva um momento para a prática religiosa. O Oratório assume, isso sim, a função de ambiente



educativo integral, que envolve o jovem por completo. Em toda a sua jornada festiva, ele oferece a possibilidade de um desenvolvimento integral e harmônico de suas qualidades e de suas aspirações". O escopo educativo do Oratório está fundamentado, substancialmente, nos seguintes

pontos: dar aos jovens abandonados um "amigo" que se interessa por eles, assista-os e os instrua na religião nos dias festivos. É, numa palavra, "uma obra verdadeiramente educativa, que redime eficazmente o jovem individualmente e que tem um consistente valor social."²⁹

CAPÍTULO VII O MÉTODO DA “VIDA DO PÁTIO” CHEGA A OUTROS ORATÓRIOS

O Oratório do Anjo da Guarda

O Pe. Cocchi, um padre patriota, havia fundado um oratório dedicado ao Anjo da Guarda. O sentimento de indignação contra ele, por ter levado para o campo de batalha, em Navarra, duzentos juvenzinhos, levou o bispo a interditar o Oratório. Em outubro de 1849, o mesmo Oratório foi confiado a Dom Bosco¹.

Para incrementar os jogos, ele chamou o “bersagliere”. Num manuscrito feito por ele e até hoje conservado nos arquivos salesianos de Roma, Brosio fala de sua experiência: “Comecei a diverti-los ensinando ginástica e manobras de marcha militar(...). Quase todos os jovens participavam, e eles passavam o domingo às mil maravilhas, alegres e tranquilos.”²

No entanto, logo começaram as represálias por parte de alguns jovens de má conduta. Com efeito, o Oratório, aos poucos, ia-se livrando de certos elementos problemáticos, oriundos de Vanchiglia. Um dia, vários bandos assaltaram o Oratório, porque um menino do seu grupo fora vítima de um tapa desferido por um catequista nervoso. Eles eram cerca de cem. Ofendiam de maneira provocadora e até ameaçavam. Usando

de tática, o diretor do Oratório, em dado momento, disse a eles:

– Olá, turma! Já conversamos bastante. Que tal fazermos agora uma partida?

– Que jogo?

– Barra bandeira! Formemos os dois times. “Tirou-se a sorte e gritei aos adversários: – Desafio vocês!

Os meus competidores fizeram tudo para que eu caísse prisioneiro, mas não o conseguiram nem uma só vez.”³

No fim do jogo, os chefes do bando tinham sido conquistados. Ficaram até à noite e acompanharam Dom Bosco até sua casa, pedindo desculpas pelo que havia acontecido.

Esse episódio nos mostra como o método da educação pelo jogo era repassado para outros oratórios e se consolidava como um modo típico de educar. Baseado na bondade e na paciência, era o método do diálogo inteligente e brincalhão, que supera qualquer preconceito. Era também o método da competição no jogo para conquistar o coração, a simpatia e a amizade dos meninos, mesmo em se tratando de meninos de rua.

Dom Bosco é nomeado “Diretor dos oratórios”

Em 1852, Dom Bosco organizou uma grande loteria. Num apelo feito por ele, falava de jovens desocupados e desorientados, presas fáceis dos vícios e de desordens,⁴ aos quais queria ajudar.

Entretanto, em uma assembleia tumultuada, foi declarado o cisma e um bom grupo de catequistas muito politizados decidiu abandonar Valdocco, provocando uma divisão entre o pessoal do Oratório.

Também por ocasião do novo cisma, Dom Bosco usou o seu sistema de conquistar os jovens por meio do jogo: pôs à disposição dos meninos os jogos de que mais gostavam. Comentando a situação, José Brosio escreveu: “Ele ampliou todos os divertimentos com jogos novos e atraentes.”⁵

No dia 31 de março de 1852, Dom Bosco foi nomeado pela autoridade diocesana “Principal

Diretor Espiritual” do Oratório de São Francisco de Sales e “Superior” dos oratórios de São Luis Gonzaga e do Anjo da Guarda, “unidos e dependentes” do de São Francisco de Sales. Era uma grande vitória de seu método educativo.

A partir de então, ele começou a formar um novo tipo de catequistas: Os catequistas-animadores, que jogavam com os meninos. O segredo de se ver aquela multidão de jovens jogando animadamente sem que acontecessem desordens era esse: os meninos eram animados pelos colegas maiores, que jogavam com eles. A colaboração educativa dos próprios jovens na educação dos companheiros tornou-se, aos poucos, um elemento essencial no método da “vida do pátio”,⁶ a maneira usada por Dom Bosco para atrair e educar os jovens.

CAPÍTULO VIII A “VIDA DO PÁTIO” NO INTERNATO DE VALDOCCO

Dom Bosco percebeu que seria inútil qualquer esforço se ele não conseguisse manter em sua casa aqueles meninos que não dispunham de local para viver uma vida decente.¹

Vale a pena conhecer a experiência típica de um menino tirado da rua para ir viver na “Casa anexa ao Oratório”. Acompanhando a história de Félix Reviglio, um rapaz de 16 anos, chefe de um dos bandos de jovens existentes em Turim, veremos como funcionava o Oratório Festivo e como era organizada a “Casa do Oratório”.

Num domingo do ano de 1847, ao se reunir um bando de rapazes, constatou-se a ausência de um dos mais influentes. O chefe do bando, Reviglio, indagou sobre a ausência. Responderam-lhe:

- Ele foi para o Oratório de Dom Bosco.
- Oratório de Dom Bosco? Mas, que Oratório é esse? E o que é que se faz lá?

– Dizem que é um lugar onde se reúnem muitos jovens que correm, jogam, pulam, cantam e, em seguida, vão a uma igrejainha da redondeza para rezar.

– Correm, jogam, pulam, cantam! Tudo isso é muito bom pra nós! Mas, onde fica esse lugar?

- Em Valdocco.
- Vamos lá pra ver, concluiu o jovem capitão.

Os demais o acompanharam.²

A porta estava fechada e os meninos do Oratório se encontravam na igreja. Reviglio pulou o muro e foi observar o que se passava na igreja. “Quem é Dom Bosco?” Levaram-no à sua presença. Ele estava cercado de jovens. “Dom Bosco o acolheu com muita afabilidade. Convidou-o a tomar parte nos brincquedos e o fez cantar. Elogiou sua voz e prometeu ensinar-lhe música e muitas outras coisas. Depois, uma palavrinha sussurrada ao ouvido terminou

por cativá-lo completamente, prendendo-o a Dom Bosco com laços indissolúveis.³

No domingo seguinte, Dom Bosco o viu jogando no pátio.

Dom Bosco gostava – escreve Lemoyne – de dar uma volta pelo pátio, durante a recreação dos jovens, para observar aqueles que o seu olhar clínico, diremos até, inspirado, lhe sugeria precisar de sua ajuda.⁴

Com muita afabilidade convidou-o para se confessar. Chegada a sua vez, “abriu o coração para Dom Bosco e escutou uma palavra que lhe trouxe para a alma uma paz inefável”. O Oratório passou a ser o seu lugar predileto. Para lá ia uma e até mais vezes ao dia, aproveitando o tempo para se exercitar em algum instrumento. Os jogos do Oratório, que ele tanto apreciava, assim como a música, foram o ímã que o atraiu, a ponto de fazê-lo sentir que aquele lugar fora feito para ele.

Dom Bosco servia-se desses meios para cativar o coração de meninos que, como diríamos hoje, viviam em situação de risco. Na verdade, não é um detalhe irrelevante o fato de Reviglio, convidado para se confessar enquanto se encontrava brincando no pátio, ter aceitado, sem demora, o convite que lhe foi feito. Tendo problemas com seus pais, ele refugiou-se no Oratório de Dom Bosco, que foi para ele um outro pai. De chefe de bando que era, tornou-se um menino tranquilo e comportado. De início, escolheu a profissão de encadernador. Depois, tornou-se seminarista, ordenou-se padre, foi pároco de Santo Agostinho, em Turim, apreciado organista e famoso teólogo moralista.⁵

A vida de internato no Oratório

Levantando-se cedo, os meninos faziam o asseio pessoal. Depois, desciam para a missa, café da manhã e recreação. Todos os dias, dirigiam-se para a cidade, a fim de trabalhar. De fato, até o ano de 1856, não havia oficinas no Oratório. Este era, então, uma hospedaria para os jovens operários que, ao meio-dia, voltavam para o almoço. Em seguida, retornavam ao trabalho. À noite, na ceia, cada um recebia sua tigela de comida. Nessa hora,

chegavam vários meninos que frequentavam o Oratório festivo e se punham a jogar no pátio. Vinham, em seguida, os internos, para a recreação.

Às vezes, especialmente no inverno, os meninos “penetravam no pequeno refeitório de Dom Bosco e o rodeavam. Ele aproveitava essa oportunidade para narrar algum exemplo edificante ou para dizer uma palavra ao ouvido de uns e de outros.⁶

A campainha, que se escutava em todo o pátio, dava o sinal para os externos se reunirem. Acabado o recreio, começava a aula. Uma hora de aula, todas as noites. Caso Dom Bosco não tivesse ainda ceado, assistia e ensinava, enquanto se alimentava.

Terminada a aula, os externos voltavam para casa, enquanto os internos rezavam com Dom Bosco as orações da noite. Ele lhes dirigia breves palavras e todos, em silêncio, encaminhavam-se para o dormitório. “O Oratório era uma verdadeira família.”⁷

Além de aprendizes, a casa abrigou estudantes

Dom Bosco não procurou homens maduros para serem seus colaboradores. Pensou que devia ele mesmo plasmar novos tipos de educadores, tirados do seu pátio.

Em 1849, escolheu quatro meninos: José Buzzetti, Carlos Gastini, Tiago Bellia e Félix Reviglio. Fê-los abandonar o trabalho, para se dedicarem ao estudo. Queria que, para os alunos, o estudo fosse alternado com a recreação, que era sempre obrigatória, nunca facultativa.

*Quando tinham cumprido regularmente os seus deveres, queria que eles se divertissem alegremente e se exercitassem na ginástica. A recreação, dizia, era também uma ação meritória diante de Deus. Procurava que se evitassem aqueles jogos parados e que exigiam muita concentração, e também aqueles que pudessem causar dano à constituição física ou à moralidade. E disso ele dava o exemplo.*⁸

A obra de Dom Bosco na imprensa

a) Numa revista para educadores

Em 1849, o *Jornal da Sociedade da Instrução e Educação*, de Turim, publicou um artigo sobre a experiência singular da “escola dominical de Dom Bosco”. Para redigir o artigo, foi incumbido o professor Casimiro Danna,⁹ que assim descreveu o método de Dom Bosco:

Ele reúne, nos dias festivos, naquele local solitário, cerca de 400 a 500 meninos, acima dos oito anos, a fim de afastá-los dos perigos e da vida ociosa, e instruí-los nas máximas da moral cristã. E isso ele consegue entretendo-os em agradáveis e sadias recreações, após terem participado dos exercícios de piedade, realizados por ele, como ministro, mestre, pregador, pai e irmão, tudo executado com muita devoção. Ensina-lhes também a História Sagrada e a da Igreja, o catecismo e noções de aritmética; exercita-os no sistema métrico decimal e, finalmente, alfabetiza os que não sabem ler nem escrever.

*Tudo isso para lhes transmitir uma educação moral e de civismo. Mas não descuida da educação física. Praticando exercícios de ginástica nos pátios do Oratório ou se divertindo com pernas de pau, nos balanços, com jogos de malha ou de bilhar, os meninos crescem desenvolvendo também as habilidades físicas. A isca com que atrai aquele numeroso exército de meninos, além de santinhos, loterias e lanches é o seu semblante sempre sereno e acolhedor. Verdadeiramente, através do seu Oratório, Dom Bosco se faz credor da gratidão pública!*¹⁰

Dom Bosco tornou-se, então, conhecido como exímio educador, inventor de um método que não descuida a educação física e atrai os meninos com o chamariz da presença de um educador que está sempre no meio deles, com semblante alegre e sereno, participando da alegria e do jogo. Em 1849, ele já era apontado como alguém que educava com o jogo e durante o jogo.

b) Jornais católicos falam da recreação típica do Oratório

O marquês Gustavo de Cavour, no jornal católico *Armonia*, escreveu:

Existe um local onde os jovenzinhos, nos dias festivos e nas horas de recreação, se divertem com jogos que lhes fazem bem e com divertimentos inocentes, passando o tempo em meio a uma alegria honesta, que tanto contribui para a saúde do corpo e da mente, especialmente na idade em que se encontram. No meio deles, está sempre Dom Bosco, que é tudo para todos: mestre, companheiro, amigo e exemplo.¹¹

Como característica do Oratório, destaca-se a “vida do pátio”, com a constante participação de Dom Bosco.

Outro artigo, assinado pelo cônego Lourenço Gastaldi, futuro arcebispo de Turim, apareceu no jornal católico *O Conciliador*. Eis como o Oratório foi visto por ele:

Uma colmeia, em torno da qual gira um enxame de abelhas a zumbir, enquanto, no interior, grande parte delas trabalha tranquilamente na produção do mel. Essa é uma imagem verdadeira daquele sagrado recinto, nos dias festivos. Pelas ruas que levam ao Oratório tu deparas a cada passo com grupos

de jovenzinhos, os quais, cantarolando, demonstram alegria em ir para lá mais do que se fossem para uma festa. Lá dentro, em toda parte, tu vês meninos divertindo-se em pequenos grupos, jogando com bola, com bochas, brincando no balanço, dando cambalhotas e ficando de pernas para o ar, enquanto, na igreja, alguns aprendem catecismo e se preparam para receber os sacramentos. Ao mesmo tempo, na sala de aula, outros aprendem a ler e escrever, estudam aritmética, caligrafia e canto. Dá prazer constatar com que docilidade esses jovens, outrora meninos de rua, hoje obedecem aos padres que tomam conta deles. É de ver a alegria estampada em seu rosto, a devoção com que participam das funções da igreja, recebem os sacramentos e frequentam as aulas de instrução religiosa. A humilde casa de Dom Bosco é um abrigo seguro e sempre aberto para todos os jovenzinhos.¹²

Leia-se: Cavour.

Nesse artigo, são descritas a animação alegre e barulhenta, típica da “vida do pátio” e a força de atração do jogo sobre os jovens. Salienta-se, também, que, por meio do jogo consegue-se a docilidade dos meninos, que são levados a participar das aulas e práticas de piedade, compromissos que pouco os atraem. No entanto, tudo é feito alegremente, como se pode comprovar pela felicidade estampada em seu rosto.

Como atrair os meninos para a “Casa do Oratório”

Vejamos, com alguns exemplos, como Dom Bosco sabia atrair os meninos para a sua casa.

João Cagliero: órfão e muito esperto nos jogos

Escreve Pedro Stella, historiador salesiano: “Somos levados a afirmar que a vinda de Cagliero para o Oratório, em 1860, foi o resultado de um encontro com Dom Bosco,¹³ ocorrido na casa paroquial de Castelnuovo. Ele era órfão de pai, e Dom Bosco disse à mãe dele: “João virá comigo, e eu serei para ele um pai”.

Foi assim que Cagliero chegou “à casa do Oratório”. É interessante notar como Dom Bosco, de propósito, fez com ele a viagem a pé, como que para testar a sua personalidade. Ao longo do

caminho, Cagliero conversava e brincava com espontaneidade. “Ora ele caminhava ao lado de Dom Bosco, ora o precedia correndo, ora o esperava, ora se atrasava para colher alguma fruta à beira da estrada e, em seguida, o alcançava, ora saltava uma vala e saía em disparada pelo prado afora.¹⁴

Dom Bosco dava toda liberdade a esse pré-adolescente para que ele falasse à vontade. Às vezes lhe fazia perguntas. Na espontaneidade do jogo, todo menino é sincero e predisposto à confiança. Dom Bosco chegou a dizer que, “no

Leia-se: Cagliero.

final dessa caminhada, ele tinha conhecido João Cagliero de tal modo que, em se tratando de confissão, bastaria apenas dar-lhe a absolvição.¹⁵

Em Valdocco, Cagliero era sempre o primeiro nos jogos e nas brincadeiras. Nas aulas que frequentava na cidade não tinha, porém, um ótimo desem-



O irrequieto Giovanni Cagliero tornou-se o primeiro bispo e primeiro cardeal salesiano.

penho como aluno. Corria até à Praça Milão, onde se encontravam os charlatães. Dava uma espiada nos jogos. Quando, porém, seus companheiros chegavam à escola, ele já estava lá, na porta, molhado de suor. Admoestado, ele continuou desobedecendo, no seu desejo incontido de ver os charlatães. “Mas, eu sou sempre pontual”, desculpava-se ele. Já se falava em mandá-lo de volta para casa. Dom Bosco, no entanto, via com muito bons olhos aquela franqueza e considerava positiva “aquela louca atração” pelos jogos. Aos poucos, interessando-se pelo Oratório, Cagliero tornou-se um dos melhores alunos, inclusive na disciplina.

Quando se alastrou a epidemia do cólera, um dia Dom Bosco, no pátio, perguntou se alguém estava disposto a ajudá-lo. Ninguém teve coragem de se apresentar. Naquele momento, Dom Bosco viu Cagliero jogando animadamente com seus colegas.

— “Queres ir comigo?”

— “Vamos!” Foi a resposta imediata do menino.

Ao médico que dizia ser ele muito jovem (tinha 14 anos), Dom Bosco respondeu: “Nem ele nem eu temos medo do cólera”.¹⁶ Por meio dos jogos, Dom Bosco tinha conseguido conhecer todas as boas qualidades de Cagliero: dotes esportivos, musicais, capacidade de liderança. Ele o havia encorajado, deixando-o à vontade para que desse vazão a toda a sua criatividade. Assim sendo, tornou-se um grande músico,¹⁷ missionário e intrépido pioneiro na América Latina, atingiu o episcopado, e foi o primeiro cardeal salesiano.

O jogo na “transformação moral” de adolescentes em crise

Dois episódios nos mostram o fascínio que teve a “vida do pátio” de Valdocco, barulhenta e alegre, sobre dois adolescentes, considerados praticamente irrecuperáveis.

Um dia se apresentou a Dom Bosco um senhor, acompanhado de um menino em plena crise da pré-adolescência. Após a morte de sua mãe, fora levado para um colégio. Seu pai o confiou a Dom Bosco, antes de levá-lo para uma casa de correção. Uma vez sozinho com o garoto, Dom Bosco não julgou oportuno falar-lhe sobre religião. Apenas, fez alusão a “passeios, corridas, ginástica, esgrima, canto e música.” O menino ficou com Dom Bosco, convivendo com bons companheiros, longe das más leituras e, sobretudo, através da influência da música, da declamação e de apresentações teatrais. Tudo isso concorreu

para que ele esquecesse a vida errada que tinha levado. Encantado com o clima de festa e de divertimentos, voltou a rezar com desenvoltura. Um dia, finalmente, resolveu confessar-se. “A partir daquele dia, sua vida mudou para melhor”. O jogo e a recreação estão na origem de sua recuperação educativa. Foi a espontaneidade da “vida do pátio” que fez esse pré-adolescente modificar a sua vida desordenada. Foi o jogo que o levou do pátio para a capela, a fim de se confessar com aquele educador, que jogava com ele como um amigo.

Eis a história de outro menino: Um dia, chegou a Valdocco um menino muito bem vestido. “Apoiado na grade do balcão, observava o recreio animado dos alunos. Falando com Dom Bosco, o pai relatou os desgostos que seu filho lhe havia causado. Frequentara determinado colégio e, ao



regressar para sua terra, fazia todo tipo de estripulia". Dom Bosco perguntou ao pai: "Ele quer mesmo ficar aqui?". Em seguida o chamou para uma conversa. Dom Bosco não tocou no assunto que mais lhe interessava, isto é, a salvação daquela alma. "Passou a falar das coisas que mais lhe agradavam, como somente ele sabia fazer. Isso deixou o garoto simplesmente encantado". "Ele sorriu, contou histórias e terminou por se afeiçoar a Dom Bosco."¹⁸

Dom Bosco não tocou no assunto religião. O ambiente educativo e, sobretudo, a "vida do pátio" é que iriam transformá-lo. O rio de meninos passava pelo pátio e desembocava na igreja. Depois de poucos dias, também ele procurou a igreja, mas, por mera curiosidade. "Idiotas", resmungou baixinho. Dom Bosco, no entanto, passou a usar uma das estratégias da "vida do pátio": confiou esse menino problemático a um grupo de colegas da Companhia de São Luis, uma espécie de grupo de jovens cuja finalidade era trabalhar para tornar melhores os próprios companheiros. "Esses meninos, durante as recreações, procuravam envolvê-lo nas conversas e nos jogos, para granjear sua amizade e afastá-lo de pessoas que pudessem, de algum modo, prejudicá-lo". Enquanto isso,

Dom Bosco rezava e pedia orações por ele. Foram decisivas, também, as palavras que ele escutou durante o jogo. "Os conselhos de seus novos e leais amigos, algumas daquelas palavras de Dom Bosco que deixaram marca no seu coração, aos poucos contribuíram para a sua transformação. E eis que um dia ele foi visto aproximando-se do confessionário onde Dom Bosco estava. Voltou da confissão transfigurado, com os olhos rasos d'água. Daí em diante, passou a ser um dos alunos mais exemplares.

Sabemos que Dom Bosco, desde os primeiros tempos, tinha como colaboradores seus melhores alunos. Como vimos, eles "trabalhavam em grupo, quer para programar a intervenção, quer para a execução. Jogavam com o jovem confiado a seus cuidados, para torná-lo amigo."¹⁹ É fundamental, antes de tudo, cativar a amizade e conquistar o coração. Além disso, eles procuravam mantê-lo afastado de quem era fraco como ele, e intervinham positivamente, conversando com ele, dando-lhe conselhos e sugestões. Eram conselhos amigos, em sintonia com as instruções dadas por Dom Bosco, o qual, como bom psicólogo, conhecia o poder educativo e transformador de uma boa confissão, desejada espontaneamente.

A "Idade de ouro" do Oratório

A expressão "Idade de ouro" aparece em vários autores salesianos.²⁰ Refere-se ao período que compreende os anos de 1853 a 1870, época em que a "vida do pátio" explicitou mais claramente suas características.

As datas foram estabelecidas pelo próprio Dom Bosco, numa carta escrita em Roma, no dia 10 de maio de 1884.²¹ O que contribuiu para criar o clima da "Idade de ouro" foi, certamente, a presença constante de Dom Bosco, que educava "fazendo ver como se fazia". Houve outros fatores: escolas e oficinas em regime de internato, que favoreciam a união; um bom grupo de jovens educadores que acompanhavam seus colegas e os ajudavam a melhorar sua vida.²² Nessa situação, era possível aplicar-se ao máximo o sistema preventivo, sob o duplo aspecto de prevenção e proteção.

Os meninos eram colocados na impossibilidade de encontrar-se em perigo e o ambiente educativo era rico de propostas, criativo, espontâneo e familiar. O ano de 1870 marcou o ocaso dessa época privilegiada.

Parece-nos que a primeira parte da vida de Dom Bosco contém o núcleo mais genuíno de sua práxis de "jogar para educar" e de "educar jogando".

O historiador salesiano, Pe. Eugênio Ceria, num estudo realizado por ocasião da beatificação de Domingos Sávio, descreve-nos a "vida do pátio" no Oratório daqueles tempos (1854-1857), colhendo testemunhos de pessoas que viveram na época. Eis como eram as coisas:

Antes de mais nada, reinava grande animação. Dom Bosco dava preferência às brincadeiras que exigiam movimento. Era um espetáculo a recreação do Oratório. Uma massa de jovens correndo, saltando, gritando, divididos em grupos de acordo com a variedade dos jogos. Destacavam-se, em meio aos jovens, as batinas negras dos clérigos e dos sacerdotes que dirigiam amigavelmente as partidas, tomando parte nas várias competições. Os superiores que se divertiam animadamente com os seus alunos não se rebaixavam, antes, conquistavam a confiança deles. Também Dom Bosco sempre se fazia presente, deliciando-se com aque-



las cenas, levando incentivo com a sua presença, às vezes tomando parte nas competições, sobretudo quando se fazia necessária maior animação. E assim foi até o ano de 1860.

No pátio, Dom Bosco realizava um verdadeiro trabalho educativo. De fato, quando ele não jogava, “metia-se no meio deles andando de um lado para o outro em meio ao jogo e à poeira. Os jogadores, suspendendo por um instante suas correrias, aproximavam-se dele para lhe beijar as mãos. Ele não deixava de lhes dirigir alguma palavrinha ou saía-se com frases espirituosas. Às vezes, sussurrava aos ouvidos deste ou daquele alguma palavra oportuna. Chegando assim de surpresa, a palavrinha produzia o efeito desejado.”²³

Uma página de Tiago Costamagna sobre a casa de Valdocco, no período de 1846 a 1864, descreve, com riqueza de detalhes como agiam os educadores, crescidos na escola de Dom Bosco e que participavam dos jogos com animação, juntamente com seus alunos.

Leia-se: Costamagna.

Era uma vida repleta de novidades, muito movimento e muita alegria. Corria-se, brincava-se, fazia-se brincar os outros. Era de se ver a energia que se desprendia daquela massa de jovens quando comparecia no meio deles o padre Francesia, que gozava da estima de todos. O “Célebre” como o apelidava Dom Bosco, era quem organizava o “jogo das profissões” e o do “burro voador”. Os meninos também vibravam quando aparecia o padre Celestino Durando que, com sua trombeta, reunia os jovens para a loteria e proclamava os nomes dos premiados. Muita vibração também quando, finalmente, apareciam os clérigos mais corajosos, ou seja, Sávio, Bonetti, Turchi e outros mais, que desafiavam em várias modalidades de jogos quantos alunos quisessem competir com eles. Uma só partida, às vezes, chegava a durar dias consecutivos. O próprio Dom Bosco,

Leia-se: Franchésia.

Leia-se: Türqui.

Leia-se: Cavilha.

frequentemente, era solicitado pelos jovens para tomar conta dos prisioneiros. Após o jogo da barra-bandeira, vinham outros mais, tudo conforme a estação e os costumes.”²⁴

Aquele mesmo Cagliero que, por pouco, não foi mandado de volta pra sua casa “por causa daquele prazer maluco de querer ver os charlatães” é apresentado como um dos melhores animadores da “vida do pátio” e um dos mais insignes educadores, segundo o Sistema Preventivo.

“Ainda me parece correr atrás do corajoso e esperto padre Cagliero que, na época, exercia o cargo de sacristão, pregador e organista na igreja de São Francisco de Sales. Deixando o órgão ou o púlpito, ele saltava nas paralelas de ginástica, nas barras fixas ou subia de um só fôlego a escadaria do Oratório até o quarto andar, apoiado numas pernas de pau de um metro, e descia ligeiro para o pátio, caminhando sobre uma única perna de pau e, manejando e manobrando a outra no ar, arrastava atrás dele todo o Oratório.”²⁵

Nos pátios de Valdocco havia, portanto, uma grande variedade de jogos e tinha-se muita liberdade. Os educadores se sentiam, porém, na obrigação de manter todos os jovens ocupados em alguma atividade recreativa, e de animar a recreação. Arrastavam sem, porém, obrigar. Se não conseguiam atrair os jovens para que participassem de um determinado jogo, podiam, então, fazê-los interessar-se por outro tipo de recreação.

“Acontecia, às vezes, encontrar-se um grupo de jovens num canto do pátio, interessados em escutar algum clérigo que lhes contava histórias edificantes, ficando os pequenos ouvintes presos a seus lábios. Cantava-se, ria-se em toda parte, como se fora uma festa interminável. É que, entre superiores e alunos, reinava grande cordialidade e havia muita confiança.”²⁶

As festas do Oratório na “Idade de ouro”

O padre Alberto Caviglia, baseado na própria experiência, escreveu: “Para se compreender e se ter uma verdadeira ideia do tipo de vida do Oratório, deve-se, antes de mais nada, imaginá-lo como uma multidão de jovens em movimento

de alegria e de jogo, de espontânea e sorridente festividade.”²⁷

O ritmo educativo do Oratório era medido pelas grandes festas que aconteciam frequentemente, de tal modo que, quando uma festa

terminava, imediatamente surgia a expectativa de outra. O Oratório vivia, quase sempre, em clima de festa.²⁸ Festas que tinham conteúdo pedagógico específico e eram inseridas no calendário anual. Anunciadas com antecedência, e descritas como importantes e excepcionais, começavam já com os preparativos da banda, do teatro, da ornamentação da igreja e enfeites do pátio, com os dias de preparação espiritual dos alunos, sem se esquecer a confissão.²⁹ Toda festa tinha o seu “momento de igreja” e o momento “fora da igreja”. Tudo, porém, se fundia num único projeto. Para Dom Bosco, todos os elementos eram essenciais para se “fazer o Oratório”.

Em Valdocco, nunca se realizou uma festa religiosa solene sem que houvesse atividades “fora da igreja”, isto é, jogos e divertimentos extraordinários. Por outro lado, a tendência era que, mesmo as festas profanas, como o carnaval, entrassem na órbita desse projeto global, assumindo uma correspondente feição religiosa.³⁰ Nessas festas, ao saírem da igreja, os meninos sempre encontravam alguma surpresa, como, por exemplo, pão com salame, algum doce, algum livrinho ou santinho. Seja como for, a alegria que começava na igreja prolongava-se durante a recreação espontânea e ruidosa. Como coreografia havia o “exército” de Brósio, o “bersagliere”, com seus fuzis de brincadeira, e a banda. É assim que o próprio Brósio descreve uma festa, quase fotografando a realidade da “vida do pátio”: “Havia corrida de sacos, jogos de prestidigitação, evoluções militares, ginástica, fontes de onde jorravam águas coloridas devido ao produto químico que se jogava nelas”. Além disso, havia outras coisas mais. Os divertimentos mais comuns eram numerosos. Debaixo de uma grande tenda, ficava a “despensa”, onde eram distribuídos balas, chocolates, frutas, sucos, etc. Em outros pontos do pátio havia pequenas “cantinas” ambulantes, para a comodidade dos compradores.

Um arco triunfal, preparado com ramos de árvores, era armado no meio do pátio. Ao cair da tarde, ele era iluminado com luzinhas e a festa se encerrava com belíssimos fogos de artifício e com muitos aplausos para Dom Bosco. “Dentro do pátio, mais de mil jovens, dos quais uns 300 com mais de 20 anos, não criavam o menor problema, mas andavam todos de acordo e bem unidos, como verdadeiros irmãos.”³¹

Pela tarde, a festa era um suceder-se de várias atrações. Havia evoluções militares com

os meninos do Oratório, comandados pelo “bersagliere”, em conjunto com a Guarda Nacional. Constava também da festa a procissão do santo homenageado. Naturalmente, a banda acompanhava, tocando em ritmo compassado, quase em surdina, todo o acontecimento. Vamos dar a palavra a um cronista do jornal *Armonia*:

Noutra sala vão-se acomodando os espectadores. Acendem-se as tochas, a orquestra entra em ação. Levanta-se a cortina do palco. E eis que aparecem os alunos de Dom Bosco, transformados em personagens de teatro, preparados para representar com brio e desenvoltura indizível. São atores cômicos com seus gracejos, capazes de superar até os mestres na arte de fazer rir. Há quem faça o papel de um pai verdadeiro, de um velho criado doméstico, e até de um barbeiro que canta maravilhosamente. O público aplaude com entusiasmo e gostaria que o espetáculo se prolongasse por mais tempo. O divertimento chega ao fim quando se escuta um barulho repentino, o espocar de foguetes. Cortado o fio que o mantinha preso, solta-se o balão que ganha as alturas e se perde entre as nuvens, enquanto a multidão, baixando o olhar, bate palmas.”³²

Pela tarde e à noite das grandes festas “Dom Bosco encontrava sempre novas maneiras para divertir os seus jovens. Havia jogos reservados somente para as grandes ocasiões.”³³ Eis alguns, praticados nas grandes festas: corridas de saco, quebra-panela, pau de sebo, plano inclinado, jogos de malabarismo e de ilusionismo, roda da fortuna, loterias, etc.

Em 1856, Dom Bosco organizou, contemporaneamente com as comemorações festivas do Município, uma grande festa, para evitar que “os jovens externos fossem às praças e aos barracões da cidade participar de diversões perigosas.”³⁴

Ele conseguiu uma grande quantidade de salame, de pão e de pequenas garrafas de vinho. Pendurou tudo em um barbante, enfeitando o pátio como se fossem grinaldas. Era, realmente, um espetáculo bonito e uma surpresa inesquecível.³⁵ Para ele, as festas deviam sempre trazer alguma novidade. Era também importante uma coreografia apropriada, que desse o tom ao ambiente.

As festas do Oratório tinham, certamente, a finalidade de atrair os meninos, prevenindo-os contra o ócio e afastando-os de divertimentos perigosos. Ao mesmo tempo, eram oportunidades valiosas para ocupar os jovens em coisas interessantes e, através delas, desenvolver sua criatividade, dando-lhes a oportunidade de expressar os próprios dotes esportivos e artísticos.

Todos, na festa, atuavam como atores e protagonistas, tanto na preparação quanto na execução. Para Dom Bosco, era importante que seus meninos participassem das bonitas funções da igreja, demonstrando nessas ocasiões a mesma espontaneidade, alegria e entusiasmo que manifestavam por ocasião dos jogos.

Dom Bosco era sempre a alma da festa, fiel ao princípio de que o educador deve participar dos jogos com o educando para lhe conquistar o coração. Por isso, ele se colocava no centro de qualquer divertimento, não apenas pensando

“No domingo seguinte (...) – escreve Dom Bosco – espero fazer uma grande festa em honra de S. Francisco de Sales. Fazei-me uma festa, a melhor que se possa desejar, isto é, que todos naquele dia façam a sua comunhão. Quando fizerdes festas desse tipo, o resto é o menos”. (CERIA, Eugenio. *Epistolario*, v. II, p. 71-71).³⁶

e projetando as festas, mas fazendo questão de ser o primeiro a animá-las. Animava as corridas, os quebra-panelas, as loterias e, sobretudo, os jogos de prestidigitação e de habilidade. E isso fazia não porque não tinha colaboradores que o ajudassem, mas, porque esse jeito ativo de participar pessoalmente e como animador da festa era parte essencial do seu estilo de educar.



CAPÍTULO IX O PONTO CULMINANTE DE UM MÉTODO EDUCATIVO

Um meio muito eficaz

Pietro Braido diz que os escritos de Dom Bosco apenas nos dão uma pálida ideia daquilo que era a “vida do pátio” de Valdocco. E acrescenta:

Não encontraremos nada codificado em relação ao que Dom Bosco fez de concreto e de maneira extraordinária para tornar as férias animadas e atraentes, com a organização do turismo jovem e das excursões, nas formas mais abrangentes e imprevisíveis, em clima de improvisação e de otimismo. Pelas colinas do Monferrato, pela região de Langhe e noutras mais, a comitiva de seus jovens e de seus educadores dava a impressão de estar caminhando ao léu, ou de estar fazendo teatro ambulante ou turismo didático ou, ainda, de peregrinação religiosa.¹

Como Mário Restagno, também estamos convencidos de que os passeios são “momentos” culminantes da atividade educativa de Dom Bosco, o qual, também nessas ocasiões, vivia em estreito contato com os jovens.² A tendência para fundir jogo, cultura, festa e música, elementos típicos dos passeios, revelava em Dom Bosco uma aspiração de unidade profunda na ação e na proposta educativa, de tal modo que os passeios se tornaram o “ponto culminante” do método bosquiano de educar com o jogo e durante o jogo.

Além dos grandes passeios do outono, devem-se levar em conta as pequenas excursões que ocupavam meio dia ou um dia inteiro, já nos anos de Chieri, realizados em companhia dos colegas da Sociedade da Alegria.³

Quando Dom Bosco iniciou o oratório ambulante em Turim, frequentemente levava seus meninos em “amenos passeios fora da cidade, a lugares onde eles pudessem divertir-se a valer”⁴ Os passeios eram, então, uma necessidade absoluta. Procurava-se um pátio, de preferência um lugar deserto, onde eles pudessem divertir-se à vontade, sem limites para sua alegria ruidosa e sem que fossem expulsos por estarem incomodando outras pessoas.

Em 1846, duas grandes excursões já se assemelhavam aos passeios extraordinários de outono: uma ao Santuário de Superga e a outra ao Monte dos Capuchinhos.⁵ Um passeio chegou a se tornar o símbolo da eficácia do Sistema preventivo de Dom Bosco. Foi o passeio com 300 detentos da “Generalá”, realizado como prêmio do retiro espiritual e levado a cabo sem a intervenção de guardas e sem restrições de nenhum tipo. À tardinha todos retornaram para a prisão.⁶

Com razão, Dom Bosco incluiu no opúsculo sobre o Sistema preventivo os passeios, considerados “meios efficacíssimos” para obter disciplina e moralidade, além de benefícios para a saúde física.⁷

Os grandes passeios do outono

São assim chamados os passeios das férias do outono, realizados nos anos de 1859 a 1864,

sempre anunciados e preparados com antecedência.

Preparação

O anúncio era feito de tal modo que, com poucas palavras, ditas ou apenas acenadas, criava-se um clima de entusiástica expectativa, de curiosidade e comprometimento emotivo e prático.

Ao anúncio de Dom Bosco, o oratório transforma-se naquilo que hoje se definiria um autêntico laboratório músico-teatral,⁸ tomado por um delírio alegre e positivo de preparativos, um momento de livre expressão criativa.



As festas do Oratório despertavam nos jovens o maior entusiasmo.



Esse tempo de preparação podia durar um mês, quinze dias ou até menos. Eram ensaiadas peças teatrais e músicas, já executadas durante o ano. Todos os jovens se transformavam em aspirantes a protagonistas. Cada um procurava

esmerar-se em sua conduta, para merecer estar entre os escolhidos. E isso motivava de tal modo os rapazes que eles se colocavam à disposição de Dom Bosco como matéria fácil de se plasmar para o bom êxito do jogo que envolvia a todos.

A caminhada educativa

O momento da caminhada, que pode parecer insignificante à primeira vista, era transformado por Dom Bosco em momento educativo comunitário de convivência alegre, de recreação e jogo.

Aqui, um grupo de jovens cantava, em coro, uma canção; mais adiante, uma trompa dava o sinal para as manobras ou para chamar a atenção. Mais longe ainda, se ouvia o som de quatro ou cinco trompas marcando o passo acelerado dos "bersaglieri". O bumbo fazia o seu papel, sem interrupção, e, às vezes, alguma pancada mais forte fazia a vaca ou a ovelha que pastava no campo correr em disparada. Na retaguarda, seguiam os que transportavam o material para o teatro, como cenários, bastidores, palco, etc. Dom Bosco vinha por último.⁹ "Ele aproveitava esse momento para dialogar com os meninos, os quais, porfiando em acompanhá-lo por aquelas longas estradas, tinham oportunidade de lhe abrir seus corações. Algumas vezes, todo aquele tempo ele o reservava para um único jovem."¹⁰

O caminhar junto com os jovens era o eixo e a "alma do passeio". Narrando episódios da História da Itália ou da História da Igreja,¹¹ Dom Bosco dava-lhes a impressão de que o caminho não era tão longo. Falava, também, das características do lugar, de sua história e origem, dos fatos ali acontecidos e das pessoas famosas que tinham habitado naquela região ou por lá haviam passado. E tudo isso com muita animação, como se fosse um jogo, e com admirável sabedoria.¹² Ele era capaz de falar sobre os mais variados assuntos. Frequentemente, contava histórias engraçadas acontecidas com ele, instruía sobre coisas práticas, falava, também, sobre a confissão e passava de um assunto para outro com toda naturalidade.¹³

Assim como acontecia no pátio, também nos passeios ele contava com a ajuda de jovens colaboradores que, com sua vivacidade, levavam animação a toda a caravana.

"Quando Dom Bosco não podia estar com os jovens, era substituído por Carlos Tomatis, protagonista e alma de todas as brincadeiras que faziam os jovens estarem sempre muito alegres. Dom Bosco, que não suportava caras fechadas nem tristeza, manifestava toda a sua satisfação. E Tomatis, sabendo disso, provocava nos jovens risos e aplausos que chegavam às nuvens."¹⁴

A permanência nas localidades

Nas localidades por onde passavam, os meninos do Oratório faziam as mesmas apresentações exibidas em Valdocco. Festa na igreja e festa fora da igreja. Era uma festa realmente popular.¹⁵

Cada passeio tinha um verdadeiro "script" e os jovens o interpretavam muito bem.

• Havia rituais para a entrada, a travessia e a saída da aldeia

Cobertos de poeira, após caminharem uma dezena de quilômetros, às vezes debaixo de chuva, isso não importava. Os primeiros aguardavam

os últimos e, juntos, faziam a apresentação de "entrada", com a banda à frente.¹⁶ Frequentemente, eram recebidos pela população e autoridades do lugar. E até sucedia bimbalharem os sinos...¹⁷

• A animação da liturgia: o lúdico e o religioso intimamente unidos

"Para Dom Bosco, esses passeios se transformavam em verdadeiras missões de apostolado" em favor do povo. E, para os meninos, era uma espécie de "exercícios espirituais" ou de aulas de campo. Com Dom Bosco, chegava a cada lugar a

alegria da banda e do teatro, mas também chegava a alegria e o espetáculo das funções solenes da igreja. Em muitos lugares “as pessoas não paravam de se admirar por verem juvenzinhos piedosos, recolhidos e tão devotos, os mesmos que, na noite anterior, haviam distraído todos com música, cantos e tantas brincadeiras, com cânticos e sons”.

A característica do Oratório de Dom Bosco é mesmo essa: uma religião encarnada na vida dos meninos que têm, por natureza, necessidade de se divertir. O aspecto lúdico e o momento religioso, para Dom Bosco, deviam estar intimamente unidos. Assim sendo, os jovens não tinham nenhuma dificuldade em passar da recreação para a igreja e vice-versa.¹⁸

• **A especialidade dos meninos do oratório: canto, banda, e teatro de animação**

“A música e o teatro, – escreve Mario Restagno –, eram uma espécie de pagamento pela visita da caravana do oratório: os jovens retribuía a hospitalidade com um pouco de sua arte, à tarde, na praça da aldeia ou no pátio de algum castelo ou fazenda, divertindo ou comovendo o povo”.¹⁹

Nos passeios, não havia somente o canto litúrgico, mas também o canto recreativo. Os meninos cantavam frequentemente algumas canções alegres e populares, tanto nas paradas, quanto na caminhada. A verdadeira protagonista da música sacra ou recreativa era sempre a banda. “Tocava por toda a parte, na estrada, nos entretenimentos, na igreja”.²⁰

Outra marca forte eram as representações teatrais. Em particular, um teatro que se chamaria hoje “de animação” e que se pode aproximar do gênero da comédia artística. O lugar normal para representar era a praça ou um pátio fechado, cujo palco era construído ao ar livre, num piscar de olhos.²¹

As apresentações, muitas vezes, eram em dialeto piemontês e, quase sempre, tinham a marca da comicidade. O incomparável intérprete de Gianduia era Bongioanni. Tomatis e Carlos Gastini, o “menestrel de Dom Bosco”, formavam uma dupla incomparável. Para eles, não havia problema algum em montar uma farsa com poucos elementos. “Dirá alguém: palhaçadas! É verdade, mas tais representações deixavam sempre e por toda a parte uma grata recordação.”²²

Componente importante desses entretenimentos eram as operetas musicais e as romanças, escritas por um “filho do oratório”, o Pe. João Cagliero.²³

Todo o povoado, muitas vezes, assistia às representações.

O passeio e as representações eram um acontecimento coletivo, cujo sucesso cabia a todos, indistintamente, mesmo àqueles que não estavam empenhados diretamente no palco, na banda ou no coro. Cada um sabia entrar num arranjo complexo, que fazia do intercâmbio de papéis o instrumento do sucesso. Todos eram, portanto, chamados a ser protagonistas, com grande variedade de papéis: atores, cantores solistas, coro, instrumentistas da banda, declamadores, etc. O passeio ou o palco não era, entretanto, um espaço para gratificações pessoais, mas lugar de comunicação gratuita e recíproca. Na despedida da aldeia, fazia-se uma pequena festinha improvisada, em agradecimento ao anfitrião: uma mistura de música, cantos, poesias de ocasião e brincadeiras.²⁴

A composição de agradecimento e algumas estrofes de ocasião eram escritas, às vezes, por Dom Bosco, que as fazia declamar por um menino. Mas, frequentemente, também entre os meninos havia algum poeta improvisado.

A banda tinha a última palavra. Ecoavam as trombetas: era hora de partir. “Recitava-se” a saída da aldeia.²⁵

• **Também no passeio havia a recreação característica do oratório**

Várias eram as modalidades de recreação durante os passeios. Muitas vezes, os meninos iam respirar o ar puro nos bosques vizinhos, andar nos campos ou explorar a região. Iam também “às granjas dos arredores para comprar nozes, leite, ovos” ou visitavam amigos de escola que estavam de férias.²⁶ Era divertido, também, ajudar na colheita das uvas.

Visitavam espontaneamente os monumentos do lugar, devendo ir, sempre, em grupos, com o consentimento de Dom Bosco, e retornar pontualmente para juntar-se aos demais. Quando chovia, a recreação era realizada em lugares fechados e consistia em cantos, música ou representação de alguma peça teatral.²⁷

Lemoyne observa que se faziam recreações com os jogos típicos do Oratório: “Após a ceia, os alunos participavam de uma alegre recreação no pátio de seu alojamento e, visto que acorriam muitas pessoas para observá-los, quando se dava o toque da campainha, chamando para as orações, também elas se ajoelhavam para rezar com os meninos. Eram arrastadas pelo bom exemplo.”²⁸

Um verdadeiro turismo cultural

Já foi dito que Dom Bosco amenizava a caminhada com histórias interessantes. Ele levava os meninos para visitarem as fontes de águas termais e para verem o mar ou o rio Pó. Em Gênova, levou-os a conhecer o porto e proporcionou-lhes um passeio em mar aberto, para conhecerem um navio de guerra.²⁹ Fê-los conhecer técnicas avançadas, como as de uma adega famosa. Se, pelo caminho, deparavam com algum castelo ou santuário, aí se fazia uma parada cultural. Dom Bosco discorria sobre páginas da História e sobre batalhas, como a de Marengo,³⁰ onde pararam para uma visita ao museu.

Dom Bosco indagava pessoas idosas, que haviam testemunhado algo importante. Comovente, por exemplo, é o relato que os meninos conseguiram da marquesa Passalacqua, a qual enalteceu os feitos de seu marido, o famoso general que tombou heroicamente na batalha



Para Dom Bosco, passeios e caminhadas eram importantes recursos educativos.

de Novara.³¹ Nos lugares e povoados onde havia igrejas artísticas ou monumentos, a visita era obrigatória, e Dom Bosco discorria sobre a arte, com uma explicação cheia de vivacidade e adaptada à compreensão dos meninos.³²

Todo passeio é um “grande jogo”

No livro *Brinquemos de teatro*, Marcos Bongioanni escreve: “É preciso levar em conta que aquele tipo de excursões não oferecia apenas alguma oportunidade para se jogar. Elas eram, de per si e por sua natural estrutura, um grande jogo, quase como aquele que, nos países germânicos, costuma-se chamar de *Laienspiel*. Incluíam o teatro, mas não tanto, porque aquelas representações, por sua vez, faziam parte do jogo, que exercia grande influência na vida.”³³

Os grandes passeios de outono eram, portanto, um grande jogo, no qual se dramatizavam até mesmo os acontecimentos mais irrelevantes. Quando se parava na casa do pároco de Castelnovo, à espera da polenta, era um verdadeiro espetáculo. Ao som dos instrumentos da banda, todos os meninos se punham a cantar num verdadeiro coro. “Era preciso receber com as devidas honras” sua majestade, a polenta. Era uma cena realmente “saborosa.”³⁴ Até os contratempos acabavam por se tornar um espetáculo.

As noites eram animadas por Tomatis, que dialogava com os cachorros, perturbando o seu dono. “Até à meia-noite durava a comédia e os jovens, para não se fazerem perceber, sufocavam com dificuldade as gargalhadas”. Em seguida, Tomatis imitava muito bem as vozes de todos

os animais, tanto que parecia estar-se na arca de Noé. Os meninos divertiam-se também representando alguma peça interessante. Às vezes, apresentavam um programa extra, como o fez Enria, num diálogo improvisado com um sacristão embriagado.³⁵

Dom Bosco era a alma de tudo isso: ele era o regente e o animador principal, que pensava em tudo e em todos. E dedicava-se de corpo e alma àquele trabalho educativo que, de costume, acontecia no palco durante as recreações: conhecer os meninos, diagnosticar, corrigir e acompanhar um por um. O passeio era, portanto, um momento privilegiado para essas intervenções educativas. Embora Dom Bosco primasse pela organização, nos passeios, contudo, permitia aos meninos ampla liberdade para que eles pudessem criar e exprimir os próprios talentos.

Assim, os meninos iam crescendo sob a guia de Dom Bosco e, ao mesmo tempo, acostumando-se a ter responsabilidade. Um senhor, depois de observá-los, saiu-se com essa: “Fazem tudo com muita ordem, numa aparente desordem.”³⁶ Dom Bosco não era favorável a deixar tudo na base da improvisação, mas não queria, para a ação educativa, uma programação tão rigorosa que levasse a substituir o relacionamento pessoal por



uma lei fria e excessivamente severa. O menino deve ser animado, nunca submetido a um regime que lhe é imposto.

Nesses passeios, com efeito, os imprevistos estavam na ordem do dia. Ele, porém, nunca optou pela punição ou por uma prevenção obsessiva. Preferia “ser a alma do passeio” e queria tão somente conquistar os corações durante esse “grande jogo”. Sabia que, com paciência, tudo poderia ser alcançado, porque os seus meninos lhe queriam bem.

Mário Restagno escreve: “Não se tem notícia de que Dom Bosco jamais tenha sido constrangido a interferir para corrigir, seja como for, no comportamento desses jovens. Nas comédias, deixava ampla liberdade para que atuassem, sempre, porém, de maneira responsável. O teatro deles, mesmo quando improvisado, nascia e se desenvolvia em perfeita sintonia com o projeto educativo de Dom Bosco, o qual sempre deixava fazer”.³⁷

Os grandes passeios do outono não eram realizados somente com o intuito de procurar o bem da saúde. Na realidade, constituíam um

método típico de educar pelo jogo e durante o jogo, de “jogar para educar”, e de educar jogando. Eles não eram outra coisa senão a “vida do pátio” ampliada e levada à sua máxima expressão de liberdade espontânea e criativa, em que o Sistema preventivo era aplicado integralmente e da melhor maneira.

Os passeios serviam, é verdade, para prevenir muitos perigos, sobretudo, fazendo com que os jovens ficassem ocupados com as mais diversas iniciativas, destinadas, inclusive, a criar uma nova cultura popular e juvenil. Cultura elaborada pelo próprio Dom Bosco e seus meninos, que se tornavam poetas, escritores de peças teatrais, músicos e pintores.³⁸

Os passeios de outono podem ser considerados um “grande jogo” também porque têm o poder de seduzir, isto é, atrair os meninos para o ambiente educativo do Oratório. Alguns deles juntavam-se à caravana do Oratório, decidiam ficar com Dom Bosco e não queriam mais voltar para casa.³⁹

CAPÍTULO X FIEL ATÉ O FIM À EDUCAÇÃO COM O JOGO E DURANTE O JOGO

Em 1870, Dom Bosco fundou o primeiro colégio fora do Piemonte, em Alássio, na Ligúria. Era o início de uma nova época. De educador e mestre das atividades próprias do pátio, ele se tornava também fundador de obras. Naquele ano, ele teve de limitar sua participação na “vida do pátio”, quer pela idade, quer pelos muitos compromissos: construção da igreja de Maria Auxiliadora, em Turim, e do santuário do Sagrado Coração, em Roma; viagens a Roma e pela Europa; expansão mundial da Congregação; fundação de uma outra família religiosa, as Filhas de Maria Auxiliadora; fundação dos salesianos cooperadores; intensa atividade de escritor e editor, etc.

Um episódio nos mostra claramente como, por toda a vida, Dom Bosco sempre valorizava o método de educar por meio do jogo. Hóspede do Cardeal Tosti, em Roma, discorria com ele sobre educação.

– Veja, dizia ele, é impossível educar os jovens se eles não têm confiança nos superiores.

– E como se consegue essa confiança?

– Procurando fazer com que eles se aproximem de nós, retirando todo e qualquer obstáculo que os afaste.

– E como fazer para aproximá-los de nós?

– Indo a eles, procurando gostar do que eles gostam, fazendo-nos semelhantes a eles. Quer que façamos uma prova?

Partiram na carruagem para a Praça do Povo. Dom Bosco saltou. Aproximou-se de um grupo de meninos que estavam jogando. Todos fugiram. Então, Dom Bosco os chamou com boas maneiras. Eles se aproximaram. Deu-lhes um pequeno agrado de presente, pediu informações sobre eles, perguntou que jogo estavam praticando e qual o jogo de que mais gostavam. Dom Bosco pôs-se a jogar com eles, animando a recreação. Apareceram meninos de todas as partes, atraídos pela curiosidade. A cada um dirigia uma palavra e lhe oferecia algo.

– Viu? Perguntou Dom Bosco ao cardeal.¹

O método de educar com a “vida do pátio” não é uma questão de meios ou de ambientes bem equipados; é, sim, uma questão de mentalidade e, na sua essência, se reduz a um educador que, com amizade, participa dos jogos junto com os meninos”.

“Existe um elo natural, instintivo, entre Dom Bosco e o jogo. Como escreve D’Acquino, sua inclinação para o jogo, que vem desde a infância, é uma psiqué lúdica.² Ele teve sempre um grande desejo de brincar e de jogar. “Nunca passou um dia, pode-se dizer, sem que suscitasse hilaridade nas reuniões, ao falar para os alunos, nos grupos de jovens e de salesianos que se formavam em volta dele, nas viagens, nas casas, nos palácios dos ricos, enfim, onde quer que aparecesse. Sendo ele atento observador de tudo, dispunha de um enorme repertório de fatos interessantes.³ Nunca lhe faltou o senso de humor. Até durante a sua última enfermidade, brincava com a própria dificuldade para respirar e dizia: “Se pudessem encontrar-me um fabricante de foles que viesse consertar os meus, tu me prestarias um ótimo serviço”.

As últimas palavras que dirigiu ao Pe. Miguel Rua são uma síntese do seu Sistema preventivo: “Esforça-te para seres amado.”⁴ Disse isso exatamente àquele padre Rua, a quem antes havia escrito: “Faze o possível para estares no meio dos jovens durante todo o tempo da recreação.”⁵

Na madrugada do dia 31 de janeiro de 1888, Dom Bosco expirava, deixando como herança preciosa o seu exemplo de grande educador.



Até no leito de morte Dom Bosco recomendou a seus educadores o amor aos educandos.



O pequeno camponês dos Becchi recebeu, no fim de seus dias, a gratidão de quantos o conheceram.



Hoje, junto à casa, mãe da obra salesiana, sob a benção da Auxiliadora, a Mestra do sonho dos 9 anos, a estátua do grande educador em meio aos jovens.

SEGUNDA PARTE

ESCRITOS DE DOM BOSCO

COMO FAZER DO JOGO UM MEIO EDUCATIVO



Dom Bosco, apóstolo da imprensa.

CAPÍTULO XI DOM BOSCO ESCRITOR

Um grande pedagogo na teoria e na prática

Quando se tratou de inserir Dom Bosco no elenco dos mestres da Pedagogia, o filósofo Gentile declarou que ele “era um grande educador, cujos escritos seriam procurados em vão.”¹

No entanto, um trabalho de Pietro Stella, intitulado *Os escritos de São João Bosco*, faz uma listagem de cerca de 1.174 títulos publicados por ele.² As obras mais alentadas são em torno de 150, e algumas delas tiveram êxito extraordinário, chegando a 40, 70 e até 600 edições.³

Pietro Braido assim resume a situação da pesquisa atual:

Parece que existe um comum acordo, ao menos em excluir as duas soluções extremistas que querem fazer de Dom Bosco ou um mero educador prático, sem a mínima preocupação de repensar as motivações ideais e as consequências de sua ação educativa ou, pelo contrário, um pedagogo teórico, autor de explicações sistemáticas sobre o fato educativo.

Também aqui, neste caso, a verdade está no meio. Seja como for que se queira interpretar o caráter e o nível de sua reflexão, é evidente que Dom Bosco teve sempre a mais clara convicção das razões do seu sistema, que em diversas oportunidades expôs de viva voz e por escrito, esforçando-se para transmitir a seus continuadores inspiração e maneiras de como agir.

*Existem, portanto, escritos pedagógicos de Dom Bosco que determinam, embora não de forma rigorosamente sistemática, em grau científico, ao menos no que diz respeito à parte mais importante – orientações do seu método, que ele denominou de preventivo, as características que o distinguem, as razões e as instrumentações mais comuns.*⁴

Podemos afirmar que todos os seus escritos têm cunho educativo, porque foram criados com

a intenção de educar os jovens e o povo.

A relação entre os escritos e o “sistema preventivo” pode ser resumida assim:

*Dom Bosco, não obstante suas muitas publicações, não deu a nenhum de seus escritos, em particular, a exposição sistemática de sua concepção pedagógica ou, pelo menos, as linhas mestras que levassem à sua prática educativa. Por isso, para se obter a reconstrução exata de suas idéias, torna-se necessário recorrer a todas as demonstrações disponíveis. A rica seara de escritos poderia até resultar incompreensível ou mesmo fora de lugar, do ponto de vista pedagógico, se não se levasse em conta a personalidade de Dom Bosco e a vida concreta das instituições por ele fundadas e governadas.*⁵

Grande e genial educador, Dom Bosco não foi um “pedagogo”, no sentido teórico da palavra. Seus escritos de pedagogia, ao contrário, “parecem transcrever e, de alguma forma, codificar prevalentemente um sistema educativo prático, uma arte educativa dinâmica, e não constituir sua fundação científico-sistemática.”⁶

Entre os seus escritos mais apropriadamente considerados pedagógicos, escolhemos alguns, particularmente significativos para o nosso tema:

- o livro de práticas de piedade intitulado *O jovem instruído*;
- os regulamentos;
- as biografias de Sávio, Magone e Besucco;
- duas cartas: uma dirigida a Dom Rua, e a famosa carta de 10 de maio de 1884, escrita em Roma.

A obra *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales a partir de 1815*, que são uma autêntica “pedagogia em forma de relato”, nós a inserimos na primeira parte deste trabalho, como elemento essencial e indispensável para descrever a praxe de Dom Bosco na “vida do pátio”.

CAPÍTULO XII “O JOVEM INSTRUÍDO”



O jovem instruído teve inúmeras edições, com milhões de exemplares, em diversos idiomas. (Reprodução de uma antiga edição italiana).

Origem do livro e sua importância para nosso tema

O jovem instruído foi impresso em 1847, pela Editora Marietti. “Durante a vida de Dom Bosco foram publicadas mais de 122 edições de aproximadamente 50 000 exemplares cada uma, como atesta o padre Miguel Rua. Se levarmos em conta as traduções em espanhol, francês, português e outras línguas, se ultrapassa de muito a cifra de seis milhões de cópias.”¹

O livro era parte essencial daquilo de que qualquer menino do Oratório necessitava. Com uma pitada de poesia, escreve Lemoyne: “*O jovem instruído* foi sempre o companheiro inseparável dos jovens mais bem comportados, em todas as circunstâncias da vida. Durante o dia, eles o conservavam no bolso do paletó e até de noite o guardavam entre o colchão e o travesseiro, apoiando sobre ele sua cabeça. Muitas vezes, alguns deles, na hora da morte, na falta de algum sacerdote, pediam que alguém, entre os presentes, fizesse sua leitura.”² A importância desse livro aparece, também, no trabalho elaborado por Pietro Stella:³ “o primeiro preconceito a ser descartado é julgar que *O jovem*

instruído seja, simplesmente, um manual de devoção. Ele é um método de vida.”⁴ Aliás, é o que diz o próprio Dom Bosco no prefácio:

“Eu vos quero propor um método de vida cristã, que seja, ao mesmo tempo, alegre e prazeroso, apontando os verdadeiros divertimentos e o prazer verdadeiro, de tal modo que possais dizer como o santo profeta Davi: ‘Servamos o Senhor em santa alegria’: Servite Domino in laetitia. Tal é, precisamente, a finalidade deste livrinho: servir ao Senhor e estar sempre alegres.”⁵

Pietro Stella, falando da importância desse livro, escreve: “Fruto da primeira atividade sacerdotal e literária de Dom Bosco, encontramos aí o programa de santidade juvenil, concebido e formulado por ele. Em *O jovem instruído* encontra-se o germe e, mais que isso, a própria planta já desenvolvida, com suas principais ramificações.

Definamos, portanto, sem mais, *O jovem instruído* como o programa e a proclamação da espiritualidade proposta por Dom Bosco aos jovens, aos quais o santo se mantém fiel, até o último dia

de sua vida. Em *O jovem instruído*, ele foi buscar inspiração para a compilação de outros escritos de cunho ascético-educativo. Sobre tudo, as suas inúmeras palestras para os jovens.⁶

Engana-se quem pensa que jogo e virtude são incompatíveis

Em toda a sua vida, Dom Bosco mostrou como é falso supor que santidade é uma vida sem qualquer tipo de divertimento.

*Dois são os ardis principais com os quais o demônio costuma afastar os jovens da virtude. O primeiro é convencê-los de que, para servir a Deus é preciso levar uma vida austera, evitando-se todo e qualquer tipo de divertimento e prazer. Tal coisa não é verdade, caros jovens!*⁷

A motivação e a justificação disso têm fundamento teológico. Dom Bosco o afirma, servindo-se de um axioma, à maneira de slogan: “O jogo agrada ao Senhor”.

*Certa ocasião, São Luis Gonzaga, enquanto brincava com seus colegas, foi interrogado sobre o que faria se, naquele momento, fosse avisado por um anjo de que, dentro de quinze minutos, o Senhor o chamaria à sua presença; prontamente, respondeu que continuaria brincando, porque, disse ele, tenho certeza de que o divertimento agrada ao Senhor.*⁸

O menino triste, portanto, é aquele que vive longe do Senhor, fonte do verdadeiro prazer e da alegria exuberante.

Há quem diga que se começarmos a servir agora ao Senhor, terminaremos por nos tornar tristes. Não é verdade. Triste é aquele que serve ao demônio. Por mais que se esforce para se mostrar contente, ele terá sempre o coração a chorar, dizendo-lhe: Tu és infeliz porque és inimigo de Deus. Quem, mais afável e mais jovial do que São Luis Gonzaga? Quem, mais alegre do que São Felipe Néri? Não obstante, a vida deles foi uma continua prática das virtudes.

*Coragem, portanto, meus caros jovens! Levai, enquanto é tempo, uma vida virtuosa e eu vos garanto que tereis sempre um coração alegre e contente, e vereis quanto é bom servir ao Senhor.*⁹ *Não é verdade que a árdua estrada da virtude não conduza aos verdadeiros prazeres. A experiência nos diz que gozam da verdadeira alegria somente aqueles que vivem na graça de Deus. Eles são sempre alegres e, até mesmo nas tribulações, têm o coração contente. Ao contrário, os que se entregam aos falsos prazeres têm o coração amargurado e se esforçam para encontrar paz em seus divertimentos, mas são cada vez mais infelizes. “Non est pax impiis.”¹⁰ Entre as motivações que nos levam a preferir a estrada difícil da virtude está a certeza de uma alegria que não terá fim.*¹¹

O jogo e o cumprimento do dever

“A ociosidade, fonte de todos os vícios, é o laço principal de que se serve o demônio para prender a juventude. Persuadi-vos, portanto, meus caros, de que o homem nasceu para trabalhar e, quando isso não acontece, ele caminha sem rumo, e corre o risco de ofender o Senhor.”¹²

Para Dom Bosco, o homem nasceu para trabalhar, mas o menino nasceu também para brincar, ou seja, para recriar as energias e, em seguida, cumprir bem os seus deveres. Como todo menino esperto, ele também sempre brincou, muitas vezes sem atentar para o perigo de certas brincadeiras.

Aos seus jovens ele gostava de repetir: “Eu deixo vocês jogarem porque lhes quero bem”.

Eu não gostaria de vê-los ocupados em nenhum descanso, porquanto existem muitas coisas que lhes podem trazer algum deleite e isso lhes será de grande vantagem. Um exemplo disso é o estudo da História, da Geografia, das artes mecânicas e liberais e de outras atividades intelectuais e ocupações domésticas. Essas coisas, enquanto

distraem, podem também lhes proporcionar conhecimentos úteis e honestos e causar satisfação a seus superiores. Vocês podem, também, se divertir por meio de jogos e sadios divertimentos, que lhes sirvam de recreação, sem jamais lhes causar vexame. Não procurem esses divertimentos sem antes

*terem obtido a devida permissão. Deem preferência àqueles que exigem movimento do corpo. São mais vantajosos para a saúde. Evitem tudo que possa causar dano aos outros, como certas maneiras fraudulentas e atitudes de tração. Isso, quase sempre, ocasiona discórdias e ofende a caridade para com os colegas.*¹³

Jogo e moralidade

O jogo é também um modo de as pessoas se ocuparem e um meio prático de afastar os maus pensamentos.

“Procurai estar sempre ocupados e, quando não souberdes o que fazer, enfeitai pequenos altares, consertai objetos que precisam de reparo ou, então, procurai distrair-vos com honestos divertimentos.”¹⁴

Depois de haver recomendado “fugir dos maus companheiros como da peste”, com um sugestivo exemplo explica quanto é importante evitar aquelas “rodinhas” onde se murmura, à meia voz, dando espiadas em volta, com malícia.”¹⁵

Imaginai que as más conversas são como alimento. Pode até ser saboroso, mas, se leva uma gota de veneno, causa a morte a quantos o comerem. O mesmo sucede com a

*conversa obscena. Uma palavra, um gesto, um gracejo basta para levar malícia a um ou mais companheiros. Quando o demônio não consegue fazer alguma presa, então ele se serve dos escândalos.*¹⁶

Dom Bosco preparou os meninos mais expertos para se tornarem educadores dos que jogam no pátio e ensinou-lhes a impedir que se formassem grupinhos. Contavam pequenas histórias, convidando para o jogo quem estivesse parado, e serviam-se do jogo como momento mais propício para dar conselhos e convidar para uma chegadinha à igreja ou, até mesmo, para se confessar. Veremos isso, sobretudo, nas vidas de Sávio e Magone.

Jogo e igreja

No “método de vida” de Dom Bosco, recreação e igreja andam juntas. Passa-se de uma para a outra com facilidade, quase sem se perceber.

“No caso de haver, no vosso oratório, oportunidades de recreação nos dias festivos, tirai disso o máximo proveito. Evitem-se, contudo, as brigas e não se tratem os outros com apelidos. Ficai contentes com os divertimentos que tocarem a cada um de vós.”¹⁷

Se, para Dom Bosco, o jogo em si mesmo é um momento de santificação e de oração, a vida espiritual depende, também, do modo como se faz a recreação. Domingos Sávio chegou mesmo a afirmá-lo: “Nós, aqui, fazemos consistir a santidade em estarmos muito alegres.”¹⁸

“Durante o jogo, nas conversas ou em outro qualquer passatempo, elevai o pensamento ao Senhor, oferecendo-lhe aqueles mesmos divertimentos, em sua honra e para sua glória.”¹⁹

Em *O jovem instruído*, os meninos encontravam a maneira prática de fazer a “visita” à igreja. Nasceu no Oratório aquela tradição de se abandonar o jogo, por um instante, e correr até à igreja para uma “visita”, durante a qual se fazia uma breve oração. Também por meio desse livrinho, Dom Bosco incentivava os meninos a terem confiança filial no diretor.²⁰ E adiante, veremos como funcionava a relação pátio e confissão.

CAPÍTULO XIII OS REGULAMENTOS

Regulamentos e sistema preventivo

Os *Regulamentos* nasceram da necessidade de evitar desordens e inconvenientes. Vez por vez, Dom Bosco anotava num caderno de apontamentos o que ia acontecendo.¹ Intervinha, acrescentando alguma pequena norma, a título de experiência, a qual, depois, tornava-se definitiva, uma vez comprovada a sua eficácia. Os regulamentos surgiram com a finalidade de prevenir. Na sua elaboração, teve-se como escopo poupar ao educador o desprazer de castigar e ao educando, o ser castigado por causa de alguma desordem da qual, talvez, ninguém o havia avisado ou com a qual não se preocupou, por falta de experiência ou leviandade.²

Uma vez por ano, estando presentes todos os educadores, fazia-se a leitura dos regulamentos. Quando oportuno, acrescentava-se algum comentário. Eles eram regra de vida para todos, um patrimônio de valores para toda a comunidade. Através do conhecimento das regras iluminava-se a inteligência, para tornar bom o coração. O educando era avisado e corrigido com bons modos, sobretudo no pátio e, especialmente, com as “palavrinhas ao ouvido” e nos diálogos com os colegas. Os que pertenciam à Companhia da

Imaculada empenhavam-se em “observar rigorosamente as normas da casa”.³ Faziam papel de “anjos da guarda”, corrigiam e orientavam seus “clientes”, baseando-se não nas próprias opiniões, mas nas normas da casa.

Essas normas e tradições eram explicadas aos novatos pelos companheiros aos quais eram confiados. Isso se fazia no pátio e tinha como finalidade levá-los a entrar no clima do Oratório. “O primeiro marco miliário da entrada triunfalmente percorrida por Dom Bosco no campo da educação foi assinalar aos alunos uma norma de vida e recordá-la continuamente, convidando-os, delicada e eficazmente, a pô-la em prática.”⁴

Algo que não se pode subestimar é o fato de se comprometerem alunos e educadores com a realização de um projeto comum, responsabilizando a todos.

*A vantagem desse pequeno Regulamento foi muito grande. Todos sabiam de suas obrigações e, desde que eu costumava deixar cada um se responsabilizar pelos seus deveres, todos se esforçavam por conhecer e fazer a própria parte.*⁵

O Regulamento para os alunos externos

Origem do Regulamento

Embora cuidando de meninos abandonados, problemáticos e que viviam em situação de perigo, Dom Bosco não pretendia criar um amontoado de pessoas, sem ordem nem disciplina.⁶ Desde a época em que o Oratório não dispunha de um local fixo, ele já pensava em um regulamento. Antes de elaborá-lo, entrou em contato com regulamentos de outros oratórios. Examinou-os a todos. Sentiu que não eram adaptados para o seu caso, ou porque eram oratórios que funcionavam somente pela manhã, (os perigos maiores ocorriam à noite), ou porque eram frequentados somente por meninos “de séria e comprovada conduta”, apresentados pelos pais, ou porque eram abertos para os “maus”, com os quais se usava uma

vigilância policial e métodos coercitivos para obrigá-los à frequência.

Dos regulamentos consultados⁷, Dom Bosco eliminava tudo o que era obstáculo, restrição ou causa de afastamento dos meninos. Aos jogos, tanto os que exigiam movimento como os jogos livres, dava-se muita importância. Para ele, os jogos, são ímã que atraem os meninos para o oratório.

Em 1847, uma vez estabelecido o Oratório em Valdocco, “pensei em compilar um regulamento, no qual expus o que já se praticava no Oratório e o modo uniforme como as coisas deviam ser feitas.”⁸

E a experiência continuou. Nas quintas-feiras, os alunos participavam de “uma alegre recreação, e Dom Bosco também lhes fazia alguma palestra”.

Lia para eles algum capítulo do *Regulamento* e os convidava a praticar os artigos, especialmente aqueles que diziam respeito a seus deveres. Cada um era livre para apontar inconvenientes e expor dificuldades.⁹

Uma introdução inédita ao *Regulamento do Oratório*

Nos arquivos salesianos de Roma conserva-se uma introdução ao *Regulamento*, nunca publicada, e que remonta ao ano de 1854. Partindo de uma análise da condição juvenil, Dom Bosco termina com um hino à educabilidade da juventude, desde que se encontre um modo de atraí-la por meio do jogo.

Esta porção, a mais delicada e a mais preciosa da sociedade humana, sobre a qual repousam as esperanças de um futuro feliz, não é, por si mesma, de índole má. Não fora a negligência dos pais, o ócio, a influência das más companhias a que estão sujeitos, sobretudo nos dias festivos, seria coisa fácil insinuar nos jovens corações os princípios de ordem, de bons costumes, de respeito, de religião. Se acontece, algumas vezes, encontrarem-se jovens estragados naquela idade, isso é devido à irreflexão, mais do que à maldade consumada. Esses jovens têm, realmente, necessidade de uma mão amiga que cuide deles, que os oriente e os guie pelo caminho da virtude e os afaste do vício. A dificuldade consiste em achar um modo de reuni-los, poder falar-lhes e encaminhá-los pela senda do bem. Entre os meios eficazes de

Em 1852, o *Regulamento do Oratório de São Francisco de Sales para os externos* foi, finalmente, impresso. Após ser revisado e corrigido, voltou, outra vez, à tipografia, em 1887, um ano antes da morte de Dom Bosco.¹⁰

*difundir o espírito religioso nos corações rudes e abandonados, sobressaem os oratórios. Estes são reuniões em que se entretêm a juventude em agradáveis e honestas recreações, após terem participado das sagradas funções da igreja.*¹¹



Alegria e confiança nos educadores: segredos de Dom Bosco para conquistar a garotada.

O Oratório é um meio eficaz para atrair. Depois de reunir o maior número possível de meninos, dá-se início à sua educação, procurando-se fazer deles “bons cidadãos nesta terra, a fim de que sejam, depois, um dia, felizes habitantes do céu”.

O jogo no *Regulamento* para os alunos externos

O *Regulamento do Oratório*¹² compõe-se de três partes:

- finalidade do Oratório, suas funções e tarefas;
- elenco das práticas religiosas e o modo de se comportar nos vários ambientes;
- normas para o bom funcionamento das aulas.

“A finalidade do Oratório é entreter os jovens nos dias festivos, por meio de agradável e honesta recreação, após terem participado das sagradas funções da igreja”.

O jogo tem caráter preventivo: ocupa os meninos de maneira prazerosa, especialmente naqueles dias em que ficam mais expostos aos perigos da alma e do corpo. Dom Bosco explica, em seguida, o que entende por “agradável e honesta recreação”. A recreação deve ser “apropriada para divertir, jamais para oprimir. Não são permitidos, portanto, aqueles jogos e brinquedos e toda sorte de recreações que possam comprometer a saúde e a moralidade dos alunos”.

O jogo, porém, não tem em si um valor absoluto. É apenas um meio eficaz para, através dele,



chegar ao universo dos valores educativos, cujo ápice é a prática da religião.

“A instrução religiosa é o escopo principal. Tudo o mais é acessório e um atrativo para levar os jovens a participarem”.

Todo o capítulo XII trata da recreação. Aqui ele é transcrito parcialmente, sem nenhum comentário.

1. *É de se desejar que, na recreação, todos possam tomar parte em alguma brincadeira, no modo e no momento mais oportunos.*
2. *Os brinquedos e jogos permitidos são: boliches, malha, balanços, pernas-de-pau, passo-gigante, tiro ao alvo, pular corda, exercícios de ginástica, jogo do ganso, dama, xadrez, tómbola, barra bandeira, profissões e qualquer outro tipo de jogo que possa contribuir para a atividade corporal.*
3. *São proibidos os jogos de carta, tarô e qualquer outro tipo de jogo que ofereça perigo de ofensa a Deus ou que possa levar prejuízo ao próximo ou ocasionar dano aos que o praticam.*
4. *O tempo ordinário para a recreação é das 10 às 12 horas e das 13 às 14.30; do final das funções religiosas até à noite. No inverno, também durante a noite, não, porém, além das oito, haverá entretenimentos recreativos, em determinado horário que não prejudique as aulas.*
5. *Todo brinquedo é assinalado com um número. Por exemplo, se existirem nove conjuntos de boliche, preparam-se nove cartelas com números de 1 a 9; se houver cinco conjuntos de pernas-de-pau, anotam-se os números de 10 a 14. E assim por diante.*
9. *Na hora da entrega dos brinquedos, quem levar algum deve deixar um objeto como garantia e, nele, o encarregado anota o número correspondente ao brinquedo levado.*
10. *Durante a recreação, alguém, passeando pelo pátio, encarrega-se de vigiar para evitar que nada seja estragado ou levado para casa. Outra pessoa tomará conta da sala onde são guardados os brinquedos e não permitirá que nela entrem outras pessoas, sob nenhum pretexto.*

11. *Recomenda-se aos encarregados da vigilância que cuidem para que todos participem de algum divertimento, dando-se preferência àqueles mais conhecidos pelos que frequentam o Oratório.*

12. *No final da recreação, cuide-se para que nada falte. Deixem-se os brinquedos em ordem; em seguida, fechado o depósito, entregue-se a chave ao responsável.*

Também no capítulo terceiro da segunda parte trata-se de como deve ser o comportamento durante a recreação.

1. *A recreação é o melhor chamariz para a juventude, e é bom que todos possam participar, utilizando aqueles jogos que estão em uso no nosso meio.*
2. *Cada um se contente com os brinquedos que lhe são oferecidos e permaneça naqueles lugares que lhe são designados para os respectivos jogos.*
3. *Durante a recreação e em qualquer outro tempo é proibido tratar de política, introduzir jornais de qualquer espécie, ler e guardar livros sem a aprovação do diretor.*
4. *É proibido o jogo a dinheiro, como também trocar comida ou outros objetos, sem especial permissão do responsável.*
5. *Se, por acaso, durante a recreação, entrar no Oratório alguma pessoa, que cada um vá cumprimentá-la.*
6. *Via de regra, é proibido o jogo de cartas, tarô [...] esgrima; atrapalhar os jogos dos outros, como, por exemplo, atirando pedras ou bolas de madeira ou de neve; estragar as plantas, os letreiros e as pinturas; sujar as paredes, os móveis, riscar ou desenhar com carvão ou qualquer outra coisa que possa manchar.*
7. *É terminantemente proibido: brigar, espancar e agarrar os outros de maneira indelicada; usar linguagem inconveniente e assumir outras atitudes que demonstrem desprezo aos companheiros.*

8. *Quinze minutos antes do final da recreação, ao toque da sineta, cada um deve cuidar de ir terminando a partida em andamento, sem recomeçar outra. Após o segundo sinal, cada um leve o seu brinquedo de volta para o lugar de onde o tirou e receba o objeto que ali deixou como penhor.*

9. *A ninguém é permitido usar os brinquedos do Oratório para jogar fora do seu recinto.*

10. *Durante a recreação, todos devem ter o devido respeito para com os encarregados e obedecer aos assistentes.*

Vale salientar o interesse de Dom Bosco em manter o clima de “agradável e honesta recreação”, inclusive nos divertimentos realizados fora do Oratório:

“Deveis manter-vos afastados das apresentações teatrais, realizadas tanto de dia como de noite; fugi das tabernas, dos cafés, das casas de jogatina e de outros lugares que oferecem perigo”.

O Regulamento para as casas da Sociedade de São Francisco de Sales

Origem e estrutura desse regulamento

Dom Bosco, assim que deu início ao internato, pensou fazer um *Regulamento* para ele. Procurou ter em mãos regulamentos de instituições de caridade e de outras que se dedicavam à educação, como também regulamentos de seminários. Enviou o padre Pontes, seu colaborador, a Brescia, Milão e outras cidades. Ele próprio visitou vários institutos de educação de Turim e do Piemonte.¹³ Desde os primeiros anos do internato, fez pregar nas paredes de cada dormitório uma tabuleta, com onze artigos. No primeiro domingo do mês isso era lido e comentado. De 1852 a 1854, Dom Bosco conservou sobre a sua mesa o rascunho desse *Regulamento*

que ele, aos poucos, ia corrigindo, melhorando e completando.¹⁴

Assim, no ano letivo de 1854-1855, o *Regulamento* foi colocado em prática: no começo do ano foi feita, solenemente, a sua leitura e, em cada domingo, comentava-se um capítulo. Somente após 25 anos de trabalho, em 1877, ele foi impresso, depois de passar por nova correção.¹⁵

Na obra *Regulamento para as casas*, publicada em 1877, três documentos sobressaem:

1. o livreto intitulado *O Sistema preventivo na educação da juventude*;
2. um decálogo de “artigos gerais”;
3. o *Regulamento* propriamente dito.

O livreto *O Sistema preventivo na educação da juventude*

O opúsculo surgiu de algumas notas escritas em 1854, para a inauguração do Patronato de São Pedro, em Nizza,¹⁶ as quais foram corrigidas e publicadas como introdução ao *Regulamento*, em 1877. Esse *Regulamento* desponta como um documento pedagógico de base para toda e qualquer atividade normativa ulterior da ação juvenil salesiana.¹⁷ “Centro nodal das experiências literárias de Dom Bosco,¹⁸ ele é, certamente, “o documento mais sistemático e o que mais reflete a sua pedagogia”.¹⁹

Esse pequeno documento chegou ao conhecimento de todos os estudiosos de Dom Bosco, cuja fama como educador está relacionada às suas poucas páginas.

O prof. Kramer, docente de pedagogia da Universidade de Viena, afirmava: “Assegurovos que encontrei maior riqueza no sadio conteúdo pedagógico e suas práticas contidas naquelas breves páginas, do que em muitos volumes *in folio*, embora considerados mais importantes (RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*, O.cit., p. 38).



Dois são os sistemas usados, em todos os tempos, na educação da juventude: o sistema preventivo e o repressivo. O sistema repressivo consiste em se evitar toda e qualquer familiaridade, baseando-se somente na autoridade, na ameaça e nos castigos. O preventivo, ao contrário, consiste em fazer conhecer os regulamentos para, em seguida, trazê-los à lembrança, colocando os alunos na impossibilidade de cometer faltas.

O menino, que por natureza é volúvel, é levado ao hábito de raciocinar preventivamente. No assistente ele vê um amigo que o adverte, quer o seu bem e o ajuda a se livrar dos castigos, da desonra e de quanto lhe possa causar desgosto.²⁰

A advertência feita com amizade, o diálogo baseado na razão era o que Dom Bosco costumava fazer no pátio, onde se consegue estabelecer uma relação de amizade e de paternidade, cuja duração é para toda a vida. Na realidade, o educador “poderá exercer sobre o educando uma grande influência, avisando-o, aconselhando-o e até corrigindo-o, mesmo quando ele já estiver empregado em repartições públicas e no comércio”.

Para a prática do sistema preventivo, Dom Bosco colocou como base a caridade, ou seja, o amor sobrenatural. “Por isso, somente o cristão será capaz de aplicar, com sucesso, o sistema preventivo”. Falando sobre as tarefas do diretor, diz Dom Bosco que ele deve sempre encontrar-se junto com seus alunos. As afirmações mais contundentes para o nosso tema são certamente estas:

Dê-se ampla liberdade para saltar, correr, gritar à vontade”. A ginástica, a música, a poesia, o teatro, os passeios são meios muito eficazes para se obter disciplina, favorecer a moralidade e a saúde. Tenha-se cuidado para que o divertimento, as pessoas que dele participam, as conversas que se fazem, nada mereça censura.²¹

“Esse tipo de educação favorece os educandos. Para os educadores, porém, custa muito, sendo necessário que estejam sempre presentes nos jogos e participando deles, juntamente com os alunos. O resultado disso são muitos e bons frutos.

Eis como Dom Bosco retrata o educador: Um indivíduo dedicado ao bem dos seus educandos. Por isso, deve estar disposto a enfrentar qualquer incômodo ou fadiga, contanto que alcance o seu objetivo que é a educação integral de seus alunos.”²²

Dom Bosco, no final do opúsculo, afirma também:

Lido com a juventude há cerca de 40 anos e não me recordo de ter usado nenhum castigo. Com a ajuda de Deus consegui sempre não apenas o que era de necessidade, mas, até aquilo que eu esperava. E isso, tratando-se de meninos de quem não se podia esperar muita coisa.²³

Antes do regulamento propriamente dito é apresentado um decálogo de normas importantes para se fazer um verdadeiro educador. Mencionamos apenas três porque nos parece que, em sua maior parte, são colocadas na vida de pátio.²⁴

1. Todos devem dar avisos e conselhos a qualquer jovem da casa;
2. cada um procure fazer-se amar, se quiser fazer-se temer;
3. na assistência, poucas palavras, muitos fatos. E dê-se aos alunos ampla liberdade para expressar os seus pensamentos; no entanto, procure-se retificar e corrigir as expressões, as palavras e os atos que não condizem com sua educação cristã.

O jogo no Regulamento para as casas da Sociedade de São Francisco de Sales

Esse Regulamento está dividido em duas partes:

- deveres e encargos;
- como se comportar nos vários ambientes.

Interessam para o nosso tema somente

algumas afirmações da segunda parte. Os educadores, acentua Dom Bosco, têm a “grave obrigação” de avisar, de mandar, de corrigir. Em seguida, ele prossegue, convidando os meninos a se aproximarem dos educadores, especialmente na recreação.

Procedem mal aqueles que fogem dos superiores quando eles se aproximam. Vede o exemplo dos pintinhos. Aqueles que mais se aproximam da galinha quase sempre recebem dela alguma coisinha a mais. Assim também, os meninos que se aproximam dos superiores recebem algum aviso ou conselho particular. Abri a eles, espontaneamente, o vosso coração, vendo neles um pai que só deseja a vossa felicidade. Recebei, com reconhecimento, as correções.²⁵

Falando do comportamento durante a recreação, convida os meninos a se socializarem e se confraternizarem com todos.

Na recreação, acolhei de bom grado em vossa conversa todo e qualquer colega, sem nenhuma distinção. Compartilhai com os outros os vossos brinquedos. Não puleis nas costas dos outros nem façais recreação de mãos e de braços dados ou montados no pescoço dos companheiros como, às vezes, fazem as pessoas na rua.²⁶

CAPÍTULO XIV AS BIOGRAFIAS DE SÁVIO, MAGONE E BESUCCO



Exemplos para os colegas, Domingos Sávio, Francisco Besucco e Miguel Magone tiveram suas biografias escritas por Dom Bosco.

Significado pedagógico e importância dessas obras

Diz o padre Caviglia: “Essas biografias continuam a despertar nos jovens, para os quais foram escritas, a eficácia do exemplo. Exemplo que foi responsável pela formação do ambiente, do clima e da atmosfera de que eram cercados os jovens que Dom Bosco recebeu em sua casa para formar uma grande família.

Havia, de fato, uma tradição, um costume, um hábito familiar, que consistia em transmitir a cada um, em particular, ou a todos, coletivamente, o que era ensinado. “Aqui se faz assim”, diziam os antigos aos novatos. Essa tradição ou atmosfera, a que chamamos “eficácia do exemplo” sempre foi, no pensamento e na práxis de Dom Bosco educador, um dos instrumentos essenciais de seu trabalho educativo.”¹

Braido, por sua vez, atesta: “Antes de se traduzir em documentos teóricos, a pedagogia de Dom Bosco assumiu o rosto dos meninos educados por ele, e, depois, em breves biografias que são,

no seu conjunto, intencionalmente, testemunho vivo do seu método.”²

Para o Pe. Pedro Ricaldone, “as biografias de Sávio, de Magone e de Besucco são o retrato fiel do ambiente da casa salesiana onde eles viveram e dos subsídios pedagógicos colocados em prática, de acordo com o caráter e as condições de cada um: enfim, uma verdadeira apologia do Sistema preventivo.”³

Além disso, as mencionadas biografias têm uma grande importância para se compreender bem o que seja a “vida do pátio”.

Segundo Alberto Caviglia, de tudo aquilo que se lê sobre Sávio, Magone e Besucco, na história do Oratório, como também, em tudo aquilo que Dom Bosco falou, “a cena é o pátio, em meio à gritaria, o fervilhar da animada recreação e os poucos instantes de conversa dos jovens entre si e com ele, Dom Bosco.”⁴

A Vida de Domingos Sávio

Origem e importância

Leia-se: Quiéiri.

Domingos Sávio viveu no Oratório de Dom Bosco, no período de 1854 a 1857. Nasceu em Riva di Chieri no dia 2 de abril de 1842. Muitos estudiosos encontram uma grande afinidade entre ele e Dom Bosco. *Um aluno e um mestre*⁵, eis o título que Casotti dá a um de seus estudos.

A grandeza de Dom Bosco como educador cristão está relacionada, em grande parte, a esse menino superdotado. Foi Dom Bosco quem o conduziu por caminhos acessíveis à sua capacidade, até à santidade, oficialmente reconhecida no dia 12 de junho de 1954. Do-

mingos Sávio é o “primeiro e o único menino a atingir a santidade vivendo a sua vida de jovem adolescente.”⁶

Vinte meses após a morte de Domingos Sávio, já saía nas *Leituras católicas*, de janeiro de 1859, a primeira edição de sua vida, com o título: *A vida do jovencinho Domingos Sávio, aluno do Oratório de São Francisco de Sales*. As edições subsequentes são dos anos 1860, 1861, 1866, 1878 e 1880. Muitos meninos e educadores chegaram a conhecer Dom Bosco e o seu método através dessa biografia.⁷

Leia-se: Cuihiéro.

Dom Bosco conhece Domingos Sávio durante um passeio de outono

O pároco da aldeia de Domingos Sávio, o padre Cugliero, havia falado com Dom Bosco acerca de um aluno seu, superdotado em talento e em virtude.

“Combinamos que ele o enviaria até Murialdo, na ocasião em que eu ali comparecesse, como costumava fazer juntamente com os jovens, a fim de desfrutar um pouco dos ares do campo.”⁸

Dom Bosco encontrou seu futuro discípulo durante um passeio, e logo descobriu nele traços de uma característica da educação conforme o Sistema Preventivo: a alegria. “O seu rosto alegre, sorridente e respeitoso despertou a minha curiosidade.”⁹ O primeiro diálogo aconteceu num terreiro, onde se encontravam meninos que participavam de animada recreação.¹⁰

O jogo é um meio de santificação

Domingos Sávio escutou uma prédica de Dom Bosco, na qual ele falava da facilidade de santificar-se, mesmo jogando e estando alegre. Para o jovem, foi como um raio de luz. Logo se percebeu a sua mudança.

Na opinião de Dom Bosco, o pátio era um teste para se comprovar o andamento da saúde física, psíquica e também moral de seus meninos. “Ele mostrava-se menos alegre do que de costume, e isso eu pude perceber, como também alguns de seus companheiros.”¹¹ O pátio era, portanto, para o grande educador, um lugar privilegiado de observação e diálogo.

Julgando eu que esse seu comportamento fosse devido a algum incômodo de saúde, perguntei-lhe se não estava se sentindo bem.

– *Pelo contrário, estou me sentindo muito bem.*

– *E o que pretendes dizer com isso?*

– *Quero dizer que estou sentindo um grande desejo e necessidade de me fazer santo. Eu não pensava que isso fosse tão fácil. Agora que vejo que posso conseguir isso, mesmo vivendo na alegria, quero absolutamente fazer-me santo. Diga-me, portanto, como devo agir?*¹²

Dom Bosco não se fez de rogado e logo respondeu:

– *Quero, antes de tudo, que estejas sempre alegre e que te esforces por cumprir bem os teus deveres de piedade e de estudo. E que sempre procures tomar parte nas recreações com os teus companheiros.*¹³



Quem não conhece bem Dom Bosco pode até admirar-se de que, entre os conselhos para se fazer santo, dados por ele, dois dizem respeito à “vida do pátio”. O terceiro conselho, isto é, o que se refere ao cumprimento dos deveres, também tem estreita relação com o jogo. Dom Bosco estava convencido de que o entusiasmo que se manifesta jogando é transferido, inconscientemente, para o cumprimento dos deveres. Talvez por isso, ele tenha se referido com satisfação a uma sábia resposta dada por Domingos Sávio a quem o convidava para gazetear as aulas: “O meu melhor divertimento é o cumprimento dos meus deveres.”¹⁴

Todo adolescente, procura conhecer a própria identidade. Ele quer saber quais são as potencialidades de seu corpo e sente uma grande necessidade de jogar, para manter o equilíbrio físico, psicológico e moral. Em contrapartida, o

jogo “recria” as energias físicas e as da mente, para poder dedicar-se aos estudos.

“A primeira coisa que lhe foi sugerida para se fazer santo foi esforçar-se para conquistar almas para Deus. Ele imediatamente intuiu a importância disso.”¹⁵

Dom Bosco levou Domingos Sávio a se tornar seu colaborador, desempenhando o papel de pequeno educador no jogo e durante o jogo, a fim de “conquistar” para o bom caminho os companheiros mais problemáticos.

“Todo mundo era amigo de Domingos Sávio. Ele era de tal modo virtuoso que lhe foi sugerido aproximar-se de certos colegas de mau comportamento a fim de tentar ganhá-los para Deus. E ele se aproveitava da recreação, dos divertimentos e das conversas, as mais indiferentes, para tirar vantagem espiritual.”¹⁶

Sávio encarava o jogo como meio para educar os companheiros

Ele se aproximava dos novatos, animava os grupinhos com conversas amenas, defendia os companheiros contra os perigos e, sobretudo, jogava com os de má índole, com o objetivo de torná-los bons.

• No pátio, convidava os novatos para jogar

Camilo Gávio era recém-chegado ao Oratório. Estava lá, no pátio, encostado numa coluna, cheio de saudades de casa, observando os colegas que jogavam.

Sávio o viu e logo aproximou-se dele para ajudá-lo e foi-lhe dizendo:

– Olá, meu caro amigo! Você ainda não conhece ninguém, não é verdade?

– Sim. Mas eu me distraio olhando os outros brincar.

– E, como é o seu nome?

– Camilo Gávio, de Tortona.

– Muito bem, já somos amigos. Você deve saber que aqui nós fazemos consistir a santidade em estarmos muito alegres. Procuramos apenas evitar o pecado, que é o grande inimigo que nos rouba a graça de Deus e a paz de nosso coração. Procuramos, também, cumprir os nossos deveres e fazemos nossas práticas de piedade. Comece, desde agora, a pôr em prática esse programa: “Servite Domino in laetitia”; isto é, sirvamos a Deus na alegria.”¹⁷

Em Valdocco, é verdade, ninguém era obrigado a participar dos jogos, mas, em toda parte havia pessoas que animavam o jogo, educadores adultos ou meninos mais crescidos, que incentivavam a participar dos jogos e explicavam aos novatos os costumes e regras da casa.

• Animava, alegrando a conversação de quem não jogava

“Nas horas vagas, ele era a alma da recreação e tudo que fazia tinha por mira o seu bem moral e o de seus colegas. Tinha sempre presentes os princípios da boa educação. Oportunamente, saía-se com questões de aula, de História, de Aritmética e, quase sempre, tinha alguma história para contar, o que tornava agradável a sua companhia.”¹⁸

Para tornar suas intervenções mais interessantes, Domingos se valia, também, de pequenos presentes.

“Às vezes fazia perguntas somente aos mais travessos e quando davam uma resposta mais ou menos satisfatória, eram recompensados com algum presentinho.”¹⁹

Tinha sempre preparada uma série de exemplos para animar a recreação.²⁰ Estimado por causa do seu semblante sempre alegre e por sua maneira jovial, até mesmo os de comportamento pouco recomendável lhe queriam bem e escutavam, de boa vontade, os avisos que, de vez em quando, ele tinha para dar.²¹

• Defendia os companheiros contra “grupinhos” perigosos

Domingos Sávio introduzia-se nos grupos que se formavam no pátio. “Interrompia a conversa e saía-se com alguma brincadeira, uma invenção ou qualquer outra coisa que provocasse o riso e, dessa maneira, impedia a má conversa e a ofensa a Deus entre os seus companheiros.”²²



Domingos Sávio foi o primeiro santo canonizado aos 15 anos de idade.

• Jogava com os menos bons, para levá-los à igreja

Domingos Sávio granjeava a amizade dos meninos mais problemáticos porque **sabia jogar bem**²³ e, portanto, os conquistava com o jogo.

“Procurava-os e os convidava a passear com ele, dava-lhes oportunidade para falarem e, no momento oportuno, jogava com eles. Algumas vezes foi visto carregando um grande pedaço de madeira nas costas, como Hércules com a clava, e dava saltos imitando a rã. Ele se mostrava muito interessado por esse jogo, conhecido como *Cirimella*.”

Mas, inesperadamente, suspendia uma partida e dizia ao companheiro: “Queres que sábado vamos nos confessar? O outro, visto que não se tratava de um compromisso pra já, também para recomeçar logo a partida e, finalmente, para contentá-lo, respondia: “Sim”. O jogo prosseguia, mas

Domingos não perdia de vista o companheiro. Quase todos os dias relembrava aquele compromisso e sugeria maneiras de como se confessar bem. No sábado, como um caçador que apanhou uma boa presa, o acompanhava à igreja e era o primeiro a se confessar.”²⁴

E isso acontecia frequentemente. Dom Bosco, aqui, nos revela uma estratégia educativa que ele próprio usou muitas vezes, conforme nos conta em suas *Memórias*:²⁵ “Às vezes acontecia que alguém não tirasse nenhum proveito de alguma pregação escutada na igreja. Era, então, que Domingos Sávio interferia e o interessado se rendia às suas insinuações.”²⁶

Passar espontaneamente do pátio para a igreja, a fim de visitar Jesus Sacramentado, tornou-se um hábito. Os historiadores salesianos atribuem isso a uma iniciativa de Domingos Sávio, incentivado por Dom Bosco.

“Sua própria recreação era quase sempre dividida ao meio. Uma parte ele a passava fazendo boas leituras ou dedicando-se à oração, que ele fazia na igreja com alguns companheiros.”²⁷ “Às sextas-feiras ele escolhia um tempo de recreação e ia para a igreja, acompanhado de alguns colegas.”²⁸

Com essas iniciativas, Sávio se parecia com Dom Bosco quando criança: usava o mesmo estilo de trabalho educativo em favor dos próprios companheiros, buscando o bem deles no jogo e com o jogo.²⁹

• A Companhia da Imaculada: grupo jovem que educa com o jogo e durante o jogo

Domingos Sávio fundou um grupo jovem, com amigos que o ajudavam a “cuidar dos meninos mais problemáticos”. Todas as semanas, em suas reuniões “eram indicados os colegas que precisavam de maior atenção moral e todos se empenhavam em conduzi-los para o caminho da virtude.”³⁰

Sobre esse assunto, há uma bela descrição na biografia de Miguel Magone, relatando como ele foi acompanhado por seus companheiros. De “cliente, ele se tornaria, depois, animador e conquistador de colegas problemáticos”.

A vida de Miguel Magone Origem e importância do livro

Miguel Magone nasceu em Carmagnola, no dia 19 de setembro de 1845. Recebeu convite do próprio Dom Bosco para acompanhá-lo, e entrou

no Oratório de Valdocco em 1857 e ali morreu em 1859. Sua vida, com o título de *Traços biográficos do juvenzinho Miguel Magone*, foi escrita em 1861.

Duas outras edições foram feitas em 1866 e 1880. Comentaremos a primeira edição, tal como aparece nas *Obras publicadas*.³¹

Para Dom Bosco, Magone é um representante típico da categoria mais comum dos adolescentes, aqueles para os quais parece ter sido elaborado o Sistema preventivo: os “periclitantes” ou “meninos em risco”.

Em seu estudo sobre essa biografia, Caviglia escreve:

“A vida de Magone é um clássico exemplo da educação baseada nas coisas do coração. Por isso, ela sempre será o documento clássico da pedagogia de Dom Bosco.”³²



Dom Bosco sabia canalizar para o bem as energias de adolescentes e jovens, como fez com Miguel Magone.

• Dom Bosco conhece Miguel Magone durante um jogo

Dom Bosco se encontrava em Carmagnola, um povoado do Piemonte. Debaixo da neblina, ele aguardava o trem.

“Somente um grupo de adolescentes com suas brincadeiras e a algazarra que faziam ensurdeciam os ouvidos das pessoas presentes. Os gritos de: espera! prende esse! corre! pega aquele! agarra aquele outro! serviam para ocupar os pensamentos dos viajantes”.

Observando esse jogo, Dom Bosco conseguiu identificar uma forte personalidade: a do comandante do jogo.

Em meio àqueles gritos, era fácil distinguir uma voz diferente e que sobressaía entre as demais. Era como a voz de um capitão, a que os outros respondiam, e que soava como uma voz de comando. Logo despertou em mim o desejo de conhecer aquele que, com tanta ousadia e rapidez, sabia conduzir a brincadeira em meio a tanta algazarra.

Sempre compete ao educador dar o primeiro passo: gostar das coisas de que os meninos gostam, tornar-se amigo deles e partir para conquistar sua confiança. É assim que, para Dom Bosco, começa a educação. Ele aproveitou a oportunidade, quando todos estavam reunidos em volta daquele que parecia ser o líder:

Rapidinho me coloco no meio deles. Todos fogem espantados. Um, apenas, permanece no local. Adianta-se com as mãos nos quadris e, em tom autoritário, começa a falar assim:

– Quem é o senhor que vem se meter no nosso jogo?

– Eu sou um teu amigo.

– E o que deseja de nós?

– Se tu me permites, eu quero brincar contigo e com teus companheiros.

– Mas, quem é o senhor? Eu não o conheço.

– Já te disse: sou teu amigo. Desejo participar da brincadeira contigo e teus companheiros. E tu quem és?

– Eu? Quem sou eu? Eu sou, e acrescentou, com acento grave na voz: eu sou Miguel Magone, o general da recreação.³³

A autodefinição desse menino como sendo o “general da recreação” deve ter agradado muito a Dom Bosco. Também ele, quando menino, tinha sido um “general da recreação” e agora ele se definia o “chefe da garotada”. Magone é um exemplo típico de menino abandonado que precisa de uma “mão amiga”. Sem pai, vivendo a experiência de ver na cadeia dois amigos seus, sua mãe sendo impedida de acompanhá-lo porque precisa trabalhar para manter a família, rodeado de maus companheiros...



“Esta franqueza de expressão, unida a uma linguagem sincera e decidida, fizeram-me compreender que um grande perigo ameaçava aquele jovem, caso ele continuasse vivendo abandonado daquela maneira. Por outro lado, eu entendia que se aquele brio e aquela índole fogosa fossem canalizados para o bem, ele teria sucesso na vida.”³⁴

• Magone, conquistado para a “vida do pátio”, sente-se bem no novo ambiente

Reproduzamos, numa síntese fascinante, as palavras de Dom Bosco. Elas mais parecem um comentário àquela frase do opúsculo do Sistema preventivo: “Dê-se ampla liberdade para correr, saltar e gritar à vontade.”³⁵

Nos primeiros dias, ele não encontrava prazer em nada que não fosse a recreação. Cantar, gritar, correr, saltar, fazer barulho, isso era tudo o que contentava sua índole fogosa e vivaz. Quando, porém, um companheiro lhe dizia: “Magone, a campainha deu o sinal para o estudo, para a aula ou para a oração, então, ele ainda dava uma olhadinha para os brinquedos e logo obedecia, dirigindo-se para onde o dever o chamava. Gostoso era vê-lo quando a campainha dava o sinal para o término de algum dever, seguido da recreação! Parecia que ele saía da boca de um canhão. Percorria, correndo, todos os cantos do pátio. Todo brinquedo que exigia destreza corporal era para ele motivo de felicidade. O jogo que nós chamamos de “barra-bandeira” era o de sua predileção e nisso ele era, realmente, muito bom. Misturando, assim, a recreação com os deveres de escola, ele se sentia muito feliz com o novo teor de vida que estava levando.”³⁶

• O “Anjo da guarda”: uma invenção de Dom Bosco para a “vida do pátio”

Entre os meninos do Oratório havia alguns mais crescidos e que tinham bom comportamento. A esses, Dom Bosco estimulava a se tornarem educadores dos colegas. Ele conta como agiam, no pátio, esses “meninos-educadores”:

Antes de mais nada, foi-lhe confiado um companheiro, para que lhe fizesse papel de anjo da guarda. Alguém que o avisasse e o corrigisse quando fosse necessário. Sem que Magone o percebesse, e na maneira mais discreta e amigável, aquele companheiro não o perdia de vista, observando-o nas aulas, na recreação, em toda parte. Brincava e se entretinha com ele.”³⁷

Assim sendo, enquanto jogava com ele, esse menino podia corrigi-lo. Magone acatava os avisos com boa vontade.

• O constante incentivo do ambiente leva Magone a uma transformação moral

Embora vivendo num clima de alegria ruidosa, os incentivos do ambiente em Valdocco eram inúmeros: a oração, a missa, as “boas-noites”, a “palavrinha ao ouvido” e, também, os diálogos, no pátio, com o seu “anjo da guarda”.

“O nosso Magone estava, havia um mês, no Oratório e servia-se de toda ocupação como meio para passar o tempo. Ele se sentia feliz, desde que dispusesse de espaço para pular e estar alegre sem se preocupar com a necessidade de ter paz no coração e tranquilidade na consciência, condições para se ser realmente feliz. Quando, de repente, começou a diminuir aquela ansiedade que o levava a brincar, começou a ficar pensativo e, somente quando convidado, participava das brincadeiras”.

Mais uma vez, o pátio foi usado por Dom Bosco para revelar as dificuldades por que passava um menino.

“O companheiro que o assistia como anjo da guarda logo percebeu e, aproveitando a ocasião, assim lhe falou:

– Meu caro Magone, de alguns dias para cá não percebo no teu rosto a costumeira alegria. Estás com algum problema de saúde?

– Oh! De saúde estou muito bem.”³⁸

O seu problema é outro. Miguel percebe que os seus companheiros que são bons “praticam a religião e se tornam ainda melhores”, enquanto ele, um maroto, não consegue partilhar daquela alegria. O conselho do “anjo da guarda” é decisivo: é preciso abrir o coração a um sacerdote e se confessar.

“Passaram-se alguns dias e a tristeza aumentava. O recreio tornou-se um peso. O sorriso não mais aflorava em seus lábios. Muitas vezes, enquanto os companheiros entregavam-se de corpo e alma à recreação, ele se retirava a um canto do pátio para pensar, refletir e, às vezes, até chorar.”³⁹

Já mencionamos aqui os meios colocados em prática para se chegar da “vida do pátio” até a confissão. Não se trata de obrigação, mas de sugestão. Tudo começa no jogo, quando se estabelece um clima de amizade que gera o diálogo, baseado na razão, e do qual nasce o desejo de uma reforma moral.

Dom Bosco, no entanto, não perdia de vista Miguel Magone. Ele o acompanhava de longe, com muito amor e paciência. Eis como, no pátio, ele abordou Magone:

– Meu caro Magone, eu gostaria que tu me fizesses um favor.

– O quê? Diga!

– Eu precisaria que me deixasses, por um momento, penetrar no teu coração. E que me disseses qual a razão dessa tristeza que te está atormentando.

– Sim, é verdade o que o senhor está dizendo. Mas, eu estou desesperado e não sei o que fazer.

Dito isso, caiu num pranto copioso. Deixei que desabafasse. Em seguida, em tom de brincadeira, falei:

– Como é possível? Tu és aquele general Miguel Magone, chefe de toda a tropa de Carmagnola? Que general é esse? Não consegues dizer com palavras o que estás sentindo?

– Eu gostaria de dizê-lo, mas não sei como fazer, não sei como me exprimir.

– Dize-me somente uma palavra. O resto é comigo.

– Tenho a consciência atrapalhada.

– Isso me basta. Não quero, por agora, entrar em assunto de consciência.⁴⁰

Magone ficou pensativo. Depois, uma noite, foi bater à porta do quarto de Dom Bosco e, depois dessa confissão, ele cresceria na virtude, atingindo um grau muito superior ao de um jozinhos de 14 anos.

• Magone torna-se, por sua vez, um “anjo da guarda”

Dom Bosco nos fala do modo de educar que ele sugeria aos “anjos da guarda” e que sempre tinha posto em prática, desde sua juventude.

“Um companheiro de Magone, bastante travesso, havia dado muito desgosto aos superiores. Incumbido de acompanhá-lo, a fim de ajudá-lo a mudar de comportamento, Magone pôs mãos à obra. Começou por se tornar amigo dele. Juntou-se a ele nas recreações, ofereceu-lhe algum presente, escreveu-lhe avisos em forma de bilhetinhos e, assim, conseguiu criar entre eles uma estreita relação de amizade, sem, no entanto, falar-lhe de religião.”⁴¹

Somente depois de lhe conquistar o coração, Miguel pôde iniciar um caminho educativo com esse menino e dialogar com ele sobre coisas importantes, com a certeza de ser compreendido e atendido. Era um amigo que lhe falava. Estava próxima a festa de São Miguel e Magone propôs ao seu “cliente” oferecer-lhe um presente que ele muito iria apreciar.

– Eu gostaria que no dia de São Miguel tu me desses um presente, ou seja, o presente de uma boa confissão, e, caso estejas preparado, uma boa comunhão.

O amigo não recusou o pedido. Os três dias que precederam a festa de São Miguel ele os passou realizando práticas de piedade. Os dois se aproximaram dos sacramentos, o que causou grande satisfação aos superiores e serviu de edificação para os companheiros. Magone passou aquele dia em santa alegria, na companhia do amigo.⁴² Vendo-o assim, todo feliz e contente, pensou ter chegado o momento oportuno de dar um passo adiante e, num gesto de amigo pra amigo, falou-lhe assim: “O teu comportamento não está bom”. O outro lhe agradeceu pela advertência e se tornaram ainda mais amigos. Escreve Dom Bosco: “O Sistema Preventivo torna amigo o aluno, o qual vê no assistente um benfeitor que o adverte”.

• Magone torna-se animador da recreação

Na vida de Magone podemos distinguir dois tipos de jogos: o seu jogo predileto, ao qual se dedicava quando adolescente, (dele se dizia que parecia um “cavalo sem rédeas” ou “uma bala de canhão”), e o jogo que ele praticava como meio de apostolado e de educação dos companheiros.

Falando de sua participação nos jogos, Dom Bosco escreveu: “Durante a recreação, ele era tomado de tal entusiasmo que não sabia se estava no céu ou na terra.”⁴³

Miguel mantinha alegres os colegas e convidava todos a se divertirem: ele era “a alma da



recreação” e aproveitava o jogo para educar os companheiros.

“Quando percebia que algum colega estava querendo brincar, logo o convidava a tomar o seu lugar no jogo e ia brincar noutro lugar. Mais de uma vez eu o vi desistir de jogar bola ou bochas para ceder o seu lugar a outro menino; mais de uma vez cedeu a outro as pernas de pau. Então, ele ficava observando como o colega fazia e o orientava e ensinava, para que a brincadeira prosseguisse bem e ninguém se prejudicasse. Se via alguém triste, dele se aproximava e, tomando sua mão, falava-lhe com afabilidade, contando-lhe alguma história.⁴⁴ Quando conseguia saber a causa daquela tristeza, procurava dar conselhos e prometia ser mediador junto aos superiores ou a quem pudesse ajudar. O que mais se podia pretender de um juvenzinho da sua idade?”⁴⁵ Essa interrogação revela um Dom Bosco que propunha uma educação sob medida para um menino. Revela-nos, também, quanto era essencial para ele o empenho dos jovens na “vida do pátio” para avaliar seu crescimento educativo.

Vários são os exemplos de animação do jogo relatados na vida de Magone. Ele havia se tornado pacificador (OE XIII, p. 203). E com muita fantasia e criatividade sabia escolher aqueles “grupos”, em que se faziam focos ou onde havia conversas imorais (OE XIII, p. 208ss). Esta “coragem religiosa”, para Dom Bosco, é fruto do clima da “vida do pátio”, vivida em plena liberdade, espontaneidade e criatividade.

• Miguel Magone participa de um passeio de outono

Durante as férias, Dom Bosco levava seus meninos para Castelnuovo, “onde eles podiam aproveitar os ares do campo”. Isso era bom, sobretudo para aqueles que não tinham família nem tinham para onde ir. Dom Bosco organizava os passeios de outono com a finalidade de manter seus meninos longe de ambientes nocivos. Os passeios, portanto, eram também momentos educativos. Essas excursões serviam ainda como prêmio para estimular os jovens. Durante a caminhada, Dom Bosco tinha oportunidade de se aproximar de cada um deles.

“A título de prêmio, eu quis dar a Magone a oportunidade de participar de um passeio e,

juntamente com alguns poucos, tê-lo como companheiro de viagem. Pelo caminho, tive tempo de conversar bastante com ele. Foi quando pude vislumbrar nele um alto grau de virtude, muito superior ao que eu imaginava.”⁴⁶

Por ocasião dos passeios, os meninos tinham liberdade para agir com toda espontaneidade. Dessa maneira, o grande educador podia descobrir muitas novas facetas, até então desconhecidas para ele.⁴⁷

• Igreja e vida do pátio

Miguel gostava muito de jogar, mas, de rezar, nem tanto. Foi exatamente o clima de piedade que se respirava na “vida do pátio” que o arrastou, pouco a pouco, a se dedicar à oração, com todo entusiasmo.

“Na recreação, escreveu Dom Bosco, ele se parecia com um cavalo sem rédeas. A igreja não era para ele um local que muito lhe agradasse. No entanto, aos poucos, foi-se operando nele tal transformação que bem se podia apontá-lo como modelo de um fervoroso cristão.”⁴⁸

• Deveres e vida do pátio

No método de Dom Bosco, o jogo tem como finalidade “re-criar” as energias.

A sua índole fogosa, sua imaginação fértil, seu coração afetuoso, tudo contribuía, naturalmente, para fazer dele uma pessoa vivaz e, à primeira vista, dissipada. Contudo, no tempo devido, ele sabia conter-se e ser senhor de si mesmo. Da recreação, como já foi dito, ele participava pra valer. Em poucos minutos, percorria todos os cantos do pátio. Não havia brinquedo de que ele não participasse. No entanto, logo que era dado o sinal para a aula, para o repouso, para a refeição ou para a igreja, ele interrompia tudo e corria para onde o dever o chamava. Era maravilhoso ver aquele menino, que era a alma da recreação e que movimentava tudo como se fora impulsionado por uma máquina, ser o primeiro a se encontrar onde a obediência o chamava. Não me recordo de tê-lo repreendido jamais por algum ato de indisciplina. Na aula, ele era muito calmo e tranquilo, apesar da índole irrequieta e fogosa, de que dava provas no pátio, durante a recreação.”⁴⁹

O menino ideal, para Dom Bosco, devia ser assim, como Magone: o ídolo da recreação, que sabia, depois, entregar-se com alegria à oração e estudar com aplicação. Alguém que, após o jogo, estava pronto para retomar as suas obrigações.

“Na sua idade, eu não saberia o que tirar dele ou acrescentar para torná-lo um modelo para a juventude. Dotado de grande vivacidade, era, contudo, piedoso, bom e devoto. Dava muito valor às pequenas práticas de piedade, que ele fazia com desenvoltura, muita alegria e sem escrúpulos. Por seu jeito piedoso, seu amor aos estudos e por sua natural afabilidade, gozava da amizade de todos. Por sua vivacidade e boas maneiras, tornou-se o ídolo da recreação.”⁵⁰

• O “general da recreação” participa do jogo até o fim

No método preventivo, usado por Dom Bosco, os alunos são incentivados a participarem sempre da recreação.

“Magone, no entanto, às vezes queria privar-se de parte da recreação, mas isso lhe foi proibido, por não ser compatível com sua idade.”⁵¹ Um dia, ele começou a se sentir mal. Uma vez mais, o pátio funcionou como teste para revelar essa indisposição.⁵² Foram-lhe ministrados todos os remédios que se fizeram necessários. De manhã, ei-lo outra vez na recreação, da qual participou até quando lhe foi possível. O “general da recreação”, pode-se dizer, tombou em pleno campo, jogando até mais não poder. A educação através do jogo era, para Dom Bosco, um caminho simples para se chegar a um alto grau de perfeição, o que se conseguia até mesmo em se tratando de meninos tidos como irrecuperáveis. Parafraseando Caviglia, pode-se dizer que Miguel Magone é um exemplo clássico da educação através da “vida do pátio”, onde se joga para educar e se educa jogando.

A vida de Francisco Besucco

Origem do livro



Conversando com os novatos no pátio, Dom Bosco buscava integrá-los à vida alegre do Oratório.

Francisco Besucco nasceu em Argentera, no ano de 1850. Entrou na “Casa do Oratório” em agosto de 1863. Morreu em janeiro de 1864. Sobre o significado do livro, assim escreve Pietro Braidó: “Se, por um lado, a vida de Magone se torna, espontaneamente, a celebração da “pedagogia do coração”, para a maioria dos meninos, a biografia quase sistemática de Besucco é um documento que reflete o método de Dom Bosco, entendido como “pedagogia espiritual”.⁵³

Da obra *O pastorzinho dos Alpes ou a vida do jovem Francesco Besucco de Argentera* foram feitas pessoalmente por Dom Bosco duas edições: em 1864 e 1878. Houve uma terceira edição em 1886, idêntica à anterior. Seguiremos a de 1886, assim como é litografada nas *Opere edite*: BOSCO, Giovanni. *Il pastorello delle Alpi, ovvero vita del giovane Besucco Francesco di Argentera*. Torino: Tipografia Oratorio di San Francesco di Sales, 1864. In: CENTRO STUDI DON BOSCO (UPS), *Giovanni Bosco. Opere edite*. Roma: LAS, 1976, v. XV, p. 242-435. (Daqui em diante, citaremos com a sigla **OE XV**).



• Dom Bosco encontra Besucco pela primeira vez no pátio

Besucco, deixando a tranquilidade das montanhas, encontrou o ambiente do pátio de Valdocco.

“Ficou atordoado. Mais de setecentos meninos, de um momento para outro, se tornaram seus amigos e companheiros na recreação, na mesa, no dormitório, na igreja e na escola. A ele parecia impossível que tantos juvenzinhos fossem capazes de conviver na mesma casa sem ocasionar a maior desordem”.

Para Dom Bosco, o pátio é uma espécie de “laboratório diagnóstico” para se conhecerem os meninos, exatamente no momento em que eles manifestam o mais alto grau de espontaneidade. “Eu ainda não o havia visto nem sabia nada sobre ele, a não ser aquilo que o padre Pepino me havia comunicado por carta. Um dia, eu me encontrava na casa salesiana em Valdocco, em meio aos jovens, durante a recreação, quando notei a presença de alguém que se vestia à maneira de montanhês, de aspecto um tanto rude, estatura mediana. Estava com os

olhos arregalados, vendo seus companheiros brincarem. Como o seu olhar deu de encontro com o meu, esboçou um leve e respeitoso sorriso e se aproximou de mim.

- Quem és tu? Perguntei-lhe sorrindo.
- Eu sou Francisco Besucco, de Argentera.
- Quantos anos tens?
- Estou para completar quatorze anos.⁵⁴

Escreve Caviglia: “O primeiro colóquio foi no pátio. Seus olhares se encontraram e o garoto se aproximou sorridente. O bom pai, também com um sorriso, o interrogou. O sorriso de Dom Bosco é parte importante de sua pedagogia. Recordemos Garelli.⁵⁵ Após breve conversa, um choro de gratidão. Dom Bosco já fez o seu diagnóstico e chega à seguinte conclusão: “Está provado pela experiência que a gratidão dos meninos é, quase sempre, prenúncio de futuro feliz”.

O diálogo termina com um convite: “Vai brincar com teus colegas.”⁵⁶ Dom Bosco convida esse novato a entrar no clima de sua casa, onde é importante “fazer recreação” e não ficar isolado, observando os outros jogarem.

A recreação como a queria Dom Bosco

Em um diálogo ocorrido em meio ao barulho dos jogos, Dom Bosco explica a Francisco qual é o “seu grande programa”: Alegria, estudo, piedade. Três círculos que se interligam para formar um único projeto.

– Alegria... alegria... Até hoje tenho sido muito alegre. Se, para ser bom, é preciso estar alegre, vou brincar da manhã até à noite. É certo fazer assim?

– Não da manhã até à noite, mas somente durante o tempo da recreação. Na sua ingenuidade, Francisco tomou ao pé da letra as palavras de Dom Bosco: estar sempre alegre.

Convencido de que brincar era coisa que agradava a Deus, esperava com ansiedade o tempo livre para fazer isso. Mas, ah! Não tendo a experiência de lidar com certos brinquedos, acontecia frequentemente que se dava mal ou caía aqui e ali. Tentava caminhar nas pernas de pau e caía por terra. Queria exercitar-se nas paralelas e terminava caindo. Se brincava com as bochas, as fazia rolar entre as pernas de alguém. “Era tão desajeitado que sempre que participava de certos brinquedos, ia aos tombos e trambolhões.”⁵⁷

Vendo-o, certa vez, caminhando com dificuldade, Dom Bosco aproximou-se dele e explicou como proceder durante a recreação. “Pobrezinho! Procura ter mais cuidado! E vai mais devagar!”

– Mas, o senhor disse que a brincadeira agrada a Deus. Por isso, eu quero praticar todos os brinquedos, como fazem os meus colegas.

– Não debes entender isso assim. Os jogos, tu os vais aprendendo aos poucos, e devagarzinho chegarás a ser um craque. “Os jogos devem servir para divertir e não para te prejudicar”. Depois dessa advertência, ele entendeu que a recreação devia ser praticada com moderação, contribuindo para o bem do espírito e para a saúde do corpo.⁵⁸

Besucco aprendeu, assim, a brincar com moderação. “Aliás, quando o tempo livre era bastante prolongado, ele costumava interrompê-lo para se informar sobre as normas da casa e sobre a disciplina. Procurava, também, resolver algumas dificuldades de estudo, consultando algum colega, e também ia à igreja fazer alguma oração. Além do mais, habituou-se, durante a recreação, a dar bons conselhos, fazendo isso quando lhe parecia oportuno.”⁵⁹



Uma típica maneira de “moderar” a recreação consistia em abandonar o jogo, por um momento, para ir à igreja, fazer uma oração.

“Entre outras coisas, adquiriu o bom hábito de fazer, todos os dias, uma breve visita ao Santíssimo Sacramento.”⁶⁰

Também Besucco, seguindo as pegadas de Sávio e Magone, procurava conquistar “clientes”, jogando com eles para torná-los amigos e, em seguida, levá-los para a igreja.

“Era edificante, diz Dom Bosco, vê-lo interessar-se em levar algum companheiro para a igreja.”⁶¹

Esse tipo de recreação, “moderada”, fez despertar em Besucco o interesse pelos seus deveres.

“Interessando-se assim, durante a recreação, para se inteirar sobre a disciplina da casa e assuntos de aula, Besucco tornou-se, em pouco tempo, um modelo de estudo e de piedade.”⁶²

“Assim sendo, pode-se dizer que Dom Bosco conseguiu orientá-lo na sua vivacidade e, como escreve Ângelo Amadei, ensinou-lhe a verdadeira alegria, que consiste em praticar uma recreação sadia, proveitosa e santa.”⁶³

O valor dessas cartas

Pedro Braldo assim resume: “Sem dúvida nenhuma, os quatro volumes do *Epistolário de Dom Bosco* são muito mais do que um mero documento pedagógico: são, antes de tudo, o testemunho de uma vida dinâmica, rica de projetos e realizações. Isso não impede que, frequentemente, encontrem-se entre as cartas algumas de conteúdo prevalente ou exclusivamente pedagógico.”¹

As cartas de Dom Bosco foram recolhidas pelo historiador salesiano Eugênio Ceria em quatro volumes. Do referido “Epistolário”, escolhemos duas cartas: uma dirigida ao Pe. Rua e outra escrita por Dom Bosco em 10 de maio de 1884, em Roma. O texto, por nós seguido, é da edição de 1863, como está reproduzido no *Epistolário* estudado por Ceria. [CERIA, Eugenio. *Epistolario di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1955, vol. I e vol. II, 1956; vol. III, 1958; vol. IV, 1959.]

Carta ao Pe. Rua, diretor da casa de Mirabello

O Pe. Rua tinha sido ordenado sacerdote havia pouco tempo, quando lhe foram confiados alguns salesianos e um grupo de “ótimos alunos do Oratório para que funcionassem como bom fermento na nova comunidade de Mirabello”², cuja fundação e direção lhe foram confiadas. Era outubro ou novembro de 1863. Essa carta, que mais tarde foi ampliada e completada, tornou-se, na verdade, uma circular, com o título de *Lembranças confidenciais aos diretores*. Dom Bosco fez chegar uma cópia dela a todos os diretores de suas diversas comunidades.³

A carta não trata, portanto, de assuntos pessoais, mas tem por finalidade ensinar um método, dando aquelas instruções que poderão servir de normas práticas para bem governar. Um dos primeiros avisos é este: “Esforça-te para seres amado e não para seres temido”. O método é o mesmo do Oratório de Valdocco, baseado, sobretudo, na “vida do pátio”.

*Faze o possível para ficares no meio dos jovens todo o tempo da recreação e procura dizer ao pé do ouvido alguma palavrinha afetuosa, quando para isso se apresentar a ocasião oportuna. Aqui está o segredo para ganhares o coração dos jovens.*⁴

Quando Dom Bosco se encontrava no pátio e não estava jogando “não ficava calado,

mas, saía-se com frases espirituosas ou colhia a oportunidade para sussurrar ao ouvido essa ou aquela palavrinha que estava guardada na sua cabeça e que, dita no momento oportuno, produzia grande resultado.”⁵ Em 1871, quando a carta tornou-se uma *Circular*, encontram-se nela exemplos dessas palavras a serem ditas aos jovens no momento da recreação.

“Perguntarás: Quais são essas palavras? As mesmas que noutras ocasiões, muitas vezes te foram ditas: Por exemplo: Como estás? Bem. E tua alma? Mais ou menos. – Eu gostaria que tu me ajudasses num negócio muito importante. Podes? Mas é claro. Em que coisa? – Queria que me ajudasses a fazer-te o bem. Ou então: Que me ajudasses a salvar a tua alma. – Quando queres que quebreemos o chifre do demônio? De que modo? Com uma boa confissão. Quando queres? O mais cedo possível. E assim por diante”. (MOTTO, Francesco. *O. cit.*, p. 82).

O texto da carta de 1863 prossegue com este aviso: “Que estejas sempre disponível para atenderes confissões”. Poder-se-ia quase afirmar que “vida do pátio” e confissão são momentos intimamente correlacionados, sem que se perca a própria dignidade e autonomia. Na realidade, a confiança conquistada no pátio gera sempre



a naturalidade e a liberdade com que se abre o coração ao sacerdote amigo e confessor.

Outro aviso é esse: “Procura iniciar a Companhia da Imaculada Conceição (grupo jovem), da qual serás apenas um animador, nunca diretor. Isso é papel dos jovens”.

A carta de Roma, datada de 10 de maio de 1884

Origem e importância da carta

Primavera de 1884. Dom Bosco está em Roma. Ele é sempre “il capo dei birichini” (o chefe da garotada). Está na capital da cristandade exatamente para conseguir do papa a aprovação da sua obra educativa. O Oratório inicial, sem portas e sem paredes, transformou-se numa sólida instituição escolar, com normas rígidas e sem a espontaneidade que reinava no início. O genuíno Sistema preventivo estava sendo ameaçado.

O padre Lemoyne explica como foi escrita essa carta. Dom Bosco teve um sonho. Por várias vezes ele o narrou, pediu ao padre Lemoyne que o escrevesse e lesse para ele, e fez as devidas correções. Mandou que a carta fosse copiada outra vez.

Como o sonho dizia respeito aos membros da Congregação Salesiana, foi necessário fazer um novo trabalho para que pudesse ser lido em público na presença de todos os jovens do Oratório. Conservada, portanto, toda a segunda parte, foi preciso deixar de lado aquilo que, de uma maneira demasiadamente prolixa, dizia-se na primeira parte, colocando-se em evidência apenas o momento das duas recreações. Essa carta foi despachada no dia 10 de maio. “Lida em público pelo padre Rua, ela produziu um grande efeito.”⁶

Pedro Stella afirma que, “pelo seu conteúdo, essa carta deve ser considerada como um dos mais eficazes e ricos documentos pedagógicos de Dom Bosco.”⁷ Do mesmo parecer é Pedro Braidó, que dela dá a seguinte definição: “Uma síntese humilde de uma grande vida”. Ele a define ainda como “o poema do amor educativo”. Para ele, essa carta é “o documento mais límpido e essencial da pedagogia de Dom Bosco e um dos mais importantes da educação cristã.”⁸

Esquecida, essa carta foi trazida à baila pelo Padre Paulo Álbera, quando era Reitor-mor dos salesianos. Ele concitou todos a fazerem dela uma nova descoberta, por ocasião da inauguração do monumento a Dom Bosco, na Praça de Maria Auxiliadora, em 1920. Bartolomeu Fascie, apresentando o texto, dizia: “Ela fala por si só,

Sabemos que o pátio sempre foi o local apropriado para o apostolado dos meninos que faziam parte da Companhia da Imaculada. Toda semana apontava-se um “cliente” a ser recuperado para o bem, mediante o jogo.



O sistema educativo de Dom Bosco era um tema recorrente na maioria de seus escritos.

com muita eficácia e clareza, e representa, de maneira muito viva, o andamento das nossas obras. Todos podem tirar dela as oportunas aplicações para sua conduta pessoal, e que os levem a aumentar seu fervor ou, se for o caso, fazer alguma correção.”⁹

Dom Bosco, insistindo na aplicação correta do Sistema preventivo – como observa Caviglia – não faz outra coisa senão falar do pátio e dos educadores que devem estar presentes na recreação, porque tudo dependia da “vida do pátio.”¹⁰

A estrutura é dada por um prólogo ou introdução. “Longe ou perto, eu penso sempre em vocês. Um só é o meu desejo: vê-los felizes no tempo e na eternidade.” A carta prossegue, com um corpo central estruturado sobre a base do gênero literário do sonho. Termina com um epílogo de cunho moral.

A recreação de acordo com o Método preventivo e com o Método repressivo

Na perspectiva da vida do pátio, Dom Bosco descreve duas cenas que representam o modo de fazer recreação: segundo o Sistema preventivo e segundo o Sistema repressivo. No sonho, um ex-aluno seu, Valfré, lhe pergunta se ele deseja ver como o Oratório funcionava antes de 1870. Outro aluno, José Buzzetti, lhe faz ver como o Oratório funciona em 1884.

• Primeiro quadro: a recreação conforme o Método preventivo: alegria barulhenta e confiança cordial

Pareceu-me estar no antigo Oratório no momento da recreação. Era uma cena com muito movimento, muita vida e muita alegria. Corria-se, pulava-se e fazia-se pular. Aqui se brincava o jogo da rã, a barra bandeira ou jogava-se bola. Mais adiante via-se um grupo de jovens que escutavam um padre, o qual lhes contava alguma história. Noutra lugar, um clérigo que, no meio de garotos, estava fazendo a brincadeira do asno que voa ou a brincadeira das profissões. Em muitos lugares cantava-se e ria-se a valer. Havia muitos clérigos e muitos padres e, em volta deles, jovens que faziam barulho em meio a muita alegria. Podia-se perceber que entre jovens e superiores reinava uma grande cordialidade e muita confiança.¹¹

Esta é a descrição do método empregado por Dom Bosco quando ele, em pessoa, podia animar diretamente a recreação nos assim chamados, “tempos áureos”.

A recreação com o Método preventivo deveria ser sempre assim. E o motivo está aqui: É que a familiaridade gera o amor, e o amor gera a confiança. “É isso que abre os corações e os jovens manifestam tudo sem medo de seus mestres, dos assistentes e dos superiores.”¹²

• Segundo quadro: A recreação segundo o Método repressivo: um jogo sem graça e uma barreira de desconfiança entre educador e educando

Eu vi o Oratório e todos vocês em plena recreação. No entanto, eu não escutava aqueles

gritos de alegria nem os cantos; não via aquela movimentação, aquela vida, como na primeira cena. No comportamento e no olhar daqueles jovens notava-se tédio, cansaço, cara fechada, uma desconfiança que fazia doer o coração. É verdade que eu vi muitos que corriam, jogavam, movimentando-se despreocupadamente; no entanto, eu via também outros encostados nas colunas, pensativos; outros, ainda, pelas escadas, nos corredores, apoiados nas varandas que dão para o jardim, procurando evitar a recreação; vi, também, alguns que passeavam em grupos, lentamente, falando baixinho entre eles, dando em torno umas espiadas que manifestavam suspeita e não pouca maldade. Às vezes, até sorriam, mas, com sorrisos que não tinham nada de sinceridade e revelavam desconfiança. Cheguei a imaginar que São Luís ficaria muito envergonhado caso se encontrasse no meio deles. Observei ainda que, entre aqueles que jogavam, muitos se mostravam completamente apáticos, não demonstrando nenhum interesse naqueles divertimentos.

– Observaste os teus jovens?

– Infelizmente! Quanta falta de interesse nessa recreação!¹³

Esta é uma descrição da desordem em que vivia o Oratório em 1884. Voltando de Roma, Dom Bosco procurou corrigir tudo isso.¹⁴ Descreveu-se aqui a recreação como ela não devia ser: a recreação conforme o Sistema repressivo. O oposto é uma recreação animada, onde educadores e educandos se misturam, arrastados por uma onda de clamorosa alegria cristã, que não permite formar-se nenhuma “corrente” de desconfiança.

A comunicação entre educadores e educandos é cortada. Isso influi negativamente em todos os setores. E então, conforme Dom Bosco, tudo caminha mal. Tudo mesmo! Assim sendo, não há mais lugar para uma verdadeira educação.

“Nasce daqui a frieza de muitos em se aproximarem dos sacramentos; o relaxamento nas práticas de piedade, na igreja e alhures; o sentir-se de má vontade naquele lugar onde a Providência os colocou, proporcionando-lhes tudo de bom para o corpo, para a alma e para a inteligência. Disso resulta que muitos não correspondem à sua



vocação; daqui nasce toda sorte de ingratidão para com os superiores; daqui se originam os mexericos e as murmurações, com todas as suas deploráveis consequências.”¹⁵

Como educar com a “vida do pátio”

• É essencial que o educador seja uma pessoa que ama

A educação só é possível quando baseada no amor e na estima do educador para com o educando. Tudo isso é importante, sobretudo na idade evolutiva, onde são frequentes as dúvidas e a insegurança, especialmente quando se trata de jovens pobres, talvez com carências afetivas, e que têm necessidade de uma experiência positiva de si mesmos e das pessoas que os rodeiam. A carta-sonho continua assim:

– *Compreendo sim, eu entendo, respondi. Mas, como é possível animar esses meus queridos jovens, a fim de que possam voltar à antiga vivacidade e à alegria espontânea?*
– *Com o amor!*¹⁶

“O meu Sistema preventivo é a caridade.”¹⁷ repetia Dom Bosco. “Um amor que seja sobrenatural, desinteressado, puro; um amor que seja o prolongamento daquele amor de Deus, que nos amou primeiro”.

• Não basta amar. É necessário que o educando perceba que é amado

O educador que ama: isso é fundamental. Dom Bosco, sempre em sonho, admira-se de que lhe seja proposto utilizar-se do amor para educar. Isso, para ele, é coisa evidente.

– *Amor? Mas, os meus jovens já não são bastante amados? Tu sabes quanto bem eu lhes quero. Sabes quanto por eles tenho sofrido e suportado.*
– *Não me refiro a ti.*
– *A quem, então? Àqueles que fazem as minhas vezes? Diretores, ecônomos, professores, assistentes? Não vês como eles se empenham no estudo e em seus trabalhos? Como sacrificam os anos de sua juventude para o bem daqueles que a Providência lhes confiou?*
– *Vejo, sim: mas, isso não basta. Está faltando o principal.*
– *O quê, então?*

– *Que os jovens não apenas sejam amados, mas, que eles percebam que são amados.*
– *Mas, eles não têm os olhos abertos para ver? Não têm a luz da inteligência? Não veem que tudo o que se faz por eles, é por amor a eles que se faz?*
– *Não, repito, isso não basta.*¹⁸

Dom Bosco sempre ensinou que a caridade deve revestir-se de uma forma e de uma atitude prática toda especial, que ele chamou de “amorevolezza”. A caridade deve tornar-se “pedagógica”, percebida pelo educando.

Escreve o padre Egidio Viganó, ex-reitor mor dos salesianos: “Este exercício de caridade resume-se num princípio metodológico que é a expressão mais alta da genialidade pedagógica de Dom Bosco e que constitui o seu supremo princípio: não basta amar os jovens, é preciso saber fazer-se amar por eles.”¹⁹

• O educando sabe que é amado quando o educador ama aquilo de que ele gosta

– *E, o que é, pois, necessário?*
– *Que, sendo amados naquelas coisas de que eles gostam, sentindo o interesse do educador pelas suas inclinações e gostos, aprendam a se dedicar com amor àquelas coisas que pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo, a mortificação pessoal. E que aprendam a fazer tudo isso com amor.*
– *Observa os jovens na recreação. Observei.*
– *E então, perguntei:*
– *E o que há de especial?*
– *Estás educando jovens há tantos anos e não compreendes? Observa melhor. Onde se encontram os nossos salesianos?*
– *Prestei atenção e vi que bem poucos sacerdotes e clérigos se encontravam no meio dos jovens, e menos ainda eram os que brincavam com eles. Os superiores não eram mais a alma da recreação.*²⁰



Educar conforme o Sistema preventivo implica, portanto, que os educadores sejam “a alma da recreação”. Nos primeiros anos, Dom Bosco estava sempre no meio dos jovens, especialmente no tempo da recreação e, assim, eles sentiam-se felizes em se aproximar dele. Agora, no entanto, os educadores que se dizem seguidores de Dom Bosco não sabem mais participar da “vida do pátio”.

Muitos deles caminhavam, conversando entre si, sem se preocupar com o que faziam os alunos; outros olhavam a recreação sem nenhum interesse pelos jovens; outros vigiavam de longe, sem perceber quem cometia alguma falta. Alguém chamava a atenção, mas de maneira muito ríspida. Havia alguns salesianos que procuravam introduzir-se em algum grupo de jovens, mas esses procuravam evitá-los, afastando-se de seus mestres e superiores.²¹

O ambiente havia se deteriorado porque os educadores não mais participavam da “vida do pátio”. Não eram mais capazes de despertar confiança. Já não eram amigos procurados e estimados, mas, superiores que eram evitados e temidos.

A razão da atual mudança no Oratório está aqui: os jovens não têm mais confiança nos superiores. Antigamente, os corações se abriam para os superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente. Agora, ao invés, os superiores são considerados apenas como superiores e não mais como pais, irmãos e amigos. Assim sendo, são temidos e pouco amados. Por isso, se se deseja formar um só coração e uma só alma, por amor de Jesus, é preciso destruir aquela fatal barreira da desconfiança e, em lugar dela, que se dê lugar a uma confiança cordial. Que, portanto, a obediência oriente o aluno, assim como a mãe orienta o filho. Somente assim voltarão a reinar no Oratório aquela paz e alegria de antigamente.²²

• Se o educador amar as coisas que agradam ao educando, este amará, também, suas propostas educativas

A essa altura do sonho, Dom Bosco se desculpa por não mais poder participar, como antigamente, da “vida do pátio”, devido a seus inúmeros compromissos e também por causa de sua saúde.

– Tudo bem. Se o senhor não pode, por que os seus salesianos não se fazem seus imitadores? Por que não insiste e não exige que tratem os jovens como o senhor costumava fazê-lo?

– Eu insisto, sim, não me canso de falar, mas, infelizmente, muitos não se sentem mais dispostos a agir como antigamente.

– Assim sendo, descuidando o menos, perdem o mais, ou seja, não obtêm o resultado de seu cansaço e de suas fadigas. Que eles amem aquilo que agrada aos jovens, e os jovens deverão de amar o que agrada aos superiores. Dessa maneira tornar-se-á fácil o seu trabalho.²³

Jogar com os meninos poderá parecer coisa de pouca monta e mesmo irrelevante para uma educação baseada em bons princípios. “No entanto, no método de Dom Bosco, é esse “menos” o elemento sem o qual se perde o “mais”, isto é, a educação, que é o resultado dessa fadiga”. Aquilo que, para Dom Bosco, aparece como “o mais” num contexto pastoral, é substituído por um outro “mais”, de caráter metodológico-educativo, quando, para os jovens, considerados na sua realidade, os fins religiosos e morais parecem ser atingidos somente através da compreensão e da comunicação educativa.²⁴

O problema principal na educação é o de criar as condições para um autêntico relacionamento educativo. A barreira dessa desconfiança, porém, poderá isolar os dois polos desse relacionamento. Como chegar a uma confiança cordial, a uma colaboração afetuosa?

Na opinião de Dom Bosco, pode-se alcançar isso através da familiaridade com os jovens, especialmente na recreação.

Sem familiaridade não se demonstra amor e, sem isso, não pode haver confiança. Quem quer ser amado precisa demonstrar que ama. O professor visto somente em sala de aula, é apenas professor, mas, se vai para a recreação com os jovens torna-se irmão. Se alguém é visto pregar na igreja, dir-se-á que ele simplesmente faz o seu dever, mas, se ele diz uma palavra na recreação, é a palavra de alguém que ama. Quantas conversões não foram resultado de palavras ditas por ele ao ouvido dos jovens no momento em que se divertiam! Quem sabe que é amado procura

*também amar, e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens. Esta confiança estabelece uma corrente elétrica entre os jovens e os superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas carências e seus defeitos.*²⁵

A “vida do pátio”, portanto, cria as condições para se iniciar um autêntico processo educativo. A familiaridade conduz à amizade, que gera confiança. O educando escuta, de boa vontade, a palavra do educador, não porque esse é seu papel, mas, porque é a palavra de alguém que o ama. Obedecem-lhe prontamente porque lhe querem bem.

• **Uma advertência: o amor do educador deve ser sensível, porém, nunca sensual e egoísta**

O educador deve demonstrar um amor humanamente equilibrado, mas também permeado de caridade sobrenatural. Para o educador cristão, Jesus é a fonte, o modelo do amor. Antes de ser um método, a *amorevolezza* deve ser caridade sobrenatural atuante. Na realidade, o amor do educador pode degenerar e até tornar-se contraproducente. É necessário voltar à caridade, ao verdadeiro amor.

Então, não haverá quem faz o seu trabalho por pura vaidade; quem castiga somente para vingar seu amor próprio ofendido; quem se afasta do campo da assistência simplesmente por ciúme de alguém que lhe é superior; quem fala mal dos outros para assim granjear a simpatia dos meninos, excluindo os demais superiores e recebendo em troca somente desprezo e falsos elogios; quem procura roubar o coração de uma criatura e, para dar atenção somente a ela, é levado a descuidar de seu dever para com os outros; quem se deixa levar pelo comodismo, não fazendo caso de suas obrigações; quem, por um falso respeito humano,

*deixa de advertir aquele que está precisando de alguma correção. Se houver este verdadeiro amor, não se terá outra coisa em mira senão a glória de Deus e o bem das almas.*²⁶

O educador que se deixa dominar pelo instinto egoísta procura evitar aquelas atividades que lhe deram trabalho antigamente e passa a usar, facilmente, o “método repressivo”.

*Por que substituir o amor pela frieza de um regulamento? Por que se afastarem os superiores da observância daquelas normas de educação que lhes foram transmitidas por Dom Bosco? Por que, em lugar do Sistema preventivo vai-se pondo em prática um outro sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, que consiste em impor leis, que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos e, se não se cuida de as fazer observar, geram desprezo aos superiores e terminam em gravíssimas desordens?*²⁷

Elas acontecem “necessariamente” porque faltam a familiaridade e o verdadeiro amor. O amor que anima o educador não pode ser um amor passional ou meramente humano. Esse tipo de amor simplesmente deseduca. O mesmo se dá com o temor que leva os jovens a aceitarem tudo sem questionamento, tornando-os falsos, desmotivados. No entanto, quando se trata de agirem com plena liberdade, são capazes, por reação, de fazer qualquer coisa.

O meio principal para se chegar, novamente, a um verdadeiro clima educativo no Oratório é voltar à observância das “regras da casa”, onde todos se misturavam amigavelmente com os meninos e jogavam com eles.

Como o educando pode tornar-se disponível ao trabalho educativo

A carta de 1884 prossegue assim:

*Que dizer aos meus jovens? A resposta é muito simples: devem viver na graça de Deus e ter no coração a sua paz. A causa verdadeira do mau humor, da barreira, da desconfiança, de certos segredos que matam e do fechamento dos corações é esta: o pecado mortal. O remédio? Confessar-se. Uma confissão com propósitos firmes. Sem essa condição, de nada vale se confessar. É muito útil, também, oferecer alguma pequena mortificação por amor de Maria. Isso servirá para destruir a barreira da desconfiança que o demônio soube levantar.*²⁸

TERCEIRA PARTE

A PARTICIPAÇÃO DO EDUCADOR NA “VIDA DO PÁTIO”

(Reflexão sistemática)



A música sempre teve papel relevante no sistema educativo de Dom Bosco.

CAPÍTULO XVI O SISTEMA PREVENTIVO E A "VIDA DO PÁTIO"

No tempo de Dom Bosco, chegava também a Turim a Revolução Industrial. Nascia, assim, "uma nova figura no campo do trabalho: o menino que era operário aos oito anos (...) Os meninos, os jovens operários eram empregados como adultos, por treze ou quatorze horas de trabalho ao dia, durante sete dias da semana."¹

Dom Bosco começou por defender os jovens aprendizes com contratos de trabalho. Um desses contratos, realizado em 1851, chegou até nós. Por ele pode-se depreender como Dom Bosco, numa época de exploração generalizada, proclamava e sustentava o direito a períodos de merecido repouso para os jovens operários.

*O homem nasceu para trabalhar, mas o menino nasceu também para brincar. O jogo, para ele, é uma necessidade, O empregador, portanto, deverá deixar-lhe completamente livres todos os dias festivos do ano. Assim sendo, também aqueles que estão envolvidos em desfrutar o trabalho dos menores poderão frequentar o Oratório e participar dos jogos. Eles também têm o direito, cada ano, a quinze dias de férias.*²

Embora de uma maneira um tanto implícita, aparece evidente que o jogo é um direito. Para Dom Bosco, no entanto, o jogo é ainda algo mais: ele é o meio mais fácil e seguro para poder educar os jovens. Isso é possível somente com a condição de que o educador participe de seus divertimentos.

A "vida do pátio", método educativo inventado por D. Bosco

Já em 1849, quando o Oratório de Valdocco estava dando os primeiros passos, uma importante revista sobre educação escrevia que Dom Bosco recolhia de 400 a 500 rapazes para mantê-los longe dos perigos e para instruí-los. "E isto ele consegue através de agradáveis e sadias recreações (...). Dom Bosco não descuida a educação física, deixando que, no pátio situado ao lado do Oratório, todo cercado, os meninos cresçam reforçando o vigor do corpo através de exercícios de ginástica, divertindo-se com as pernas de pau, nos balanços, com os jogos de malha ou de bilhar".³

Pode-se logo depreender que o jogo é considerado parte essencial do modo de educar de Dom Bosco. Já em 1849, Gustavo de Cavour, no jornal *Armonia*, notava outra característica do método: a participação do educador nos jogos. "No meio deles encontrava-se sempre Dom Bosco (...), mestre, companheiro e amigo."⁴

Dom Bosco, no seu século, esteve entre os primeiros a introduzir a "atividade física" como elemento indispensável no processo educativo, como um modo característico de educar com o jogo e durante o jogo. Sua maneira de agir era diferente do método seguido em Turim por seu contemporâneo, o padre Cocchi. Para o fundador do Oratório do Anjo da Guarda, a ginástica servia apenas para canalizar as energias físicas para uma

atividade sadia, ajudando a superar as formas de brutalidade e de violência, e descarregando a natural agressividade dos jovens, particularmente dos marginalizados. "Desde o início, Dom Bosco orientou-se em direção a uma perspectiva pedagógica mais articulada". Tendo por centro a inspiração religiosa, ele modelou o seu Oratório sobre um esquema que tendia a cultivar nos rapazes dimensões como a instrução e o trabalho, servindo-se, para isso, das potencialidades educativas do jogo e das atividades livres em ambiente aberto.⁵

O historiador salesiano Eugênio Ceria vê em Dom Bosco o inventor de um método original de educação com o jogo e durante o jogo. Para ele, as características mais evidentes no método são duas:

- **A primeira é a "extraordinária animação"**

"Ele dava preferência aos brinquedos que exigiam agilidade da pessoa. Era um espetáculo a recreação do Oratório. Uma turma de jovens a correr, pular, fazer barulho, divididos em grupos, de acordo com a variedade dos jogos".

- **A segunda característica é a participação ativa na "vida do pátio"**

Todos os educadores que a animavam, inclusive Dom Bosco, "estavam à frente das atividades es-

portivas, como verdadeiros amigos dos jovens e, com eles, participavam dos desafios. Divertindo-se

dessa maneira com os alunos, longe de se rebaixarem, os superiores conquistavam sua confiança.”⁶

Definição da expressão “vida do pátio”

A expressão “vida do pátio” foi criada por Alberto Caviglia, o primeiro estudioso que tentou uma ampla síntese do pensamento pedagógico de Dom Bosco. A “vida do pátio” deve ser entendida em sentido amplo, pois inclui passeios, encontros espontâneos pelas estradas e nos vários ambientes, as reuniões alegres e descontraídas. Enfim, tudo aquilo que não é determinado pelo regulamento e não depende da administração ordinária.⁷ Deve-se incluir, portanto, o teatro, o canto e a música, entendidos, porém, não como aula e, sim, como recreio, isto é, diversão livre e criativa, e, por fim, também as grandes “festas”, com sua coreografia, semelhantes às competições esportivas.

Nesta síntese, vamos limitar-nos à análise da “vida do pátio” em sentido estrito, sabendo que dinâmicas semelhantes funcionam também para outros tipos de diversão.

Por “vida do pátio” Dom Bosco não entendia nem a ginástica, concebida como aula, que exige atenção e trabalho, nem o esforço cansativo, e sim, um divertir-se com jogos, livre de qualquer preocupação exagerada.

Do mesmo parecer era o professor Allievo, docente de pedagogia naquela época. Assim escreve ele: “A natureza, ela mesma, ensinou ao menino a livre e salutar ginástica de seus membros e essa ginástica não deve ser estragada pelo excesso de normas que controlam a sua prática.”⁸

Que Dom Bosco entendia por jogo, sobretudo a atividade livre, praticada a céu aberto, com movimento, é demonstrado também através de um episódio ocorrido em sua vida. Quando, em 1865, o Duque de Aosta deu de presente ao Oratório parte de seus aparelhos de ginástica, Dom Bosco não os colocou num ambiente fechado, mas os deixou no pátio, para serem usados na recreação.⁹

Em Valdocco, a “vida do pátio” compreendia dois tipos de recreação, que se complementavam e se fundiam num único projeto. Um primeiro tipo de recreio, que o mesmo Dom Bosco define como sendo “todo vida, todo movimento, todo alegria”,¹⁰ é o recreio de quem corre, de quem pula,

de quem faz pular. É uma recreação com divertimentos lúdico-motores, ao ar livre, com muito movimento. Esse tipo de recreação é o que mais se destaca e o mais comum. “Quem nunca viu, dificilmente pode imaginar o barulho, a ingênua despreocupação, os jogos e a alegria daquelas recreações. O pátio era percorrido, palmo a palmo, nas corridas desenfreadas.”¹¹

Um segundo tipo de recreação é feito com jogos de pouco movimento e se realiza, geralmente, caminhando. Consiste em jogos de sociedade, diálogos alegres e divertidos, intervenções inteligentes, explicações escolares ou de interesse cultural, contos e também pensamentos espirituais. É, pode-se dizer, uma recreação de segundo tipo.

No pátio não havia bancos (MB VII, p. 50). Em geral, eram proibidos os jogos sedentários. Às vezes, porém, o próprio Dom Bosco se sentava com vários círculos de jovens ao seu redor e os animava com jogos de prestidigitação, piadas, contos e cantos (MB IV, p. 292-293 e MB VI, p. 335 e 429).

Dom Bosco descreve esse tipo de recreação na *Carta de Roma*, do dia 10 de maio de 1884:

*Num lugar, uma roda de jovens pendia dos lábios de um sacerdote, que lhes contava uma história. Noutro, um clérigo, no meio de outros meninos, brincava de burro que voa e fazia a brincadeira das profissões. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte se encontravam padres e clérigos e, ao redor deles, jovens brincando e gritando alegremente.*¹²

No pátio, muitas vezes, se encontrava a banda. A “vida do pátio” era formada por uma enorme variedade de jogos. Os meninos tinham ampla liberdade para participar desse ou daquele tipo de jogo, conforme suas necessidades ou gostos do momento. Os jogos eram organizados na hora,

tirando-se a sorte para a formação dos times. Eles variavam conforme a época do ano e também obedeciam aos critérios de predileção e escolha.¹³ A única exigência que se fazia era que todos participassem, não ficando ninguém parado. Daí a necessidade de o educador participar também, ativamente, da recreação, animando os jogos. A recreação não deve ser um tempo de repouso ou



Para Dom Bosco, o pátio salesiano deve ser “todo vida, todo movimento, toda alegria”.

distração para o educador, pois é nessa ocasião que se exigem dele maior esforço e solicitude.¹⁴

Com a ajuda dos rapazes mais responsáveis, os educadores devem primeiro ocupar todos os jovens, atraindo-os para o centro da recreação, sem que seja necessário repreendê-los e obrigá-los a isso. Para Dom Bosco, o recreio melhor era o moderado, uma mistura dos dois tipos mencionados acima. Naturalmente, é privilegiado o recreio “todo vida, todo movimento, toda alegria”, com jogos de muito movimento. Para se conseguir um recreio “moderado” é preciso que se evitem os excessos. “Não vos digo que deveis ter esse ou aquele tipo de brinquedo. Pulai à vontade, diverti-vos, mas evitai os excessos. Também eu, quando disponho de tempo, participo dos brinquedos, me divirto com vocês, mas evito aquilo que me possa trazer prejuízo.”¹⁵

A “vida do pátio”, essencial na prática do Sistema preventivo

Em seu pequeno tratado sobre o Sistema preventivo, Dom Bosco, sinteticamente, define assim o seu método: “Este sistema se apoia, todo ele, sobre a Razão, a Religião e o Carinho (*Amorevolezza*).”²⁰ O Sistema preventivo apela não para a pressão, mas para os recursos do coração, da inteligência e da sede de Deus que todo homem sente no profundo do seu

A recreação não tem como finalidade prejudicar, mas, recriar as forças, elevando o espírito. Assim não sendo, também o físico leva desvantagem.¹⁶ Moderar o recreio é também passar dos jogos de “muito movimento” para aqueles do segundo tipo de recreio, caminhando com algum animador. Dom Bosco aponta Besucco como exemplo concreto:

Quando o tempo era bastante prolongado, ele costumava interrompê-lo para se entreter com algum colega mais estudioso, a fim de se informar das regras de disciplina da casa, receber explicações sobre alguma dificuldade de aula, e também para ir cumprir algum exercício de piedade cristã.”¹⁷

O recreio “moderado” é um método muito útil, e favorece o crescimento educativo do menino de maneira global. Falando ainda sobre Besucco, diz Dom Bosco: “Misturando, assim, o recreio com interesse pelas coisas da aula, tornou-se, em breve, um aluno modelo de piedade e de aplicação aos estudos.”¹⁸

Quando Domingos Sávio perguntou a seu educador como fazer para se tornar santo, o primeiro conselho foi “nunca deixar de tomar parte no recreio com seus colegas”.¹⁹ Dom Bosco jamais permitia, nem por motivo de penitência, nem por necessidade de estudo, que se deixasse o recreio. Foi o próprio Domingos Sávio que, interpretando o genuíno pensamento de Dom Bosco, disse um dia, a um menino que andava meio tristonho: “Aqui no Oratório nós fazemos consistir a santidade em estarmos sempre alegres”. O recreio é algo que muito agrada a Deus e, brincando, nós nos tornamos melhores. Além do mais, durante o recreio, um menino pode tornar-se educador de seus companheiros, conforme o alegre trocadilho de Dom Bosco: “Salva, salvando, salva-te”.

ser. Razão, Religião e Carinho são fatores educativos”. Mas, é relevante e, sob certo aspecto, mais característico o sentido propriamente pedagógico-metodológico do trinômio (...). Um conjunto suficientemente orgânico de intervenções, métodos e meios com os quais o jovem se sente interessado e estimulado pelo seu desenvolvimento educativo.”²¹

Nesta terceira parte de nosso trabalho, procuraremos distinguir as intervenções, os métodos e os meios principais com os quais o educador intervém na “vida do pátio” e procuraremos demonstrar também como a “vida do pátio” é um fator essencial e indispensável para se poder usar o Sistema preventivo.

Dom Bosco considerava este “método da vida do pátio” tão essencial que usou-o até com os presos²² e também durante os exercícios espirituais,²³ quando a praxe era impor silêncio e recolhimento. Foi a utilização de jogos o primeiro fator da renovação de um pequeno seminário.²⁴

Caviglia, numa sua conferência, sintetizando o pensamento de Dom Bosco, afirma categoricamente: “Se não entendermos esta idéia, todo o sistema de Dom Bosco desmorona e não passa de conversa fiada.”²⁵

O mesmo autor, comentando a vida de Magone, escreve: “Se refletirmos que todo o sistema educativo se origina em Dom Bosco, na vida dos oratórios e, nestes, a escola e a colegialidade estão ausentes do regime ordinário; e, ao invés, fora e depois do trabalho essencialmente religioso, não resta senão aquilo que se faz no pátio; se lembrarmos que, até e quando lhe foi possível, Dom Bosco deixava todo o resto, para estar no pátio com seus filhos, teremos compreendido a importância que esse fator tem aos seus olhos de educador e pai das almas dos seus filhos.” (CAVIGLIA, Alberto. *Il “Magone Michele”: una esperienza classica educativa*. Torino: SEI, 1950, p. 39).



CAPÍTULO XVII “AMOREVOLEZZA” E “VIDA DO PÁTIO”

A *morevolezza* é a capacidade de “fazer-se amar”. Ela existe quando o educador consegue traduzir o poder educativo de seu amor em uma linguagem psicológica que seja compreensível ao educando.¹

Necessidade da educação dos jovens com o método da *amorevolezza*

A educação é necessária, de modo todo particular na juventude, considerada como a idade dos perigos.² As transformações físicas e psicológicas desta fase tornam os jovens frágeis por sua inconstância, irreflexão e inexperiência. Contudo, eles não são, de per si, de índole má. Se cometem erros é por falta de educação adequada. Erram porque seus pais e educadores se descuidam, deixando-os no ócio, sem perspectivas para o futuro. Erram também porque lhes faltam boas companhias ou, então, deixam-se influenciar por maus colegas, que os induzem à prática do mal.

*Esses jovens, escreve Dom Bosco em uma nota inédita, têm realmente necessidade de uma mão amiga”. O método mais simples para ajudá-los é procurar atraí-los com os jogos, num ambiente onde possam ser educados. Feito isso, sua educação torna-se viável e muito fácil.*³

Segundo José Flores d’Arcais, a Dom Bosco se deve o mérito de ter levado a reflexão ao ponto mais delicado e central da pedagogia: a relação entre os dois polos de toda educação: o educador e o educando.⁴

O primeiro polo do relacionamento educativo: um educador que ama

O segredo da obra educativa não é um conjunto de preceitos e métodos mais ou menos perfeitos, mas, sim, o mestre educador.⁵ Dom Bosco define o educador como um indivíduo consagrado ao bem dos seus alunos, pelos quais está disposto a se sacrificar, a fim de alcançar o seu objetivo.⁶ Portanto, educar não é fácil. Exige, antes de tudo, a decisão de amar até ao sacrifício. O educador educa primeiro com o exemplo, depois, com as palavras.

O amor do educador não se confunde com o “eros” dos antigos, mas é o “ágape” dos gregos e o “cháritas”⁷ dos romanos. Para iniciar um relacionamento educativo, o educador não pode fundamentar-se sobre um amor puramente humano e natural, ainda mais se esse amor for

contaminado por egoísmo, interesses particulares e pela sensualidade.⁸ Seu amor tem que ser puro, e deve ser haurido na fonte do amor infinito.⁹ A um jesuíta famoso, que lhe perguntou como fazer para ter êxito na educação dos jovens, Dom Bosco respondeu: “Amando-os”.¹⁰ A mesma resposta encontra-se na *Carta de Roma*, datada de 10 de maio de 1884: “Com amor.”¹¹

“O método do amor, escreve Flores d’Arcais, é negação de qualquer outro método, ou, se quisermos, o reconhecimento de todo método, contanto que vivido e purificado pelo amor.”¹² O amor dá ao educador uma capacidade inventiva inexaurível para resolver cada situação concreta. Todavia, o amor apenas não basta. “Falta o melhor”, diz Dom Bosco.¹³

O segundo polo: um ponto de apoio no coração do educando

Dom Bosco é muito otimista sobre a possibilidade de educar o jovem, seja ele quem for. Para Dom Bosco, o caminho mais breve e seguro para se descobrir esse ponto-chave é através dos jogos e do divertimento.

*Em todo jovem, por mais problemático que ele seja, existe algo de bom. Cabe ao educador descobrir esse algo de bom e dele tirar proveito.*¹⁴



Aproximando-se de jovens que ele não conhecia, Dom Bosco começava por dizer-lhes: "Sou um amigo de vocês. Posso jogar também?"¹⁵ No fim, convidava-os a vir para o seu Oratório, onde havia, dizia ele, jogos maravilhosos. Quando adolescentes em crise chegavam à sua "casa" ele procurava logo animá-los,

falando de passeios, de corridas, de esgrima, de canto, de música.¹⁶ "O coração do jovem é uma fortaleza fechada ao rigorismo e a tudo aquilo que tenha sabor de aspereza."¹⁷ Esse coração, no entanto, abre-se ao amor permeado de sorriso, de brincadeiras, de boas maneiras, de jogo e de alegria.

"Vida do pátio": fator essencial e indispensável para se educar com amorevolezza

O professor Luigi Secco escreve: O agir do educando resulta sempre em respostas às solicitações, quaisquer que elas sejam: a ação do educador torna-se, em definitivo, responsável pela educação (...). Exige-se, portanto, um cuidado muito grande da parte do educador para que ele possa ter êxito".¹⁸

A ação do educador poderá falhar por três motivos:

- se nele faltar qualquer tipo de amor;
- se nele houver amor, mas que não seja educativo, por não ser sobrenatural nem oblativo, e por ser, além disso, amor sensual;
- enfim, se faltar aquele tipo de pedagogia na qual se manifesta persuasivamente o amor.¹⁹ Este se manifesta claramente na participação da "vida do pátio".

Como foi visto, o texto que analisa com maior autoridade as dinâmicas geradas pela participação do educador na "vida do pátio" é a *Carta de Roma*, datada de 10 de maio de 1884.²⁰

Segundo Dom Bosco, não é possível um autêntico relacionamento educativo enquanto existir "uma fatal barreira de desconfiança" entre os dois polos deste relacionamento: educador e educando.

- No educando, existe tal barreira quando ele não vive na graça de Deus, fechando, assim, o seu coração, levado pela vergonha e por medo de que os seus segredos sejam conhecidos pelo educador, que poderá castigá-lo. Essa barreira destrói a confiança, deixando o educando angustiado, irrequieto, sem ânimo para obedecer. Irrita-se facilmente, e tudo vai de mal a pior. Vive, por assim dizer, com medo de seus educadores, pensando que eles não lhe querem bem, e não se dobra às normas disciplinares. O educador, pela sua participação na "vida do pátio", pode desbloquear um jovem assim fechado e levá-lo a abrir-se completamente, a ponto de ele sentir a

necessidade de procurar alguém a quem confiar seus problemas.

- No que diz respeito ao educador, a barreira fatal de desconfiança existe quando ele não toma parte nos jogos com os meninos nem participa ativamente com eles daquelas coisas de que eles gostam. O educador, então, ao invés de ser "um amigo", de quem se aproximar com alegria, passa a ser "um superior", que se procura evitar. É temido, por não ser conhecido.

O que se sugere para eliminar esta barreira é a "familiaridade com os jovens, especialmente no recreio". Isso pode até parecer de sobremenos importância, um "menos" pouco significativo diante do "mais" dos grandes conteúdos e dos grandes valores. Um "menos" de pouca importância, também em relação a metodologias didático-educativas muito sofisticadas. Um "menos" até relativamente ao amor do educador que se devota ao seu múnus de educar, a ponto de se tornar um "mártir".

Os grandes conteúdos, as técnicas mais perfeitas e até mesmo o "martírio" do educador resultam em nada, se ele não for capaz de "provar que ama", amando as coisas que agradam aos jovens, isto é, amando aquilo que nós chamamos de "vida do pátio".

A familiaridade nos jogos produz afeto para com o educador, primeiro sob forma de simpatia e, depois, de amizade. Sendo amigo, o educador ganha a confiança e a obediência do educando. Jogar com os educandos é uma maneira de lhes abrir o coração, e eles manifestam tudo, sem qualquer receio. Tornam-se "sinceros na confissão e fora da confissão". Entre educador e educando começa a reinar a "maior cordialidade e confiança". Os corações se abrem, fazem conhecer suas necessidades, manifestam seus defeitos, e fazem

isso com toda simplicidade e candura. Somente, então, entre o polo do educador e o polo do educando passa aquela "corrente elétrica" nos dois sentidos, com as interações próprias de um autêntico processo educativo. Assim, o educador torna-se capaz de suscitar no educando uma colaboração afetiva.²¹ É então que o educando passa a se aproximar do educador, com alegria e espontaneidade, a fim de escutar seus conselhos e pô-los em prática.

A amizade com o educador conduz à obediência. O educando responde com docilidade a tudo quanto lhe for exigido, pois está convencido de que tudo é feito para o seu bem e por quem lhe quer bem. Quem é amado consegue tudo, particularmente dos jovens.²² Eles confiam no educador, assim como uma criança confia em sua mãe. A amizade que eles têm pelo educador faz despertar neles aqueles valores que, normalmente, eles rejeitam, por serem demasiadamente comprometedores, mas que aceitam por amizade ao educador. Na realidade, "aprendem a ver o amor naquelas coisas que pouco atraem, ou seja, a disciplina, o estudo, a mortificação. Tudo é aceito por amor".²³

Na "vida do pátio", todo educador tem o dever moral de ser a alma do recreio²⁴ ou, até mesmo, o "ídolo do recreio".²⁵

Dom Bosco foi um excelente jogador. Desafiava os meninos em corridas e exercícios de ginástica. Em tudo ele era um pouco campeão. E sabia também animar a recreação que denominamos de segundo tipo: executava jogos de prestidigitação e ilusionismo, contava anedotas e adivinhações, narrava histórias interessantes e dava explicações de disciplinas escolares.

Na "vida do pátio", em Valdocco, cada educador tinha alguma especialidade na qual se distinguia. Francesia era o famoso e muito paciente diretor do jogo das profissões e do burro que voa; Cagliero tinha a capacidade de, em determinados momentos, arrastar atrás de si a turma inteira dos meninos; os clérigos Sávio, Turchi e Bonetti eram campeões em barra bandeira e desafiavam quem quisesse tentar vencê-los;²⁶ também os jovens que eram educadores de outros jovens tinham suas habilidades em determinados jogos. Domingos Sávio era campeão da Cirimella.²⁷ Miguel Magone, conhecido como o "general da recreação" e por sua vivacidade e boas maneiras era estimado por todos.²⁸

O educador que é capaz de jogar bem e de animar a recreação do segundo tipo ganha a estima de todos e se torna um herói. Para os jovens que buscam modelos a imitar, ele começa por ser admirado e, em seguida, é imitado. Nele confia o educando e dele recebe uma orientação segura e amigável. O educador adquire, dessa maneira, junto ao educando, uma autoridade incontestável.

O pedagogo P. N. Perquin, em 1962, criticou o Sistema preventivo sobre este ponto específico. Acha ele que "o educador termina por se tornar para os educandos um "mito" que representa o "ideal perfeito" e os leva a viver em estado de fanatismo, o que impede que eles descubram outros valores, além da pessoa do educador".²⁹

O educador alemão N. Endres já havia antecipado a resposta a essa objeção, quando demonstrou, em sua pesquisa, que o amor, no Sistema preventivo, além de estabelecer um verdadeiro relacionamento educativo, torna-se



uma força tal que faz crescer o educando e abre, para ele, o mundo dos valores.³⁰ Que o educador, visto como “herói por seus educandos, não deixe, jamais, de transmitir a eles os valores básicos da Razão e da Religião”. Ser “mito” é um caminho aberto para introduzir os educandos no mundo dos valores.

“A pedagogia do amor, segundo Dom Bosco, está completa somente quando ela percorre a trajetória do amor no seu arco completo: o educador ama os jovens; estes percebem que são amados porque se ama aquilo de que eles gostam” e, por sua vez, amam os educadores. Assim, através desse amor partilhado, criam-se as condições para uma educação humana e cristã.³¹

A amizade entre educadores e educandos traz, ainda, outros benefícios: os educadores, jogando, tornam-se amigos dos educandos e,

por sua vez, são amados, “acharão fácil, graças a esta correspondência filial, suportar os aborrecimentos, as fadigas, as ingratidões, os incômodos e até as faltas e negligências”. Entre educandos e educadores, passará a existir aquele clima de empatia que fará com que os interesses de uns sejam os interesses dos outros. Os educadores terão mais condescendência com os jovens, permitindo-lhes até que façam livremente o que desejam, desde que isso seja lícito.

Uma última vantagem: a amizade e a estima que o educador adquire jogando continuam também depois do jogo, em momentos importantes, como durante as aulas, e perduram até mesmo por toda a vida. “Assim sendo, o educador poderá exercer grande influência sobre o educando, avisando-o, aconselhando-o e até corrigindo-o durante a sua vida profissional.”³²

A “vida do pátio” como fator para criar o “estilo de família”

Dom Bosco quis que o seu ambiente educativo fosse uma “casa”, dando a esta palavra um sentido de convivência familiar, de quase intimidade, exatamente como nós o entendemos quando falamos de nossa casa.³³ Nesse ambiente educativo, age-se por amor e com espontaneidade. Aí se está sem nenhum constrangimento. Como somos adultos, é possível que nos afastemos desse meio, levados por razões de necessidade, mas, em seguida, retornamos a ele, cheios de saudade e, novamente, nos encontramos em casa. Aliás, o ex-aluno salesiano sente-se em casa em qualquer parte do mundo, quando se vê num ambiente salesiano. Esse clima de família é resultado, sobretudo, da “vida do pátio”.

“Este fato – escreve o padre Ricaldone – constitui uma das nossas mais belas e típicas tradições: o salesiano educador que joga. Quantas vezes os parentes e os visitantes param admirados e surpresos, observando nossos professores e educadores a correrem ágeis e ofegantes pelos pátios do colégio, fazendo-se jovens com os jovens, partilhando com os alunos a mesma alegria, num ambiente impregnado de simplicidade e eminentemente educativo, exatamente como queria e vivia o nosso pai, Dom Bosco.”³⁴

O pátio é, portanto, o lugar onde se eliminam

todas as barreiras e se promove o encontro de todos com todos: de educadores entre si, de educadores e educandos, e de educandos de todas as categorias. Misturam-se todos em um crisol, que os funde em uma só e grande família, operando uma profunda socialização, criando uma rede de relações inter-pessoais e um forte sentido de pertença, que têm duração por toda a vida.

Cada recém-chegado ao Oratório era logo convidado a participar das brincadeiras do pátio, a fim de sentir-se ambientado no clima da casa. Ele começava, assim, por respirar o ar de família e de liberdade. Foi isso que aconteceu com Besucco. “Mais de 700 jovens que, de um momento para outro, se tornavam seus amigos e colegas, tanto na recreação como na igreja, no dormitório como nas salas de aula ou no salão de estudos. Para ele, parecia coisa impossível que tantos rapazes pudessem conviver, numa só casa, sem que tudo virasse uma enorme bagunça.”³⁵

Aquele que nunca tinha tido uma família, tinha-a agora. Quem já a tivesse, sentia-se como em casa. E, além disso, essa convivência de cotêneos em grande número contribuía para o desapego das figuras de parentes para assumir como núcleo de identificação e de imitação os modelos do grupo de pertença.



CAPÍTULO XVIII RAZÃO E “VIDA DO PÁTIO”

Para Dom Bosco, o termo **Razão** assume, muitas vezes, o sentido de confronto, isto é, de diálogo vivo e aberto, no qual educador e educando expõem suas razões.

O educador deve ter a persuasão, dizia Dom Bosco, de que todos ou quase todos os jovens têm uma natural inteligência para conhecer o bem que lhes é feito e, ao mesmo tempo, possuem um coração sensível, que se abre facilmente à gratidão.¹

O primeiro dever do educador é conhecer o educando e suas necessidades para, em seguida, poder guiá-lo, com avisos e orientações que o levem a pensar.² O pátio, para Dom Bosco, é um grande observatório privilegiado dos jovens e também um lugar de diálogo de valor excepcional.

O pátio, um grande observatório privilegiado

Todo educador deve conhecer pessoalmente, profundamente, moralmente, e também espiritualmente o educando. Este é o seu primeiro dever profissional.³

Segundo Agostinho Gemelli, colocando o pátio no “centro da educação”, Dom Bosco compreendeu verdadeiramente a situação psicológica dos jovens. É no pátio que os caracteres se revelam.⁴

A “vida do pátio”, com uma alegria vivaz, aberta e até barulhenta, compartilhada pelo educador, é o lugar mais apropriado para um oportuno trabalho de pesquisa.⁵ Também daqui nasce o dever profissional de “passar no meio dos jovens todo o tempo da recreação”.⁶ Se não existissem momentos recreativos, o próprio educador deveria criá-los, porque é neles que se conhecem os jovens.⁷

Na “vida do pátio”, o educador tem à disposição, praticamente, dois métodos de observação: o estudo das manifestações espontâneas e o diálogo que podemos denominar de diagnóstico exploratório.

Há, ainda, dois fenômenos concomitantes, que levam os jovens a se revelarem na “vida do pátio” de maneira mais clara, espontânea, sem que nada os impeça de fazê-lo⁸. O primeiro é um processo de desinibição, que funciona naquele que joga, sem que ele disso se aperceba. Toda máscara cai por terra. Isso faz parte da natureza do jogo.⁹

Existe, também, um fenômeno concomitante, que poderíamos chamar de mimetização do educador: ele observa os jovens que jogam despreocupadamente sem se aperceberem de sua presença.

A “vida do pátio” contribui para que os educandos ajam sem inibição, pois a eles se dá “ampla liberdade para saltar, correr e gritar à vontade: vive-se em clima de festa. A liberdade na escolha dos jogos, a liberdade de inventar e criar, e a liberdade de movimentar-se à vontade despertam, com efeito, no sujeito que joga, um comportamento tal que o impele a manifestar-se livremente em todas as suas ações. O clima do pátio é um clima de festa espontânea e alegre.¹⁰

“A manifestação festiva, por sua natureza, não tem limites. A alegria do corpo em festa que olha, canta, joga e se sente feliz, tudo isso mergulha o jovem numa onda de euforia.”¹¹ E é essa alegria eufórica que gera a desinibição. O pátio torna-se, então, para o educador, um grande observatório, porque os alunos, absorvidos pelo jogo, revelam, sem o perceber, suas inclinações e hábitos, e também os seus defeitos.”¹²

Os educandos, durante os momentos recreativos, tornam-se como livros abertos, podendo ser lidos, página por página, sem perceberem que estão sendo observados. O educador pode observar de duas maneiras o comportamento dos jogadores, que agem de maneira desinibida. Ele o faz quer jogando, quer observando à distância. Quando o educador se põe a observar de longe, “ele provoca certo afastamento físico e psicológico. Ele fica em evidência e, por isso, ao ser notado, passa a ser visto “como um superior” que controla



os movimentos. Quando, ao invés, o educador participa dos jogos, não se colocando em evidência, elimina-se qualquer distância física e psicológica, e se opera entre eles uma espécie de mimetismo. Embora presente fisicamente, a sua presença é, por assim dizer, uma presença invisível.¹³ Caviglia diz que Dom Bosco se encontrava presente em toda parte, embora não fosse visto. Quantas vezes se pensou que ele adivinhasse as coisas quando, na realidade, tudo era fruto de sua genial percepção, resultado de suas observações.¹⁴

Dois são os motivos pelos quais o educador entra em processo de mimetização com seus educandos: um físico e outro psicológico.

O educador que se “mistura”¹⁵ com a multidão dos jogadores tem uma dupla vantagem: ele percebe tudo melhor do que qualquer observador externo. Ele tem, ainda, a vantagem de ser mimetizado fisicamente no meio da confusão do jogo. Porém, funciona também uma mimetização devida a um fenômeno psicológico: os educandos veem o educador fisicamente, mas, psicologicamente, o percebem de maneira diferente de todos os outros momentos.

Acontece como num certo tipo de teatro oriental, em que, na cena, estão presentes, por motivos técnicos, pessoas que não são atores e de cuja presença os espectadores não tomam conhecimento. É como se não existissem. A mimetização é favorecida também pelo modo de o educador inserir-se no jogo. Escreve Pedro Ricaldone: “Não dirige o jogo nem atua como juiz; sorteado como os outros, encontra-se juntamente com eles para dizer, quando for oportuno, a palavra que anima e tranquiliza.”¹⁶ Os educandos, portanto, “veem” o próprio “mestre”, o “professor”, o “sacerdote”, o “superior” que está ali jogando com eles, mas, por uma espécie de ilusão psicológica, são facilmente induzidos a “ler” o educador como um simples “companheiro de jogo”. Se o educador joga familiarmente com eles, “veem” o “superior”, mas

o leem como “amigo”. Os seus comportamentos serão, portanto, desinibidos ao máximo, quando o educador é mimetizado fisicamente na confusão do jogo e não é visto como educador. Serão desinibidos, também quando funcionar somente a desinibição psicológica. O resultado será um comportamento igual àquele que se tem diante de um colega de jogo, de um amigo de quem não se espera nunca uma traição e por quem não se será nunca mal interpretado.

A amizade, além disso, ajuda o educador a compreender o educando de um modo mais profundo, como não o faria uma pessoa estranha. É óbvio que o educador deve continuamente aperfeiçoar a sua capacidade técnica de observação. Torna-se, dessa maneira, um psicólogo no campo, que se dedica a aprofundar a “psiqué” (alma) concreta e irrepetível de cada indivíduo.

Aos educadores, Dom Bosco sugeria, também, fazer um “registro particular, no qual, ao lado dos nomes de todos os jovens, pudessem usar sinais convencionais, conhecidos somente por eles. O educador procurará conversar com os mais necessitados de orientação. Cada semana e cada mês, ao se fazerem as observações aos educandos, os educadores terão oportunidade de abordar cada um deles”.

Este método de observação durante o jogo, enquanto também o educador joga, e onde se confrontam as observações de cada um com as dos outros educadores, surte os melhores resultados.¹⁷

O educador que participa ativamente da “vida do pátio” tem possibilidade de aplicar o Sistema preventivo como o definiu Dom Bosco, respondendo a um jornalista que o interrogou sobre o seu método:

Muito simples. Deixar aos jovens plena liberdade para fazer as coisas que mais lhes agradam. O segredo está em descobrir neles o germe das boas disposições e procurar desenvolvê-las.¹⁸

O pátio, lugar privilegiado de diálogo

“O pátio era o principal local onde Dom Bosco exercia a sua atividade educativa. O ideal de Dom Bosco era viver com os jovens, não para se impor, mas, para conversar com eles.”¹⁹ Caviglia também fala disso. Muitos episódios característi-

cos da vida de Dom Bosco têm por cena o fervilhar barulhento e alegre de uma recreação, e os poucos momentos de conversação entre os jovens e o santo acontecem fora da escola e da igreja e de outros ambientes convencionais.²⁰



O diálogo é parte essencial e integrante da "vida do pátio" e, sobretudo, daquela recreação que denominamos de segundo tipo. "Com frequência, Dom Bosco era visto passeando sob os pórticos, em meio a um grupo de rapazes. Alguns o acompanhavam e outros o precediam, caminhando de costas e voltados para ele, a fim de escutá-lo."²¹ Era uma maneira típica de passear com o animador, alguns caminhando a seu lado

e outros caminhando de costas, de frente para ele. No fim do percurso, os dois grupos mudavam de posição. O educador, dessa maneira, ocupava sempre o centro da conversação.

Os diálogos aconteciam entre grupos ou entre duas pessoas. De acordo com o conteúdo, podiam classificar-se em diálogos recreativos, escolástico-culturais, explorativo-diagnósticos e diálogos espirituais.

Os diálogos recreativos

Vicente Cimatti assim sintetiza a práxis de Dom Bosco:

*Aos jovens que, por algum motivo, não quisessem jogar, ele contava episódios amenos, como a história de Gianduia, ou relatava acontecimentos do dia. Depois do jantar, especialmente durante o verão, ele providenciava cantos, pequenos discursos, contava histórias, declamava poesias, narrava episódios missionários, fábulas: relatava as aventuras de Gianduia, de Gargântua, etc. Às vezes, retomava seus jogos preferidos da infância ou fazia algum exercício de prestidigitação; provocava risadas entre os jovens ao predizer o futuro de alguns; distribuía pequenos presentes.*²²

Os diálogos recreativos oferecem ao educador a possibilidade de despertar outros tipos de diálogo, sem chamar atenção.²³

Os diálogos escolástico-culturais

"As conversações que se faziam no pátio, escreveu Luis Costamagna, eram, para nós, uma contínua instrução. Dom Bosco costumava interrogar-nos em público e em particular, para cientificar-se se nós havíamos aproveitado suas explicações e exortações. Uma espécie de *feedback*, para simples constatação. Era então que ele, além do conteúdo, dava atenção também à correção de nossa linguagem."²⁴

Vicente Cimatti sintetiza assim a maneira como Dom Bosco mantinha os diálogos escolares e culturais: "Aos estudantes ele propunha a tradução de trechos latinos. Improvisava rimas, citando frases latinas ou italianas; fazia observar a rima, exigia sua tradução, mandando os alunos aos respectivos professores; propunha também brincadeiras com frases latinas formadas por palavras pouco conhecidas; repassava as regras da gramática latina, propunha adivinhações e problemas para serem resolvidos; pedia que se dessem respostas para questões históricas e científicas, prometendo prêmios para quem as acertasse, ou enviando-as aos professores competentes de Turim."²⁵

Este método Dom Bosco o reputava como sendo muito eficaz. A José Vespigani, preocupado por não conseguir disciplina, ele dizia: "Vá ao bebedouro onde os alunos se reúnem, após o café da manhã, para tomar água. Lá eles falam de estudos, de aula, de jogos, de tudo. Fique entre eles, torne-se amigo de todos."²⁶

O educador que quer imitar Dom Bosco deve procurar, portanto, conhecer bem os seus alunos. O educando, então, sentir-se-á compreendido e amado em suas pequenas necessidades e nas interrogações que afloram à sua mente. Sentir-se-á apoiado pela "mão amiga" do educador. No pátio, com esse tipo de diálogo, o educador vai granjear estima da parte dos educandos e poderá tornar-se o ídolo do recreio, um herói, respeitado em qualquer circunstância.²⁷ Esses diálogos podem ainda servir para descobrir qualidades ocultas dos alunos ou para aquilatar sua capacidade intelectual.²⁸



Os diálogos explorativo-diagnósticos

"Não somente numa ação diagnóstica ou de conhecimento, realizada pelo educador ou pelo professor, escreve Roberto Zavalloni, mas também em todo exame psicológico, levado a cabo de um modo sistemático, o colóquio aparece como sendo um instrumento indispensável."²⁹

Um exemplo clássico da práxis de Dom Bosco com relação a esse tipo de diálogo é o seu primeiro encontro com Francisco Besucco. Dom Bosco se acha no meio dos jovens, no recreio. Nunca antes tinha visto aquele menino. Observa o seu comportamento, até que os olhares de ambos se encontram. A partir de então, tem início o diálogo explorativo-diagnóstico.³⁰

"É um dado que se deve levar em conta, escreve Caviglia. Dom Bosco o descobre naquele colóquio e isso ele o faz com o seu jeito de educar. O primeiro colóquio acontece com toda naturalidade. Embora não pareça, é uma revelação."³¹

Em clima de alegria e de euforia, o educando, durante o jogo, pode abrir o seu coração e, sem o perceber, chegar mesmo a "revelar os seus mais íntimos segredos."³²

Quanto ao método usado por Dom Bosco, é muito interessante a descrição da primeira viagem do menino João Cagliero a Turim, na companhia de Dom Bosco. Viajaram a pé. Correndo adiante dele, brincando aqui ou saltando uma vala mais adian-

te, esse adolescente é deixado em liberdade para falar à vontade, levado pela euforia provocada por suas brincadeiras. No fim da viagem, Dom Bosco afirmou tê-lo conhecido tão profundamente que "se devesse ouvi-lo em confissão ele não precisaria fazer outra coisa senão dar-lhe a absolvição."³³

Escreve o professor Casotti, falando do método usado por Dom Bosco no primeiro diálogo com Domingos Sávio, no terreiro dos Becchi: "Nenhuma palavra que causasse impressão, nenhuma atitude que pudesse melindrar". A pedagogia moderna não sugeriria uma maneira diferente para iniciar o primeiro contato com o adolescente senão essa: falar com ele com toda simplicidade, sem nenhuma armadilha pedagógica; perguntar-lhe quem ele é, o que faz e em que costuma ocupar-se.³⁴ O educador deve dar oportunidade para o outro falar. O educador fale pouco, diz Dom Bosco, e dê ao educando oportunidade para manifestar seus pensamentos.³⁵

Através desses diálogos explorativo-diagnósticos, o educador terá oportunidade de conhecer o ambiente onde vive o educando, as experiências por que passa, seu modo de pensar, seus desejos, suas tendências e até mesmo seus defeitos.³⁶ Pode fazer, dessa maneira, um exame completo do indivíduo, para poder guiá-lo com diálogos educativo-espirituais.

Os diálogos educativo-espirituais

O educador não participa da "vida do pátio" como um amigo. Não pode ser um "coetâneo psíquico" de seus educandos.³⁷ Ele joga para poder ser educador de maneira mais completa, mais incisiva e mais autêntica.

O mestre, se visto somente da cátedra, é apenas um mestre; porém, se vai ao recreio com os jovens, torna-se irmão. Se alguém é visto pregando no púlpito, dir-se-á que não faz nada mais do que o seu dever, porém, se diz uma palavra no recreio, é a palavra de alguém que ama. Quantas transformações foram fruto de suas palavras ditas ao ouvido dos jovens enquanto se divertiam!... Quem sabe que é amado, ama; e quem é amado consegue tudo, especialmente dos jovens.³⁸

O único caminho para Dom Bosco, que leva o educador a penetrar na mente do jovem, é através do coração, por meio da amizade pessoal.

O educando entende somente aquele que lhe fala como amigo. O educador tem o dever de levar o educando a formar sólidas convicções pessoais.³⁹ Dom Bosco trabalhou incansavelmente nesse sentido.⁴⁰ O trabalho do educador em favor do educando deve ser realizado tendo por base a amizade, e deve ser de caráter preventivo.⁴¹ Assim, depois de ter sido um "laboratório diagnóstico", o pátio torna-se um laboratório de formação. E tudo vai acontecendo com naturalidade.⁴² Dom Bosco costumava convidar os seus jovens para participarem dessas conversas de pátio. Escreve, com efeito:



Agem mal aqueles que não procuram os superiores, até escondendo-se deles, fogem de sua presença. Vejam o exemplo dos pintinhos. Os que mais se aproximam da galinha geralmente recebem uma comidinha a mais.⁴³

• Diálogos educativo-espirituais

O educador pode contatar individualmente os educandos. Pode fazer isso através de conversas particulares, mas, pode fazê-lo, sobretudo, e com grande proveito, na "vida do pátio".⁴⁴

O pátio coloca o educador que joga na ocasião única de entrar em contato com cada jovem, um por um, para poder dirigir-lhe palavras de orientação e de correção, de maneira personalizada, e isso, com toda naturalidade. Palavras que são acatadas mais facilmente porque o coração do educando, naquele momento, está escancarado pela alegria eufórica do jogo. O educador, no pátio, é visto pelo educando como um benfeitor que o adverte e lhe quer fazer o bem, poupar-lhe desgostos, castigos e desonra.⁴⁵ Em lugar de castigos, Dom Bosco dizia que ele preferia usar os jogos e a presença constante do educador.⁴⁶ Este, no pátio, torna-se, portanto, um amigo benfeitor, que ajuda o educando a descobrir suas qualidades ocultas, olha para ele com simpatia, corrige-o para que possa melhorar, encoraja-o e o estimula para que possa liberar todas as suas potencialidades, na liberdade dos jogos e, depois, pela vida afora.⁴⁷

• "A palavrinha ao ouvido", um minidiálogo personalizado

Desde suas primeiras experiências educativas Dom Bosco se serve da "recreação aproveitada ao máximo" para insinuar pensamentos sobre religião e frequência aos santos sacramentos.⁴⁸ Na circular intitulada *Lembranças confidenciais aos diretores*, Dom Bosco codifica esse método e o ensina. É necessário que os educadores estejam presentes à recreação dos alunos todo o tempo possível para poder dizer-lhes, quando for oportuno, alguma palavrinha ao ouvido. (...) Esse é o grande segredo para conquistar os corações.⁴⁹ A "palavra ao ouvido" era sempre breve. Os discursos e as longas pregações desagradam aos jovens. Era dita em segredo. Era pessoal, isto é, dirigida àquele indivíduo, naquele determinado momento, considerado oportuno pelo educador, com base naquele termômetro que é o pátio. Era inesperada e chegava de improviso⁵⁰, quando o educando estava em plena



Um dos segredos do método de Dom Bosco: estar sempre com os jovens no pátio e sussurrar ao ouvido um bom conselho.

atividade educativa. Com efeito, esse é o momento em que podemos ser ouvidos com maior atenção, simpatia, alegria e respeito. O resultado dessas palavras "mágicas"⁵¹ e cheias de eficácia deve-se ao seguinte: o educador é um amigo que fala direto ao coração. A sua palavra é o eco de uma ordem racional e religiosa que transcende o educador e o educando. "A força que nós temos é uma força moral (...). Falamos ao coração, dizia Dom Bosco ao ministro Urbano Rattazzi, e a nossa palavra é a mesma palavra de Deus."⁵²

• A palavra total e o gesto brincalhão

Para abordar os jovens ou para transmitir-lhes algum ensinamento de cunho educativo, Dom Bosco servia-se, muitas vezes, de brincadeiras. Às vezes, batia com sua mão na mão do menino. Se disso resultasse um estalo sonoro, dizia: "Muito bem. Estamos de acordo". Caso o estalo fosse fraco: "Entre mim e ti vai tudo mais ou menos". Se a batida era surda: "Não estamos nos entendendo"⁵³, dizia.

Era esse um dos expedientes de que se servia para aproximar-se dos meninos e dar-lhes algum aviso, brincando. Outras vezes, inesperadamente, tapava por trás, com as mãos, os olhos de um menino. Após perceber que se tratava de Dom Bosco, esse lhe sussurrava uma "palavrinha ao ouvido"⁵⁴. Outras vezes, com um dedo, comprimia o lóbulo da orelha para fechá-la ou tapava com os dedos as pálpebras dos olhos ou a boca de um menino. "Eram avisos eloquentes e que surtiavam efeito"⁵⁵.

Muito semelhante à linguagem dos gestos eram algumas frases enigmáticas, que costumava dizer, com a finalidade de fazer os meninos refletirem. E eles acabavam por encontrar a interpretação para elas. "Estás verde". (Não estás produzindo frutos). "Tens dor de cabeça". (Ages por capricho). "Não lavaste o rosto" (Não te purificaste através da confissão).

Religião e educação no Sistema preventivo

O terceiro elemento do trinômio educativo-metodológico do Sistema preventivo é a Religião.

Na circular sobre os castigos Dom Bosco escreveu:

Recordai-vos de que educação é coisa do coração e que somente Deus é o seu dono. Nós não poderemos conseguir nada se Deus não nos ensinar a arte e não nos der as chaves para tanto.¹

Dom Bosco queria educar os jovens “pelo princípio de uma consciência iluminada e sustentada pela religião.”² Além de iluminar, a religião tem uma importância pedagógica devido à prática concreta da confissão e da comunhão.

“Diga-se ainda, escreve Dom Bosco na vida

de Besucco, diga-se o que se quiser sobre os vários sistemas de educação. A verdade é que eu não encontro uma base segura a não ser na frequência à confissão e à comunhão. E creio não estar exagerando se declarar que, tirados esses dois elementos, a moralidade rui por terra.”³

“Uma religião, a de Valdocco, que se ressent do clima da “vida do pátio”, mais do que um ensinamento, e uma observância regulamentar que se liga e se acrescenta a tantas outras da escola e da disciplina, brota naturalmente de todo um conjunto de convivência e se encontra, por assim dizer, no ar que se respira.”⁴ Deste parecer é também João Batista Francesia: “Era esta a estratégia de Dom Bosco, que consistia em achar a piedade na recreação e, diria quase, a recreação na piedade”. (...) “Nós não tínhamos dificuldade em passar do divertimento para a igreja e vice-versa.”⁵

Oração e “vida do pátio”

São dois os momentos típicos influenciados, particularmente, pela “vida do pátio”: as orações da noite e as “visitas” à capela.

Orações da noite e “vida do pátio”

As orações da noite não eram rezadas na igreja e, sim, no pátio, debaixo do pórtico. Aconteciam logo após o recreio, depois que os jovens e superiores haviam mergulhado naquele clima de alegria festiva. Também a “Boa noite”⁶, breve palestra com que se encerravam as orações, uma espécie de “palavrinha ao ouvido”, também ela se beneficiava desse clima festivo. A *Boa noite* era dada por um superior e se dirigia em tom familiar a toda a comunidade educativa do Oratório. A voz do educador é a voz de um amigo que participou dos jogos com seus alunos que ora o escutam e, agora, os ajuda a ler os acontecimentos da vida, os fatos ocorridos em casa e aquilo que se registra nas crônicas.⁷ Não

é um educador que ameaça com castigos ou que transmite uma doutrina, mas alguém que ilumina e dá orientações. A fala do educador ecoa pelo pátio e se torna objeto de comentários, sendo, depois, interiorizada e vivenciada.

Durante a *Boa noite*, anunciavam-se também os novos divertimentos, as grandes festas, os jogos extraordinários, tertúlias, teatros, execuções musicais, loterias e os grandes passeios. Eram coisas que aguçavam a fantasia, mantinham os alunos devidamente ocupados e, por meio de diálogos oportunos, arrancavam promessas de maior empenho no cumprimento do dever por parte de todos da comunidade.⁸

Visitas à capela e “vida do pátio”

A relação entre as “visitas à capela” e a “vida do pátio” é sublinhada pelo próprio Dom Bosco que, respondendo a um jornalista de Paris, dizia:



Quanto aos jogos, é necessário entender que o jovem precisa sentir-se satisfeito, por isso, dê-se a ele oportunidade para se divertir. Para conseguir isso, não poupamos esforços. Primeiro, nos servimos da música e, depois, de exercícios físicos. Quando o jovem já está cansado de jogar, acaba muitas vezes indo rezar na capela, que encontra sempre aberta.⁹

Uma das vantagens do Oratório é ter a capela localizada no pátio.¹⁰ Nas "Boas noites", várias vezes, Dom Bosco falava da "visita" como sendo uma iniciativa pessoal, espontânea, ditada pelo coração. "Ela era breve e se repetia todos os dias. A "visita", aliás, é um modo muito profícuo para "moderar o recreio e tirar dele grandes vantagens para o próprio crescimento."¹¹

Essas visitas à capela eram sugeridas amigavelmente pelos educadores durante o jogo. Educador e educandos, às vezes em pequenos grupos, dirigiam-se juntos à capela (MB IV, p.211-212). O mesmo faziam os jovens educadores com os mais "relaxados". Tornavam-se seus amigos e, depois, suspendendo o jogo, os convidavam à capela (OE XI, p. 214). Na tradição salesiana, havia também um modo divertido para convidar e interessar aquele que não queria saber disso. "Pague-me" uma visita? Dizia-se-lhe. O pequeno grupo se dirigia à capela e este era encarregado de dirigir uma oração, ou seja, "pagar" a visita. MB III, p. 613.¹²

Compromisso moral e "vida do pátio"

"Alguém – escreve Pedro Ricaldone – poderá estranhar a insistência com que nosso Pai tenha falado da íntima e lógica ligação entre recreação e moralidade."¹³

O pátio, no pensamento de Dom Bosco, constitui um teste para se conhecer o comporta-

mento moral; é também um "termômetro" para que se possam averiguar as contínuas variações pessoais dos indivíduos. Enfim, da maneira pela qual se realiza a recreação, podem-se obter notáveis vantagens ou, então, numerosos prejuízos morais.

O pátio, "teste inicial" para identificar jovens "perigosos" ou em "situação de risco"

Em condições particulares, o comportamento, no pátio, pode ser da máxima espontaneidade, como vimos nos capítulos anteriores. O teste para identificar os jovens "perigosos" é muito simples: quem é "estragado", procura no pátio a companhia de seus semelhantes".

que reza "dize-me com quem andas e te direi quem és" é um meio facilimo para identificar as ovelhas doentes, antes que elas se tornem lobos.¹⁴

Direi algo que parece inverossímil, mas que realmente é verdade. Suponhamos uma escola com 500 alunos. Matricula-se aí um jovem cuja conduta moral deixa a desejar. Um novo aluno é matriculado, em seguida, com os mesmos problemas do primeiro. Ainda que eles não se conhecessem antes, nem frequentassem, na escola, os mesmos ambientes, sala de aula, dormitório, etc., eu asseguro que, no segundo dia de colégio, ou mesmo antes, estarão juntos na hora do recreio. (...) O ditado

Um jovem está em situação de risco se, durante o recreio, não brinca, procura isolar-se, deixando a companhia dos outros. "Quando notardes algum jovem que parece ser bom, mas que é descuidado, evita encontrar-se nos lugares onde deve estar, vós o encontrareis quase sempre sozinho, pelos cantos do pátio, pelas escadas, nas varandas, enfim, em lugares isolados, longe do olhar dos superiores, então, tomai cuidado. Não vos deixeis iludir pelas aparências de timidez. Esse tal ou sabe fingir muito bem ou encontrará, certamente, alguém que o estragará. Sabei que essas pessoas são muito perigosas.¹⁵

O pátio é um termômetro para medir males físicos e morais

Quando um jovem, no recreio, não joga ou o faz de má vontade, é sinal certo de indisposição física ou moral. Nesse último caso, pode ser que ele tenha algum problema ou esteja passando por uma crise moral ou de crescimento. Na literatura dombosquiana existem dois exemplos clássicos que confirmam isso: Domingos Sávio e Miguel Magone.

Sobre Domingos Sávio, lemos: “Um dia ele estava menos alegre do que de costume, de tal modo que se deram conta disso os seus colegas e também eu, escreve Dom Bosco. Julgando que se tratasse de algum incômodo de saúde, perguntei-lhe se sentia algum mal. “Pela contrário, respondeu-me, sinto um grande bem”. “O que queres dizer com isso?” “Quero dizer que sinto um desejo, uma grande necessidade de me tornar santo.”¹⁶

Muito mais violenta foi a crise por que passou Miguel Magone, o “general da recreação”, aquele que descia as escadas como bala saída da boca de um canhão e depois voava por todos os recantos e, cantando, gritando, pulando, fazia toda sorte de barulho. Um dia foi visto parado. Percebeu isso o colega ao qual ele tinha sido confiado, o seu “anjo da guarda”. Dom Bosco também o percebeu. “Estás doente, por acaso?” “De saúde estou muito bem”. Então, alguma coisa estava acontecendo. Se não era a saúde, o que seria? É que tinha desabrochado nele um forte desejo de “reforma moral.”¹⁷

Nos seus últimos dias de vida, o pátio serviu, ainda uma vez, como termômetro para que se compreendesse que algo estava acontecendo na vida de Miguel. Não jogava mais. Constatou-se que ele estava doente.¹⁸

Vantagens de uma recreação agradável e honesta

O jogo de movimento é um fator importante para a saúde¹⁹ e, também, para o completo desenvolvimento pessoal. Jogar não somente favorece o corpo, mas também o espírito, contribuindo para o desenvolvimento harmônico e completo da personalidade. Hoje, isso é confirmado também pela psicomotricidade. Os jogos proporcionam, sobretudo, alegria ao espírito, oferecem oportunidade de diversão e são um freio eficaz contra as paixões.²⁰

A alegria, até mesmo a barulhenta, é sintoma certo de ânimo sereno, isenta do mal e propensa para o bem.²¹ Alegria e jogo são também estímulo e causa eficaz de crescimento educativo e religioso. O “estar muito alegres”²²

ajuda a crescer. Dom Bosco queria que se fizesse recreio, embora moderado, até mesmo durante os exercícios espirituais. Conforme o pensamento de Dom Bosco, o pregador dos exercícios espirituais que quiser estabelecer um verdadeiro relacionamento com os jovens vem encontrar-se no meio deles durante os jogos e divertir-se junto com eles.²³

O jogo favorece a moralidade e também a prática religiosa. Aliás, pode-se ficar unido a Deus até durante os jogos.²⁴ O jogo em si é “coisa que agrada a Deus” e um meio para se evitar o mal.²⁵ “Quando os vejo a todos ocupados nos jogos, diz Dom Bosco aos seus jovens, eu fico tranqüilo.”²⁶

Prejuízos morais de uma recreação mal feita

Os prejuízos morais provocados pelo jogo podem ter duas causas: a falta de honestidade na prática dos jogos e a falta de animação na recreação.

• Jogos praticados com desonestidade

São aqueles “nos quais existe o perigo de ofensa a Deus, causam dano ao próximo e prejudicam aqueles que os praticam.”²⁷ Não se devem tolerar palavras indecorosas, blasfêmias, conver-

sas obscenas, como também jornais e revistas imorais; jogar a dinheiro, nadar nos remansos dos rios; frequentar tabernas, certos espetáculos teatrais; desprezar os companheiros e fazer troça deles; esmurrar, brigar e tocar nos colegas com malícia.²⁸ Os jogos passam a ser desonestos “em si mesmos” pelas circunstâncias que os cercam. Há certos jogos de contato exagerado, que podem dar lugar a agressões e favorecer a sensualidade, embora, à primeira vista, pareçam inocentes.





O educador, impedindo esse tipo de jogo e substituindo-o por outros, coloca os jovens na "impossibilidade de cometerem faltas."²⁹

Há, ainda, outros jogos que são manifestação exagerada de afeto. De per si não contêm malícia, mas não deixam de oferecer perigo (...). "Acreditei no que estou dizendo. Aliás, é o que afirmam os santos e todos os educadores."³⁰

Na sua praxe educativa, Dom Bosco era rigoroso em proibir amizades exclusivistas entre dois colegas e, nisso, ele era inexorável.³¹

Na adolescência há um período em que a amizade entre pessoas do mesmo sexo é, às vezes, natural e espontânea. É uma fase muito delicada. Proibindo toda brincadeira de agarramento, sem que as pessoas o percebam, o educador contribui para afastar perigos que, às vezes, não se veem nem se imagina que existam. Orientando os jovens para que participem de jogos de movimento, em meio a uma alegria espontânea, o educador cria um clima de serenidade que favorece um crescimento harmônico e equilibrado da personalidade e ajuda a superar, seguramente, "os dias perigosos".

• Prejuízos morais de uma recreação desanimada

O mesmo Dom Bosco nos dá uma descrição quase pictórica de recreação desanimada.

Eu não ouvia mais gritos de alegria e cânticos, não via mais aquele movimento, aquela vida como na primeira cena. Nas atitudes e no rosto de muitos jovens se vislumbrava um aborrecimento, um cansaço, uma cara fechada, uma desconfiança que causava dor ao meu coração (...). Eu via muitos deles ficarem sozinhos, isolados, apoiados nas colunas, dominados pelo desânimo; outros, nas escadarias e nos corredores, sobre os balcões do lado do jardim, procurando evitar tomar parte nos recreios;

outros passeavam lentamente, em grupos, falando em voz baixa, lançando olhares desconfiados e cheios de malícia (...). Entre os que jogavam, havia alguns tão desanimados que demonstravam claramente não estarem gostando nada do divertimento.³²

Desânimo e ócio são causa de aborrecimento e melancolia que, por sua vez, são sintomas de mal-estar moral ou, facilmente, podem tornar-se causa de tudo isso.

O aborrecimento, com efeito, leva a se criticar a tudo e a todos, o que dá origem àquela barreira fatal entre educador e educandos, de que já falamos. Além disso, o educando passa a ficar insatisfeito em seu ambiente educativo.³³ Para dissipar as névoas do aborrecimento, muitas vezes o educando é levado a procurar divertimentos desonestos, como conversas picantes e leituras impróprias.³⁴

A melancolia leva ao isolamento. Dom Bosco não queria ver em sua casa jovens isolados, separados, abandonados; e a "vida do pátio" devia ser o remédio apropriado para esse mal ao qual conduz o isolamento.³⁵ Ele queria que todos jogassem para, dessa forma, não se tornarem vítimas de tantos perigos.³⁶

O próprio Dom Bosco nos dá uma síntese dos males que derivam da recreação desanimada:

Daí se origina a frieza de tantos na frequência dos sacramentos, abandono das práticas de piedade, na igreja e em outros ambientes; ficar de má vontade em um lugar onde a Divina Providência nos cumula de todo bem para o corpo e para alma. Daí a falta de correspondência por parte de muitos à sua vocação; daí a ingratidão para com os superiores; daí os segredinhos e as murmurações com todas as suas deploráveis consequências.³⁷

Confissão e "vida do pátio"

Alberto Caviglia afirma, com segurança, que, sem a confissão, ficamos privados da chave de todo o pensamento e sistema educativo de Dom Bosco.³⁸ Também do ponto de vista iconográfico, uma de suas fotografias mais características é a que o retrata exercendo este seu predileto ministério educativo.³⁹

A confissão, considerada do ponto de vista do educador, é a possibilidade de um diálogo todo particular. Do ponto de vista do educando é, sobretudo, a remoção de obstáculos que o impedem de caminhar, para começar uma verdadeira jornada educativa, baseada em sua consciência.



No oratório festivo, Dom Bosco estimulava também as práticas religiosas, não apenas os jogos.

“O diálogo entre o educador-sacerdote e o educando-penitente é da máxima intimidade e, sob todo ponto de vista, muito verdadeiro. Propicia conhecimento da índole do educando e o leva a moldá-la com sabedoria e a dar vazão a suas energias inexploradas.”⁴⁰

“A confissão, portanto, não é, para Dom Bosco, um mecanismo ritualista e repetitivo. Ele a concebe como uma prática pedagógica eficaz, que contribui para guiar e sustentar o trabalho de auto-educação corretiva e formativa.”⁴¹

Estabilidade de confessor e frequência assídua à confissão têm por finalidade ajudar o educador-sacerdote a controlar o estado moral da alma do educando. Somente esse conhecimento torna possíveis as intervenções educativo-espirituais fundamentadas e bem apropriadas.⁴²

Lambruschini, para evitar que as práticas de piedade se tornassem mecânicas, as abreviou. Dom Bosco sentiu o mesmo problema, mas o resolveu diferentemente, declarando que a confissão e a comunhão frequentes eram “colunas” do seu método educativo.⁴³ A confissão é um meio educativo,⁴⁴ inclusive pelos efeitos que produz no educando. Com toda certeza, a confissão tem o valor de um colóquio psico-terapêutico.⁴⁵ “Sabemos, escreve G. W. Allport, que uma forma de limpeza interior é a terapêutica.”⁴⁶ “Dom Bosco, afirma por sua vez Caviglia, não conhece meio mais eficaz para se combaterem certos hábitos inveterados e dignos de comiseração.”⁴⁷ A confissão é, com efeito, o meio mais apropriado

para se obter a moralidade.⁴⁸ “Todo jovem está consciente ou não da presença da graça de Deus em sua alma.”⁴⁹

*Todo o trabalho educativo de Dom Bosco se concentra em conservar ou readquirir a graça de Deus na alma.*⁵⁰

O educando encontra-se bloqueado de duas maneiras: exteriormente, porque existe uma fatal barreira entre ele e os educadores. Barreira que dificulta um verdadeiro e proveitoso diálogo educativo; internamente, porque continua bloqueado o trabalho do mestre. A essa altura, reportando-se a Santo Agostinho, Dom Bosco fala da “ação da graça”.⁵¹

O professor Carlos Colli, em entrevista ao autor desta obra, referia ter recolhido de seu mestre, Alberto Caviglia, estas informações:

*Se Dom Bosco tivesse que escolher entre “vida do pátio” e confissão, eu tenho certeza de que teria escolhido a “vida do pátio”, porque, somente na “vida do pátio” poderia realizar um trabalho educativo que levaria os jovens problemáticos a buscar a confissão. Para que eles se confessassem, era possível encaminhá-los também a outro sacerdote.*⁵²

Essa afirmação encontra-se nas obras de Caviglia e sua atualidade é confirmada pelo fato de que o caminho do pátio para a confissão era indicado, também, por educadores leigos: clérigos, irmãos salesianos e até mesmo pelos próprios jovens.

Há duas maneiras de interferir neste campo, as quais chamaremos “via breve” e “via longa”.

• Do pátio para a confissão (via breve)

Convidar para a confissão, durante o jogo, era para Dom Bosco uma praxe normal. Inicialmente, ele jogava com os educandos. Em seguida, interrompia o jogo para fazer um convite: confessar-se agora ou no próximo sábado. As promessas de um jovem, feitas durante o jogo, têm muito valor e normalmente são cumpridas.



Algumas vezes Dom Bosco, tendo que lidar com meninos problemáticos, servia-se de certas estratégias interessantes. A confissão valia como meio para fazer melhorar a conduta.

Certa vez, o conde Connestabile della Staffa, tendo ido à sala de Dom Bosco, o encontrou com um bilhete no qual estavam escritos os nomes dos jovens mais problemáticos, "cuja conduta deixava a desejar".

- Vai chamá-los e repreendê-los?

- Não. Daqui a pouco irei para o pátio e começarei a falar com um deles sobre a sua saúde, se está feliz. Por fim, perguntarei se vai bem espiritualmente. Daí a poucos minutos, este jovem virá confessar-se, e eu não terei mais de que me queixar com relação ao seu comportamento.⁵³

• Da rua para a confissão através da "vida do pátio"

•• O jogo atrai para o ambiente

Dom Bosco, tanto na praça como na rua, aproximava-se dos grupos de rapazes. Antes de deixá-los, falava-lhes dos "divertimentos que se praticavam na sua casa".⁵⁴ Aos párocos que se queixavam de que os jogos afastavam os jovens da paróquia, Dom Bosco respondia que a paróquia, para atraí-los, devia providenciar um local onde reuni-los e entretê-los em amena recreação.⁵⁵

Para atrair os jovens, Dom Bosco se valia de muitas novidades, especialmente durante as grandes festas.

Em 1848, foi a vez das batalhas simuladas que contribuíram para que o Oratório ficasse repleto de jovens, enquanto as aulas de catecismo e os ambientes de certas paróquias ficavam quase desertos. Dom Bosco gostava daquilo que era do agrado dos jovens, e sempre se mostrou condescendente com as exigências dos tempos, em tudo aquilo que não fosse contrário à religião e aos bons costumes.⁵⁶

•• O jogo previne para que não se retorne ao ambiente pernicioso de antes

A "vida do pátio" serve também para fazer esquecer o ambiente nocivo em que se vivia anteriormente. Dentro da "vida do pátio" o jovem se sente protegido contra os perigos. Em torno dele, os educadores colocam uma cerca invisível de proteção, formada por jovens, que o mantém afastado das más companhias e que o colocam, ao mesmo tempo, na impossibilidade de causar

"Às vezes os tirava dos mesmos brinquedos para levá-los a confessar-se, caso percebesse que eles andavam afastados desses importantes deveres. Contarei um dos muitos fatos. Um menino tinha sido convidado, muitas vezes, a fazer a páscoa: ele prometia vir todos os domingos, mas não cumpria a palavra. Um dia de festa, após as funções sagradas, ele se pôs a tomar parte num dos mais animados recreios. Enquanto corria por todos os lados, pulando e correndo e todo molhado de suor, com o rosto bem vermelho, sem saber mais se estava neste mundo ou no outro, perguntei à queima roupa, se podia ir comigo à sacristia para ajudar-me numa tarefa. Queria vir como estava, em mangas de camisa. - Não, disse-lhe, põe o agasalho e vem. - Chegados à sacristia, levei-o ao coro: - Ajoelha-te neste genuflexório. - E ele queria transportar o genuflexório.

- Não, repeti, deixa-o aí mesmo.

- Que quer de mim?

- Que te confesses.

- Não estou preparado.

- Sei.

- E então?

- Portanto, prepara-te, e depois te confessarei.

- Bem, muito bem, exclamou: eu estava precisando, precisando mesmo: o senhor fez bem em chamar-me. Do contrário, por receio dos companheiros, eu não teria vindo ainda confessar-me.

Enquanto rezei uma parte do Breviário, ele se preparou um pouco; depois, fez de bom grado a sua confissão. Desde então, foi dos mais assíduos no cumprimento dos seus deveres religiosos.

Costumava contar o fato aos seus companheiros, concluindo: - Dom Bosco usou um belo estratégia para prender o melro na gaiola." MO, p. 176.

dano aos mais fracos.⁵⁷ Esse método educativo supõe a colaboração, no pátio, dos outros jovens, chamados por Dom Bosco de "anjos da guarda". Esse trabalho pode ser realizado por uma pessoa, por um grupo⁵⁸ ou, até mesmo, pela comunidade, a qual, depois de avisada, passa a proteger e ajudar o recém-chegado.

•• O jogo torna simpático o novo ambiente

O recém-chegado é imediatamente convidado a participar dos jogos.⁵⁹ O jogo, com efeito,

torna simpático o novo ambiente. Falando de Miguel Magone, escreve Dom Bosco:

Nos primeiros dias, ele detestava tudo, menos o recreio. Cantar, gritar, correr, pular, fazer barulho, era isso que agradava à sua índole fogosa. Misturando, assim, o recreio com os outros deveres da escola, ele achava muito agradável o seu novo estilo de vida.⁶⁰

• • O jogo é momento favorável para intervenções educativo-espirituais

Os educadores, no pátio, entre outras incumbências, têm a de segredar alguma palavrinha ao ouvido.⁶¹ São palavras ditas no momento certo e que têm o efeito de uma orientação educativo-espiritual. E, presentes no pátio, estão também os jovens empenhados em colaborar com a educação de seus colegas. Alberto Caviglia escreve: “Dom Bosco não está sozinho. Ele é o mestre que trabalha e faz trabalhar. É lamentável que, da parte daqueles que se dedicaram ao estudo do Sistema preventivo e de seu sucesso, passaram-lhes despercebidas a presença e a ação de um dos instrumentos mais utilizados e mais eficientes na formação de seus jovens.”⁶²

Um instrumento com o qual o santo podia trabalhar, uma por uma, as almas dos jovens, que eram muitos. Esse método nos é descrito pelo próprio Dom Bosco, na vida de Magone:

Como primeira coisa foi-lhe designado um companheiro que lhe fizesse o papel de anjo da guarda, advertindo-o e corrigindo-o de acordo com a necessidade. Sem que Magone o percebesse, aquele colega, usando de muita solicitude e caridade, nunca devia perdê-lo de vista. Ele o acompanhava nas aulas, no salão de estudo, na recreação. Brincava com ele, e com ele participava dos jogos.⁶³

• • O confronto com um ambiente saturado de alegria verdadeira faz desencadear a crise

“Para fazer amadurecer uma crise salutar contribuíam as exortações da *Boa noite* e alguma palavrinha ao ouvido” dita por Dom Bosco. Eram também decisivos os conselhos dados “pelos anjos da guarda” e, sobretudo, seus exemplos de alegria autêntica. Esse é um assunto sobre o qual Dom Bosco insistia muito: “O jovem é propenso à alegria, isto é, àquele sentimento de felicidade que ele experimenta nos divertimentos e nos jogos. A verdadeira alegria, porém, só a tem aquele que vive na graça de Deus.”⁶⁴

Miguel Magone, que havia um mês estava no Oratório, servia-se de cada ocupação para fazer passar o tempo. Ele era feliz, desde que tivesse oportunidade de pular e estar alegre, sem se dar conta de que o verdadeiro contentamento deve brotar de um coração em paz e de uma consciência tranqüila.⁶⁵

O confronto entre a felicidade (isto é, o verdadeiro contentamento) de quem vive na graça de Deus e a falsa felicidade de quem não a possui, cedo ou tarde termina por mostrar qual é a verdadeira e qual é a falsa alegria, porque “*non est pax impiis*” (Os maus não gozam de paz).

No pátio, educadores e “anjos da guarda” podiam, dia após dia, como num termômetro, medir as crises e procurar, assim, o momento oportuno para falar ao indivíduo sobre a necessidade de se confessar. Eles faziam ver que se tratava de coisa muito simples. Dessa maneira, o rapaz, já prestes a se desesperar, era logo tranqüilizado. Os educadores esperavam que fosse ele quem, de própria iniciativa, procurasse o confessor, escolhendo ele mesmo o momento mais oportuno.⁶⁶ O jovem, uma vez removido esse bloqueio espiritual, muitas vezes tornava-se exemplo no cumprimento de seus deveres e, de “cliente”, transformava-se em “anjo da guarda”, isto é, em educador de seus colegas.⁶⁷



CAPÍTULO XX DEVERES E “VIDA DO PÁTIO”

No Regulamento para as casas, Dom Bosco escreveu:

O homem nasceu para trabalhar. Por trabalho se entende o cumprimento dos deveres do próprio estado, ou seja, de estudo, de arte ou de ofício.¹

A relação entre dever e “vida do pátio” foi notada pelos observadores atentos, desde o início. Em 1849, um jornalista do “*Conciliatore Torinese*” escrevia que Dom Bosco, por meio dos jogos, conseguia obter progressos extraordinários na prática religiosa e nos resultados escolares, e que seus jovens obedeciam aos educadores “com alegria estampada no rosto”.²

A “vida do pátio”, escreve Alberto Caviglia, é um dos três elementos do trinômio profissional, um dos centros dos três círculos que se entrecortam, passando pelo centro dos outros dois. A disciplina do trabalho (dever), a piedade (prática religiosa) e a “vida do pátio” têm, no sistema salesiano, uma importância, cada uma de per si, em relação às outras duas, de tal modo que, se vier a faltar uma, o trabalho educativo não será mais o mesmo. Será falho em tudo ou em grande parte, na sua finalidade e em seu resultado.³

A originalidade de Dom Bosco parece consistir nessa miscelânea característica de dever, prática religiosa e “vida do pátio”, e na transição de um círculo para o outro, com naturalidade, porque os três círculos têm sempre uma área em comum e nunca se acham completamente separados. Podemos dizer que a “vida do pátio” serve para se obter disciplina, obediência e um equilibrado senso de responsabilidade e de criatividade”.



Saber conciliar estudo, prática religiosa e recreação é a chave da aplicação do Sistema preventivo de Dom Bosco.

Fotos: Pe. Augusto Bartoli/Fabrizio Sabino Carvalho.



Disciplina e “vida do pátio”

“A disciplina, para Dom Bosco, é obediência a uma ordem racional, à qual nós estamos obrigados. Mais exatamente, por disciplina entende-se “um modo de viver em conformidade com as regras e os costumes”. A antinomia autoridade-liberdade é objetivamente superada. Na razão e na religião está o fundamento

desta antinomia. Mas, é somente no amor que se encontram os meios imediatos para sua solução efetiva e total.⁴

A “vida do pátio” influencia positivamente a disciplina. E consegue isso através do jogo, desde que a recreação seja bem feita. Caso contrário, pode haver uma influência negativa.

“Vida do pátio”, meio eficaz para se obter disciplina

“Dê-se ampla liberdade para pular, correr, fazer barulho à vontade. A ginástica, a música, a declamação, o teatro e os passeios são meios efficacíssimos para se obter a disciplina.”⁵ Assim escreveu Dom Bosco. E Caviglia comenta: “Quando se dá a um jovem oportunidade para desabafar livremente a sua vivacidade e se mantém esse jovem naquele clima para o qual ele é convidado pela própria natureza, através do jogo, da algazarra, do canto, da ginástica, então se compreende como é possível alcançar a disciplina familiar.”⁶

A recreação, quando bem feita, “leva a se observarem espontaneamente as normas disciplinares, sem que sejam necessárias providências especiais.”⁷ Vários são os motivos pelos quais a “vida do pátio” exerce influência na disciplina. O recreio bem feito conserva moralmente sadios os jovens e favorece a disciplina “A experiência ensina, dizia Dom Bosco, que os que mais aproveitam dos estudos são os que vivem na graça de Deus.”⁸

Em segundo lugar, a “vida do pátio” renova as energias tanto físicas como psíquicas. “Vida do pátio” e empenho no cumprimento dos deveres são coisas que se completam: a fadiga que resulta do dever cumprido prepara o prazer da recreação e o prazer que se experimenta nos jogos renova as energias para a fadiga dos estudos e do trabalho. A alegria interior do jovem manifesta-se normalmente na alegria exterior, que passa a ser um verdadeiro tonificante: proporciona vigor para a mente, estimula o entusiasmo e prepara o espírito para a reflexão.⁹

Por mais atraentes que sejam o estudo e o trabalho, não é possível reduzi-los completamente à categoria de jogo. É então que se faz necessária a recreação. “Até mesmo o artista, no auge da inspiração, sente enjoo, tédio e aridez. Nestes momentos, que se podem abreviar, mas

nunca suprimir completamente, faz-se necessário amparar o aluno ou o trabalhador com outras atrações, proporcionando-lhe outra atividade agradável como prêmio pela atividade difícil que lhe é imposta. Nisso, o sistema de Dom Bosco se revela extraordinário.”¹⁰

O educador deve pedir ao educando o sacrifício do dever, mas, para conseguir bons resultados, precisa proporcionar-lhe um ambiente de alegria e de jogo, o que muito bem condiz com a índole do jovem.¹¹

Existe, ainda, um terceiro motivo: o jogo robustece a vontade, a qual se submete a fadigas enormes, que o jogador enfrenta com alegria e de boa vontade, tudo em vista do próprio divertimento. Assim fortalecida, a vontade torna-se apta a aceitar “as coisas que, naturalmente, agradam pouco.”¹²

Há, enfim, um quarto motivo. A recreação torna agradável¹³ o ambiente educativo e o cumprimento do próprio dever. Isso acontece apenas quando existe estreita relação entre jogo e disciplina. Essa relação se realiza somente através da pessoa do educador, quando quem organiza a atividade esportiva é a mesma pessoa que exige empenho no cumprimento do dever. Nos primeiros tempos do seu Oratório, a relação entre jogo e dever era algo inter-pessoal entre Dom Bosco e os jovens. Na época, os jogos aconteciam num Prado, em alguma praça ou mesmo em plena rua, e o local dos deveres religiosos ficava distante, totalmente estranho ao local dos jogos (...). Dom Bosco, após ter proporcionado a seus jovens oportunidade de brincarem, o que acontecia numa praça ou num Prado, durante a semana ia visitá-los no ambiente de trabalho. Eles se consideravam meninos do Oratório. Um tanto corajosamente falava-se de “corrente” que liga os corações.¹⁴

Um segundo tipo de união se realiza quando há identidade de lugar: o ambiente do jogo e o do compromisso dos deveres é idêntico. O jovem, então, ama o ambiente porque naquele lugar ele tem permissão também para jogar.

Existe um terceiro tipo de união que sintetiza os dois primeiros. Dá-se quando há unidade de

ambiente e os educadores participam dos jogos com os educandos, em espírito de família. Os educadores que, no pátio, são companheiros de jogo, na igreja tornam-se animadores das práticas de piedade, e são docentes na escola. É a união que dá os melhores resultados para uma disciplina familiar e, ao mesmo tempo, comprometida.

Influência negativa sobre o dever, causada pela recreação mal feita

A recreação mal feita influencia negativamente o compromisso do dever. Isso acontece quando a recreação de primeiro tipo "com jogos de muito movimento" não é bem feita. "Alguns, diz Dom Bosco, dir-se-ia até que se prejudicam",¹⁵ ao invés de se divertirem. O jogo deveria servir de recreação, jamais de opressão para o corpo.¹⁶ Nesse caso, ao invés de sentir-se bem disposto para cumprir o seu dever, o jovem necessita de repouso, devido ao cansaço causado pelo jogo.

Outro grande prejuízo é o que resulta de um jogo demasiadamente "passional", sobretudo quando se dá lugar à ira, porque isso gera tamanha perturbação do espírito que, após o jogo, o jovem não tem como se concentrar na escola ou no trabalho. Ele só pensa na vitória alcançada ou na derrota sofrida.¹⁷

A recreação de segundo tipo "com jogos de pouco movimento", pode igualmente causar dano, se for mal feita.

Os jogos sedentários e de concentração

provocam cansaço ao espírito e não permitem que o corpo se movimente. Por essa razão, via de regra, Dom Bosco não os incluía na "vida do pátio".

Além disso, também atrapalham aqueles grupinhos de meninos, sem um animador, que não falam de outra coisa senão de "passeios, festas, merendas, comidas e férias e o fazem com tanto entusiasmo que depois, nas aulas, não pensam noutra coisa". O próprio João Bosco, quando estudante, sentiu esse problema. Quando jogava cartas, a dinheiro, "concentrava-se de tal maneira no jogo que, em seguida, por um bom tempo, não era capaz de rezar, nem de estudar". Enfim, se o aluno se deixa bloquear moralmente com conversas, escritos levianos e obscenos, com jogos desonestos e com uma recreação desanimada, fica bloqueado, também, no seu rendimento nos deveres. Àqueles que gostam de "manter conversas indecorosas eu diria somente que onde não existe temor de Deus não é possível haver verdadeiro proveito".

Obediência e "vida do pátio"

A disciplina é uma relação com o ambiente, "um viver de acordo com as regras e os costumes". A obediência, porém, é uma relação pessoal, que

nos leva a nos entregarmos à guia de determinado educador. Falando da obediência e de seus problemas, no que concerne ao educador, assim se expressa o professor Casotti:



Procura fazer-te amado e te farás obedecer, recomendava Dom Bosco a seus colaboradores.

Trata-se de se preferir, em lugar de uma obediência exterior, acompanhada de rebeldia interna, uma obediência que leve em conta todas as forças pessoais do educando. É necessário, não apenas, renunciar à disciplina rígida, ao esforço, ao sacrifício, e sim, querer e desejar o bem do aluno. (...) Ora, para se levar alguém a fazer a vontade do outro, como se fosse a sua própria vontade, não se conhece nenhum outro meio senão este: o amor. (...) Técnicas, aqui, não funcionam. O que se faz necessário é mesmo o amor.¹⁸



O “procura fazer-te amado e depois te farás obedecer” somente funciona, segundo o pensamento de Dom Bosco, se o educador participa ativamente da “vida do pátio”. É uma descoberta que Joãozinho Bosco, ainda criança, comunicava a sua mãe, quando ela o repreendia por ir brincar com meninos maus. “Se eu estou no meio deles, fazem como eu quero”.

A participação nos jogos, quer sejam os da recreação que chamamos de primeiro tipo, quer sejam os da recreação de segundo tipo, favorece a amizade. E essa amizade é, depois, corroborada pelo fato de o educador ser capaz de jogar bem. O educando dará atenção ao educador, em quem vê um amigo, um campeão, o ídolo da recreação, passando daí a confiar nele e aceitando-o como guia.

Teoricamente, o jovem deveria obedecer levado por motivações profundas, baseadas na razão e na religião. Mas, muitas vezes, ele não compreende senão a linguagem do amor, que se manifesta claramente no fato de o educador jogar com ele.¹⁹ Sem familiaridade nos jogos, o educador não tem como manifestar esse amor. O educando obedecerá desde o primeiro momento porque reconhece, na palavra do educador, o gesto de alguém que lhe quer bem. “E, quem sabe que é amado, ama, e quem é amado alcança tudo, especialmente dos jovens.”²⁰

A autoridade moral que nasce da amizade e da estima sincera que o educador conquistou no pátio é apenas o primeiro passo. Ele não deve parar por aí, vendo no educando alguém formado à sua imagem e semelhança. Deve servir-se de sua autoridade moral para conduzir o educando pelos caminhos sugeridos pela razão, pela religião, tendo por fundamento uma consciência pessoal iluminada.²¹ Não exigirá do educando “outra obediência que não seja a racional e estritamente necessária.”²²

Tudo isso, porém, pode ser bloqueado pela falta de conhecimento recíproco. Eis um exemplo eloquente:

Em 1874, chegou ao Oratório José Vespignani, que já era sacerdote. Foi incumbido de dar aulas de catecismo. Não conseguia ter disciplina, e de suas aulas não se tirava proveito algum. Já haviam decidido retirar-lhe as aulas. Dom Bosco foi informado sobre isso. Sorrindo, disse-lhe que aqueles cem jovens que ele tinha na classe bem que estavam dispostos a escutá-lo. “Toda dificuldade reside na falta de conhecimento recíproco”.

Vespignani não se sentia apto a participar daquele tipo de jogos de muito movimento. Foi-lhe sugerido ser animador de recreações como aquelas que denominamos de segundo tipo. “Pois bem, disse Dom Bosco, dirija-se para o local onde fica a torneira. Lá você vai encontrar vários rapazes que para lá se dirigem, após o café, para tomarem água. Eles conversam sobre estudos, aulas, jogos e outras coisas mais. Ponha-se no meio deles, faça-se amigo de todos. Depois, vá à luta e conseguirá.” Esse conselho, escreve Vespignani, restituiu-me a vida, embora no momento, eu não chegasse a compreender toda a sua importância.

“Enquanto alguns bebem, outros conversam sobre os mais variados assuntos relativos à vida escolar. Um fala sobre a dificuldade encontrada na redação, outro manifesta o desejo de ser isso ou aquilo. Eu me aproximo e participo da conversa. E vejo, então, acercar-se de mim, aos poucos, um grande número daqueles traquinas que, antes, me causavam tantos problemas na aula. E com todos eu passo a me dar bem.”²³

Isso acontece porque, durante o jogo, há o máximo de disposição para se escutar o educador. Uma sugestão, uma proposta educativa, um pedido, se feitos durante o jogo, têm toda probabilidade de serem atendidos. Observa Casotti:

“Tudo se relaciona com a educação e nada pode ficar alheio a ela. Um determinado relacionamento entre mestre e aluno reflete-se, necessariamente, mesmo que não se deseje isso, sobre todo o processo educativo.”²⁴ Se professor e aluno, no pátio, se tornam

amigos e se estimam, permanecem amigos também na sala de aula e em qualquer situação educativa. A obediência será, portanto, facilitada por esse novo relacionamento.

A obediência que se consegue aqui, além de ser uma adesão interior, é também uma adesão criativa. Os educandos não somente são obedientes, mas tornam-se protagonistas e desejam que o educador lhes confie “alguma tarefa a executar”.²⁵ É um tipo de obediência que não sufoca a espontaneidade do educando.

Para melhorar o modo de conduzir uma turma de alunos nem sempre é necessário que o professor participe de certos cursos de atualização. Para Dom Bosco, será bem mais útil que ele vá



passar com seus alunos, participe regularmente desses jogos, corra, salte e ria com eles. "Vê-los-á logo diferentes e também ele se sentirá diferente. Passará a fazer parte de um mundo maravilhoso, de cuja existência nem suspeitava. Nada de método repressivo, nada de desconfiança recíproca entre mestre e aluno. Tudo isso dará lugar à confiança, ao afeto e a uma respeitosa e verdadeira familiaridade. Aos poucos, os "centros de interesse" de seus alunos, para usar uma expressão moderna, revelar-se-ão ao mestre e indicarão, nas lições e nos estudos, um comportamento diferente da conduta anterior."²⁶

A "vida do pátio", além disso, serve também para que o educando possa conhecer o seu educador. Descobre nele um lado até então desconhecido, e, com admiração o vê brincar, conversar e jogar muito bem. Um conhecimento que se traduz em estima e um relacionamento de amizade que leva o educando a confiar no educador com espontaneidade e alegria.

Liberdade e "vida do pátio"

Falando do pátio, assim escreve Mário Cossotti: "Deixar aos jovens plena liberdade. Desde Rousseau até Ferrière nunca se ouvira ressoar na escola uma fórmula tão revolucionária. Nem mesmo a pedagogia ativista, tão radical em exigir que se respeite a espontaneidade do menino, jamais se exprimiu de maneira tão precisa."²⁸

"O problema da liberdade, observa Luigi Secco, não existe somente quando se trata de respeitá-la, mas também quando se faz necessário ajudá-la a se firmar."²⁹ O pátio é "um símbolo característico, paradigmático da flexibilidade da comunidade educativa³⁰ que acompanha e faz crescer a liberdade dos educandos". Em educação, a liberdade do educando é essencial para o sujeito, condição para que ele possa realizar verdadeiros atos educativos. A natureza mesma do jogo, na verdade, o exige. A recreação, Dom Bosco a define como "prazerosa", exatamente porque na "vida do pátio" existe "ampla liberdade", tanto na escolha dos brinquedos, os mais variados, como na possibilidade de se passar de um jogo para outro, segundo os gostos e as exigências do momento. Além do mais, os jogos são praticados

O educador, por sua vez, obtém com facilidade a obediência do educando e o conduz pelos caminhos que ele deve palmilhar, de acordo com suas possibilidades, das quais tomou conhecimento no pátio, através de manifestações espontâneas e de diálogos explorativo-diagnósticos. O educador, portanto, dizia Dom Bosco, "estude a índole de seus comandados, suas inclinações e habilidades, sua maneira de pensar, para saber mandar, de modo a tornar fácil a obediência."²⁷

Concluindo, podemos dizer que a "vida do pátio" facilita ao máximo o conhecimento recíproco entre educador e educando.

A familiaridade demonstrada pelo educador, misturando-se no jogo, cria aquela amizade que favorece uma obediência afetuosa e criativa. O fato de ele ser capaz de animar o recreio, jogando bem, leva o educando a sentir aquela estima por ele, e isso torna a obediência um ato de entrega espontânea a um guia, no qual se pode confiar.

em campo aberto, ao ar livre. O estilo de "ampla liberdade" reflete-se no pátio e abrange todo o ambiente educativo.

Após terem todos participado dos jogos, educadores e educandos, também na aula haverá, naturalmente, "um respiro de liberdade e de abertura"³¹ Inclusive na igreja é permitida e até recomendada uma "santa desordem". Isso se observa quer na liberdade que os alunos têm de escolher o momento para se confessar, quer na hora de levantar-se do banco para ir comungar.³² A "vida do pátio" parece influenciar a personalidade dos educandos, propiciando-lhes certa desenvoltura, muito característica no modo de agir.³³ Conforme Caviglia, é a "vida do pátio" que contribui de maneira decisiva para formar nos alunos salesianos "caracteres sinceros"³⁴, com muita coragem e espírito de iniciativa.³⁵ O mesmo Dom Bosco escrevia:

Aonde quer que vão, estes alunos, quase sempre, são a consolação dos pais, bons cristãos e honestos cidadãos.³⁶

Com otimismo, Rousseau queria que o educando fosse livre “*en plein air*”. O otimismo de Dom Bosco, por sua vez, deriva do fato de ser o educador uma pessoa sempre presente na vida do educando, como “aquela mão que apoia” e aquela voz amiga que sustenta a fragilidade do menino, dada a sua natural insegurança, sua irreflexão e inexperiência.¹ Na literatura dombosquiana, essa presença se chama “assistência”. Um termo técnico que indica um modo típico de presença contínua por parte do educador. Uma presença que é relação pessoal² e que deve tornar-se convivência amorosa e operante.³

“Foi revelada claramente, escreve Pedro Braidó, a importância real da assistência, ao se comparar com a aparente inutilidade do “gouverneur” do *Emílio* de Rousseau. Poder-se-ia dizer o mesmo do “assistente” e do “diretor” da pedagogia de Dom Bosco, segundo o qual, como vimos, o menino deve viver a própria vida, sem que, no entanto, se dispense a presença operante e eficiente do educador. Ele é uma pessoa que ama aquilo que agrada aos jovens, mas, ao mesmo tempo, orienta para que eles também possam amar aquilo de que ele gosta.”⁴

Hoje, poderíamos traduzir a palavra “assistência” por “animação”. Não o fazemos em atenção

a Dom Bosco que, na carta de 10 de maio de 1884, lamentava que os educadores não eram mais a alma da recreação.⁵ Além disso, o conteúdo da palavra “animação” implica um modo de participar e de intervir.

O educador do Sistema preventivo encontra-se no pátio para ser o animador dos jogos. Ele não é alguém que observa de longe. Não é o “chefe”. Ao contrário, é o “fermento” da recreação. Sua autoridade vem de uma liderança que granjeou jogando. É animando os jogos, quer sejam da recreação do primeiro ou do segundo tipo, resumida num único projeto educativo que nós denominamos “vida do pátio”, que o educador pode observar o aluno e estabelecer um relacionamento educativo para educar com o jogo e durante o jogo. Escreve ainda Pedro Braidó: “Dom Bosco não impõe ao jovem a confiança e a afeição sem antes ter pedido ao educador que procure merecê-las efetivamente. Poder-se-ia falar até de pedolatria, de pedocentrismo (...). O educador do Sistema preventivo é aquele que, realmente, “serve” ao aluno (...)”. Para ele é a alegria rumorosa da “vida do pátio”, do canto, da excursão; e também os seus “senhores superiores e professores” são obrigados a dividi-la, a tomar parte nela, renunciando às suas exigências de “adultos.”⁶

O educador anima os jogos para prevenir e corrigir faltas

O educador não pode abandonar o educando à mercê das forças desordenadas do ambiente em que vive, ainda que ele tenha sempre que se confrontar com este ambiente.⁷ O educador “dá ao educando ampla liberdade de pular, correr, gritar à vontade,⁸ procurando sempre acompanhá-lo”.

Na “vida do pátio” deve valer aquele princípio que recomenda colocar o educando “na moral impossibilidade de cometer faltas.”⁹ Se, por acaso, chegassem ao pátio educandos “com tristes hábitos”, para Dom Bosco jamais poderia acontecer que eles pudessem prejudicar os seus colegas porque o assistente, que supomos estar sempre presente, aplicaria logo o remédio,¹⁰ antes que a situação chegasse a piorar.

A expressão usada acima, isto é, “que supomos estar sempre presente” naturalmente é condição *sine qua non* para que o método da “vida do pátio” produza bons resultados. A presença contínua é, com efeito, a norma fundamental da assistência.¹¹

Poderia até parecer que o educador devesse ficar sempre no pátio, com a finalidade de coibir e bloquear o educando. Muito pelo contrário. Ele está ali para animar. Poder-se-ia ainda pensar numa hipocrisia crônica do educando, devido à presença constante do educador. O jovem, pelo contrário, vive a sua vida livremente, como se ali não estivesse presente o educador. Este, na realidade, está sempre presente, mas, como foi demonstrado anteriormente, ele é mimetizado. Uma mimetização física e psicológica, resultado de sua participação nos jogos. A completa liberdade do

educando é, portanto, vigiada e controlada por um educador mimetizado em jogador e amigo, que tudo observa sem dar a entender que está fazendo isso.¹²

No que diz respeito à atitude externa do educador, Dom Bosco sugeria: "Vigiem como se todos fossem maus, mas, façamos o possível para que eles pensem que nós os consideramos a todos meninos bons."¹³

O educador, além disso, deve ter a convicção de que os "meninos cometem faltas mais por excesso de vivacidade do que por malícia,¹⁴ mais por não serem bem assistidos do que por maldade". Para prevenir as faltas, "sem dar aparência" de fazê-lo, o educador dispõe de dois meios: fazer de tal modo que todos possam tomar parte na recreação,¹⁵ praticando algum tipo de jogo e também interferir para corrigir o educando com algum aviso, dado de maneira amigável.¹⁶

É papel do educador animar os jogos, condição para prevenir eficazmente as faltas. Chegando ao pátio, deve introduzir-se entre os educandos para participar dos jogos. Ele também entra no sorteio para escolha do time. Inicia o jogo com animação e muita garra, esforçando-se para ser um dos melhores jogadores. Enquanto joga, porém, deve ter a consciência de que está realizando um trabalho educativo. Ele deve não apenas animar o jogo do seu time, mas também não perder nunca de vista os demais que estão no pátio.

O educador precisa sempre certificar-se de que estão no pátio os alunos mais problemáticos. Caso estejam ausentes, deve ir procurá-los sob o pretexto de que necessita comunicar-lhes algo. Observar se existem grupinhos sem um animador com eles, e se há jovens tentando esconder-se em algum lugar. Procurar ver também se há meninos participando da recreação sem nenhum interesse ou que abandonaram os jogos e estão sem fazer nada. Tentar fazê-los interessar-se em "jogos de muito movimento". Caso não o consiga, ficar com eles para animá-los a participar daquela recreação que denominamos de segundo tipo. O educador não vai ao pátio para repreender, mas, para animar com propostas e jogos atraentes. Desde a infância, Dom Bosco usou esse expediente para introduzir-se em pequenos grupos. "Quando ele desconfiava que os rapazes estavam tratando de assuntos inconvenientes, com bons modos, utilizando certas brincadeiras interessantes, procurava distraí-los. Ocupados dessa maneira, esqueciam as tais conversas e não iam embora sem algum bom pensamento."¹⁷

Dom Bosco era o primeiro nos jogos, a alma do recreio. Com a presença e com o olhar, encontrava-se em todos os cantos do pátio, no meio de cada grupo de jovens, participando de todos os divertimentos. Numa partida começava a contenda, e Dom Bosco a dizer a quem interessava: – Vá àquele outro grupo em que falta um jogador, eu o substituo – E jogava com palitos, bochas, etc., com aplausos daqueles que ficavam felizes de ter Dom Bosco por companheiro. Quando, em outro jogo, aparecia alguém que usava modos e palavras inconvenientes: – "Você! Venha ocupar meu lugar, eu o substituo." – E fazia a substituição. Assim passava de um ponto a outro do pátio, sempre ostentando a pose de hábil jogador, o que lhe exigia sacrifício e cansaço contínuo. (MB III, p. 126)

O professor, para ser eficiente, deve preparar bem as lições. Igual preparação deve buscar também o animador da "vida do pátio". Cabe-lhe preparar os jogos de "muito movimento" variando-os segundo a época e as preferências do momento, deixando, porém, espaço para a fantasia e a criatividade dos jovens. Deve preparar-se, sobretudo, para o segundo tipo de recreio. "Nunca permitir que a reserva fique esgotada."¹⁸ Deve estar preparado para, em qualquer circunstância, providenciar jogos, piadas, adivinhações, curiosidades culturais, histórias atraentes, etc. Numa sala de aula tudo vai bem quando todos estão interessados e ocupados. Também no pátio, tudo caminha à mil maravilhas quando o educador é capaz de fazer todos os alunos se interessarem pelos jogos.



Dom Bosco ensinava a educar não apenas com palavras, mas, sobretudo, com o próprio exemplo.



O educador se encontra no pátio para intervir, corrigir através do diálogo. Após ter dado aos educandos oportunidade de expressar-se livremente, ele fica atento para “retificar e corrigir expressões, palavras e atos que, por ventura, possam não condizer com a educação cristã.”¹⁹ Isso ele fará com “rosto sereno” e sorridente, usando de bondade e

simplicidade, quase em tom de brincadeira, com uma “palavrinha ao ouvido”, dirigida expressamente àquela pessoa, naquela determinada circunstância. O educador, pelo fato de ser um animador, torna-se uma pessoa simpática. Os jovens sentem-se bem em aproximar-se dele, passear e jogar com ele, porque esse tipo de animador sabe diverti-los.

Para estabelecer uma relação educativa sólida

No “Sistema repressivo” é assim: o educador, “para ter mais autoridade deve aparecer raramente no meio de seus subordinados. Via de regra, ele deve fazer isso somente quando se trata de punir e ameaçar.”²⁰ Isso contribui para sufocar a liberdade e a espontaneidade do educando, o qual passa a agir na base da mera formalidade, de maneira forçada, não espontânea. É um comportamento que não o ajuda a crescer na sua formação e na sua educação. Além do mais, ele vai conservar por toda a vida péssimas recordações do ambiente em que foi educado.²¹ Com o educador do “Sistema preventivo” é exatamente o oposto:

O educador do “Sistema preventivo” adquire a sua autoridade usando de familiaridade nos jogos, ficando entre os jovens durante o recreio²² e jogando com eles. Esse tipo de educador participa da “vida do pátio” para se tornar conhecido e para conhecer aqueles que devem ser o objeto de seu trabalho educativo.

A familiaridade nos jogos permite aos educandos conhecerem os educadores. Assim, cai por terra a barreira da desconfiança, e esse conhecimento gera simpatia e amizade. Se têm capacidade de jogar bem, os educadores passam a gozar da estima dos educandos. Essa estima, juntamente com a amizade, produz como resultados concretos a confiança e a obediência.²³

“A primeira condição para adquirir este conhecimento é a de ter contato com os jovens. Não existe massa mais susceptível de mudança do que esta, e basta um atraso de poucos anos para se perder irreparavelmente a ligação. Somente a convivência contínua com os jovens pode fazer-nos entender bem o tom característico da juventude. Manual algum e nenhum curso de atualização pode suprir essa entonação experimental.”²⁴

No pátio cria-se um bom relacionamento

entre educandos e educadores porque o jogo é um “grande observatório.”²⁵ Um observatório atualizado sobre as mudanças contínuas que acontecem nas pessoas, reveladas através de comportamentos desinibidos e diálogos amigáveis com os educandos. Dessa maneira, o educador passa a conhecer profundamente o educando. Um relacionamento educativo correto, sobretudo porque o educador não procura se impor ao educando através da violência, nem física, nem psicológica, nem moral, mas entra em sintonia com ele, conquistando-o com a amizade e a estima, criando assim um clima afetivo.

Para transmitir conteúdos educativos específicos, podemos servir-nos de jogos estruturados de modo tal que chegamos a compreender significados profundos através do jogo. Está documentado que Dom Bosco usou também esse tipo de jogos simbólicos ou “temáticos” (MB III, p. 138-140 e MB VI, p. 403-404). Um autor sustenta que “a escola dombosquiana de esporte foi a primeira na Itália a mostrar como a atividade esportiva, a seu modo, é um formidável veículo de valores” (PIOVATO, S. “Don Bosco e la “cultura popolare”. In: TRANIELLO, F. (Org.). *Don Bosco nella storia della cultura popolare*. Torino: SEI, 1987, p. 282). Embora não diminuindo o valor dos jogos simbólicos, em nossa pesquisa demonstramos que o fator essencial para comunicar valores é a participação do educador nos jogos dos educandos. Participação que cria amizade e sintonia e gera uma “corrente elétrica” que veicula os conteúdos educativos do educador ao educando e vice-versa. Para esse fim, pode servir também o jogo mais insignificante, contanto que seja realizado por educandos e educadores juntos. ZAVALLONI, R. *Educarsi alla responsabilità*. Milano: Paoline, 1986, p. 95.

As orientações dadas pelo educador são acatadas com entusiasmo e alegria e a resposta do educando é um ato livre, com a adesão espontânea de sua vontade.

Cada educador é um animador de todos os jovens

Na “vida do pátio” todos os educadores são animadores de todos os jovens, não somente do próprio grupo e da própria classe. Todos os educadores têm o estrito dever de participar sempre da recreação, a começar pelo diretor.²⁶

Sempre que a recreação se tornava desanimada e “sem vida”, Dom Bosco intervinha, promovendo um grande movimento de massa. Entoava algum canto ou refrão animado. Todos, em coro, repetiam os gestos do animador, procedendo com passo cadenciado, batendo as mãos e os pés com tanto estrépito sob os pórticos que faziam estremecer o solo. E assim, correndo em zigue-zague entre os arcos dos pórticos e, depois, subindo por uma escadaria e descendo por outra, ocupava-se o tempo entre risos e brincadeiras, até quando era dado o sinal para se começar o estudo ou o trabalho. Era essa uma maneira de prevenir todas as consequências de uma recreação desanimada.²⁷ Quando os meninos, após os jogos de movimento, já estavam cansados, nem assim ficavam sem fazer nada. Dom Bosco os fazia sentarem-se. Às vezes formavam-se ao redor dele oito ou mais círculos de meninos. Então, dava-se início aos jogos de prestidigitação e de habilidade. Contavam-se anedotas, faziam-se adivinhações e, sobretudo, narravam-se histórias interessantes.²⁸

Para Dom Bosco, os jovens devem ser deixados em plena liberdade. O educador deve ver e saber tudo, mas, deixá-los agir e interferir somente

para ajudar a resolver certas dificuldades, orientando-os a fazerem uso correto de sua liberdade, ainda em fase de formação e consolidação.²⁹

É com esse estilo e por esta finalidade que os jovens devem ser assistidos sempre, continuamente e em todo lugar.

Escreve Dom Bosco:

Alguém poderá dizer que este sistema é difícil na prática. E eu digo que para os alunos ele se torna mais fácil, mais agradável e vantajoso. Para o educador ele poderá ser um tanto difícil, mas, a dificuldade será menor se o educador entregar-se de corpo e alma à sua missão. O educador é um indivíduo consagrado ao bem dos seus alunos, por isso, deve estar disposto a suportar qualquer incômodo ou cansaço, a fim de conseguir aquilo que ele tem em vista: a formação integral dos seus alunos.³⁰

No Sistema preventivo a correspondência do aluno está em razão direta da preparação e abnegação do educador. Um sacrifício que deve ser posto em evidência é o fato de o educador jogar com o educando. Enquanto educa, ele se educa também. A “vida do pátio” não contribui somente para o bem do educando, mas, também para o bem do educador, que é estimulado a crescer e a atualizar-se continuamente.³¹



Dom Bosco recomendava aos jovens que nunca deixassem de tomar parte no recreio com seus colegas.¹ E isso, por dois motivos:

- 1º) porque todo jovem tem necessidade de jogar para conseguir um desenvolvimento equilibrado;
- 2º) porque, segundo ele, todo jovem, na "vida do pátio" pode tornar-se educador dos colegas, interagindo com eles.

O menino-modelo sabe jogar muito bem

Para que ele possa gozar de boa saúde física e moral, o menino deve gostar de jogar e exercitar-se em jogos, sobretudo de movimento, praticados ao ar livre. Um exemplo típico é Miguel Magone. "A recreação, como dissemos, ele a fazia de modo completo. Todo o espaço do grande pátio desta casa era percorrido por ele. Nem havia divertimento de que não participasse. E era sempre o primeiro em tudo. Quando, porém, era dado o sinal para iniciar os estudos, as aulas, as refeições, a oração e o repouso, ele interrompia tudo e corria para onde o dever o chamava. Que maravilha ver aquele, que era a alma da recreação, como que impelido por uma máquina, deixar tudo e dirigir-se ao local onde devia estar naquele momento."²

O jogo favorece o crescimento físico, psicológico, moral e social do aluno e ainda o ajuda no cumprimento de seus deveres religiosos e de estudo. Aquele que aproveita bem o recreio torna-se um campeão também do ponto de vista humano e espiritual. A santidade consiste em se estar alegre, sobretudo no pátio.³ "Sabemos que a alegria da "vida do pátio" conduz à reforma moral". O segredo que os meninos aprendiam no Oratório de Valdocco era o segredo de "fazerem o bem a si e a seus companheiros nas recreações."⁴ Servindo-se assim das recreações, eles, em pouco tempo, tornavam-se modelos de estudo e de piedade.⁵

As "companhias": associações juvenis a serviço da educação dos colegas

As "companhias" são associações de jovens e têm, por finalidade, colaborar espontaneamente com o trabalho dos educadores. Elas são um fator essencial e indispensável no organismo educativo de Dom Bosco. Representam um instrumento válido no plano prático daquelas colaborações educativas entre alunos e educadores. Sem elas, seria difícil falar-se de educação familiar. As "companhias" inserem-se no sistema respondendo às suas exigências profundas e às da psicologia juvenil, em particular, a necessidade de atividade espontânea e de vida social no grupo.⁶

eclesiais. Em Valdocco, havia várias "companhias". "Depois de alguns meses de teste, o recém-chegado podia inscrever-se na "Companhia de São Luís Gonzaga", que era a dos estudantes, ou na "Companhia de São José", a dos aprendizes. Havia, ainda, a "Companhia do Santíssimo Sacramento", para o "pequeno clero" e a "Companhia da Imaculada Conceição", na qual, seguindo o regulamento, os jovens melhores e mais bem comportados recebiam a incumbência de zelar pelo bem espiritual de seus colegas mais carentes e, especialmente, dos novatos."⁷

A função das "companhias" é, sobretudo, a do apostolado da educação dos próprios companheiros no jogo. Além disso, constitui uma preparação para entrar, após o término do ciclo educativo, em associações sociais e

As "companhias" nascem do pátio e vivem para o pátio. As reuniões das "companhias" eram realizadas durante o recreio⁸ e sua principal atividade se desenvolvia na "vida do pátio".

O "anjo da guarda"

Em educação não existe somente uma interação entre educador e educando mas, também, entre os próprios educadores, e esta não é menos importante que aquela. A interação entre educadores Dom Bosco não a deixa entregue ao acaso, mas deseja que seja guiada por uma verdadeira instituição educativa que são as "companhias". Seus membros atuam como os "anjos da guarda" de seus colegas. O próprio Dom Bosco, na vida de Miguel Magone, acrescenta à segunda edição esta informação sobre a figura deste pequeno educador: "É costume, nesta casa, que, quando se recebe algum aluno de moralidade duvidosa ou não suficientemente conhecida, seja ele confiado a um aluno mais antigo da casa e de bom comportamento, para que o assista e o oriente de acordo com a necessidade."⁹

Essa tarefa educativa era confiada aos alunos da Companhia da Imaculada, cujo escopo era fazer com que seus membros, além de primar pelo bom exemplo, promovessem animadas recreações, procurassem encaminhar para Dom Bosco os mais problemáticos e vigiassem, sem dar a perceber, este ou aquele companheiro, especialmente os mais necessitados.¹⁰ Essa era a finalidade também de todas as "companhias".¹¹ Ser educadores dos próprios companheiros era um convite que Dom Bosco fazia a todos.¹² Porém, para se tornarem "especialistas" e serem "anjos da guarda", deviam percorrer um longo caminho. Na vida de São Domingos Sávio, o próprio Dom Bosco descreve o que fazia no pátio "o anjo da guarda" para a educação dos próprios companheiros: "ele os procurava e os levava a passear, dando-lhes oportunidade de falar à vontade e, às vezes, jogava com eles. Alguma vez foi visto carregando um pesado bastão nos ombros, à maneira de Hércules com a clava. Gostava de participar da brincadeira da rã, conhecida como "cirimella". Às vezes, repentinamente, parava de brincar e dizia ao colega: "Que tal sábado irmos nos confessar?". O outro, considerando que não se tratava de um compromisso pra já, querendo contentá-lo e também levado pelo desejo de recomeçar logo o jogo, respondia afirmativamente. Domingos se dava por satisfeito e continuava o jogo. No entanto, não o perdia jamais de vista, e, vez por outra, fazia questão de lembrar ao colega o que ambos haviam combinado."¹³

O "anjo da guarda" era, geralmente, um sócio da Companhia da Imaculada. Semanalmente, fazia-se a reunião dos sócios. Nessas reuniões, além daqueles que já estavam engajados, participavam, também, Dom Bosco e outros jovens educadores. Observe-se que o educador que intervinha nessas reuniões igualmente participava nos jogos da "vida do pátio" onde ele não era o chefe, mas um simples jogador.

Dom Bosco, nessas reuniões, transmitia a sua palavra de ordem, e a massa dos alunos, sem se dar conta disso, era arrastada pelo bom exemplo.¹⁴ Falava-lhes também daquilo que era preciso fazer no campo educativo, e toda atividade realizada pela Companhia era considerada, simplesmente, "obra dos jovens".¹⁵ Eram, com efeito, os próprios sócios que se interessavam por aqueles jovens mais necessitados de cuidados especiais no que diz respeito à vida moral. Eles os faziam seus clientes, isto é, seus protegidos, e empregavam todos os meios sugeridos pela caridade cristã para encaminhá-los por uma vida virtuosa¹⁶. O modo como interferiam ficava sempre a critério de cada "anjo da guarda".

Vai aqui um exemplo, extraído da vida de Magone: – Um seu colega, muito relaxado, tinha sido muitas vezes causa de desgosto para os superiores. Confiaram-no a Magone, para que cuidasse dele. Miguel pôs mãos à obra. Começou por fazer-se seu amigo. Juntando-se a ele nos recreios, dava-lhe pequenos presentes ou agrados, escrevia-lhe bilhetes para avisá-lo sobre alguma coisa. Dessa maneira, estabeleceu-se entre os dois uma estreita amizade, sem, porém, tocar no assunto religião.¹⁷

Magone sabia muito bem que somente depois de conquistar o coração desse colega poderia falar-lhe de valores que podiam comprometê-lo. Depois de se fazerem amigos, foi em atenção a Magone que o seu colega resolveu se confessar. Somente então, depois de removido o peso daquela consciência e após um recreio em que os dois se divertiram a valer, é que Magone encontrou o momento oportuno para dizer ao colega que ele precisava mudar de comportamento. Sua palavra, agora, era a palavra de alguém que ama, e o coração do amigo está livre e disposto para ouvi-lo.¹⁸

Quando o “anjo da guarda” carecia de ajuda, Dom Bosco o seguia continuamente, dando-lhe algum conselho ou sugerindo alguma “palavrinha ao ouvido”, o que acontecia durante os jogos ou logo depois da “boa noite”. Nessas ocasiões, Dom Bosco indicava algum trabalho a ser feito entre os companheiros ou algum companheiro a ser trabalhado.¹⁹ A força da intervenção educativa do “anjo da guarda” deve-se ao fato de ser ele um menino hábil na arte de jogar, e, por isso, admirado por todos. É o ídolo do recreio,²⁰ joga bem, e sabe ser amigo de todos.²¹ Sua influência se deve também ao fato de ele agir no momento oportuno, interrompendo o jogo de maneira imprevista.²²

Muitas vezes, os educadores nada conseguiam de certos meninos; os “anjos da guarda”, no entanto, com o seu trabalho, obtinham bons resultados.²³ Como é sabido, os jovens tendem a escutar mais os colegas da mesma idade que seus educadores. A criação do “anjo da guarda” vem de encontro a essa exigência da psicologia juvenil. Sua intervenção educativa é, portanto, uma intervenção mimetizada. Isso porque o cliente não sabe que foi confiado àquele colega para que este seja seu guia educativo.²⁴ O “cliente” vê no “anjo da guarda” um bom companheiro, um amigo que lhe quer bem e que o ajuda a se tornar melhor, prevenindo-o para que não erre, não sofra dissabores nem tenha que enfrentar castigos e humilhações.

Por trás deste bom companheiro estão as “companhias” e os educadores adultos, ou seja, todo um projeto e uma organização educativa. Há sempre um educador adulto invisível que, através de uma densa rede de relações, vai agindo

indiretamente sobre todos os educandos, com intervenções que se personalizam através do trabalho dos “anjos da guarda”. Intervenções que preparam o terreno para o encontro pessoal com o educador adulto.

À primeira vista, o pátio de Dom Bosco pode dar a impressão de uma massa desorganizada de jovens, que jogam animadamente, sem ninguém para orientá-los. Muito pelo contrário. Por ele perpassa uma trama invisível e secreta de intervenções educativas, realizadas por rapazes que merecem confiança e pelos educadores que se misturam nos jogos com seus educandos.

No pátio, sem que os outros se deem conta disso, estão os “anjos da guarda” cuidando dos novatos, como aconteceu com Magone, quando ele chegou ao Oratório. Jovencinhos e moleques impedindo escândalos e incentivando a prática das boas obras.²⁵ E tudo isso realizado com muita animação: eles são “a alma da recreação”.²⁶ Animam tanto os jogos de muito movimento quanto aquela maneira de fazer recreação que denominamos de segundo tipo. Se os companheiros de recreação não sabem o que jogar ou que coisa fazer, é então que aparece um desses “anjos da guarda” propondo questões de aula sobre história, aritmética, etc. Têm sempre alguma historiazinha pra contar, adivinhações com prêmio de alguma “coisinha” como caramelos, santinhos, etc. Enfim, inventam brincadeiras e dizem coisas engraçadas que tornam agradável a sua companhia. Assim, mantêm os colegas longe dos perigos e os ajudam a crescer como gente bem educada.²⁷





Concluindo este trabalho, aprez-nos estabelecer uma comparação entre Dom Bosco, grande educador, e Froebel, um clássico da pedagogia do jogo. Ambos são educadores. Dom Bosco é a favor de uma pedagogia experimental que parta da práxis para chegar a conclusões universais e sistemáticas. Ele é mais um artista da educação do que um verdadeiro e próprio pedagogo que chega a um pensamento sistemático sobre a educação.

Os dois autores têm visões pedagógicas muito diferentes. Froebel remonta à pedagogia romântica e sofre a influência de Krause, Fichte, Schelling e Schleiermacher.¹

Dom Bosco é um tanto quanto atípico. Liga-se diretamente à tradição humanístico-cristã² e, principalmente, a São Felipe Néri e São Francisco de Sales. Seu conceito do jogo baseia-se no pensamento de São Felipe Néri, sobretudo no que diz respeito à recreação animada e barulhenta. Original, porém, parece ser o seu conceito de educador que joga com os educandos.

Froebel e Dom Bosco têm em comum a descoberta do valor fundamental do jogo para poder educar. Froebel, por primeiro, formula com clareza o princípio de que na primeira infância, até os seis anos, o jogo é toda a atividade do menino, a única atividade sua, própria e característica. O problema da educação pré-escolar, para ele, torna-se um problema de organização de jogo, pois o menino se desenvolve jogando.

Também Dom Bosco descobre o valor fundamental que tem o jogo na primeira adolescência.³ O jogo não deve ser entendido como frivolidade ou perda de tempo. Para o jovem, ele é um livre desabafo de atividade, praticado pelo simples prazer da mesma atividade. Jogando, a criança, o adolescente e o jovem desenvolvem-se física, psicológica e moralmente e também espiritualmente. Para Dom Bosco, o jogo é importante também sob outro aspecto: é que o educador também joga com seus educandos. E parece que ele não considera possível conceber uma verdadeira educação sem a participação do educador junto com o educando nos momentos de recreação, embora seja esta entendida em sentido amplo.

Poucos anos depois de Froebel ter fundado seu primeiro jardim da infância, em 1840, Dom Bosco fundava seu primeiro oratório, em 1842.

O pátio de Dom Bosco é o lugar onde regurgita a mais completa espontaneidade.⁴ No “Kindergarten” de Froebel as crianças, quais flores de um jardim, podem desenvolver-se espontaneamente, desabrochando e florescendo, na serenidade do jogo, com toda naturalidade. Semelhante é, também, sob certo aspecto, a função do “assistente” salesiano e a das “mestras-jardineiras”. Para Froebel, o educador deve necessariamente deixar fazer, auxiliar, e estar sempre pronto para ir ao encontro e proteger. Também o assistente salesiano é um jardineiro que prepara o terreno, deixando ampla liberdade nos momentos de recreação, para que o educando possa autodesenvolver-se nas suas características pessoais. Está, porém, sempre pronto para intervir como “mão benéfica” que sustenta nas dificuldades e previne contra os perigos.⁵

Tanto Dom Bosco como Froebel desenvolvem, em suas obras, este conceito: quem joga bem terá depois a capacidade de se comprometer e de ter êxito no seu trabalho e no seu dever e, na realização desse trabalho, tornar-se-á mais criativo.⁶

Escreve Casotti: “O Sistema preventivo é um inteligente froebelismo cristão, aplicado não somente à primeira infância, mas à pré-adolescência, à adolescência e à juventude”. Assim se explica a importância dada à recreação, O ativismo salesiano não procura tanto estimular os interesses dos meninos, para trazê-los diretamente ao trabalho escolar e às matérias de ensino como fazem, às mais das vezes, os métodos da escola ativa moderna, mas, de preferência, satisfaz aqueles interesses nas atividades recreativas e, só indiretamente, através do relacionamento entre mestre e discípulo, os faz chegar à escola e ao ensino.⁷

Em Froebel, o jogo é um estágio da vida que prepara para o trabalho. Em Dom Bosco ele é um momento essencial de cada ritmo educativo. O jogo faz com que os jovens se preparem para abraçar com entusiasmo e com amor o trabalho e o sacrifício de “fazer coisas que pouco agradam”.⁸

Muitas vezes, ontem como hoje, falou-se de Dom Bosco “sem lembrar que Dom Bosco entre os jovens significa Dom Bosco no pátio.”⁹

Esta pesquisa quis mostrar a importância do pátio no organismo educativo do Sistema preventivo.

Na primeira parte procuramos traçar, através da práxis educativa de Dom Bosco tal qual nos foi transmitida, as linhas essenciais do seu pensamento em relação à “vida do pátio”.

Na segunda parte, de todos os seus escritos, escolhemos os tópicos principais em que se fala do seu conceito de jogo.

Na terceira parte, tentamos fazer uma síntese global do pensamento de Dom Bosco sobre o jogo e, em particular, acerca da participação ativa do educador na “vida do pátio”. Ele concebia a “vida do pátio” como elemento indispensável e essencial do Sistema preventivo. Caso ela falte, “todo o sistema de Dom Bosco cai por terra”.¹⁰ Tudo cai porque desaparece a base fundamental de toda a educação: o relacionamento que deve existir entre educador e educando. Relacionamento que, para Dom Bosco, não é possível existir sem a familiaridade que nasce com a participação do educador nos jogos, juntamente com o educando. Tudo cai porque é impossível educar o indivíduo e estimulá-lo ao auto-desenvolvimento com intervenções educativas que deveriam seguir a pauta de suas exigências, se não se conhece profundamente o educando. Não há meio mais seguro para conhecê-lo e acompanhar de perto seu desenvolvimento senão participando da

Sobre a importância da participação ativa do educador no jogo, indicamos dois estudos experimentais que parecem confirmar muitas afirmações da nossa pesquisa: ZOCCA, E. e BIONDANI, C. *Il gioco del bambino nella dinamica educativa: il ruolo dell'adulto*. Atti del seminario per educatori ed operatori sportivi. [Verona: Assessorato allo Sport, 1981]; PEZZANO, R., *L'educatore come animatore*. Tesi di diploma presso la Scuola Superiore di Servizio Sociale di Trento, anno accademico 1985-86.

“vida do pátio”. Tudo cai porque o coração do educando torna-se uma fortaleza fechada se não tivermos a capacidade, com a alegria que brota do jogo, de abrir o seu coração para fazê-lo confiar totalmente no educador. Tudo cai, enfim, porque sem a “vida do pátio” é quase impossível conduzir o menino em direção ao mundo dos valores que demandam esforço, e ao cumprimento do dever, realizado com entusiasmo e com amor.

Para Dom Bosco, portanto, o educador que pretende se valer da Razão, da Religião e da “Amorevolezza” e adotar como método educativo o Sistema preventivo, deve participar ativamente da “vida do pátio”.



NOTAS

INTRODUÇÃO

- 1 BOSCO, Giovanni. "Due lettere da Roma". In: SP, p. 285-303.
- 2 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità*. Zurich: PAS-Verlag, 1968, p. 18.
- 3 LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di S. Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1977, v.1 p. 325 (nova edição organizada por AMADEI, A.); – FASCIE, B. *Del metodo educativo di Don Bosco*. Torino: SEI, 1982, p. 33. Dom Bosco deixou um "modelo de arte pedagógica".
- 4 D'ARCAIS, Giuseppe Flores. *San Giovanni Bosco: il metodo educativo*. Padova: Cedam, 1941, p. XI.
- 5 CAVIGLIA, Alberto. *Il "Magone Michele": una classica esperienza educativa*. Torino: SEI, 1950, p. 39-40.
- 6 IDEM. O. cit., p. 41. O título e a ideia da nossa tese devemos a esta página de Alberto Caviglia: A "vida do pátio", como *Dom Bosco a entendeu como atuou e ensinou, é um fator essencial e indispensável para a completa educação dos jovens e é a marca do seu sistema. Isso é algo insubstituível*.
- 7 BRAIDO, Pietro. *Il Sistema Preventivo di Don Bosco*. Zurich: PAS-Verlag, 1964, p. 73.
- 8 BOSCO, Giovanni. "Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales". In: CERIA, Eugenio (Org.). *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Torino: SEI, 1946. Daqui em diante será indicado pela sigla **MO**.
- 9 IDEM. *Ibidem*, p. 15.
- 10 DESRAMAUT, Francis. *Les Memoires I de Giovanni Battista Lemoyne*. Lyon: Maison d'Études Saint Jean Bosco. 1962, p. 134.
- 11 BONETTI, Giovanni. *Cinque lustri di storia dell'Oratorio salesiano, fondato dal sacerdote Don Giovanni Bosco*. Torino: Tipografia Salesiana, 1892.
- 12 Trazemos aqui a nota bibliográfica completa:
LEMOYNE, Giovanni Battista. *Memorie Biografiche di Don Bosco*. San Benigno Canavese: v. VI (1907); Torino: v. VII (1909); v. VIII (1917).
CERIA, Eugenio. *Memorie Biografiche del Beato Giovanni Bosco*. Torino: v. XI (1930), v. XII (1932), v. XIII (1932), v. XIV (1933), v. XV (1934); *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco*. Torino: v. XVI (1935), v. XVII (1936), v. XVIII (1937), v. XIX (1939).
AMADEI, Angelo. *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco*. v. X: Torino, 1939.
FOGLIO, E. *Memorie Biografiche: Indice analitico*. v. XX (1948).
Para citar qualquer volume das Memórias Biográficas, usaremos a sigla **MB**.
- 13 Um estudo crítico é o de Francis DESRAMAUT, tese de láurea, que considera apenas o volume I das Memórias Biográficas. (DESRAMAUT, Francis. *Les Memoires I de Giovanni Battista Lemoyne*. Lyon: Maison d'Études Saint Jean Bosco. 1962).
- 14 AUBERT, R. "Il Pontificato di Pio IX". In: FLICHE-MARTIN. *Storia della Chiesa*. Torino: SAIE, 1964, v. XI p. 17.
- 15 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. v.1º: Vita e opere. Roma: LAS, 1979; v. 2º: Mentalità religiosa e spiritualità. Roma: LAS, 1981. v.3º: Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870). Roma: LAS, 1980.

16 BRAIDO, Pietro. (Org.). *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità: studii e testimonianze*. Roma: LAS, 1987, p. 9.

PRIMEIRA PARTE CAPÍTULO I

- 1 VALENTINI, Eugenio. *Il Metodo Preventivo nella vita di Mamma Margherita*. Torino: LDC, 1957, p-15.
- 2 MB I, p. 58.
- 3 MB I, p. 160.
- 4 MB I, p. 53. "Esta mesma arte de narrar histórias Dom Bosco, menino, a usará com seus companheiros (...) e as mesmas aplicações afluirão de seus lábios". VALENTINI, Eugenio. *O.cit.* p 77.
- 5 MB I, p. 51-52. Afirma Eugenio VALENTINI: "Este retrato de Mamãe Margarida educadora é, certamente, modelo da assistência segundo o Sistema preventivo" *O.cit.* p. 32.
- 6 MB I, p. 159-160.
- 7 IDEM, p. 56.
- 8 MB II, p. 43.
- 9 MB I, p. 112.
- 10 IDEM, p.118. Mais tarde, aos 15 anos, Joãozinho adestraria um cão de caça. Manteria o propósito de não se apegar a ele, como no caso do melro (MB I, p. 239-241).
- 11 O já citado jogo da pelota tem origem muito antiga. Na infância de João Bosco, era um dos preferidos pelos meninos.
- 12 MB I, p. 48-49.
- 13 CERIA, Eugenio. *Don Bosco con Dio*. Roma: SDB, p. 211.
- 14 SALOTTI, C. *Il Santo Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1934, p. 48.
- 15 MB I, p. 104-106.
- 16 MB I, p. 27.
- 17 IDEM, p. 146-147.
- 18 IDEM, p. 147-148.
- 19 MB I, p. 99.
- 20 IDEM, p. 192-202.
- 21 IDEM, p. 37.
- 22 IDEM, p. 42-43. Aquele seminarista, José Cafasso, mais tarde sacerdote, seria o confessor de Dom Bosco no Convitto Eclesiastico de Turim e, também, seu benfeitor.
- 23 MB I, p. 46.
- 24 IDEM, p. 231-232.
- 25 BOSCO, Giovanni. *Memoria dell'Oratorio di San Francisco di Sales, dal 1815 al 1855* (edição organizada por Eugenio Ceria). Torino: SEI, 1946.
- 26 MO, p. 44.
- 27 MO, p. 31.
- 28 MB I, p. 103.
- 29 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Roma: LAS, 1979, v.1 p. 30-31.
- 30 BOSCO, Giovanni. MB I, p. 112.



CAPÍTULO II

- 1 Embora essas “aulas” fossem comumente chamadas “anos”, tinham duração variável, e o aluno podia cursar mais de uma delas no período de um ano civil. (Nota do editor).
- 2 MB I, p. 249-250.
- 3 MO, p. 52.
- 4 IDEM, p. 54.
- 5 MB I, p. 262-267. Naquela época não havia aula nas quintas-feiras.
- 6 IDEM, p. 276-277.
- 7 MB I, p. 292.
- 8 IDEM, p. 309-310.
- 9 MO, p. 69-70.
- 10 IDEM, p. 70; MB I, p. 310-311.
- 11 MO, p. 74-77.
- 12 MB I, p. 297.
- 13 IDEM, p. 310.
- 14 MB I, p. 333-336.
- 15 MO, p. 70-73.
- 16 AGASSO, D. *Don Bosco*. Alfa (Eunco): Paulinas, 1988, p. 24. Como educador, Dom Bosco jamais permitiu a seus alunos, mesmo aos melhores, ficarem privados dos recreios, nem como castigo. Considerava a recreação útil e mesmo necessária para o jovem, no seu desenvolvimento harmônico de corpo e de espírito.
- 17 MB I, p. 310.

CAPÍTULO III

- 1 MO, p. 87-88.
- 2 MO, p. 90.
- 3 MB I, p. 376-377.
- 4 MO, p. 93-94.
- 5 MB I, p. 407.
- 6 IDEM, p. 408-409.
- 7 IDEM, p. 338.
- 8 MO, p. 94.
- 9 MO, p. 93.
- 10 MB I, p. 386-387. Nos Becchi, durante as férias, continuou a fazer oratório: reunia os meninos à tarde, e, depois de alguns jogos, dirigia-lhes uma breve alocução. (MO, p. 95-96).
- 11 MO, p. 98.
- 12 IDEM, p. 99-100.
- 13 IDEM, p. 100.
- 14 DESRAMAUT, Francis. “La festa salesiana ai tempi di Don Bosco”. In: AA.VV. *La festa nell’esperienza del mondo salesiano*. Torino: LDC, 1988, p. 95.
- 15 MO, p. 42-43.
- 16 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Roma: CAS, 1979. v.1, p. 77.
- 17 Trata-se daquele tipo de jogo, no qual, para vencer, precisa-se tocar no adversário com a mão.
- 18 MB IX, p. 368.

CAPÍTULO IV

- 1 BOSCO, Teresio. *Don Bosco*: Storia di un prete. Torino: LDC, 1987, p. 84. - No Piemonte: “havia 7.184 meninos abaixo de 10 anos empregados nas fábricas de seda, de lã e de algodão; eles trabalhavam de 13 a 14 horas por dia! (CASTELLANI, A. *Il Beato Leonardo Murialdo*. Roma: Libreria Ed. Murialdo, 1968: v. I, p. 329ss).
- 2 MB II, p. 57-60.
- 3 MO, p. 104-105.
- 4 MO, p. 124-125.
- 5 IDEM, p. 125, nota 57.
- 6 NIGG, Walter. *Un santo per il nostro tempo*. Torino: LDC, 1980, p. 30.
- 7 MO, p. 130.
- 8 MB II, p. 93-94.
- 9 MO, p. 129.
- 10 MB II, p. 90-95. Esse método fora utilizado também para arregimentar ideias para a Sociedade da Alegria, quando Dom Bosco era estudante em Chieri.
- 11 IDEM, p. 136.
- 12 MO, p. 130.
- 13 IDEM, p. 129 e MB II, p. 135-138.
- 14 MB II, p. 138.
- 15 IDEM, p. 106-107 e p. 173-174.
- 16 MB V, p. 218-219.
- 17 IDEM, p. 219-227.
- 18 MB II, p. 273-274.

CAPÍTULO V

- 1 MB II, p. 238.
- 2 MO, p. 137-140.
- 3 MB II, p. 248.
- 4 MB II, p. 249-254.
- 5 MB II, p. 255.
- 6 IDEM. *Ibidem*.
- 7 MB II, p. 286.
- 8 IDEM, p. 287.
- 9 IDEM, p. 287-290.
- 10 MOTTO, F. “L’Oratorio di Don Bosco presso il cimitero di San Pietro in Vinculis”. In: *Ricerche storiche salesiane*. Roma: LAS, luglio-dicembre, 1986, p. 199.
- 11 MO, p. 143.
- 12 MB II, p. 307-308.
- 13 MO, p. 145-146.
- 14 IDEM, p. 335.
- 15 IDEM, p. 337.
- 16 MB II, p. 338-339.
- 17 IDEM, p. 339-341.
- 18 BONETTI, Giovanni. “Storia dell’ Oratorio di San Francesco di Sales”. In: *Bolettino Salesiano*, ano III, N° 6, giugno 1879, p. 12-13.
- 19 MB II, p. 346.
- 20 MB II, p. 348-349.

- 21 MO, p. 151.
 22 IDEM, p. 349-350.
 23 IDEM, p. 152-154 e MB II, p. 355-357.
 24 MO, p. 154-155.
 25 MB II, p. 374 e MB II, p. 376-375.
 26 MO, p. 155.
 27 BONETTI, G. "Storia dell'Oratorio di S. Francesco di Sales".
In: Bolettino Salesiano, ano III, Nº 6, giugno 1879, p. 132.
 28 MB II, p. 375.
 29 BONETTI, G. *O. cit.* p 13-14.
 30 MB II, p. 384-385.
 31 MO, p. 157, 158.
 32 MB II, p. 391.
 33 O Marquês Miguel di Cavour foi o pai de Camilo Benzo Cavour, futuro unificador da Itália.
 34 MB II, p. 401-402.
 35 MO, p. 160.
 36 MB II, 408-409.
 37 Dom Cafasso, o teólogo Borel e o Arcebispo de Turim naquela época nunca deixaram de apoiá-lo (MB II, p. 417).
 38 MO, p. 167-168.

CAPÍTULO VI

- 1 MB II, p. 428.
 2 MO, p. 175-176.
 3 MO, p. 176-178.
 4 MB II, p. 522.
 5 IDEM, p. 540-541.
 6 MB II, p. 113-114.
 7 MB III, p. 118.
 8 IDEM, p. 119.
 9 MB III, p. 121-122.
 10 MO, p. 177-178.
 11 IDEM, p. 178.
 12 MB III, p. 132-134.
 13 MB III, p. 52-59.
 14 IDEM. *Ibidem*.
 15 IDEM, p. 175-177.
 16 IDEM, p. 138-139.
 17 MB III, p. 140-142.
 18 BONETTI, Giovanni. "Storia dell'Oratorio di San Francesco di Sales". *In: Bollettino Salesiano*. Anno IV, Nº 10, Ottobre 1880, p. 9.
 19 MO, p. 205 e MB III, p. 300-301.
 20 MB III, p. 320-321.
 21 IDEM, p. 322-323.
 22 MO, p. 219-220.
 23 MB III, p. 617-618.
 24 "Bersagliere" (leia-se: bersalhiere) era o soldado de um corpo especializado da infantaria do exército italiano.

- 25 MB III, p. 438-440.
 26 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Roma: LAS, 1979, v.1, p. 109-110.
 27 MB I, p. 49.
 28 MB III, p. 452.
 29 BRAIDO, Pietro. *Il Sistema Preventivo di Don Bosco*. Zurich: PAS-VERLAG, 1964, p. 319.

CAPÍTULO VII

- 1 MB III, p. 560.
 2 Arquivo Salesiano. Roma: Via della Pisana, 111. A sigla referente ao manuscrito de Brosio é *AS 123 Brosio*.
 3 MB III, p. 566-567.
 4 LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1920, v. I.
 5 MB IV, p. 383-384.
 6 IDEM. *Ibidem*, p. 386.

CAPÍTULO VIII

- 1 MO, p. 201.
 2 BONETTI, Giovanni. "Storia dell'Oratorio di San Francesco di Sales". *In: Bollettino Salesiano*. Anno IV, Nº 10, Ottobre 1880, p. 7; ver também MB III, p. 238-239.
 3 MB III, p. 339.
 4 IDEM, p. 340.
 5 IDEM, p. 341-343.
 6 MB III, p. 349-362.
 7 IDEM, p. 552-554.
 8 IDEM, p. 548, 559 e 586.
 9 Casimiro Danna foi o primeiro regente da cátedra de Pedagogia da Universidade de Turim, fundada em 1845.
 10 *Giornale della Società d'Istruzione e d'Educazione*. (1849), p. 459-460 (O texto transcrito encontra-se em *SP*, p. 39-40).
 11 *Armonia*, Nº 40, Anno 1849 (MB III, p. 510-513). *Armonia* era um combativo jornal católico de Turim.
 12 *Conciliatore Torinese*, no 42, anno 1849 (MB III, p. 568-582).
 13 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia economica e ecclesiale*. Roma: LAS, 1980, p. 197.
 14 MB IV, p. 288-291.
 15 IDEM, p. 341-342.
 16 MB V, p. 100-101.
 17 O próprio compositor Giuseppe Verdi elogiou as músicas das operetas de Cagliari, afirmando serem belas e comoventes. O autor, segundo ele, tinha "veia melódica". (E. Ceria. *Anais da Sociedade Salesiana*).
 18 MB IV, p. 490-503.
 19 MB V, p. 367-372.
 20 VALENTINI, Eugenio. (Org.). *Mons. Giacomo Costamagna: scritti di vita e spiritualità salesiana*. Roma: LAS, p. 73: "etá primordiale, detta dell'oro"; CASTANO, J. *Santità salesiana*. Torino: SEI, 1988, p. 14: "L'età dell'oro dell'istituzione salesiana"; AUFFRAY, A. *Don Michele Rua*. Torino: SEI,



- 1933, p. 74: “L’età dell’oro della casa”.
- 21 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 296.
- 22 *Copia publica processus (...) Servi Dei Johannis Bosco*, 1899, vol. V, folhas 2757ss. Também AUFRAY fala a respeito, descrevendo uma atmosfera de espiritualidade e de emulação (*Don Michele Rua*. Torino: SEI, 1853, p. 75).
- 23 CERIA, Eugenio. “L’Ambiente educativo dell’oratorio nel tempo del Savio”. In: AA.VV. *Domenico Savio: studii e conferenze in occasione della sua beatificazione*. Torino: SEI, 1950. p. 58-61.
- 24 VALENTINI, Eugenio.(Org.). *Mons. Giacomo Costamagna: scritti di vita e spiritualità salesiana*. Roma: LAS, p. 72-73.
- 25 IDEM, Ibidem.
- 26 IDEM. Ibidem.
- 27 CAVIGLIA, Alberto. *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*. Torino: SEI, 1965, v. VI, p. 160. (A partir de agora este livro será citado com a sigla **OS**).
- 28 MB IV, p. 460.
- 29 MB VI, p. 27.
- 30 Sobre o Carnaval de 1875 se diz: “Houve exercício da Boa Morte, em sufrágio das almas do Purgatório.” (MB V, p. 199).
- 31 MB IV, p. 461-462.
- 32 MB VI, p. 28-29.
- 33 MB III, p. 138-140.
- 34 IDEM, p. 110-142.
- 35 MB V, p. 464-466.
- 36 Um elenco de festas e de seu valor educativo encontra-se em Pietro BRAIDO: “L’esperienza pedagogica preventiva nel sec. XIX: Don Bosco”. In: BRAIDO, Pietro (Org.). *Esperienze di pedagogia cristiana nella storia*. Roma: LAS, 1981, p. 273-274. Recentemente, saíu um estudo monográfico sobre as “festas”: “La festa salesiana ai tempi di Don Bosco.” In: Vários Autores. *La festa nell’esperienza giovanile del mondo salesiano*. Torino: LDC, 1988.
- 5 IDEM, p. 378-384; p. 384-385.
- 6 MB V, p. 219-226.
- 7 BOSCO, Giovanni. *Il Sistema Preventivo* (1877). In: AA.VV., *Scritti pedagogici e spirituali*. Torino: LAS, 1987, p. 185.
- 8 FRANCESIA, Giovanni Battista. MB I, p. 105-106.
- 9 MB VI, p. 268.
- 10 IDEM, p. 753.
- 11 MB V, p. 348-349.
- 12 MB VI, p. 1019-1020.
- 13 MB VI, p. 1013.
- 14 IDEM, p. 269-270.
- 15 IDEM, p. 1034.
- 16 RESTAGNO, Mario. *O.cit.*, p. 341.
- 17 MB VI, p. 275 e 1033.
- 18 FRANCESIA, Giovanni Battista. MB II, p. 118.
- 19 RESTAGNO, Mario. *O.cit.*, p.392.
- 20 RIGOLDI, M. *Don Bosco e la musica*, p. 42.
- 21 FRANCESIA, Giovanni Battista. *O.cit.*, p. 82-83.
- 22 MB VI, p. 273.
- 23 MB VI, p. 1024.
- 24 IDEM, p. 1016 e MB VII, p. 772.
- 25 FRANCESIA, Giovanni Battista. *O.cit.*, p 74-75.
- 26 MB VI, p. 1013.
- 27 MB VII, p. 278 e 534.
- 28 MB VI, p. 1027.
- 29 MB VII, p. 753.
- 30 MB VI, p. 1035-1036. - A batalha de Marengo (14 de junho de 1800), entre os exércitos francês e austríaco, foi vencida pelos franceses e, embora não representasse para o Piemonte a libertação de domínio estrangeiro, obrigou os austríacos a se retirarem do território que hoje é o norte da Itália. (Nota do Editor)
- 31 MB VII, p. 533-535. A batalha de Novara (22/23 de março de 1849), entre os exércitos austríacos e os do Reino da Sardenha, marcou o fim da chamada *Primeira guerra da independência italiana*. A vitória austríaca trouxe para os italianos graves consequências, destacando-se entre elas a abdicação do rei Carlos Alberto em favor de seu filho Vitor Emanuel II. (Nota do Editor)
- 32 MB VI, p. 1035-1036.
- 33 BONGIOANNI, Mario. *Giociamo a teatro*. Torino: LDC, 1977, p. 30-31.
- 34 FRANCESIA, Giovanni Battista. *O.cit.* I, p. 44.
- 35 MB VI, p. 1028-1029.
- 36 FRANCESIA, Giovanni Battista. *O.cit.* I, p. 233.
- 37 RESTAGNO, Mario *O.cit.*, p. 407.
- 38 BONGIOANNI escrevia os textos de teatro de Gianduia; Cagliero, as operetas e romances; Bongioanni e Tomatis compunham poesias. Tomatis era também pintor.
- 39 MB VI, 752.

CAPÍTULO IX

- 1 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell’educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. XXXIX. Sobre os passeios, estão disponíveis duas pesquisas recentes. Uma de L. AMBROGIO, intitulada *Le passeggiate autunnali di Don Bosco per i colli monferrini*. [Castelnuovo Don Bosco: Istituto Salesiano “Bernardi Semeria”, 1975]. Tratando dos passeios, ele escreve: “Era toda a alma de Dom Bosco, com seu espírito, com seu sistema”. O autor limitou-se ao Monferrato e seu estudo é um reconhecimento, de curiosidade histórico-geográfica. O outro é uma tese de doutorado, de Mario RESTAGNO: *Il teatro di animazione di Don Bosco*, defendida na Universidade de Turim, no ano acadêmico 1986-1987. Às páginas 342-442, o autor analisa os conteúdos pedagógicos dos passeios, especialmente do ponto de vista do teatro. Aqui, faremos uma releitura também das fontes, que são os primeiros nove volumes das *Memórias Biográficas*, escritas por João Batista Lemoyne, e dois volumes específicos.
- 2 RESTAGNO, Mario. *O.cit.*, p. 342.
- 3 MB I, p. 267.
- 4 MB II, p. 136.

CAPÍTULO X

- 1 MB V, p. 917-918.
- 2 D' ACQUINO, G. *Psicologia di Don Bosco*. Torino: SEI, 1988, p. 151.
- 3 MB I, p. 435.
- 4 L' ARCO, A. *Don Bosco si diverte*. Roma: Borla, 1885, p. 154.
- 5 CERIA, Eugenio. *Epistolario di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1955, v.1. Lettera Nº 331, p. 290.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO XI

- 1 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965. p. VI.
- 2 STELLA, Pietro. *Escritos impressos de São João Bosco*. Roma: LAS, 1977.
- 3 MB XIX, p. 102.
- 4 BRAIDO, Pietro. *O. cit.*, p. 273.
- 5 BRAIDO, Pietro. "L'esperienza pedagogica preventiva nel secolo XIX: Don Bosco". In: BRAIDO, Pietro (Coord.) *Esperienze di Pedagogia Cristiana*. v. II. Roma: LAS, 1981, p. 299 e 301.
- 6 IDEM. *O. cit.*, p. XXXVII.

CAPÍTULO XII

- 1 MB III, p. 8-9.
- 2 IDEM, p. 21. Domingos Sávio, na hora da morte, disse ao seu pai: "Tome o meu *Jovem Instruído* (...)" OE, XI, p. 288.
- 3 STELLA, Pietro. *Valori spirituali nel Giovane Provveduto di San Giovanni Bosco*. Tese acadêmica extra comercial.
- 4 IDEM. *O. cit.*, p. 80.
- 5 OE II, p. 185-186.
- 6 STELLA, Pietro. *O. cit.*, p. 81.
- 7 OE II, p. 185.
- 8 OE II, p. 201.
- 9 IDEM, p. 193.
- 10 IDEM, p. 208. "Não existe paz para os ímpios".
- 11 IDEM, p. 209.
- 12 OE II, p. 200.
- 13 IDEM, p. 200-201.
- 14 IDEM, p. 210.
- 15 BOSCO, Giovanni. "Due lettere da Roma". In: SP, p. 202.
- 16 OE II, p. 203-205 (passim).
- 17 IDEM, p. 210.
- 18 OE XI, p. 236.
- 19 OE II, p. 210.
- 20 OE II, p. 211.

CAPÍTULO XIII

- 1 MB VII, p. 523.
- 2 BOSCO, Giovanni. *Il Sistema preventivo*. In: SP, p. 199.

- 3 OE XI, p. 227.
- 4 AMADEI, A. *Don Bosco e il suo apostolato*. Torino: SEI, 1944, v. II, p. 186.
- 5 MO, p. 196.
- 6 MB III, p. 86.
- 7 Em BARZAGHI, G. *Tre secoli di storia e pastorale milanese*. Torino: LDC, 1985. Nas páginas 258 a 273, o autor faz notar como Dom Bosco, na elaboração de seu *Regulamento*, dependeu muito dos regulamentos milaneses dos oratórios de São Carlos e de São Luís.
- 8 MO, p. 192.
- 9 MB III, p. 176-177.
- 10 Em MB III, p. 97-108, há um confronto entre o manuscrito de 1847, as frases acrescentadas depois de 1850 e a última edição de 1887.
- 11 Manuscrito do arquivo capitular salesiano, Nº 132, seção *Oratório*, publicado em BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 360-362.
- 12 Em todo este parágrafo citaremos o texto como se encontra em BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 360-399. (É reproduzida a edição de 1877).
- 13 MB III, p. 574-575.
- 14 MB IV, p. 337-339; 542.
- 15 IDEM, p. 543. O manuscrito de 1852 é reproduzido em MB IV, p. 935-755.
- 16 RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. Asti: LDC, 1951, v. I, p. 129.
- 17 BRAIDO, Pietro. (Org.) *Giovanni Bosco: Il Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Roma: LAS, 1855, p. 44.
- 18 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Roma: PAS-Verlag, 1969, v. II, p. 461.
- 19 BRAIDO, Pietro. "L'esperienza pedagogica preventiva nel sec. XIX: Don Bosco". In: BRAIDO, Pietro, (Org.) *Esperienze di pedagogia cristiana nella storia*. Roma: LAS, 1981, v.2, p. 330.
- 20 Seguiremos o texto apresentado por Pietro BRAIDO em AA.VV. *Giovanni Bosco: scritti pedagogici e spirituali*. Roma: LAS, 1987, p. 192-200. (Citaremos com a sigla SP).
- 21 SP, p. 195.
- 22 IDEM. *Ibidem*, p. 197-198.
- 23 IDEM. *Ibidem*, p. 200.
- 24 SP, p. 216-217.
- 25 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 442.
- 26 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 443.

CAPÍTULO XIV

- 1 CAVIGLIA, Alberto (Org.). *Don Bosco: opera e scritti editi e inediti*. Torino: SEI, 1964, v VI, p. 158. Daqui em diante, citá-lo-emos com a sigla OS.
- 2 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 175-176.



- 3 RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. Asti: LDC, 1951, v. I, p. 47.
- 4 CAVIGLIA, Alberto. *Il "Michele Magone": una classica esperienza educativa*. Torino: SEI, 1850, p. 39.
- 5 CASOTTI, M. "Un alunno e un maestro". In: AA.VV. *Domenico Savio: studii e conferenze in occasione della sua beatificazione*. Torino: SEI, 1950.
- 6 AUBRY, G. *Il "Santo educatore di un adolescente santo: Don Bosco e Domenico Savio"*. In: AA.VV. *Don Bosco: attualità di un magistero pedagogico*. Roma: LAS, 1988, p. 147.
- 7 BOSCO, Giovanni. "Vita del giovanetto Savio Domenico, allievo dell'oratorio di San Francesco di Sales". Torino: Paravia, 1959. In: CENTRO STUDI DON BOSCO (UPS). *Giovanni Bosco: opere edite*. Roma: LAS, v. XI, p. 151-152. (Daqui em diante, cita-lo-emos com a sigla **OE**).
- 8 OE XI, p. 184.
- 9 IDEM, p. 185.
- 10 IDEM, p. 186.
- 11 IDEM, p. 200.
- 12 IDEM. *Ibidem*.
- 13 IDEM, p. 201.
- 14 IDEM, p. 198.
- 15 IDEM, p. 203.
- 16 IDEM, p. 233-234.
- 17 IDEM, p. 236-237.
- 18 IDEM, p. 207.
- 19 IDEM, p. 209.
- 20 IDEM, p. 215.
- 21 IDEM, p. 207-208.
- 22 IDEM, p. 207. Demonstram-no vários episódios, destacando-se um em que Sávio rasgou um jornaleco com figuras pornográficas e irreligiosas. (CERIA, Eugenio (Org.). *San Giovanni Bosco: Domenico Savio, alunno dell'Oratorio di San Francesco di Sales*. Torino: SEI, 1959, p. 116-117).
- 23 BOSCO, Teresio. *Don Bosco: storia di un prete*. Torino: LDC, 1987, p. 224.
- 24 OE XI, p. 210.
- 25 MO, p. 176-177.
- 26 OE XI, p. 210-211.
- 27 IDEM, p. 213.
- 28 IDEM, p. 214.
- 29 IDEM, p. 209; 227.
- 30 IDEM, p. 234.
- 31 BOSCO, Giovanni. "Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele, allievo dell'oratorio di San Francesco di Sales". Torino: Paravia, 1861. In: CENTRO STUDI DON BOSCO (UPS), *Giovanni Bosco, Opere edite*. Roma: LAS, 1976, p. 155-250. (Daqui em diante, será citado com a sigla **OE XIII**).
- 32 CAVIGLIA, Alberto. *Il "Michele Magone": una classica esperienza educativa*. Torino: SEI, 1850, p. 62.
- 33 OE XIII, p. 161-163.
- 34 IDEM, p. 164.
- 35 BRAIDO, Pietro.(Org.). "Giovanni Bosco: Il Sistema Preventivo. In: AA.VV. Giovanni Bosco: scritti pedagogici e spirituali". Roma: LAS, 1987, p. 195.
- 36 OE XIII, p. 169-170.
- 37 IDEM, p. 168-169.
- 38 OE XIII, p. 170.
- 39 OE XIII, p. 172.
- 40 IDEM, p. 172-173.
- 41 OE XIII, p. 204-205.
- 42 IDEM, 205-206.
- 43 IDEM, p. 201.
- 44 Entre os propósitos tomados para a novena da Imaculada, Miguel escreveu: "Todo dia contarei a meus companheiros um bom exemplo" (OE XIII, p. 221).
- 45 OE XIII, p. 201-202.
- 46 OE XIII, p. 214.
- 47 IDEM, p. 217.
- 48 OE XIII, 183.
- 49 Um dia, quando a campanha tocou para se dirigirem à igreja, um companheiro o convidou para acabar a partida. "Sim, respondeu, eu fico ainda, mas somente se tu me deres a recompensa que Deus me dá". IDEM, p. 184.
- 50 OE XIII, p. 219-220.
- 51 IDEM, p. 195.
- 52 IDEM, p. 226-231.
- 53 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 178.
- 54 OE XV, p. 238-239.
- 55 OS VI, p. 165.
- 56 OE XV, p. 332-333.
- 57 IDEM, p. 333-334.
- 58 IDEM. P. 334-335.
- 59 OE XV, p. 335.
- 60 IDEM, p. 352. Ia também depois do jantar, enquanto " os meninos da casa faziam a mais alegre e animada recreação no pátio" (OE XV, p. 352-354).
- 61 IDEM, p. 352-353.
- 62 IDEM, p. 335.
- 63 AMADEI, Angelo. *Don Bosco e il suo apostolato*. Torino: SEI, 1940, v. II, p. 239.

CAPÍTULO XV

- 1 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti pedagogici sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1963, p. 473.
- 2 MB VII, p. 359.
- 3 CERIA, Eugenio, *O.cit.*, vol. I, carta 331, p. 288-290; MOTTO, Francesco. "Ricordi confidenziali ai direttori". In: AA.VV. *Giovanni Bosco: scritti pedagogici e spirituali*. Roma: LAS, 1987, p. 79-86.
- 4 CERIA, Eugenio. *O.cit.* v.1, carta 331, p. 288ss.
- 5 CERIA, Eugenio. "L'ambiente educativo dell'Oratorio nel tempo del Savio". In: AA.VV. *Domenico Savio: studii e conferenze in occasione della beatificazione*. Torino: SEI, 1950, p. 60.
- 6 O texto é citado em: BRAIDO, Pietro. *Giovanni Bosco: scritti pedagogici e spirituali*. Roma: LAS, 1987, p. 271. É um inédito do arquivo salesiano de Roma.

- 7 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità*. Roma: PAS-Verlag, v. II, 1969, p. 469.
- 8 BRAIDO, Pietro. “Il poema dell’amore educativo”. In: AA.VV. *Don Bosco educatore oggi*. Zurich: PAS-Verlag, 1963, p. 79.
- 9 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 270.
- 10 CAVIGLIA, Alberto. *Conferenze sullo spirito salesiano*. Torino: Campagna dell’Immacolata del PAS, 1949 (Pro manuscripto), p. 94.
- 11 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 290-291.
- 12 IDEM. In: *SP*, p. 291-292.
- 13 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 292-293.
- 14 BRAIDO, Pietro. *La lettera di don Bosco da Roma del maggio, 1884*. Roma: LAS, p. 63-84.
- 15 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 293.
- 16 IDEM, Ibidem.
- 17 MB VI, p. 381.
- 18 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 293-294.
- 19 VIGANÒ, Egidio. “A modo di presentazione”. In: AA.VV. *Don Bosco: attualità di un magistero pedagogico*. Roma: LAS, 1988, p. 13.
- 20 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p.294-295.
- 21 IDEM. Ibidem.
- 22 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 296.
- 23 IDEM. Ibidem, p. 296-297.
- 24 BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: Scritti sul Sistema Preventivo nell’educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. XXXI.
- 25 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p.294-295; MODESTI, João, *O. cit.*, p. 139.
- 26 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 298; MODESTI, João, *O. cit.*, p. 146.
- 27 IDEM. Ibidem, p. 297-298.
- 28 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 298-300.

TERCEIRA PARTE

CAPÍTULO XVI

- 1 CASTELLANI, A. *Il beato Leonardo Murialdo*. Roma: Libreria Editrice Murialdo, 1968, v. II, p. 519.
- 2 BARGELLINI, P. *Il santo del lavoro*. Torino: LDC, 1960, p. 56-58.
- 3 “Giornale della Società d’Istruzione e d’Educazione” 1 (1849), luglio, p. 459-460. O articulista é Casimiro Danna (1806-1884), que foi regente da primeira cadeira de Pedagogia na Universidade de Turim, em 1845.
- 4 MB III, p. 510-513.
- 5 FAZZAGLIA, I. “Appredistato e istruzione degli artigiani a Valdocco (1848 – 1886)”. In: TRANIELLO, F. (Org.). *Don Bosco nella storia della cultura popolare*. Torino: SEI, 1968, p. 17.
- 6 CERIA, Eugenio. “L’ambiente educativo dell’Oratorio nel tempo del Savio”. In: AA.VV. *Domenico Savio: studii e conferenze in occasione della sua beatificazione*. Torino: SEI, 1950, p. 60.
- 7 CAVIGLIA, Alberto. *Il “Magone Michele”: una classica esperienza educativa*. Torino: SEI, 1950, p. 39.
- 8 RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. Asti: LDC, 1952, v. II, p. 131.

- 9 MB VIII, p. 103.
- 10 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 291.
- 11 MB VI, p. 400-401.
- 12 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 291.
- 13 RICALDONE, Pietro. *O. cit.*, v. II, p. 38-39.
- 14 BONETTI, G. “Storia dell’ Oratorio di San Francesco di Sales”. In: *Bolletino Salesiano*. Anno III, nº 10, ottobre, 1879, p. 10.
- 15 MB VII, p. 823.
- 16 OE XV, p. 334-335.
- 17 IDEM. Ibidem, p. 335.
- 18 IDEM. Ibidem.
- 19 OR XV, p. 201.
- 20 BOSCO, Giovanni. “Il Sistema Preventivo”. In: *SP*, p. 193.
- 21 BRAIDO, Pietro. *L’esperienza pedagogica di Don Bosco*. Roma: LAS, 1988, p. 31.
- 22 MB II, p. 106-107; p. 173-174.
- 23 MB VI, p. 844.
- 24 IDEM. Ibidem. p. 733.
- 25 CAVIGLIA, Alberto. *Conferenze sullo spirito salesiano*. Torino: Campagna dell’ Immacolata del PAS, 1949 (Pro manuscripto), p. 92.

CAPÍTULO XVII

- 1 A palavra *amorevolezza* não aparece nos primeiros escritos de Dom Bosco, que só mais tarde fez uso do termo.
- 2 OE VI, p. 53.
- 3 BOSCO, Giovanni. “Introduzione a un ‘piano di regolamento’”. In: BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti pedagogici sul Sistema Preventivo nell’educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1963, p. 360-361.
- 4 FLORES d’ARCAIS, Giuseppe. *San Giovanni Bosco: il metodo educativo*. Padova: CEDAM, 1941, p. XXIX.
- 5 IDEM. Ibidem.
- 6 BOSCO, Giovanni. “Il sistema preventivo”. In: *SP*, p. 198-199.
- 7 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 283.
- 8 IDEM, Ibidem, p. 298.
- 9 RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. Asti: LDC, 1951, v I, p. 168.
- 10 IDEM, *O. cit.*, v. I, p. 196.
- 11 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 283.
- 12 FLORES D’ARCAIS, Giuseppe. *O.cit.*, p. XXXVIII.
- 13 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 294.
- 14 MB V, p. 367.
- 15 OE XIII, p. 216.
- 16 MB IV, p. 500. Normalmente, porém, se o jovem estava preparado, Dom Bosco, como primeiro incentivo, falava com ele da alma (CERIA, Eugenio. *Don Bosco con Dio*. Roma: SDB, 1960, p. 220).
- 17 BOSCO, Giovanni. “Dei castighi da infligersi nelle case salesiane”. In: *SP*, p. 259.
- 18 SECCO, Luigi. *La dinamica umana della realtà educativa*. Brescia: La Scuola, 1976, p. 116.

- 19 CASOTTI, Mario. *San Giovanni Bosco: il metodo preventivo*. Brescia: La Scuola, 1956, p. 116.
- 20 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 290-303. Salvo indicação específica, todos os textos seguintes que estão entre aspas são tirados da *Carta de Roma*, de 10 de maio de 1884.
- 21 ZAVALLONI, R. *Educarsi alla responsabilità*. Milano: Paoline, 1986, p. 95.
- 22 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 297.
- 23 IDEM. *Ibidem*, p. 296.
- 24 IDEM. *Ibidem*, p. 295.
- 25 OE XIII, p. 200.
- 26 VALENTINI, Eugenio (Org.). *Giacomo Costamagna: scritti di vita e di spiritualità salesiana*. Roma: LAS, 1976, p. 72-73.
- 27 OE XI, p. 210.
- 28 OE XIII, p. 220.
- 29 BRAIDO, Pietro (Org.). *Il sistema preventivo di Don Bosco tra pedagogia antica e nuova*. Torino: LDC, 1974, p. 41, nota 7.
- 30 ENDRES, N. *Don Bosco Erzieher und Psychologe*. München: Don Bosco-Verlag, 1961, p. 72-99.
- 31 GIANOLA, P. “Una pedagogia dell’ amore”. In: *Quaderni di spiritualità salesiana*, nº 1. Roma: UPS. 1984, p. 11-12.
- 32 BOSCO, Giovanni. *O. cit.*, p. 194.
- 33 OS IV, p. 68.
- 34 RICARDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. Asti: LDC, 1951, v I, p. 39-40.
- 35 OE XIV, p. 328.
- 15 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 295.
- 16 RICARDONE, Pietro. *O. cit.*, v. II, p. 39.
- 17 MB VI, p. 397.
- 18 MB XVIII, p. 85.
- 19 FIERRO, R. *Don Rinaldi*. Madrid: SEI, 1960, p. 477.
- 20 OS VI, p. 134.
- 21 MB VI, p. 428.
- 22 CIMATTI, Vincenzo. *Don Bosco educatore*. Torino: SEI, 1939, p. 122-123.
- 23 OS VI, p. 188 e CAVIGLIA, Alberto. *La pedagogia di don Bosco*. Roma: Anonima Tipografia Laziale, 1935, p. 23.
- 24 VALENTINI, Eugenio. (Org.). *Giacomo Costamagna: scritti di vita e di spiritualità salesiana*. Roma: LAS, 1979, p. 21.
- 25 CIMATTI, Vincenzo. *O. cit.*, p. 122-123.
- 26 VESPIGNANI, Giuseppe. *Un anno alla scuola del Beato Don Bosco (1876-1877)*. Torino: SEI, 1979, p. 68.
- 27 MB VII, p. 128.
- 28 MB XII, p. 263.
- 29 ZAVALLONI, Roberto. *Educarsi alla responsabilità*. Milano: Paoline, 1986, p. 667-68.
- 30 OE XIV, p. 328-329.
- 31 OS VI, p. 164-165.
- 32 AUFFREY, A. *La pedagogia di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1947, p. 81.
- 33 MB IV, p. 288-291.
- 34 CASOTTI, Mario. *O.cit.*, p. 78.
- 35 BOSCO, Giovanni. “Articoli generali”. In: *SP*, p. 218.
- 36 BRAIDO, Pietro. *O. cit.*, p. 401.
- 37 D’ ACQUINO, A. *La psicologia di Don Bosco*. Torino: SEI, 1988, p. 145.
- 38 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 207.
- 39 COLLI, Carlo. *Pedagogia spirituale di Don Bosco e spirito salesiano*. Roma: LAS, 1982, p. 83-84.
- 40 FONTANA, U. *Uomo e consacrato nello spirito di Don Bosco a cent’anni dalla sua morte*. Torino: LDC, 1988, p. 89-90.
- 41 BOSCO, Giovanni. “Il sistema preventivo”. In: *SP*, p. 193.
- 42 CAVIGLIA, Alberto. *O. cit.*, p. 40.
- 43 BOSCO, Giovanni. “Regolamento per le case della Società di San Francesco di Sales.” In: BRAIDO, Pietro. *O. cit.*, p. 442.
- 44 Esse modo de fazer “é a base de todo o sistema” (OS IV, p. XLII).
- 45 BOSCO, Giovanni. “Il sistema preventivo”. In: *SP*, p. 194.
- 46 MB XVI, p. 168.
- 47 CASOTTI, Mario. *San Giovanni Bosco: Il sistema educativo*. Brescia: La Scuola, 1950, p. 50.
- 48 MO, p. 178.
- 49 BOSCO, Giovanni. “Ricordi confidenziali ai direttori”. In: *SP*, p. 82-83.
- 50 SALOTTI, C. *Il Santo Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1934, p. 435.
- 51 RICARDONE, Pietro. *O. cit.*, v. II, p. 40.
- 52 MB V, p. 224.
- 53 MB VI, p. 434-435
- 54 MB VI, p. 418-420.
- 55 RICARDONE, Pietro. *O. cit.*, v. I, p. 439-440.

CAPÍTULO XVIII

- 1 MB III, p. 761.
- 2 BOSCO, Giovanni. “Il sistema preventivo”. In: *SP*, p. 183.
- 3 MB, V, p. 367.
- 4 GEMELLI, Agostino; SIDLAUSKAITE, E. *La psicologia dell’età evolutiva*. Milano: Giuffrè, 1947, p. 31.
- 5 OS VI, p. 158.
- 6 CERIA, Eugenio. *Epistolario di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1955. v. 1, p. 288-290 [Carta no 31].
- 7 MB III, p. 262 (São descritas as reuniões espontâneas e barulhentas apoiadas por Dom Bosco).
- 8 RICARDONE, Pietro. *O. cit.*, v. I. p. 278.
- 9 CASOTTI, Mario. “Un alunno e un maestro”. In: AA.VV. *Domenico Savio. Studii e conferenze in occasione della sua beatificazione*. Torino: SEI, 1950, p. 82.
- 10 OE VI, p. 160.
- 11 DESRAMAUT, F. “La festa salesiana ai tempi di don Bosco”. In: AA. VV. *La festa nell’ esperienza giovanile nel mondo salesiano*. Torino: LDC, 1988, p. 78-80.
- 12 CERIA, Eugenio. “L’ ambiente educativo dell’ oratorio nel tempo del Savio”. In: AA.VV. *Domenico Savio. Studii e conferenze in occasione della sua beatificazione*. Torino: SEI, 1950, p. 61.
- 13 VALENTINI, Eugenio. *L assistenza salesiana*. Torino: SEI, 1960, p. 3-4.
- 14 CAVIGLIA, Alberto. *Il “Magone Michele”, una classica esperienza educativa*. Torino: SEI, 1950, p. 41.

CAPÍTULO XIX

- 1 BOSCO, Giovanni. “Dei castighi da infligersi nelle case salesiane”. In: *SP*, p. 259.
- 2 BOSCO, Giovanni. “Conversazione con Urbano Rattazzi.” In: *SP*, p. 65-66.
- 3 OE XV, p. 100.
- 4 CAVIGLIA, Alberto. *Giovanni Maraschi*. Torino: SEI, 1920. p. 63.
- 5 FRANCESIA, Giovanni Battista. *Don Bosco e le sue ultime passeggiate autunnali*. Torino: Libreria Salesiana San Giovanni Evangelista, 1987, v2, p. 118.
- 6 BOSCO, Giovanni. “*Il sistema preventivo*”. In: *SP*, p. 197.
- 7 CASOTTI, Mario. *Il metodo educativo di Don Bosco*. Brescia: La Scuola, 1960, p. 87.
- 8 MB VI, p. 97.
- 9 MB XVI, p. 168.
- 10 MB III, p. 613.
- 11 MB VIII, p. 49.
- 12 Antes de correr para jogar, muitísimos meninos passavam pela capela (RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. Asti: LDC: 1952, v. II, p. 39).
- 13 RICALDONE, Pietro. *O.cit.* p. 40.
- 14 MB VI, p. 392-393.
- 15 IDEM, *Ibidem*, p. 393.
- 16 OE XI, p. 200-203. O pátio é definido como o “pulso” do ambiente educativo por BOZZO, G. em *L’assistenza salesiana*. Torino: Direzione Generale Opere Dom Bosco, p. 143.
- 17 OE XIII, p. 169-170.
- 18 IDEM, p. 231.
- 19 MB XII, p.343.
- 20 RICALDONE, Pietro. *O.cit.*, v. II, p. 36.
- 21 OS VI, p. 160.
- 22 OE XI, p. 236.
- 23 MB VI, p. 884-885.
- 24 OE II, p. 210.
- 25 OE XV, p. 333-334.
- 26 MB VIII, p. 48.
- 27 BOSCO, Giovanni. “Regolamento per l’Oratorio di San Francesco di Sales per gli esterni.” In: BRAIDO, Pietro, *San Giovanni Bosco: scritti sul sistema preventivo nell’educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1960, p. 381.
- 28 IDEM. *Ibidem*.
- 29 BOSCO, Giovanni. “*Il sistema preventivo*”. In: *SP*, p. 193.
- 30 MB VII, p. 721-722.
- 31 MB V, p. 163.
- 32 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 202.
- 33 IDEM. *Ibidem*.
- 34 MB XII, p. 16.
- 35 OS IV, p. 152.
- 36 RICALDONE, Pietro. *O. cit.*, p. 42.
- 37 BOSCO, Giovanni. “Due lettere da Roma”. In: *SP*, p. 293.
- 38 OS VI, p. 176.
- 39 SOLDÀ, G. *Don Bosco nella fotografia dell’800*. Torino: SEI, 1987, p. 84-89.

- 40 MB VI, p. 388.
- 41 OS VI, p. 182-184.
- 42 IDEM. *Ibidem*.
- 43 CASOTTI, M. *O. cit.*, p. 81-82.
- 44 D’ACQUINO, A. *La psicologia di Don Bosco*. Torino: SEI, 1988, p. 259.
- 45 IDEM. *Ibidem*.
- 46 ALLPORT, G. W. *L’individuo e la sua religione*. Brescia: La Scuola, 1972, p. 258.
- 47 CAVIGLIA, Alberto. *Don Bosco*. Torino: SEI, 1920, p. 55-56.
- 48 MB XIII, p. 352.
- 49 OS IV, p. 346.
- 50 OA IV, p.334.
- 51 OE XI, p. 185.
- 52 Carlo COLLI escreveu o livro *Pedagogia spirituale di don Bosco e spirito salesiano*. Roma: LAS, 1982.
- 53 MB XIII, p. 114.
- 54 MB III, p. 39.
- 55 MO, p. 152-154.
- 56 MB II, p.254.
- 57 MB V, p. 367-372.
- 58 IDEM. *Ibidem*.
- 59 MB V, p. 368.
- 60 OE XIII, p. 169-170.
- 61 MO, p. 176.
- 62 OE IV, p. 134.
- 63 OE XIII, p. 168-169.
- 64 STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. Roma: LAS, 1961, v. II p. 191.
- 65 OE XIII, p. 170.
- 66 IDEM. *Ibidem*, p. 174.
- 67 IDEM. *Ibidem*, p. 205-206.

CAPÍTULO XX

- 1 BOSCO, Giovanni. “Regolamento per le case della Società di S. Francesco di Sales.” In: BRAIDO, Pietro. *San Giovanni Bosco: scritti sul sistema preventivo nell’educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 436-437.
- 2 MB III, p. 578-582.
- 3 OS V, p. 168.
- 4 ZAVALONI, R. *Educarsi alla responsabilità*. Torino: Paoline, 1866, p. 100.
- 5 BOSCO, Giovanni. “*Il sistema preventivo*”. In: *SP*, p. 195.
- 6 CAVIGLIA, Alberto. *La pedagogia di Don Bosco*. Roma: Anonima Tipografia Editrice Laziale, 1935, p. 24.
- 7 RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. Asti: LDC, 1951, v. I, p. 309.
- 8 MB VI, p. 830.
- 9 LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di Don Bosco*. Torino: SEI, 1977, p. 264 e 266. (Nova edição aos cuidados de AMADEI, A.).
- 10 CASOTTI, Mario. *Il metodo educativo di Don Bosco*. Brescia: La Scuola, 1960, p. 67.



- 11 L'ARCO, A. *Così Don Bosco amò i giovani: Il metodo preventivo vissuto*. Napoli: Dehoniane, 1987, p. 27-28.
- 12 BOSCO, Giovanni. "Due lettere da Roma". In: *SP*, p. 294.
- 13 OE XIII, p. 170.
- 14 MB II, p. 306-307.
- 15 MB VII, p. 822.
- 16 OE XV, p. 335.
- 17 MB VII, p. 82.
- 18 CASOTTI, Mario. *O. cit.*
- 19 BOSCO, Giovanni. "Due lettere da Roma". In: *SP*, p. 297.
- 20 IDEM. *Ibidem*.
- 21 CAVIGLIA, Alberto. *O. cit.*, p. 23.
- 22 RICARDONE, Pietro. *O. cit.*, v. I, p. 468.
- 23 VESPIGNANI, Giuseppe. *Un anno alla scuola del Beato Don Bosco (1876-1877)*. Torino: SEI, 1932, p. 68-69.
- 24 CASOTTI, Mario. *O. cit.*, p. 68.
- 25 MO, p. 157-158.
- 26 CASOTTI, Mario. *O. cit.*, p. 69-70.
- 27 MB X, p. 1046.
- 28 CASOTTI, Mario. *O. cit.*, p. 95.
- 29 SECCO, Luigi. *La dinamica umana della realtà educativa*. Brescia: La Scuola, 1976, p. 65.
- 30 BRAIDO, Pietro (Org.). *Il sistema educativo di Don Bosco tra pedagogia antica e nuova*. Torino: LDC, 1974, p. 47-49.
- 31 CAVIGLIA, Alberto. *Don Bosco*. Torino: SEI, 1920, p. 25.
- 32 OS VI, p. 156-157.
- 33 MB IV, p. 556.
- 34 CAVIGLIA, Alberto. *O. cit.*, p. 42.
- 35 AUFFRAY, A. *La pedagogia di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, p. 62.
- 36 BOSCO, Giovanni. "Il sistema preventivo". In: *SP*, p. 198.
- 13 MB XIV, p. 849.
- 14 MB IV, p. 553.
- 15 BRAIDO, Pietro (Org.). *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 376.
- 16 IDEM. *Ibidem*, p. 193.
- 17 LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1977, v. I p. 129-130. (Nova edição, organizada por A. Amadei).
- 18 VALENTINI, Eugenio (Org.). *Giacomo Costamagna: scritti di vita e di spiritualità salesiana*. Roma: LAS, 1979, p. 75.
- 19 BRAIDO, Pietro (Org.). *San Giovanni Bosco: scritti sul sistema preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 400.
- 20 BOSCO, Giovanni. "Il sistema preventivo". In: *SP*, p. 193.
- 21 IDEM. *Ibidem*, p. 194.
- 22 CERIA, Eugenio. *Epistolario di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1955, v.I, no 331, p. 228ss.
- 23 BOSCO, Giovanni. "Due lettere da Roma". In: *SP*, p. 292-293.
- 24 VALENTINI, Eugenio. *La direzione spirituale dei giovani nel pensiero di Don Bosco*. Torino: SEI, 1932, p. 25-26.
- 25 CERIA, Eugenio. "L'ambiente educativo dell'oratorio nel tempo del Savio". In: AA.VV. *Domenico Savio: studii e conferenze in occasione della sua beatificazione*. Torino: 1950, p. 81.
- 26 VALENTINI, Eugenio (Org.). *Giacomo Costamagna: scritti di vita e di spiritualità salesiana*. Roma: LAS, 1979, p. 68-69.
- 27 MB VI, p. 403-404.
- 28 MB V, p. 334-335.
- 29 MB XIII, p. 168.
- 30 BOSCO, Giovanni. "Il sistema preventivo". In: *SP*, p. 198.
- 31 AUFREY, A. *La pedagogia di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1947, p. 46.

CAPÍTULO XXI

- 1 BOSCO, Giovanni. "Introduzione a un "piano di regolamento". In: BRAIDO, Pietro (Org.), *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965, p. 360-361.
- 2 DHO, G. "L'assistenza come presenza e relazione personale". In: AA.VV. *Il sistema educativo di Don Bosco tra pedagogia antica e nuova*. Torino: LDC, 1974, p. 104-125.
- 3 VALENTINI, Eugenio. *L'assistenza salesiana*. Torino: SEI, 1968, p. 4.
- 4 BRAIDO, Pietro. *Il Sistema Preventivo di Don Bosco*. Zurich: PAS-Verlag, 1964, p. 404.
- 5 BOSCO, Giovanni. "Due lettere da Roma". In: *SP*, p. 295.
- 6 BRAIDO, Pietro. *O. cit.*, p. 404.
- 7 SECCO, Luigi. *La dinamica umana della realtà educativa*. Brescia: La Scuola, 1978, p. 69ss.
- 8 BOSCO, Giovanni. "Il Sistema Preventivo". In: *SP*, p. 195.
- 9 IDEM. *Ibidem*, p. 193.
- 10 IDEM. *Ibidem*, p. 198.
- 11 No livro de BOUQUIER, H., *Don Bosco educateur*, [Paris: Tequi, 1950]. O autor dedica um capítulo inteiro à assistência e a define como "lei fundamental do Sistema preventivo".
- 12 MB IV, p. 553.

CAPÍTULO XXII

- 1 OE XI, p. 201.
- 2 OE XIII, p. 187-188.
- 3 OE XI, p. 201.
- 4 OE XV, p. 335.
- 5 IDEM. *Ibidem*.
- 6 BRAIDO, Pietro (Org.). *Esperienze di pedagogia nella storia*. Roma: LAS, 1981, v. II, p. 368-369.
- 7 LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1977, v. I p. 368-369. (Nova edição, organizada por A. Amadei).
- 8 VESPIGNANI, Giuseppe. *Un anno alla scuola del Beato Don Bosco (1876-1877)*. Torino: SEI, 1932, p. 69.
- 9 OS IV, p. 134.
- 10 GARINO, G. *Cenni biografici di Domenico Belmonte*. Torino: Tipografia Salesiana, 1907, p. 15.
- 11 MB V, p. 367-372. Fala-se do trabalho educativo que a Companhia de São Luís realizava no pátio.
- 12 MB VI, p. 11.



- 13 OE XI, p. 210-211.
- 14 LEMOYNE, Giovanni Battista. *O.cit.*, v.II, p. 322.
- 15 CERIA, Eugenio. *Epistolario di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1955, v. I, Carta nº 322, p. 288-290.
- 16 OE XI, p. 234.
- 17 OE XIII, p. 205-206.
- 18 IDEM. *Ibidem*.
- 19 OS IV, p. 147.
- 20 OE XIII, p. 188.
- 21 OE XI, p. 233.
- 22 IDEM. *Ibidem*, p. 210.
- 23 OE XII, p. 210-211.
- 24 OE XIII, p. 168-169.
- 25 CAVIGLIA, Alberto. *O. cit.*, p. 40.
- 26 OE XI, p. 184.
- 27 OE XI, p. 207.

CONCLUSÃO

- 1 GASPARINI, D. "F. Froebel". In: AA.VV. *Nuove questioni di storia della pedagogia*. Brescia: La Scuola, 1977, v. II, p. 306.
- 2 BRAIDO, Pietro (Org.). *Esperienze di pedagogia cristiana nella storia*. Roma: LAS, 1981, v. II, p. 306ss.
- 3 AUBRY, I. "Il Santo educatore di un adolescente santo: Don Bosco e Domenico Savio". In: AA.VV. *Don Bosco: attualità di un magistero pedagogico*. Roma: LAS, 1988, p. 146ss.
- 4 CASOTTI, Mario. *Il metodo educativo di Don Bosco*. Brescia: La Scuola, 1960, p. 62.
- 5 AUFFRAY, A., *La pedagogia di Don Bosco*. Torino: SEI, 1947, p. 45.
- 6 GASPARINI, D. *O.cit.*, p. 446-447.
- 7 CASOTTI, Mario. *O. cit.*, p. 79.
- 8 BOSCO, Giovanni. "Due lettere da Roma". In: AA.VV. *San Giovanni Bosco: scritti pedagogici e spirituali*. Roma: LAS, 1987, p. 294.
- 9 CAVIGLIA, Alberto. *Conferenze sullo spirito salesiano*. Torino: Compagnia dell'Immacolata del PAS (*pro manuscripto*), 1949, p. 92.
- 10 CAVIGLIA, Alberto. *Il "Magone Michele": una classica esperienza educativa*. Torino: SEI, 1950, p. 41.

OBRAS DE SÃO JOÃO BOSCO

BOSCO, Giovanni. *Epistolario*. 1º. vol.: de 1835 a 1868 (1955. p. XII-624); 2º vol.: de 1869 a 1875 (1956. p. IV-556); 3º vol.: de 1876 a 1880 (1958, p. IV-671); 4º vol.: de 1881 a 1888 (1959. pp. VI-647); Org. Eugenio CERIA . Torino: SEI. 1955-1959.

_____. *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*. Novamente publicados e revistos segundo as edições originais e manuscritos supérstites organizados da Pia Sociedade Salesiana. 6 volumes em 7 tomos, comentados por Alberto CAVIGLIA. Torino: SEI, 1929-1965.

_____. (Org. Eugenio Ceria). *Memorie dell'Oratorio di San Francesco di Sales dal 1815 al 1855*. Torino: SEI, 1946.

_____. *Opere edite*. Série primeira: livros e opúsculos 37 vol. Roma: LAS 1976-77: reimpressão anastática completa de todas as obras de Dom Bosco nas suas edições fundamentais, organização do Centro Studi Don Bosco.

_____. *Scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Introdução e índice alfabético e sistemático. Org. Pietro BRAIDO. Brescia: La Scuola, 1965.

_____. *Scritti spirituali*. 2 vol. Coletânea de textos e notas. Org. J. AUBRY. Roma: Città Nuova. 1976.

OBRAS SOBRE DOM BOSCO E SUA PEDAGOGIA

AMADEI A. *Don Bosco e il suo apostolato*. Torino: 1ª ed.: SEI.,1929. 1 vol. 2ª ed.: 2 vol.

AUFFRAY, A. *La pedagogia di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI,1942.

_____. *San Giovanni Bosco*. Nova edição, organização por V. MESSORI. Torino: SEI, 1970.

AA. VV. *Don Bosco educatore oggi*. Zürich: Pas-Verlag. 1963.

_____. *Il Sistema Preventivo vissuto come cammino di santità*. Torino: LDC, 1981.

_____. *Don Bosco: attualità di un magistero pedagogico*. Roma: LAS, 1988.

_____. *La festa nella esperienza giovanile del mondo salesiano*. Torino: LDC. 1968.

_____. *Domenico Savio: studii e conferenze in occasione della sua beatificazione*. Torino: SEI, 1950.

_____. *Giovanni Bosco*. Scritti pedagogici e spirituali. Roma: LAS, 1987.

BALBINA, G. *Don Bosco educatore*, Torino: Tip. Lit. Accame Carlo. 1936.

BARBERA, M. *Don Bosco educatore*. Torino: SEI, 1942. (Coleção de artigos publicados na *Civiltà Cattolica*, sendo 2 em 1934 e 2 em 1936).

BARGELLINI, P. *Il Santo del lavoro*. Torino: LDC, 1976.

BETTAZZI, R. *Don Bosco educatore*. Milano: Libreria Salesiana, 1917.

BONETTI, Giovanni. *Cinque lustri di storia dell'Oratorio salesiano. fondato dal sacerdote Don Giovanni Bosco*. Torino: Tipografia Salesiana, 1892.

BORINO, G. *Don Bosco: sei scritti e un modo di vederlo*. Torino: SEI, 1938.

BOSCO, H. *San Giovanni Bosco*. Torino: LDC, 1961.

BOSCO, Teresio. *Don Bosco: una biografia nuova*. Torino: LDC, 1878.

_____. *Storia di un prete*. Torino: LDC, 1987.

BOUQUIER, H. *Don Bosco educateur*. Paris: Tequi, 1950.

BRAIDO, Pietro. *Il sistema educativo di Don Bosco: scritti e testimonianze*. Torino: SEI, 1962 (1a ed. 1955).

_____. *Il sistema educativo di Don Bosco*. Torino: SEI, 1971.

_____. *Don Bosco educatore oggi*. Torino: PAS-Verlag, 1963.

_____. *Il Sistema Preventivo di Don Bosco*. Zurich: PAS-Verlag, 1964.

_____. *San Giovanni Bosco: scritti sul Sistema Preventivo nell'educazione della gioventù*. Brescia: La Scuola, 1965.

_____. *L'inedito "Breve catechismo per i fanciulli ad uso della diocesi di Torino" di Don Bosco*. Roma: LAS, 1979.

_____. (Org.). *Esperienze di pedagogia cristiana nella storia*. 2 vol. Roma: LAS, 1981. vol. 1ª séc. IV-XVII: vol. 2º: séc. XVII-XIX.

_____. *Il progetto operativo di Don Bosco e l'utopia della società cristiana*. Roma: LAS, 1982.

_____. (Org.). *Il sistema educativo di Don Bosco tra pedagogia antica e nuova*. Torino: LDC, 1974.

_____. *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*. Roma: LAS, 1988.

BROCCARDO, P. *Don Bosco: profondamente uomo e profondamente santo*. Roma: LAS 1985.

CASELLE, S. *Cascinali e contadini in Monferrato. I Bosco di Chieri nel secolo XVIII*. Roma: LAS, 1975.

CASOTTI, Mario. *San Giovanni Bosco: il metodo preventivo con testimonianze ed altri scritti educativi inediti*. Brescia: La Scuola, 1958.

_____. *Il metodo educativo di Don Bosco*. Brescia: La Scuola, 1960.

CAVIGLIA, Alberto. *Don Bosco: Profilo storico*. Torino: SEI, 1934.

_____. *Il "Magone Michele": una classica esperienza educativa*. Torino: SEI, 1950.

_____. *Conferenze sullo spirito salesiano*. Torino: Compagnia dell'Immacolata del PAS 1949.(pro manuscritto).

_____. *La pedagogia di Don Bosco: lezioni svolte alle giornate degli insegnanti elementari soci dell'A.C.I. (agosto 1934), no volume Il soprannaturale nell'educazione*. Roma: ATEL, 1934.

CERIA, Eugenio. *Don Bosco con Dio*. Torino: SEI, 1929: reimpressão 1930-1938: Colle Don Bosco (Asti), LDC. 1952: Roma: SDB, 1960.



- _____. *San Giovanni Bosco nella vita e nelle opere*. Torino: SEI, 1938.
- _____. *Annali della Società Salesiana*. vol.I (1841-1888); vol.II (1888-1898); vol.III (1889-1910). Torino: SEI, 1941-1945.
- CERONETTI, G. *Albergo Italia: elementi per una autobiografia*. Torino: Einaudi, 1985.
- CERRATO, N. *La catechesi di Don Bosco nella Storia Sacra*. Roma: LAS, 1979.
- _____. *Don Bosco e le virtù della sua gente*. Roma: LAS, 1985.
- CERRUTI, F. *Le idee di Don Bosco sull'educazione e sull'insegnamento e la missione attuale della scuola*. San Benigno Canavese: Tip. Salesiana, 1886.
- _____. *Un ricordino educativo didattico*. Torino: SAID, 1910.
- _____. *Il problema morale nell'educazione*. Torino: SAID, 1916.
- CIAN, L. *Il "sistema preventivo" di Don Bosco e i lineamenti caratteristici del suo stile*. Torino: LDC, 1978.
- CICCARELLI, P. *Don Bosco alla ribalta*. Torino: SEI, 1983.
- _____. *Don Bosco al teleobiettivo*. Torino: SEI, 1981.
- CIMATTI, Vincenzo. *Don Bosco educatore: contributo alla storia del pensiero e delle istituzioni pedagogiche*. Torino: SEI, 1939.
- COLELLA, B. *Don Bosco educatore nei riflessi della problematica didattica d'oggi*. Paoline: 1967.
- COLLI, Carlo. *Pedagogia spirituale di Don Bosco e spirito salesiano*. Roma: LAS, 1982.
- D'ACQUINO, G. *Psicologia di Don Bosco*. Torino: SEI, 1988.
- D'ARCAIS-BONETTO. *La castità giovanile nel metodo educativo di San Giovanni Bosco*. Verona: Libreria Salesiana, 1980..
- DE AMBROGIO, L. *Le passeggiate autunnali di Don Bosco per i colli monferrini*. Castelnuovo Don Bosco: Istituto Salesiano "Bernardi Smeria", 1975.
- DESRAMAUT, F. *Don Bosco e la vita spirituale*. Torino: LDC, 1970.
- DI MARI, C. *La pedagogia di Don Bosco*. Roma: Editrice M. Ciranna, 1962.
- ENDRES, N. *Don Bosco: Erziher und Psychologe*. München: Don Bosco-Verlag, 1961.
- FAVINI, G. *Il lavoro nel sistema educativo di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1942.
- FASCIE, B. *Del metodo educativo di Don Bosco: fonti e commenti*. Torino: SEI, 1928.
- FLORES D'ARCAIS, G. *San Giovanni Bosco: il metodo educativo*. Padova: CEDAM, 1941.
- _____. "Don Bosco pedagogista". In: AA. VV. *Studi pedagogici*. Padova: Liviana, 1951.
- FONTANA, U. *Uomo e consacrato nello spirito di Don Bosco a cent'anni dalla sua morte*. Torino: LDC, 1988, p. 89-90.
- FRANCESIA, Giovanni Battista. *Don Bosco e le sue ultime passeggiate*. Torino: Libreria Salesiana San Giovanni Evangelista, 1897.
- _____. *Don Bosco e le sue passeggiate autunnali*. Torino: Libreria Salesiana San Giovanni Evangelista, 1897.
- _____. *Vita breve e popolare di Don Giovanni Bosco*. San Benigno Canavese: Tip. Salesiana, 1902.
- _____. *Due mesi con Don Bosco a Roma*: Torino: Libreria Salesiana San Giovanni Evangelista, 1904.
- _____. *Don Bosco amico delle anime*. San Benigno Canavese: 1908.
- GALATI, V. *San Giovanni Bosco: Il sistema educativo*. Scritti e testimonianze. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1943.
- GIANNATELLI, R. *Progettare l'educazione oggi con Don Bosco*. Roma: LAS, 1981.
- GIORDANI, O. *La gioventù e Don Bosco*. Torino: San Benigno Canavese: Tip. e Libreria Salesiana, 1886.
- _____. *La carità nell'educare e il Sistema Preventivo del più grande educatore vivente, il venerando Don Giovanni Bosco*. San Benigno Canavese: Tip. e Libreria Salesiana, 1886.
- GIRAUDI, F. *L'Oratorio di Don Bosco*, Torino: SEI, 1929.
- JODICE, V. *Il metodo educativo di Don Bosco*. Torino: Paravia, 1938.
- L'ARCO, A. *Così Don Bosco amò i giovani: il metodo preventivo vissuto*. Napoli: Dehoniane, 1987.
- _____. *Don Bosco si diverte*. Roma: Borla, 1985.
- LEMOYNE, Giovanni Battista. *Mamma Margherita, la madre di San Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1956.
- LEMOYNE, Giovanni Battista; AMADEI, Angelo; CERIA Eugenio; FOGLIO, E. *Memorie Biografiche di Don Giovanni Bosco*. San Benigno Canavese: (vol. I-VI. 1898-1907); Torino: Libreria Salesiana (vol. VII - IX, 1909-1917); Torino: SEI (vol. XX. 1939-1948). LEMOYNE vol. I-IX; AMADEI vol. X; CERIA vol. XI-XIX; FOGLIO vol. XX (Indice).
- LEMOYNE, Giovanni Battista. *Vita del venerando Servo di Dio Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1911-1913, 2 vol.: [nuova ed. organizzata da AMADEI, Angelo. Torino: SEI, 1920].
- MACCONO, F. *La vocazione pedagogica del Beato Don Bosco*. Roma: Libreria Salesiana. 1930.
- MANCINI, A. *Il Sistema Preventivo di Don Bosco: studio analitico*. Bologna: Tip. Salesiana, 1929.
- MODUGNO, G. *Il metodo educativo di Don Bosco*. Firenze: La Nuova Italia, 1941.
- MOLINERIS, M. *Carismi di Don Bosco*. Castelnuovo: ISBS, 1972.
- _____. *Don Bosco inedito*. Castelnuovo: ISBS, 1974.
- _____. *Fioretti di Don Bosco*. Castelnuovo: LOC, 1977.
- _____. *Incontri di Don Bosco*. Castelnuovo: ISBS, 1973.
- MORANO, C. *San Giovanni Bosco e la sua pedagogia*. Torino: LICE, 1941.
- NASSETTI, F. *Don Bosco l'uomo per gli altri*. Siena: Cantagalli. 1984.
- NIGG, W. *Don Bosco: un santo per il nostro tempo*. Torino: LDC, 1980.



- ORESTANO, F. *Il Santo Bosco - Discorso letto (...), in Cagliari il 17 novembre 1934 (...)*. Tolmezzo: Collegio Salesiano, 1935.
- PADELLARO, N. *Il messaggio educativo di Don Bosco*. Torino: SEI, 1930.
- _____. *Il Sistema Preventivo di Don Bosco*. Milano: Le Stelle, 1968.
- PALMISANO, N. *Un cammino di semplicità: Don Bosco e il "Sistema Preventivo" riletti alla luce delle problematiche d'oggi*. Torino: LDC, 1981.
- PIO XI. *Don Bosco Santo e le sue opere nell'augusta parola di S. S. Pio XI*. Roma: Libreria Salesiana, 1934.
- QUINZIO, S. *Domande sulla santità: Don Bosco, Cafasso, Cottolengo*. Torino: Edizioni Gruppo Abele, 1986.
- RESTAGNO, Mario. *Il teatro di animazione di Don Bosco*. Tese de láurea defendida na Universidade de Turim. Faculdade de Letras e Filosofia. Curso de História do Teatro. Ano acadêmico de 1986-1987.
- RICALDONE, Pietro. *Don Bosco educatore*. 2 vol. Asti: LDC, 1951-1952.
- RIGOLDI, M. *Don Bosco e la musica*. Extracommerciale. Carugate: Cassa Artigiana di Carugate, 1988.
- ROMERO, C. *I sogni di Don Bosco*. Edizione critica. Torino: LDC, 1978.
- ROTOLO, S. *I soggiorni del Beato Giovanni Bosco in Roma*: Torino: SEI, 1929.
- SALOTTI, C. *Il Santo Giovanni Bosco*. Torino: SEI, 1961.
- SOLDÀ, G. *Don Bosco nella fotografia dell'800*. Torino: SEI, 1987.
- SPALLA, G. *Don Bosco e il suo ambiente sociopolitico*. Torino: LDC, 1975.
- STELLA, Pietro. *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*. 2ª ed. – vol. 1º: *Vita e opere*. Roma: LAS, 1979; vol. 2º: *Mentalità religiosa e spiritualità*. Roma: LAS, 1981.
- _____. *Gli scritti a stampa di San Giovanni Bosco*, Roma: LAS, 1977.
- _____. *Don Bosco nella storia economica e sociale (1815-1870)*. Roma: LAS, 1980.
- TRANIELLO, F. (Org.). *Don Bosco nella storia della cultura popolare*. Torino: SEI, 1988.
- VALENTINI, Eugenio. *Il Sistema Preventivo nella vita di Mamma Margherita*. Torino: LDC, 1957.
- _____. (Org.). *Mons. Giacomo Costamagna: scritti di vita e spiritualità salesiana*. Roma: LAS, 1979.
- _____. *L'assistenza salesiana*. Torino: SEI, 1960.
- _____. *La direzione spirituale dei giovani nel pensiero di Don Bosco*. Torino: SEI, 1952.
- VESPIGNANI, Giuseppe. *Un anno alla scuola del Beato Don Bosco (1876-1877)*. Torino: SEI, 1932.
- WIRTH, M. *Don Bosco e i salesiani*. Torino: LDC, 1970.
- ZAVALLONI, R. *Educarsi alla responsabilità*. Milano: Paoline, 1986.
- ZITAROSA, G. *La pedagogia di Giovanni Bosco*. Napoli: Suppl. alla Rassegna "Aspetti Letterari". 1934.
- _____. *Pensiero e metodo di Giovanni Bosco: documentazione ed analisi del "Metodo educativo di Don Bosco"*. Roma: Soc. Ed. Dante Alighieri, 1956.
- _____. *Giovanni Bosco: il metodo educativo*. (Biblioteca filosofica di guida...). Napoli, "Aspetti Letterari", 1935.

OUTRAS OBRAS UTILIZADAS

- AUFFRAY, A. *Don Michele Rua*. Torino: SEI, 1933.
- AA. VV. *Educare: sommario di scienze pedagogiche*. Zürich: PAS-Verlag, 1964, vol. 3.
- AA. VV. *Nuove questioni di Pedagogia*. Brescia: La Scuola, 1963, vol. 3.
- ALLPORT, G.W. *L'individuo e la sua religione*. Brescia: La Scuola, 1972.
- BARZAGHI, G. *Tre secoli di storia e pastorale milanese*. Torino: LDC, 1985.
- BLATTNER, F. *Storia della Pedagogia*. Roma: Armando, 1982.
- CASTELLANI, A. *Il Beato Leonardo Murialdo*. Roma: Libreria Ed. Murialdo, 1968: vol. 2.
- CAVIGLIA, A. *Giovanni Maraschi*. Torino: SEI, 1920.
- FIERRO, R. *Don Rinaldi*. Madrid: SEI, 1960.
- GARINO, G. *Cenni biografici di Domenico Belmonte*. Torino: Tipografia Salesiana, 1907.
- GEMELLI, A.; SIDLAUSKAITE, E. *La psicologia dell'età evolutiva*. Milano: Giuffrè, 1947.
- SECCO, Luigi. *La dinamica umana della realtà educativa*. Brescia: La Scuola, 1976.

OBRAS SOBRE JOGOS

- BONGIOVANNI, M. *Giochiamo a teatro*. Asti: LDC, 1977.
- _____. *Comunicatore educativo*. Vol. I. Una "personalità teatrale". Roma: SDB, 1989.
- COLOZZA, G. A. *Il gioco nella Psicologia e nella Pedagogia*. Torino: Paravia, 1910.
- HUIZINGA, I. *"Homo ludens"*. Torino: Einaudi, 1946.
- JACQUIN, G. *L'educazione attraverso il gioco*. Roma: Ancora, 1963.
- PEZZANO, R. *L'educatore come animatore*. Tese di diploma per la Scuola Superiore di Scienze Sociali di Trento. Ano academico 1985-86.
- ZOCCA, E.; BIONDANI, C. *Il gioco del bambino nella dinamica educativa: il ruolo dell'adulto*. Atti del seminario per educatori e operatori sportivi. Verona: Assessorato allo Sport, 1981.

ARTIGOS

- BELLERATE, B "Meglio Don Bosco. Ricordo e spunti di un centenario." *In: Orientamenti Pedagogici*. XXVI (1979), p. 933-938.



BRAIDO, Pietro. “Luce intellettuale piena d’amore. Per il centenario di una lettera pedagogica”. In: *Orientamenti Pedagogici*, XXXI (1984), p. 1063-1073.

DALLA NORA, G. “Ricreazione”. In: *Dizionario Enciclopedico di Pedagogia*. Torino: SAIE, 1944, vol. IV.

GAMBARO, A. “Modernità e tradizione in Don Bosco educatore” In: *Orientamenti Pedagogici*. XI (1964), p. 72-79.

MOTTO, F. “L’Oratorio di Don Bosco presso il cimitero di San Pietro in Vincoli”. In: *Ricerche Storiche Salesiane* (1986), jul-dezembro, p. 199.

Lembramos ainda o periódico mensal para os cooperadores, tão querido por Dom Bosco, rico de notícias, informações e documentação sobre a vida e atividades do Santo, especialmente a reprodução de conferências, discursos, cartas circulares, etc., ou seja, o *Bibliofilo Cattolico* ou *Bollettino Salesiano mensuale*, iniciado em Turim, Via Cottolengo, 32, em Setembro de 1877. Até janeiro de 1878 foi publicado em Gênova – San Pier d’Arena. Em janeiro de 1878 (ano II, n. 1) mudou definitivamente o título primitivo para o atual *Bollettino Salesiano*. De particular valor e interesse são, evidentemente, os anos que vão de 1877 a 1888, isto é, até a morte de Dom Bosco.